

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro Biomédico

Instituto de Medicina Social Hesio Cordeiro

Manoela Braga Alves Pinto

**Política afirmativa de cotas em um curso de Enfermagem: análise à luz da
Perspectiva dos Funcionamentos**

Rio de Janeiro

2022

Manoela Braga Alves Pinto

Política afirmativa de cotas em um curso Enfermagem: análise à luz da Perspectiva dos Funcionamentos

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao programa de pós-graduação em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em regime de associação com a Universidade Federal Fluminense, a Universidade Federal do Rio de Janeiro e a Fundação Oswaldo Cruz. Área de concentração: Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva.

Orientadora: Prof^a Dra. Cristiane Maria Amorim Costa

Coorientadora: Prof^a Dra. Suane Felipe Soares

Rio de Janeiro

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CB/C

P659 Pinto, Manoela Braga Alves
Política afirmativa de cotas em um curso de Enfermagem: análise à luz da
Perspectiva dos Funcionamentos / Manoela Braga Alves Pinto. – 2022.
204 f.

Orientadora: Prof^ª Dra. Cristiane Maria Amorim Costa
Coorientadora: Prof^ª Dra. Suane Felipe Soares

Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de
Medicina Social Hesio Cordeiro em regime de associação com a Universidade
Federal do Rio de Janeiro, a Fundação Oswaldo Cruz e a Universidade Federal
Fluminense.

1. Educação em enfermagem – Teses. 2. Sistema de cotas - Teses. 3. Política
pública – Teses. 4. Negros - Educação – Teses. 5. Programas de ação afirmativa -
Teses. 6. Entrevistas como assunto – Teses. I. Costa, Cristiane Maria Amorim. II.
Soares, Suane Felipe. III. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de
Medicina Social Hesio Cordeiro. IV. Título.

CDU 614.253.5:378

Bibliotecária: Marianna Lopes Bezerra – CRB 7 6386

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta
tese, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Manoela Braga Alves Pinto

**Política afirmativa de cotas em um curso Enfermagem: análise à luz da Perspectiva
dos Funcionamentos**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao programa de pós-graduação em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em regime de associação com a Universidade Federal Fluminense, a Universidade Federal do Rio de Janeiro e a Fundação Oswaldo Cruz. Área de concentração: Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva.

Aprovada em 30 de junho de 2022.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dra. Cristiane Maria Amorim Costa (Orientadora)

Faculdade de Enfermagem - UERJ

Prof^a. Dra. Maria Clara Dias

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof^a. Dra. Maria Therezinha Nóbrega da Silva

Faculdade de Enfermagem - UERJ

Rio de Janeiro

2022

Nascemos na América Latina, meu bem

Aqui aprendemos a sobreviver e a amar todos os dias Há um laço entre nós que nos amarra

Que cura e faz sangrar ao mesmo tempo E ensina – não sem dor –

A olhar o mundo de cabeça erguida

A colonização se fez em nome de deus

E o sentimento de posse se dá em nome do amor Somos afetos hasteados sobre escombros

Há poeira por todos os lados Deus e amor seguem sem culpa Já os homens

– pobres os homens –

Receio que nenhuma salvação Lhes seja suficiente

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, que sempre foi o princípio, o meio e o fim, a quem dedico cada dia da minha vida. Minha artista e militante preferida nesse mundo.

Ao meu pai, que me ensina tanto sobre honestidade, amizade e carnaval. Meu sambista preferido entre todos os outros.

À minha tia e madrinha Gisele por ser amor, carinho e cuidado todos os dias.

Ao meu tio e padrinho André, de quem herdei sensibilidade e o gosto pela Literatura.

À minha tia Glorinha, que sempre esteve ao meu lado e foi meu primeiro abraço após a defesa desta dissertação.

À minha tia Iara, a quem devo todos os meus anos de estudo até quando pude caminhar com minhas próprias pernas.

Ao meu primo Gustavo, primeiro na família a fazer Mestrado e Doutorado, abrindo caminhos e mostrando que era possível.

Aos meus irmãos Bruno, Juliana e Monique, a quem confio todas as minhas alegrias, dúvidas e tristezas desde sempre e com quem ficarei até o fim dos meus dias. A maior sorte que tive nessa vida.

Ao Matheus, que compartilhou comigo a felicidade de passar no mestrado e se responsabilizou diariamente por me fazer acreditar que era capaz.

À minha avó Ângela, por ser eternamente meu norte, meu guia e minha luz.

A Look, Nelson, Chiquinho, Anouke e Chico, que transformaram por inteiro a minha relação com o mundo quando fizeram com que eu enxergasse nos animais o que sempre enxerguei nas pessoas e em toda a natureza. Posso dizer que grande parte do meu amor pela existência vem daqui.

À Capes pela bolsa concedida que possibilitou a conclusão dos meus estudos mesmo em meio às incertezas da pandemia.

Às treze pessoas que entrevistei nesta pesquisa, pelo tempo direcionado a este trabalho e por dividirem comigo de forma tão tocante e entregue seus pensamentos e sentimentos relacionados à partetão importante e transformadora de suas vidas – o processo de formação.

A todos os estudantes que ingressaram e ingressarão em uma universidade pública por meio da política de cotas neste país, sendo – cada um – um pedaço de revolução na educação brasileira.

A todos os professores que tive, desde a infância, que me apresentaram ideias e pedaços de mundo que eu ainda não conhecia.

À Suane pela sensibilidade, apoio e pelas palavras leves que destravaram minha escrita no momento mais importante.

À Cristiane por todo o tempo, dedicação, orientação e suporte sustentados por tantas palavras de carinho, confiança e motivação.

RESUMO

PINTO, Manoela Braga Alves. *Política Afirmativa de cotas em um curso de Enfermagem: análise à luz da Perspectiva dos Funcionamentos*. 2022. 204 f. Dissertação (Mestrado em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva) – Programa de Pós-Graduação, em regime de associação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, da Universidade Federal Fluminense, da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2022.

O presente estudo se propõe a discorrer sobre aspectos históricos e avaliar a realidade dos estudantes cotistas no curso de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), utilizando a Perspectiva dos Funcionamentos (PdF), de Maria Clara Dias, como critério de Justiça. Espera-se que este trabalho alcance os objetivos de identificar quais Funcionamentos se relacionam com a experiência universitária do aluno cotista, levando em conta seu ingresso e permanência na instituição; analisar os pontos de realização – ou não – desse conjunto de Funcionamentos identificados; além de verificar as reais possibilidades de atingir essa meta de realização. A pesquisa qualitativa foi dividida em três seções que abordaram tópicos que nos farão compreender como o aluno se vê nesse contexto, como se desenvolve pessoal e profissionalmente e que tipo de transformação o ensino superior provoca em sua vida. As entrevistas foram realizadas com 13 (treze) alunos cotistas do curso de Enfermagem da UERJ, selecionados através do método Bola de Neve. Os encontros aconteceram em ambiente virtual – em razão da pandemia da COVID - 19 – e seguiram um roteiro estabelecido previamente. As respostas foram avaliadas segundo a teoria de justiça e através do método de análise de conteúdo de Bardin (2016).

Palavras-chave: Cotas raciais. Cotas universitárias. Decolonialidade. Educação em Enfermagem. Curso de Enfermagem. Perspectiva dos Funcionamentos.

ABSTRACT

PINTO, Manoela Braga Alves. *Quotas as affirmative action policy in a Nursing course: analysis in the point of view of Functionings Approach*. 2022. 204 f. Dissertação (Mestrado em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva) – Programa de Pós-Graduação, em regime de associação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, da Universidade Federal Fluminense, da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2022.

The present study is aimed to discuss historical aspects and evaluate the reality of quota students in the Nursing course at the Rio de Janeiro State University (UERJ), using Maria Clara Dias' Functionings Approach (PdF), as a criterion of Justice. It is expected that this work will achieve the objectives of identifying which Functionings are related to the university experience of the quota student, taking into account his admission and permanence in the institution; analyze the achievement points - or not - of this set of identified Functionings; besides verifying the real possibilities of reaching this goal of achievement. Qualitative research was divided into three sections that addressed topics that will make us understand how the student sees himself in this context, how he develops personally and professionally and what kind of transformation higher education causes in his life. The interviews were conducted with approximately 13 (thirteen) quota students from the Nursing course at UERJ, selected through the Snowball method. The meetings took place in a virtual environment - due to the COVID -19 pandemic - and followed a previously established script. The answers were evaluated according to the theory of justice and through the method of content analysis by Bardin (2016).

Keywords: Racial quotas. University quotas. Decoloniality. Nursing education.

Nursing course. Functionings Approach.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	13
1	O TORTUOSO CAMINHO: DO COLONIALISMO À COLONIALIDADE....	17
2	EDUCAÇÃO DECOLONIAL PARA “DESENTORTAR O BRASIL”	20
3	AS POLÍTICAS PÚBLICAS E A LEI DE COTAS RACIAIS	23
4	UMA BREVE HISTÓRIA SOBRE A UERJ	27
5	O CURSO DE ENFERMAGEM E SUAS INTERSECCIONALIDADES.....	29
6	A PERSPECTIVA DOS FUNCIONAMENTOS	30
7	FUNCIONAMENTOS BÁSICOS QUE SE APRESENTAM NOS ARTIGOS QUE RELACIONAM AS COTAS UNIVERSITÁRIAS, A DECOLONIALIDADE E O CURSO DE ENFERMAGEM: UMA REVISÃO INTEGRATIVA.....	33
8	ESCLARECIMENTOS METODOLÓGICOS.....	52
8.1	Estrutura do trabalho	52
8.2	A Abordagem Qualitativa	52
8.3	O Campo de Estudo.....	53
8.3.1	<u>A Universidade</u>.....	53
8.3.2	<u>O Curso de Enfermagem da UERJ</u>	54
8.3.3	<u>Os Participantes Envolvidos</u>.....	55
8.4	Etapas da Entrevista	56
8.5	Análise de Resultados	58
9	INICIANDO A PESQUISA	58
9.1	Funcionamentos básicos identificados	64
9.2	Funcionamentos básicos identificados nos estudantes que ingressam por cotas	

raciais de modo geral.....	65
9.2.1 <u>Acesso: ampliação das possibilidades de ingresso por meio da reserva de vagas, garantia de cumprimento da lei</u>	SUMÁRIO..... 65
9.2.2 <u>Acolhimento: sentimento de que a universidade se preparou para sua recepção</u>	68
9.2.3 <u>Realização: satisfação pessoal, acadêmica, profissional, expansão, mobilidade social da família.....</u>	70
9.2.4 <u>Igualdade: capacidade de sentir-se inserido no ambiente como um todo, sentir-se igual, livre de preconceito.....</u>	72
9.2.5 <u>Igualdade: sentir que existe equilíbrio entre a experiência acadêmica de todos os alunos</u>	76
9.2.6 <u>Conhecimento prévio: capacidade de realizar que está na universidade em razão de seu conhecimento, de seu desempenho, e sentir-se amparado para minimizar possíveis defasagens do ensino médio</u>	79
9.2.7 <u>Compreensão do próprio direito: ter a consciência de seu direito à cota, direito de estar na universidade pública</u>	81
9.2.8 <u>Rede de apoio de pessoas próximas: sentir amparo de pessoas próximas para ingressar e sanar dificuldades relacionadas à vida acadêmica</u>	83
9.2.9 <u>Amparo social: sentir que a sociedade compreende seu direito de estudar em uma faculdade pública</u>	85
9.2.10 <u>Informação: ter acesso facilmente a informações sobre projetos, bolsas e tudo o que a universidade tem a oferecer à sua formação para além do que é ensinado nas aulas</u>	87
9.2.11 <u>Representatividade e apoio: sentir-se representado e apoiado pelos professores e pelas atividades de ensino, pesquisa e extensão</u>	90
9.2.12 <u>Representatividade: tornar-se exemplo, profissional que representa, que devolve o que construiu para a sociedade</u>	95
9.2.13 <u>Reconhecimento de pares: diversidade, sentir-se entre iguais, capacidade de se reconhecer no outro, nos corredores, salas de aula, coletivos de estudantes. Capacidade de ampliar sua visão de si mesmo ao se reconhecer enquanto grupo</u>	97
9.3 Funcionamentos básicos que sobressaem de modo específico nos estudantes do curso de	

Enfermagem da UERJ	101
9.3.1 <u>Condição financeira: trabalho, bolsas, auxílios, capacidade de sustentar materialmente sua vida acadêmica e pessoal</u>	101
SUMÁRIO	
9.3.2 <u>Alimentação: alimentação de qualidade, acessível quanto ao preço, horários, localização e coerente como tempo direcionado aos estudos</u>	106
9.3.3 <u>Moradia: residência em local próximo à faculdade ou de fácil acesso, com ambiente propício aos estudos</u>.....	109
9.3.4 <u>Tempo para se dedicar à universidade além da sala de aula: possibilidade de dedicar-se aos trabalhos, estudo para provas, participar de coletivos e projetos de extensão</u>	112
9.3.5 <u>Bem-estar físico e psicológico: capacidade de sentir-se fisicamente e psicologicamente disposto à rotina universitária</u>.....	113
9.4 <u>Discussão</u>	115
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	119
REFERÊNCIAS	124
APÊNDICE A: TCLE	130
APÊNDICE B: ROTEIRO DE ENTREVISTA	133
APÊNDICE C: QUADRO DE FUNCIONAMENTOS DESTACADOS NAS NARRATIVAS	136
ANEXO - Aprovação CEP	201

INTRODUÇÃO

Basta um simples olhar para um passado recente para atravessarmos os corredores universitários e as salas de aula que expunham, em muito, as mesmas desigualdades existentes para além de seus muros. Um ciclo aparentemente intransponível de alunos brancos vindo de famílias ricas ou de classe média, ocupando a esmagadora maioria das vagas do ensino públicsuperior e tornando-se produtores de um conhecimento que refletia a realidade de uma pequena parcela da população.

Fato é que um novo cenário começa a ser desenhado na educação brasileira quando a lei nº 3524 de 28 de dezembro de 2000 passa a garantir 50% das vagas das universidades estaduais para alunos que tenham cursado integralmente o ensino fundamental e o ensino médio em instituições de ensino públicas das redes do município ou do estado. Em novembro de 2001, a lei nº 3708/01 estabelece pela primeira vez as cotas raciais como critério para preenchimento de vagas, especificamente na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e na Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF), sendo aplicada pela primeira vez na UERJ, no vestibular de 2003. Ainda em 2003, a lei nº 4151/03 amplia a reserva para as outras universidades estaduais e outros beneficiários, como pessoas com deficiência e filhos de servidores da área da segurança, mortos ou incapacitados em razão do serviço (UERJ, 2020), além de passar a inserir o critério de renda familiar, devendo a instituição pública estadual “levarem consideração o nível sócio econômico do candidato e disciplinar como se fará a prova dessa condição, valendo-se, para tanto, dos indicadores sócio econômicos utilizados por órgãos públicos oficiais” (BRASIL, 2003). Em 2008, a lei nº 5346/08 institui por dez anos o sistema de cotas para os ingressos nas universidades estaduais. Nove anos depois, a reserva se estende para as instituições federais através da lei nº 12.711/12 (BRASIL, 2012), amplamente conhecida como “lei de cotas”. Em 2018, a lei nº 8121/18 amplia a prorrogação da lei nº 5346 por mais dez anos, com inclusão de quilombolas.

As universidades públicas começam um lento processo de aproximação de outras camadas e grupos diversos da sociedade, tornando-se, pouco a pouco, um espaço de representatividade desses sujeitos. Novas formas de abordagem de conteúdo e novas discussões começam a emergir no meio acadêmico. É nesse contexto que o sistema de ensino precisa reformular-se para atender novas demandas, tornando-se mais consciente da realidade da população para a qual trabalha.

Tem sido um longo processo, entre o desmerecimento, o repúdio, a valorização, o enaltecimento e as sérias manifestações contra e a favor o sistema de cotas. Toda a dicotomia e divisão política que se instalaram na sociedade brasileira nos últimos anos alcançaram fervorosamente as discussões a respeito das ações afirmativas no campo da educação. Na linha central dessa separação, esforçando-se para continuar de pé, sempre esteve o aluno, diretamente afetado, tentando manter-se na universidade, sendo questionado a todo tempo sobre sua capacidade para ocupar este espaço e desdobrando-se para provar que garantia de direitos básicos não é – e está muito distante de ser – qualquer forma de privilégio. É justamente aqui, quando se fala dessa separação de direitos básicos entre grupos de uma mesma sociedade, que devemos tratar sobre o conceito de colonialidade.

O poder sobre os corpos e as relações de dominação foram historicamente representados pelas colonizações, que escancararam a ideia de opressão e subalternidade direcionada a sujeitos forçados a abrirem mão de suas culturas, crenças e das próprias liberdades, obrigados a produzir e morrer por uma sociedade autodenominada mais evoluída, que os exigia moldados a sua maneira, mas nunca – em tempo algum – semelhantes. Passado o tempo, essa relação foi substituída por uma forma mais instrumentada de hierarquia. Com o fim do colonialismo, permaneceram traços fortes da chamada colonialidade, que “seria exatamente esse regime de poder que, fundado em uma ideia de desenvolvimento, impõe padrões econômicos, políticos, morais e epistemológicos” (NASCIMENTO e GARRAFA, 2011, p. 291).

Em outras palavras, há um grupo oprimido que deve estar em uma constante e eterna tentativa de assemelhar-se socialmente, religiosamente e até fisicamente a um grupo outro que, por sua vez, jamais se permitirá alcançar e jamais se entenderá como igual. Uma relação que não se deu “apenas econômica, política e militarmente, mas ocorreu pela dominação dos modos de conhecer, produzir conhecimento e por naturalizar a cultura europeia como a única forma de se relacionar com a natureza, o mundo social e com a subjetividade” (ANDRADE, MOLL, LIMA e SOUZA, 2020, p. 6).

Essa experiência – antes vivenciada entre colônia e colonizador – permanece, sendo experimentada dentro de um novo tipo de relação. Além disso, passa a ser refletida – por herança – entre membros de grupos sociais distintos dentro dos próprios países. Quanto mais marginalizado e subalternizado estiver o primeiro grupo, mais fortalecido e valorizado estará o poder do segundo. Um processo antes considerado natural, advindo de uma hierarquia inata de forças, que tinha a situação de poder de um determinado grupo sobre outro como consequência esperada, e que passa a ser percebido e entendido como uma relação artificial e construída.

Fenômeno em que os grupos opressores se sustentam na existência dos grupos oprimidos já que sem estes, aqueles não existiriam, ou – nas palavras de Thomas Bonnici¹ (2009, p. 230) – fenômeno em que o “centro cria sua periferia” e – nas palavras de Walter Mignolo² (2005, p.38) – existe uma colonialidade que é “constitutiva da própria modernidade, e não derivada.”

Segundo Mota Neto (2018, p. 16), as obras de Paulo Freire³ e Orlando Fals Borda⁴ são um antecedente do debate sobre colonialidade na América Latina e a constituição de uma pedagogia decolonial se fortalece com as contribuições pedagógicas, políticas, epistemológicas e sociológicas que estes autores forneceram para a educação popular. O elo entre a decolonialidade e a educação torna-se evidente, já que as instituições de ensino são um espaço de produção, reprodução e popularização de tecnologias, conhecimento, valores, cultura, responsáveis por grande parte da formação dos sujeitos e têm papel crucial na construção intelectual na forma como estes mesmos seres irão se relacionar entre si e como mundo.

Partindo desse princípio, compreende-se que as escolas e universidades são um ambiente de grande potência que pode ser direcionada à reprodução do pensamento moderno/colonial ou, em vez disso, pode trazer para o ensino e para as vivências, estudos e debates que tenham a intenção de construir uma sociedade mais igualitária. Fato é que algumas medidas vêm sendo tomadas com a intenção de desenhar um caminho que possibilite o percurso na direção contrária de tudo que foi aqui exposto. A política afirmativa de cotas chega ao sistema educacional brasileiro com a intenção de minimizar diferenças históricas e trazer diversidade para os espaços de ensino.

O presente estudo se propõe a avaliar a relação entre a decolonialidade e a política de cotas raciais, promovendo reflexões a respeito de pontos positivos provocados por essa ação afirmativa e apontando outros caminhos que ainda estão sendo percorridos pelas universidades, aproximadamente vinte anos após a publicação da primeira lei.

¹ Thomas Bonnici é filósofo, doutor em Teoria da Literatura e professor associado da Universidade Estadual de Maringá.

² Walter Mignolo é um professor e semiólogo argentino membro-fundador do grupo Modernidade/Colonialidade, também integrado pelo filósofo argentino Enrique Dussel, a socióloga e pedagoga norte-americana radicada no Equador Catherine Walsh, o sociólogo peruano Anibal Quijano, o filósofo porto-riquenho Nelson Maldonado-Torres, o antropólogo colombiano Arturo Escobar, o sociólogo porto-riquenho Ramón Grosfoguel, entre outros pensadores.

³ Educador e filósofo brasileiro, considerado um dos pensadores mais notáveis da Pedagogia mundial.

⁴ Cientista social colombiano considerado um dos mais importantes pensadores da América Latina.

OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

O presente estudo tem por objetivo analisar a realidade dos alunos que ingressam no curso de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro por meio da política de cotas raciais, utilizando como base de avaliação e teoria de justiça a Perspectiva dos Funcionamentos, de Maria Clara Dias.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Na intenção de alcançar o objetivo geral, três objetivos específicos foram elencados:

- a) Identificar quais funcionamentos se relacionam com a educação e a situação do aluno cotista (cotas raciais) nos referidos curso e universidade, levando em consideração o ingresso e também a permanência.
- b) Analisar, a partir da narrativa dos alunos, pontos de realização e de não realização do conjunto básico de funcionamentos identificados no item anterior.
- c) Discutir as possibilidades reais de alcançar a plena realização desse funcionamento Educação Superior Enfermeiro.

JUSTIFICATIVA

Nos cursos de licenciatura, muito se discute a respeito das novas demandas da universidade pública no que diz respeito, principalmente, à evasão de alunos. Muitos debates são estabelecidos, mas a sensação é de que nunca se chega a respostas que alcancem a real necessidade das instituições. Será que, aproximadamente 20 (vinte) anos após a formulação das primeiras leis de cotas, os projetos elaborados pelas universidades chegaram de fato a acontecer

na prática? Será que todos os alunos que precisam realmente têm acesso a eles? Havendo o acesso, será que contemplam todas as realidades e são suficientes para garantir a permanência e satisfação pessoal dos alunos?

Ao realizarmos uma Revisão Integrativa para identificar trabalhos que relacionassem a colonialidade e as cotas universitárias, percebemos escassez de pesquisas direcionadas ao curso de Enfermagem. Para além disso, também sentimos falta de estudos que fizessem uma análise tendo a Perspectiva dos Funcionamentos como abordagem de justiça. Desse modo, ficou definido que utilizaríamos a Revisão Integrativa como base para fazer uma comparação com o trabalho desenvolvido com alunos de Enfermagem da UERJ, identificando, assim, os funcionamentos relacionados a este grupo em específico.

Acredito que as discussões sobre o futuro do ensino por parte dos educadores só têm condições de existir após a escuta eo entendimento da percepção dos próprios alunos – formada ao longo dos últimos anos – que precisa ser a base de todas as estratégias. Pretende-se, com esta análise, entender necessidades, demandas e dificuldades para que novos projetos possam ser considerados, estudados e implementados futuramente.

1 O TORTUOSO CAMINHO: DO COLONIALISMO À COLONIALIDADE

Uma terra que já existia e florescia a seu modo. Um país que, em verdade, dividia-se em muitos. Povos e culturas diferentes vivendo de acordo com sua organização e reverenciando seus próprios saberes e crenças. A chegada do visitante que trouxe no rosto suposta cordialidade e, por baixo da pele branca, a certeza de que qualquer outro homem deveria, a partir daquele momento, viver de acordo com seus preceitos. Os deuses embranquecidos, os corpos cobertos, o trabalho forçado, a não aceitação que fazia emergir uma existência perigosa e descartável. O extermíniodos povos originários, o sequestro dos negros, o esfacelamento de culturas, os filhos retirados dos braços, corpos violados e torturas para erguer uma sociedade toda preparada para receber muito bema vida do outro.

Ouço a tempestade. Falam-me de progresso, de <<realizações>>, de doenças curadas, de níveis de vida elevados acima de si próprios. Eu, eu falo de sociedades esvaziadas de si próprias, de culturas espezinhadas, de instituições minadas, de terras confiscadas, de religiões assassinadas, de magnificências artísticas aniquiladas, de extraordinárias *possibilidades* suprimidas. Lançam-me à cara factos, estatísticas, quilometragens de estradas, de canais, de caminhos de ferro. (...) Falo de milhões de homens arrancados aos seus deuses, à sua terra, aos seus hábitos, à sua vida, à vida, à dança, à sabedoria (CÉSAIRE, 1978, p. 25).

A história, ainda que comumente contada e recontada de forma distorcida e superficial distanciando-se da realidade dos povos, escancara que somos um emaranhado de cidades erguidas sobre escombros. O fim do colonialismo ao redor do globo, que trazia em si a ideia de liberdade e de formação de nações independentes, acaba por tornar-se o marco do início de um longo e tortuoso caminho, já que não foram estabelecidas condições necessárias para uma real emancipação dos países. É a chamada *colonialidade*, termo cunhado por Anibal Quijano para explicar a manutenção de elos de dependência cultural, política e econômica que formam uma teia de nações periféricas ao redor daquelas que são consideradas centrais. Os novos Estados são frágeis, as culturas nativas que não foram destruídas pelo colonialismo são deslocadas, afastadas e não conseguem formar uma base para uma nova identidade nacional, em contextos de pobreza e subdesenvolvimento que só se agrava dentro de um cenário mundial neoliberal (HALL, 2003, p. 56).

De acordo com Quijano (2002), o atual padrão de poder mundial consiste na articulação entre quatro pontos, a colonialidade do poder, o capitalismo como padrão universal de exploração social, o Estado-nação como sua variante econômica e o eurocentrismo como forma hegemônica de controle de subjetividade/intersubjetividade, destacando-se aqui a forma de produzir conhecimento.

Para além dessa desigualdade entre países, as camadas sociais dentro das próprias fronteiras, que delimitam Estados já marginalizados, também reproduzem essa relação de superioridade/inferioridade entre grupos distintos. Dividida por gênero, condição social, orientação sexual e outros traços, a sociedade reflete as antigas formas de opressão, historicamente herdadas, sendo que “a raça foi um dos principais e primeiros critérios para a classificação da população mundial e ela ocupa lugar na estrutura de poder da sociedade, onde os povos colonizados foram desprovidos de suas singularidades, de suas identidades históricas” (ANDRADE, MOLL, LIMA e SOUZA, 2020, p. 6). Entende-se, portanto, que classificação social baseada nessa colonialidade foi originada há 500 anos, é a mais profunda e perdurável expressão da dominação colonial e foi imposta sobre toda a população do planeta no curso da expansão do colonialismo europeu (QUIJANO, 2002, p. 4). Ainda que o fragmento abaixo seja sobre as relações do pós-colonialismo – centrado nas relações vividas por África e Ásia –, a analogia com a decolonialidade de Quijano – centrada na América Latina – é um elo entre países com experiências semelhantes.

Problemas de dependência, subdesenvolvimento e marginalização, típicos do "alto" período colonial, persistem no pós-colonial. Contudo, essas relações estão resumidas

em uma nova configuração. No passado, eram articuladas como relações desiguais de poder e exploração entre as sociedades colonizadoras e as colonizadas. Atualmente, essas relações são deslocadas e reencenadas como lutas entre forças sociais nativas, como contradições internas e fontes de desestabilização no interior da sociedade descolonizada, ou entre ela e o sistema global como um todo (HALL, 2003, p. 56).

Surgem os grupos duplamente periféricos, oprimidos em contexto mundial por serem membros de Estados que foram colonizados e permanecem dependentes e, ainda, negados em contexto nacional por uma camada hegemônica da própria sociedade que se forja nos moldes eurocêntricos entendendo-se mais próxima desse universo e buscando afastar-se de suas raízes igualitárias, indígenas e afrodiaspóricas. Nota-se a formação de uma desigualdade “dentro de um sistema desregulamentado de livre mercado e de livre fluxo de capital (...) e os programas de reajuste estrutural, nos quais prevalecem os interesses e modelos ocidentais de controle” (HALL, 2003, p. 57).

Assim, essa elite distinguia-se pelos valores culturais, pelo seu capital cultural, tendo pouco a ver com o tipo de profissão, as atividades, o êxito econômico. Trata-se de distinções sociais como crenças religiosas, tipos de roupas, certificados de nobreza, modos de comportamento e formas de produzir conhecimento. Essa distinção faz com que o indivíduo seja identificado como pertencente a uma classe ou a outra (ANDRADE, MOLL, LIMA e SOUZA, 2020, p. 7).

A questão racial torna-se tão forte que Castro-Gómez (2005, p. 75), em seus estudos e dentro do que chama de *Sociologia espontânea das elites*, mostra que quanto mais um sangue é “misturado”, menor a possibilidade de mobilização social desse sujeito, ou seja, quanto mais tivesse nas veias o sangue de raças consideradas diferentes, menor também seria sua possibilidade de promoção. É desse modo que a sociedade, nitidamente dividida entre pessoas de classes específicas, também traça uma linha que separa – até hoje – os espaços ocupados por sujeitos de raças diferentes, e aqueles que conseguem romper os muros imaginários deparam-se com uma realidade que em muito se aproxima dos tempos do colonialismo. O mundo branco, o único honesto, que rejeita participações, que amputa entusiasmos, que exige que o outro se confine e se encolha (FANON, 2008, p. 107).

Começo a sofrer por não ser branco na medida em que o homem branco me impõe uma discriminação, faz de mim um colonizado, me extirpa qualquer valor, qualquer originalidade, pretende que seja um parasita no mundo, que é preciso que eu acompanhe o mais rapidamente possível o mundo branco (FANON, 2008, p. 94).

A universidade torna-se, nesse contexto, um ambiente de duas faces opostas. Se, por um lado, ainda vemos uma maioria de professores brancos formando uma maioria de alunos também brancos, instruídos por uma bibliografia eurocentrada e produzindo um conhecimento pensado por eles – e, na maior parte das vezes, direcionado a eles – preparando o futuro que

lhes foi historicamente reservado; por outro, é justamente nas escolas e nas instituições de ensino superior que residem possibilidades para a transgressão desse pensamento e, conseqüentemente, para uma mudança social efetiva.

2 EDUCAÇÃO DECOLONIAL PARA “DESENTORTAR O BRASIL”

Durante algum tempo, acreditou-se que a discriminação no trabalho – ponto mais importante para determinação da classe social – tinha início no final do processo, ou seja, quando o indivíduo iniciava sua busca por emprego ou, até mesmo, no decorrer de suas funções. Com o auxílio de estudos e estatísticas, houve uma compreensão maior desse panorama, mostrando que as diferenças, na realidade, têm início durante a formação das pessoas. Percebeu-se, então, que as instituições de ensino – ponta inicial do processo – têm papel determinante nesse fato, uma vez que a trajetória de escolaridade é intensamente diferenciada por raça/cor, desde o acesso, passando pela permanência e finalização da trajetória escolar (SILVA JUNIOR, 2002, p. 20).

O panorama da questão educacional no Brasil chama atenção por seu contraste, na medida em que a maioria da população é apontada em sua pouca, ou mesmo nenhuma instrução, enquanto uma minoria abastada arroga-se por seu alto nível de escolarização, o que caracterizaria uma espécie de “concentração” do conhecimento. Esse quadro de desigualdade que se instalou ao longo da nossa história, quase como algo natural e que tradicionalmente foi associado às diferentes capacidades dos indivíduos que compõem a sociedade, passa agora a ser problematizado na sua dimensão étnico-racial, uma vez que a população negra é a mais afetada pelos processos de discriminação e exclusão. Nesse sentido, passa a ser imprescindível, para aqueles que desejam refletir sobre a realidade educacional em nosso país, uma discussão séria e cuidadosa em relação às demandas de grupos sociais, como essa população negra, considerando também sua produção simbólica e material (LUZ, 2016, p. 117).

Ao falar de seu trabalho, seu envolvimento na luta indígena e o aspecto combativo de sua literatura, Daniel Munduruku⁵ (2017, p. 18) explica que a palavra “índio” reduz a grandeza de seu povo e traz consigo, exclusivamente, a visão do homem branco. Uma única palavra que já carrega todo o sentido daquilo por que se luta: a possibilidade de os próprios indígenas poderem dizer à sociedade o que pensam de si mesmos, de comporem suas próprias narrativas e decidirem o que é melhor para sua existência. O professor também diz que gosta de pensar que está “desentortando o Brasil” (2017, p. 1). É o que ele faz quando transforma em livros as

⁵ Escritor e professor, doutor em Educação pela Universidade de São Paulo, pós-doutor em Literatura pela Universidade Federal de São Carlos, diretor-presidente do Instituto UKA – Casa dos saberes ancestrais.

histórias de seus antepassados, que nunca tinham sido contadas nas escolas. Decolonizar o ensino em que ele mesmo se formou, quando precisou ser deslocado de suas próprias vivências para ser lançado a um universo novo:

Fui para escola. Eram escolas muito próximas à aldeia, mas não dentro da aldeia. Não era a intenção, naquela ocasião, formar o indígena na sua própria comunidade. Ele era arrancado de lá e levado para os centros urbanos, e ali, obviamente, seria massacrado com um tipo de conteúdo e conhecimento que não era próprio dele. Ao mesmo tempo em que era proibido de falar a própria língua, proibido de praticar a sua própria cultura (MUNDURUKU, 2017. p. 16).

A mesma sensação de chegada a um espaço a que não se pertence é relatada por Hooks, ao falar sobre o ingresso em escolas que têm uma maioria de alunos brancos.

Essa transição das queridas escolas exclusivamente negras para escolas brancas onde os alunos negros eram sempre vistos como penetras, como gente que não deveria estar ali, me ensinou a diferença entre a educação como prática de liberdade e a educação que só trabalha para reforçar a dominação (HOOKS, 2013, p.12).

Daniel Munduruku também expõe que quando reparam em seu fenótipo dizem que ele é “índio”, mas quando notam que ele possui ensino superior, doutorado e pós-doutorado, tendo grau de instrução mais elevado do que a maior parte da população, dizem que ele já não é “índio”, como se estudar o tirasse de seu espaço natural e o transformasse em um dos “civilizados”. “As pessoas esquecem que nós somos seres contemporâneos. Salvar a nossa ancestralidade não significa abrir mão da nossa contemporaneidade” (MUNDURUKU, 2017, p. 19).

Fato é que a universidade assume esse papel de espaço naturalmente ocupado por uma classe média branca, vinda de escolas particulares, que sempre teve como destino provável sua passagem por ela e qualquer outro que a acesse é visto como estranho. Mesmo com o cenário mais inclusivo das cotas raciais, que modificaram a aparência do espaço acadêmico, tornando-o mais semelhante à cidade a sua volta, outros pontos ainda são frequentemente debatidos e precisam ser solucionados. O professor Ivanir dos Santos (UERJ, 2020) reforça que o código de validade de saber na universidade ainda é eurocêntrico e colonial e que grupos populares que entram nesses espaços têm sua experiência desqualificada, seja pelo discurso científico que é encarado como uma fala militante, seja por conflitos estabelecidos durante a graduação. Outro ponto ressaltado é o próprio currículo, que estuda autores e filósofos europeus, brancos – muitos que inclusive foram senhores de escravos – como única fonte de saber legitimada.

Assim, (a Europa) investiu duzentos anos de poder intelectual no rearranjo da consciência histórica do mundo de acordo com sua própria imagem. O empreendimento teve grande sucesso dado o esforço que lhe garantiram o aparato bélico, o poder econômico e as estruturas políticas e educacionais do colonialismo (FINCH e NASCIMENTO, 2009, p.38).

Garantir o acesso ao ensino é um passo extremamente importante para toda a sociedade, mas é necessário compreender que não é suficiente. É preciso mexer nas estruturas, criar planos para a permanência dos alunos, discutir questões de moradia, alimentação e implementação de bolsas, mas também é essencial que a universidade entenda que o ensino é uma troca e que ela deve ser modificada por seus integrantes. “O professor precisa *valorizar* de verdade a presença de cada um. Precisa reconhecer permanentemente que ‘todos’ influenciam a dinâmica da sala de aula, que todos contribuem” (HOOKS, 2013, p.18). Nessa frase a palavra *todos* toma grandes proporções. Expande-se, corre pelas salas de aula e quebra janelas para atravessar as paredes. A palavra cria braços imaginários que se erguem para alcançar e trazer para perto os alunos que se sentem distantes, que não se veem representados por nenhum dos saberes ali apresentados.

As cotas raciais são – sim – promotoras de oportunidades para os alunos, já que o acesso a um universo que até pouco tempo era exclusivo para poucos, permite que as experiências vividas no âmbito da universidade possam se sobrepor aos estratos de disposições anteriores e isso é agregado ao seu capital cultural, definido por Bourdieu (ANDRADE, MOLL, LIMA e SOUZA, 2020, p. 5), visto que o ambiente acadêmico é muito mais do que um simples preparatório para uma determinada profissão, sendo capaz de promover uma mudança na forma como as pessoas são vistas dentro de um grupo social. Mas, para além desse fato, também é necessário que se entenda que o caminho mais importante é justamente o que acontece no sentido contrário. Por meio das cotas, os alunos estão trazendo para o ambiente universitário elementos históricos e culturais que, antes, eram ignorados por ela. É preciso notar que o projeto é muito maior. São esses alunos que estão dando à universidade a oportunidade de transformá-la e de fazer com que ela deixe de ter seu trabalho vinculado apenas a uma – pequena – parcela da população e passe a servir a todos. Os estudantes que entram por meio das cotas trazem para o interior do campus um conhecimento até então desconhecido ou velado e é preciso que haja professores e orientadores que possam aproveitar essas epistemologias, estimular esses saberes para o bem do ensino superior e, como reflexo, para o bem de todo o país.

3 AS POLÍTICAS PÚBLICAS E A LEI DE COTAS RACIAIS

O processo de constitucionalização do Direito decorreu dos movimentos originários da transformação do pensamento filosófico, político e econômico, oriundos dos ideais da Revolução Francesa (CARVALHO, LIMA e SOUZA, 2018, p. 250). No Brasil, a constituição de 88, baseada nos direitos fundamentais, traz pontos importantes sobre igualdade de direitos e Educação. O artigo 206, que apresenta os princípios que serão base para o ensino, traz, entre outros, os seguintes incisos: I – Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; IX – Garantia do direito à educação e à aprendizagem ao longo da vida. Esses princípios são reforçados pela lei nº 9.394/1996 – a saber, a Lei de Diretrizes Básicas da Educação – posteriormente alterada pelas leis nº 10.639/2003 e 11.645/2008, que incluem no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”.

A constituição tem por objetivo a garantia de condições básicas de existência, sendo direcionada a todos os cidadãos. As políticas públicas surgem a partir de demandas populares e vêm para direcionar esses princípios a um campo concreto que seja um ponto para suprir essas necessidades apresentadas, tornando-se realmente um elemento de transformação na vidas das pessoas. Daqui vem a importância dos movimentos negros, indígenas e de minorias, já que é a partir das vozes populares e das reivindicações que fica estabelecida a necessidade para a criação de uma política específica para cada caso:

A efetividade da atuação do Estado quanto ao alcance dos objetivos sociais impostos constitucionalmente, dá-se por meio de programas estatais, com metas bem planejadas, orçamento definido e controle por ações fiscalizatórias, visando ao interesse da coletividade e proporcionando, de fato, a transformação da realidade social, possibilitando uma melhoria de vida do cidadão (CARVALHO, LIMA e SOUZA, 2018, p. 251).

No caso das ações afirmativas na Educação, além da importância dos movimentos estudantis, outro ponto também teve grande influência em sua implementação. Em 2001, na África do Sul, aconteceu a Terceira Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e Formas Correlatas de Intolerância, promovida pela ONU. Conhecida como a *Conferência de Durban*, o encontro teve a intenção de dar uma opinião mundial a respeito de questões urgentes e problemáticas. “A apresentação e análise da Conferência de Durban configura uma das abordagens possíveis para a compreensão da consolidação de uma pauta de demandas de políticas públicas associadas à ideia de ‘raça’ no Brasil” (THOMAZ e NASCIMENTO, 2003, p. 8).

Os objetivos expressos da Conferência foram definidos pela Resolução 52/111, de 12/12/1997 da Assembleia Geralda ONU como sendo os seguintes:

- avaliar o progresso obtido na luta contra o racismo, a discriminação racial, a xenofobia e formas correlatas de intolerância, em especial com relação à declaração universal de direitos humanos e abordar os obstáculos ao avanço neste campo e as possibilidades de superá-los;
- avaliar medidas para assegurar a aplicação dos padrões existentes e a implementação dos instrumentos já existentes para o combate ao racismo, a discriminação racial, a xenofobia e formas correlatas de intolerância;
- ampliar o âmbito de atenção em relação aos complexos resultados do racismo, a discriminação racial, a xenofobia e formas correlatas de intolerância;
- formular recomendações concretas sobre modos de aumentar a efetividade dos mecanismos e atividades de que dispõem as Nações Unidas através de programas voltados ao combate ao racismo, a discriminação racial, a xenofobia e formas correlatas de intolerância;
- avaliar os fatores políticos, históricos, econômicos, sociais e culturais que conduzem ao racismo e sustentam a discriminação racial, a xenofobia e a intolerância a eles correlata;
- formular recomendações concretas para promover medidas orientadas à ação nos âmbitos nacional, regional e internacional para combater todas as formas de racismo, a discriminação racial, a xenofobia e formas correlatas de intolerância;
- definir recomendações concretas para assegurar que as Nações Unidas disponham dos recursos financeiros necessários, bem como dos recursos de outra natureza, para suas ações destinadas a combater o racismo, a discriminação racial, a xenofobia e formas correlatas de intolerância.

O Seminário apresenta, entre outras, algumas recomendações regionais, destacando-se aqui: no roldas recomendações gerais:

- o racismo deve ser reconhecido, pública e sistematicamente, como um problema sério e enraizado a ser combatido; o fortalecimento dos grupos discriminados deve ser assegurado através do acesso à justiça e da implementação efetiva de seus direitos econômicos, sociais e culturais; o

reconhecimento é um passo essencial na identificação dos problemas e no desenvolvimento de políticas públicas;

- reconhecer a importância da herança cultural dos grupos discriminados e encorajar o diálogo transcultural;
- todos os agentes públicos vinculáveis (estado, organizações intergovernamentais, regionais e da sociedade civil) devem participar na promoção dos aspectos multiculturais, multirraciais e multiétnicos da sociedade;
- os governos devem instituir monitoramentos de rotina sobre a situação dos grupos marginalizados, com a compilação de informação estatística desagregada, e devotar especial atenção à importância da pesquisa sobre o impacto da discriminação racial sobre o gozo de direitos.

No rolda Educação:

- os estados devem fazer uso efetivo da educação, ensino e treinamento para criar uma atmosfera que conduza à erradicação do racismo e da discriminação;
- a Conferência deve exigir de governos, estudantes e sociedade civil a promoção do ensino de valores que tratem as diferenças religiosas, linguísticas e raciais como parte da riqueza da região e ressaltar seu potencial para a integração regional;
- reformas educacionais devem contemplar materiais que abordem a história e as realizações dos povos indígenas e afrodescendentes com o objetivo de combater os estereótipos hostis a esses grupos prevalentes entre a população geral.

Concernente aos afrolatinoamericanos:

- todos os países da região devem reconhecer a existência de população afrodescendente e coletar e analisar informação relevante para determinar suas condições de vida e o nível de expropriação a que estão submetidos; informação sobre raça e grupo étnico é mais bem coletada através de censos nacionais e levantamentos domésticos abordando temas como emprego, educação, saúde, habitação, saneamento e acesso à terra, ao crédito etc; aconselhamento de organizações de afrolatinoamericanos deveria ser buscado para uma formulação adequada das questões relacionadas à questão da origem étnica;

- é imperativo que os estados da região invistam pesadamente em educação para quebrar o círculo vicioso da desigualdade sofrido pelos afrolatinoamericanos e reproduzido pelo sistema educacional;
- programas desenvolvidos especificamente para populações afrodescendentes devem promover uma concepção abrangente de desenvolvimento para superar as consequências do racismo, da discriminação e da desigualdade racial;
- ações afirmativas devem ser empreendidas tanto no setor público quanto privado;
- atenção especial à discriminação múltipla (gênero, orientação sexual, deficiência física e condições de saúde) sofrida por afrolatinoamericanos;
- para que as medidas sejam efetivas, perspectivas de gênero e étnico-raciais devem ser incluídas (THOMAZ e NASCIMENTO, 2003).

Daqui surge a base para as cotas raciais. Dois meses após o término da Conferência, em novembro de 2001, a legislação – que antes dispunha apenas sobre o ingresso de alunos advindos da rede pública nas universidades estaduais – passa a assumir o critério raça nas ações afirmativas. A lei nº 3708, que versa sobre o ingresso dos estudantes na UERJ e a UENF, surge como um marco nas questões de igualdade racial no Brasil, seguida pela lei nº 4151, que amplia a exigência para outras universidades estaduais e, posteriormente, pela lei nº 12.711, que, finalmente, inclui os institutos federais.

De todo modo, dificilmente as reivindicações de uma parcela da sociedade são aceitas por todos aqueles a compõem. Em verdade, as questões relacionadas à raça geram grandes conflitos, muito em razão do preconceito disseminado entre as pessoas, muito em razão do véu da democracia racial que fez com que, por muito tempo, o assunto ficasse relativamente intocado, sob justificativa de uma suposta nação igualitária. A ideia mítica dessa igualdade faz com que haja uma maior dificuldade para reconhecer a questão racial como foco que necessita de uma ação específica. Compreende-se que quando se nega o racismo – vestindo-o com um discurso democrático – tira-se da pauta tudo que pode ser feito para combatê-lo. Se ele não existe, nada precisa ser feito. Surge, então, a necessidade de expor as feridas da desigualdade, trazê-las à superfície, mostrar à sociedade tudo aquilo que – por muito tempo – os setores dominantes impuseram através do currículo escolar, das mídias, religião e outros instrumentos que difundem e concretizam esse poder da burguesia como classe que orienta as relações sociais.

Esse embate sempre atravessou as discussões a respeito das políticas voltadas para as cotas raciais. Um vitória alcançada foi quando, em 2013, o Superior Tribunal Federal decidiu que a medida era constitucional, reforçando seu caráter transitório. Ainda assim, as cotas vêm sendo constantemente questionadas e ameaçadas, tanto no que se refere a sua necessidade quanto naquilo que se relaciona com sua efetividade, precisando constantemente provar sua importância. Daqui vem também a necessidade de produções científicas a respeito do tema.

4 UMA BREVE HISTÓRIA SOBRE A UERJ

Em meio ao desenvolvimento da cidade do Rio de Janeiro, o processo histórico de formação das favelas – muitas vezes visto como um *problema* a ser combatido – é, na verdade, a *solução* encontrada para a sobrevivência dentro do contexto do crescimento urbano pouco amparado pela gestão dos governantes. Foi assim que se formou a Favela do Esqueleto, “ocupada ao longo dos anos 1950 ao redor da edificação inacabada e abandonada de um hospital do INPS. Seu crescimento transformou a paisagem ao lado do Maracanã e em frente ao morro da Mangueira” (COELHO e CASTRO, 2020, p. 52). Anos depois, durante o governo de Carlos Lacerda, os moradores foram removidos e, no espaço vazio deixado por famílias inteiras, por crianças que brincavam nas ruas e pelas teias de memórias que formam identidades, ergueu-se uma universidade:

A Favela do Esqueleto é um exemplo importante da forma pela qual esses territórios e seus moradores eram tratados quando vistos como não-cidadãos. Essa favela, situada onde hoje se localiza a Universidade do Estado do Rio de Janeiro, era uma das maiores favelas do Rio de Janeiro e estava ameaçada de remoção. A fim de articular uma resistência, Etevaldo Justino de Oliveira, então presidente da Fafeg, organizou um plebiscito para consultar a opinião dos moradores da favela. Um dia antes do plebiscito, o presidente foi preso pelos agentes do DOPS com todo o material que seria utilizado na votação (NUNES, 2017, p. 365).

A remoção de pessoas de classes baixas para a construção de um espaço acadêmico majoritariamente frequentado por uma pequena parcela privilegiada da sociedade, discutindo e produzindo um conhecimento que em nada representava ou contemplava os antigos moradores do local, é um exemplo relativamente recente e concreto do que seria a colonialidade.

Em 2018, o professor Ivanir dos Santos dedicou sua tese de Doutorado, *Marchar não é caminhar: interfaces políticas e sociais das religiões de matriz africana no Rio de Janeiro*, a uma ex-moradora da Favela do Esqueleto, que teve o filho retirado dos braços e levado ao Serviço de Assistência de Menores, depois a um colégio interno e, mais tarde, foi

internado na Escola XV de Novembro, voltada para “corrigir” meninos oriundos de classes populares. Afastado da mãe, o menino cresce e, mais tarde tenta procurá-la. Ao final, fica claro que essa mulher era sua própria mãe e que ele, ainda pequeno, fora retirado de seus braços antes do momento em que ela foi morta pela polícia. Durante debate organizado pela própria UERJ, Santos diz que sua mãe teve quatro netos e uma bisneta que hoje estudam na instituição. O professor apresenta o fato como um grande exemplo do que seria a decolonialidade (UERJ, 2020).

A Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) foi definida por ter sido a primeira instituição pública de ensino de grande porte a adotar as ações afirmativas, primeiro para alunos vindos de escolas públicas e, logo depois, também para estudantes autodeclarados pretos e pardos, além de ter implementado o horário noturno de estudo – que beneficia aqueles que precisam trabalhar durante o dia. Este pioneirismo é muito emblemático, se considerarmos o cenário em que foi erguida. Hoje, a universidade é vista como uma das instituições mais engajadas na luta antirracista, sendo apresentada como exemplo para muitas outras.

A legislação a respeito das cotas da UERJ atualmente está balizada pela lei nº 8.121/2018 (UERJ, 2020) que, além de prorrogar a reserva de vagas por 10 (dez) anos, inclui os quilombolas e passa a garantir a disponibilidade de vagas de estágio obrigatório e não obrigatório aos estudantes destinatários dela. Hoje, para se inscrever no vestibular através das cotas, o estudante precisa enviar cópia de documentos pessoais, de moradia e de renda, que não pode ultrapassar o valor de R\$ 1.497,00 *per capita* (UERJ, 2020). Já a lei nº 5.346/2008 reservou direitos como o Bolsa Permanência, aquisição de material didático e o passe livre universitário. Em razão da pandemia do novo corona vírus (COVID-19) e do advento das aulas emergenciais à distância, a universidade criou um Plano de Inclusão Digital, que beneficia alunos que tenham ingressado por meio das cotas, com auxílio de R\$600,00, a distribuição de até 12 mil chips com dados de internet e até 8 mil tablets para que possam acompanhar as aulas remotas (UERJ, 2020).

A UERJ tem se esforçado para que a política afirmativa de cotas não seja apenas um marco de entrada dos estudantes na universidade, mas também uma forma de garantir a permanência e o pleno desenvolvimento intelectual desses alunos. De todo modo, é importante sempre revirar a história, revisitar as memórias, manter viva a imagem do esqueleto do prédio ocupado por famílias marginalizadas para perceber que tudo que foi feito até agora é apenas parte – extremamente importante, mas ainda assim *parte* – de um longo caminho.

5 CURSO DE ENFERMAGEM E SUAS INTERSECCIONALIDADES

A história da Enfermagem tem início de forma não científica, com caráter de caridade praticado por instituições religiosas e por homens e mulheres que auxiliavam nos cuidados em saúde. “Era costume que os enfermeiros e as enfermeiras fossem recrutados entre os próprios pacientes pobres dos hospitais, muitos dos quais eram escravos ou libertos” (FERREIRA e SALLES, 2019, p. 3). As tarefas relacionadas a essa prática eram ligadas às tarefas domésticas e à ideia da sensibilidade e afetividade.

No século XIX surgem as figuras de Florence Nightigale, na Inglaterra, e Anna Nery, no Brasil, que trazem uma outra visão para a prática. Atuando diretamente nas guerras, cuidando dos feridos, ambas acabam dando à enfermagem um formato mais feminino, ainda resiliente, mas, dessa vez, heroico. Esse processo de feminização é marcado por dois pontos opostos. Ao mesmo tempo em que reforça alguns estereótipos, torna-se um caminho promissor para mulheres que desejavam ter uma profissão, como se o fato de ser uma ocupação tipicamente feminina desconstruísse o estranhamento em ver mulheres especializando-se em uma determinada área. Diferenciando-se de outras atividades marcadas por desigualdades de gênero, o momento do protagonismo feminino é justamente o ponto de virada para a profissionalização da enfermagem:

Os primeiros cursos de enfermagem tinham a intenção de transformar os níveis socioculturais da profissão. Embora não seguissem um mesmo modelo curricular e pedagógico, a maioria dos cursos de enfermagem foi frequentada exclusivamente por mulheres escolarizadas. A feminização e a elevação do nível sociocultural da enfermagem caminhavam juntas (FERREIRA e SALLES, 2019, p. 3).

É justamente nesse ponto que o fator “raça” começa a perpassar a história. A principal hipótese de Ferreira e Salles (2019) é de que as escolas de enfermagem entre as décadas de 1920 e 1960 – em particular, a Escola de Enfermagem Anna Nery – priorizavam a entrada de um tipo bastante específico de alunas, sendo as turmas compostas por mulheres brancas, jovens, solteiras, vindo das elites sociais e portadoras do diploma de escola normal (outra profissão tipicamente feminina, à época e nos dias atuais). Ainda que não houvesse um sistema institucional de exclusão de mulheres negras, os registros indicam que havia alguma espécie de entrave no ingresso das mulheres não-brancas, o

que limitava muito o número de enfermeiras formadas (FERREIRA e SALLES, 2019, p. 9).

Em 1926, jornais “oposicionistas” denunciaram que todas as “moças de cor” que se apresentavam como candidatas a uma vaga eram rejeitadas, mesmo que fossem física e culturalmente aptas. Para desmentir a denúncia, a diretora da escola teria permitido a aprovação de uma candidata negra. Houve forte reação das alunas brancas (FERREIRA e SALLES, 2019, p. 9).

A população negra permaneceu afastada até o momento da expansão dos serviços de saúde – do governo Vargas – que precisou absorver um maior número de profissionais, abrindo portas para integrantes de outras camadas sociais, possibilitando a ascensão de grupos subalternizados (ALMEIDA, 2020, p. 2). Pesquisa, realizada pelo Cofen – Conselho Federal de Enfermagem – junto com a Fiocruz – Fundação Oswaldo Cruz – divulgada em 2013, aponta que em um total de 1.804,535 de profissionais pesquisados, 85,1 % são do sexo feminino, enquanto 14,1% são do sexo masculino; 53% consideram-se pretas (os) ou pardas (os), enquanto 42,3% consideram-se brancas (os) e 0,6%, indígenas (FIOCRUZ e COFEN, 2013).

O amplo processo de industrialização do país a partir das décadas de 1960-1970 demandou maciços investimentos na criação dos cursos técnicos profissionalizantes, “voltados para as populações mais pobres que não tinham condições de acessar o ensino superior”, consolidando, em alguma medida, essa dinâmica de relações dentro da área profissional. Numa outra perspectiva de análise, as “desigualdades de oportunidades” reproduzidas nessa dinâmica representam a dimensão fundante do feminismo protagonizado por mulheres negras, justamente por demarcar que, apesar da homogeneidade representada no grupo de mulheres, há outro marcador social que dificulta, impede a mobilidade das mulheres negras (ALMEIDA, 2020, p. 2).

6 A PERSPECTIVA DOS FUNCIONAMENTOS COMO ABORDAGEM DE JUSTIÇA

No senso comum, defende-se a ideia de que a igualdade é um modo de tratamento justo, mas há outras formas mais complexas de tentar buscar a justiça. Em primeiro lugar, quando se fala que *todos* devem ser tratados com igualdade, a quem está se referindo? Se quando se fala de *todos*, estamos falando de *pessoas*, o que faz com que os animais não entrem nessa esfera de igualdade? Se a resposta é o fato de sermos seres dotados de razão, onde situam-se recém nascidos e pessoas com deficiências mentais dentro do universo englobado por esse *todos*? Qual deve ser, exatamente, o foco dessa

igualdade? Podemos acreditar na plena distribuição de recursos, de liberdades básicas, de bens primários. Podemos focar no bem-estar como atributo básico a ser avaliado, na liberdade de escolha de capacidades, ou em qualquer outro elemento considerado básico para manter a igualdade entre os seres. E, tendo consciência de que partimos de um ponto em que dois polos da sociedade dividem-se entre aqueles que vivem uma existência amparada pela fartura e aqueles que vivem assolados pela escassez – com infinitas camadas entre eles – a distribuição igualitária de qualquer elemento que se considere essencial seria realmente capaz de promover uma igualdade?

A Perspectiva dos Funcionamentos (PdF), de Maria Clara Dias, traz uma proposta mais inclusiva, que abrange todos os seres, incluindo todas as etapas e estados da vida humana, os seres sencientes, o meio ambiente e até mesmo alguns objetos inanimados que formam a identidade de sujeitos, e foi selecionada como abordagem de justiça por ser considerada a teoria com maior capacidade de gerar as percepções necessárias ao estudo. O foco dessa perspectiva, ou seja, aquilo que deve ser experimentado por todos de forma justa e igualitária são os funcionamentos básicos de cada sistema funcional existente. Sistema esse baseado na perspectiva funcionalista, no âmbito da filosofia da mente. Segundo a autora, dessa forma (1) seremos capazes de ampliar nosso discurso acerca da Justiça, de forma a melhor resgatar sua pretensão de universalidade e, ao mesmo tempo, (2) estaremos mais aptos a incorporar e a responder demandas específicas de cada ser (DIAS, 2019, p. 20). Entende-se aqui que, para que haja uma real concepção de justiça, cada indivíduo deve ser avaliado, com suas nuances e particularidades e, mais do que isso, acrescenta-se que um mesmo ser pode mudar suas próprias demandas ao longo de sua vida, que é cruzada por diversos fatores:

A unidade conquistada, entre os diversos funcionamentos que realizamos e priorizamos nos diferentes momentos da nossa existência é fruto do modo como construímos nossa própria narrativa acerca de quem somos. Narrativa que, por sua vez, é atravessada por fatores econômicos, raciais, sociais, culturais, afetivos e sexuais que geram demandas e definem, cada qual a seu modo, núcleos identitários específicos (DIAS, 2019, p. 39).

Entendendo o foco da igualdade e a individualidade dos seres, o ponto principal será a identificação, em cada indivíduo, do que é essencial para sua plena realização, já que cada um deles “possui características próprias e está imerso em contextos particulares dos quais extrai não apenas aquilo que é, ou seja, sua identidade pessoal, mas também seus padrões do que seja

uma vida bemrealizada ou feliz” (DIAS, 2019, p. 43). É justamente nesse sentido queo presente estudo se propõe a fazer uso da escuta da pesquisadora e da valorização da voz dos entrevistados, de forma individualizada e baseando-se em um processo de troca, para compreender de que forma os participantes se veem, se percebem, se integram e se realizam dentro do ambiente universitário:

Ao longo da história, diferenças étnicas, de gênero, socioeconômicas, culturais, religiosas, entre outras, foram responsáveis por tratamentos desiguais, despeitosos e violentos nas mais diversas sociedades. Esse tipo de discriminação impediu ou debilitou o exercício de funcionamentos básicos de diversos indivíduos, exigindo de nós mecanismos reparatórios. Criar mecanismos deste tipo é o que visam hoje as chamadas ações afirmativas. Tais práticas procuram garantir uma consideração diferenciada para aquelas cujas demandas permaneceram aquém do que acreditamos ser o mínimo necessário ao bom desempenho de seus funcionamentos básicos (DIAS, 2019, p. 44).

Outro ponto trazido por Dias (2019) é a questão do aprimoramento humano que, segundo a autora, tem ocupado o debate contemporâneo, dividindo-se em: aprimoramento cognitivo; aprimoramento físico; aprimoramento de humor; aprimoramento moral (DIAS, 2019, p.54). No que se refere ao primeiro deles, é importante destacar que esse aprimoramentoacontece de forma corriqueira nas instituições de ensino públicas e privadas, em que os alunossão apresentados a diversos tipos de conhecimento e são estimulados a aprender cada vez mais.A novidade estaria nos avanços biotecnológicos das últimas décadas e as variadas maneiras demelhoria desse tipo de desempenho. Os jogos, os produtos que contêm substâncias estimulantespara inibir o sono e garantir a atenção do estudante, suplementos, hormônios, entre outros (DIAS, 2019, p. 54). Os exemplos são muitos e cabe ressaltar aqui, relacionando a questão comnosso objeto de estudo, que quando se fala de populações colocadas à margem da sociedade, odireito pelo qual se luta é pela forma básica de aprimoramento cognitivo, o direito de frequentarescolas e universidades, de ser apresentado a conteúdos que se relacionem com suas próprias experiências e que possam garantir, além de um desenvolvimento pessoal, condições de um futuro digno.

7 FUNCIONAMENTOS BÁSICOS QUE SE APRESENTAM NOS ARTIGOS QUE RELACIONAM AS COTAS UNIVERSITÁRIAS, A DECOLONIALIDADE E O CURSO DE ENFERMAGEM: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Neste estudo, foi realizada Revisão Integrativa a fim de produzir uma análise sistemática dos trabalhos publicados sobre o tema. Para a elaboração dessa pesquisa, foram percorridas as seguintes etapas: estabelecimento do objetivo da revisão integrativa, trazido pela própria definição da pergunta norteadora; definição de critérios de inclusão e exclusão de artigos; definição das informações a serem extraídas dos trabalhos selecionados; análise dos resultados, discussão e apresentação dos resultados, de acordo com estudos que fundamentam este método de pesquisa (BROOME, 1993, e GANONG, 1987).

Para a seleção dos artigos, foram utilizadas três plataformas, sendo duas bases de dados e um repositório informal com grande campo de ação em todas as áreas de conhecimento, a saber: Portal Regional da BVS (Biblioteca Virtual em Saúde), Scielo (Scientific Electronic Library Online) e Google Acadêmico. Por tratar-se de um trabalho que tem a Educação como pilar central, entendeu-se que era importante realizar a busca também em outra plataforma que não as direcionadas para artigos na área da saúde.

Foram estruturadas as duas chaves de busca, utilizando os termos “Educação em Enfermagem”, “Curso de Enfermagem” e “Bioética”, sendo esses cadastrados nos Descritores em Ciências da Saúde (DECs), além de “Cotas Universitárias”, “Cotas Raciais” e “Decolonialidade”, termos que pertencem ao discurso técnico científico, tendo validação dentro de outras áreas de conhecimento. Com a finalidade de realizar uma pesquisa mais abrangente e sistemática, foram utilizados os operadores booleanos “AND” e “OR” resultando nas seguintes chaves de busca: chave de busca 1 “Cotas Universitárias” OR “Cotas Raciais” AND “Decolonialidade” AND “Educação em Enfermagem” OR “Curso de Enfermagem” e chave de busca 2 “Cotas Universitárias” OR “Cotas Raciais” AND “Decolonialidade” AND “Educação em Enfermagem” OR “Curso de Enfermagem” AND “Bioética”, de acordo com a Tabela 1. Através do fluxograma Prisma foi exposto o passo a passo da inclusão e exclusão de artigos, mostrando todo o caminho percorrido até a seleção final (Tabela 2).

Atravessando a primeira etapa, para que fossem estabelecidos os objetivos da busca, formulou-se a seguinte questão norteadora: De acordo com a literatura, quais são os

funcionamentos que se apresentam nos trabalhos que relacionam as cotas universitárias, a decolonialidade e o curso de Enfermagem?

Na segunda etapa, os critérios de inclusão definidos inicialmente foram: artigos científicos disponíveis na íntegra, escritos em português, inglês ou espanhol em espaço de tempo compreendido entre 2012 e 2022, compreendendo os últimos 10 anos e transcorrido um tempo de promulgação da ação afirmativa dentro dos espaços formativos. Já os critérios de exclusão foram: livros, citações, teses, dissertações e resumos em anais de congressos. Posteriormente, foram excluídos artigos duplicados e aqueles que não respondiam à pergunta da revisão. Esta última avaliação foi feita através da leitura dos títulos e, logo em seguida, pela leitura criteriosa dos resumos.

A busca, então, foi realizada de fato, seguida pela análise dos trabalhos selecionados e apresentação de um quadro (Tabela 3) especialmente construído para dar clareza aos primeiros resultados obtidos na pesquisa, contendo dados dos artigos selecionados, a saber: título, autor, plataforma, país/ano, tipo de estudo, objetivos e resultados dos trabalhos.

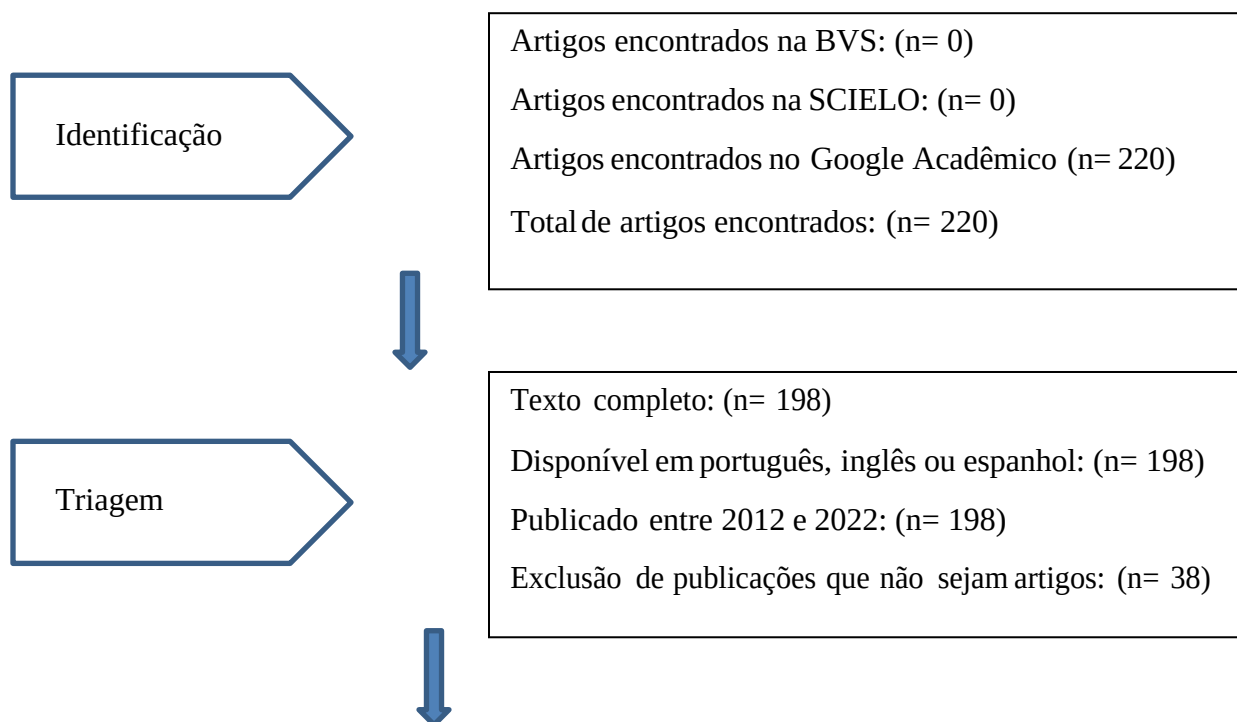
Na terceira etapa, foi realizada a leitura dos artigos, que subsidiou a elaboração de uma tabela de três funcionamentos básicos relacionados à Educação e às cotas. A partir daí, foi feita uma análise criteriosa dos textos de modo que foi percebido que esses três funcionamentos se subdividiam em outros funcionamentos percebidos como ainda mais básicos (Tabela 4). A partir daí, analisamos ações ou situações que promovem a garantia ou, ao contrário, a restrição destes funcionamentos. Importante destacar que este não é um trabalho linear, ocorrendo em um processo de acréscimo e retirada, refazendo categorias, separando algumas, reunindo outras e fazendo reavaliações a todo tempo, como também descrito por Teixeira (2015, p. 84).

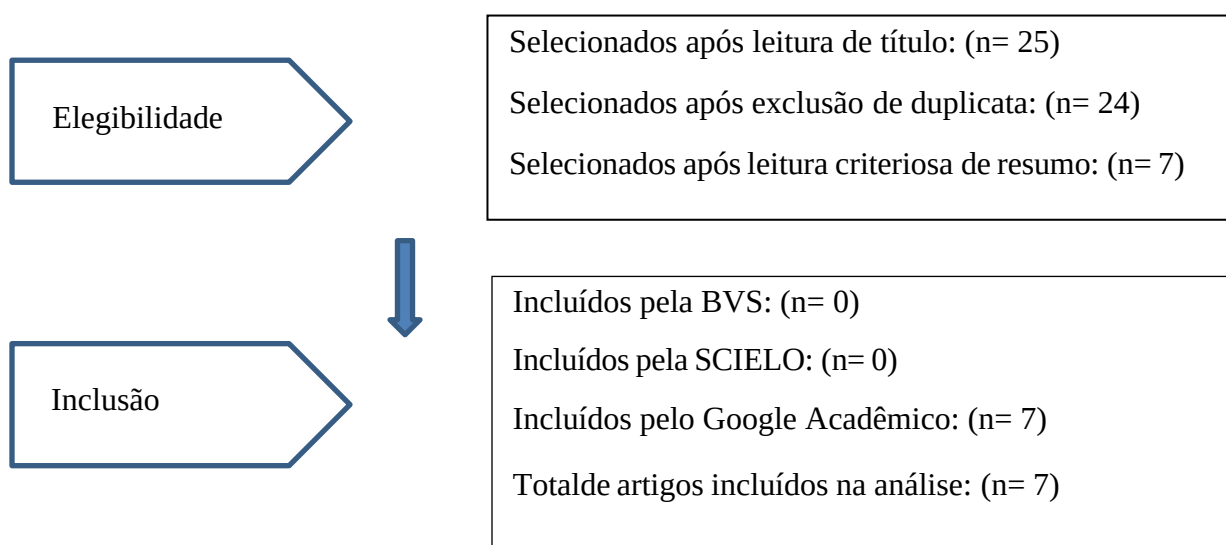
Na última etapa, a discussão e apresentação dos resultados finais foi feita de forma descritiva com a intenção de ampliar os dados trazidos na tabela.

TABELA 1: Chaves de busca

Portais	Estratégias (chaves de busca)
BVS	Chave de busca 1 Cotas Universitárias OR Cotas Raciais AND Decolonialidade AND Educação em Enfermagem OR Curso de Enfermagem
Scielo	Chave de busca 2 Cotas Universitárias OR Cotas Raciais AND Decolonialidade AND Educação em Enfermagem OR Curso de Enfermagem AND Bioética
Google Acadêmico	

TABELA 2: Prisma





Resultados

A pesquisa trazida pelo fluxograma prisma, realizada através das duas chaves de busca citadas anteriormente, apresentou um total de 220 resultados. Ainda que muitos trabalhos relacionados às cotas universitárias tenham sido revelados, mesmo nas bases de dados em saúde, a combinação deste termo com a decolonialidade e o curso de Enfermagem trouxe um total de zero resultados tanto na BVS quanto na SCIELO. Como era esperado, o Google Acadêmico, por ser um repositório de maior abrangência no que se refere às outras áreas de conhecimento, apresentou o total de artigos que trabalhamos. Depois da primeira busca, foram excluídos 22 artigos por não conterem o texto completo. Importante destacar que todos os trabalhos encontrados estavam escritos em português, inglês ou espanhol e foram publicados entre os anos de 2012 e 2022, não havendo, portanto, exclusão em razão desses dois critérios.

Dos 198 estudos que tínhamos nesta etapa, 160 foram retirados por não serem artigos, 13 foram retirados por terem mostrado não se relacionar com a pergunta da pesquisa, a partir da leitura dos títulos, 1 foi excluído por ser trabalho repetido e outros 17 foram eliminados após leitura criteriosa dos resumos. Finalmente, 7 estudos foram selecionados para a composição desta revisão integrativa.

A partir desta busca, percebemos que muitos autores já analisam a relação das cotas sociais com a decolonialidade e que alguns trabalhos incluem o curso de Enfermagem entre

outros. Mas não encontramos nenhum estudo que fizesse uma análise exclusiva do curso de Enfermagem, trazendo essa relação da decolonialidade com suas especificidades. Para além deste fato, também ficou evidenciado que nenhum dos textos trouxe a Perspectiva dos Funcionamentos como abordagem de Justiça. Ficou claro, a partir destes resultados, que a análise produzida sobre a Perspectiva dos Funcionamentos nos artigos encontrados deveria ser realizada avaliando os vários cursos apresentados nesses trabalhos que apenas incluíam a Enfermagem, para que posteriormente pudéssemos realizar uma pesquisa mais específica para tecer as devidas comparações e elaborar um projeto mais direcionado ao curso foco do estudo.

TABELA 3: Quadro de artigos utilizados na Revisão

N	Título	Autores	Plataforma	País/Ano	Tipo de estudo	Objetivos	Resultados
1	A Unilab e as ações de promoção da igualdade étnico-racial (2010-2020)	Arilson dos Santos Gomes	G. Acadêmico	BR/2021	Artigo Análise de conteúdo	Demonstrar como as subalternidades de determinados grupos foram estruturadas ao longo da história, como ocorreram as suas resistências políticas e teóricas e como as experiências desses grupos contribuem para uma Unilab mais democrática, plural e antirracista.	Os desafios inerentes aos processos emandamento apontam perspectivas para a institucionalização das políticas enunciadas no âmbito da Unilab.
2	As ações afirmativas e o acesso dos quilombolas à educação superior	Eglantina Alonso Braz Daiane da Luz Silva	G. Acadêmico	BR/2021	Artigo Pesquisa descritiva, quali-quantitativa de tipo documental	Analisar o acesso à conclusão e à evasão, os cursos e áreas de maior interesse dos estudantes remanescentes de quilombos na Universidade Federal da Bahia (UFBA) que ingressaram por meio de cotas raciais. Identificar os resultados das ações afirmativas para esse público nessa instituição.	A maior taxa de ocupação das vagas em cursos que formam profissionais em carreiras historicamente ocupadas pelas elites denota que as ações afirmativas estão gerando significativas transformações sociais, o que pode levar a uma reparação histórica.

		Elizabeth Matos Ribeiro					
3	Experiências interculturais na universidade: a presença dos indígenas e as contribuições à lei nº 11.645/08	Adir Casaro Nascimento Carlos Magno Naglis Vieira Beatriz dos Santos Landa	G. Acadêmico	BR/2019	Artigo Análise de narrativas	Apresentar e refletir sobre as contribuições que a presença dos acadêmicos indígenas traz para as disciplinas que são amparadas ou atravessadas pelos conteúdos da Lei nº 11.645/08.	Depoimentos de indígenas e não indígenas evidenciam as fissuras, as produções e as reelaborações que têm sido produzidas nesses espaços de tensão acadêmica.
4	Jovens mulheres negras, cotistas e quilombolas na Uneb – Campus XII: políticas públicas, representatividade	Taís Gabriela de Souza Fogaça Domingos Rodrigues	G. Acadêmico	BR/2021	Artigo Abordagem qualitativa de entrevista semiestruturada	Construir uma reflexão a partir das falas de oito jovens mulheres negras quilombolas estudantes dos cursos de Pedagogia, Educação Física e Enfermagem do Campus XII da Universidade do Estado da Bahia (Uneb).	Os dados apontam que as jovens buscaram se inserir no espaço universitário, mas ainda há muitas barreiras a serem vencidas.

	de e práticas pedagógicas	da Trindade					
5	Narrativas de estudantes de comunidades tradicionais no ensino superior: histórias de formação	Adriana Miranda Pimentel Paulo Alberto Sobral de Moraes	G. Acadêmico	BR/2021	Artigo Pesquisa qualitativa, etnográfica, adotando como estratégia a entrevista narrativa	Analisar narrativas sobre as histórias de formação dos/as estudantes quilombolas e indígenas da Universidade Federal da Bahia.	Os contextos dos quais os/as estudantes são oriundos têm sido alvo de descaso e desvalorização nas instituições de ensino.
6	Organização indígena e ensino superior brasileiro	Elizabeth Ruano Ibarra Victoria Miranda Gabriel Ribeiro	G. Acadêmico	BR/2019	Artigo Revisão documental, observação e entrevistas abertas	Compreender e refletir sobre a inserção dos indígenas no ensino superior brasileiro e, especificamente, na Universidade de Brasília (UnB).	A presença indígena é fundamental para a institucionalização de políticas universitárias que garantam a permanência de sujeitos epistêmicos historicamente marginalizados no ensino superior.
7	Rosas negras e o horizonte: acesso e êxito	Arthur Antunes	G. Acadêmico	BR/2021	Artigo	Descrever e analisar o processo de implantação do sistema de cotas no Campus Porto Velho da	Cumprimento do total da reserva obrigatória humano antes do prazo. Crescimento do número de vagas

	das estudantes negras cotistas na UNIR	Gomes Queiroz Maria Ivonete Barbosa Tamboril			Análise documental e análise de dados quantitativos	Universidade Federal de Rondônia (UNIR), com enfoque nas estudantes negras, a fim de investigar as contribuições para a construção de um ambiente universitário público mais democrático.	ocupadas por mulheres negras. Elas apresentaram taxa de sucesso acadêmico maior e taxa de “abandono” menor, se comparadas com homens negros cotistas.
--	--	---	--	--	---	---	---

Como dito anteriormente, foram encontrados nos textos os três funcionamentos básicos definidos a partir de uma leitura simples dos trabalhos e, em seguida, foram sendo percebidos outros funcionamentos sentidos como ainda mais básicos, elaborados a partir de uma análise mais criteriosa dos artigos. Depois de organizadas estas nomenclaturas, conseguimos dissecar os textos fazendo uma divisão entre ações ou situações responsáveis por promover o que chamamos de “garantias ou restrições”. Ou seja, situações que mostram que estes funcionamentos básicos estão sendo contemplados, ampliados, garantidos; ou, ao contrário, situações que trazem à tona o fato de que muitos deles, ainda que com todos os esforços e mudanças promovidas pelas universidades, continuam comprometidos dentro do espaço acadêmico, experimentando uma condição restritiva.

Temos, portanto, que quanto mais estes funcionamentos básicos forem ampliados, mais estaremos diante de uma processo de formação que caminha no sentido de uma perspectiva justa. E, enquanto estes funcionamentos estiverem sendo prejudicados, quando estiverem sendo restritos, teremos uma formação que apresenta desafios para uma perspectiva de justiça social (TEIXEIRA, 2015, p. 89).

TABELA 4: Quadro de Funcionamentos Básicos

Equidade de acesso para a educação superior (Ingressar)	Acesso: ampliação das possibilidades de ingresso por meio da reserva de vagas, garantia e institucionalização da lei
	Informação para inscrição: acesso às informações necessárias para a inscrição no vestibular
Inclusão, representatividade e respeito (Pertencer)	Igualdade: capacidade de sentir-se inserido no ambiente como um todo, sentir-se igual, livre de preconceito
	Representatividade e apoio: sentir-se apoiado e representado pelos professores
	Representatividade e apoio: sentir-se apoiado e representado pelas atividades de ensino, pesquisa e extensão

	Reconhecimento de pares: diversidade, sentir-se entre iguais, capacidade de se reconhecer no outro nos coletivos e espaços de convivência
	Representatividade: transformar-se em exemplo, naquele que representa seu grupo social
Vivência plena da experiência acadêmica (Permanecer)	Aprendizado: possibilidades de aprofundamento em ensino, pesquisa e extensão
	Condição financeira: capacidade de sustentar materialmente sua vida acadêmica e pessoal

Discussão

1- Equidade de acesso para a educação superior (Ingressar)

Tudo que foi lido nos fez chegar rapidamente à percepção da existência de três funcionamentos básicos. Em uma primeira leitura mais superficial, já salta aos nossos olhos o fato de que toda a experiência universitária gira em torno do *Ingressar*, *Pertencer* e *Permanecer*. Em seguida, com olhos mais atentos e realizando uma análise criteriosa, percebi que, ao longo dos trabalhos, cada um dos elementos dessa tríade é colocado em um prisma, que faz com que se subdividam em funcionamentos ainda mais específicos. Ao final, depois de algumas alterações, chegamos às nomenclaturas que são capazes de definir esta organização com clareza.

Seguindo este pensamento, foram elaborados os dois primeiros funcionamentos básicos, relacionados à *Equidade de acesso para a educação superior (ingressar)*. Estamos falando aqui do primeiro momento, de quando o aluno se vê atravessando as portas da Universidade. Percebemos que este se subdivide em outros dois funcionamentos.

O *Acesso*: ampliação das possibilidades de ingresso por meio da reserva de vagas, garantia e institucionalização da lei e a *Informação para inscrição*: acesso às informações necessárias para a inscrição no vestibular aparecem nos textos como parte fundamental para que equidade no acesso seja contemplada. Este é o ponto de partida para toda a nossa discussão.

A Lei de Cotas é considerada uma ação afirmativa por focalizar o histórico de populações subalternizadas e intentar oferecer garantias e mecanismos para que tais populações obtenham atualmente o acesso a um bem fundamental, qual seja, a educação (QUEIROZ, TAMBORIL, 2021, p. 759). Compreende-se que duas condições para esse funcionamento são a existênciada própria lei e o apoio da comunidade acadêmica e da sociedade. Isso porque a lei garante a reserva de vagas, mas essa legalidade de acesso já incorporada pelas cotas também precisa ser trabalhada de forma efetiva por cada instituição. Nesse sentido, cabe destacar que, ainda que a lei exista, também é necessário que haja um exercício constante para que a moralidade vigente respalde sua institucionalização, com o objetivo de fazer com que seja aplicada de modo cada vez mais efetivo.

Como situações/ações que expressam que este funcionamento está sendo garantido ou ampliado, temos que:

Os dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019) da pesquisa Desigualdades Sociais por Cor e Raça no Brasil apontam que estudantes pretos ou pardos passaram a compor maioria nas instituições de ensino superior da rede pública, sendo 50,3% em 2018 (FOGAÇA, TRINDADE, 2021, p. 7).

A Lei 12.711/2012 determinou que as Universidades, Institutos e Centros Federais de educação reservem 50% das suas vagas para estudantes oriundos de escola pública, estabelecendo um percentual, dentro dessa reserva, para estudantes negros, autodeclarados pardos ou pretos, e indígenas. Contudo, anterior a essa lei, algumas universidades já vinham adotando as cotas como política pública de ação afirmativa. A primeira universidade a aderir ao programa de cotas no Brasil foi a Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), em 2003. A partir daí, o número de adesão cresceu rapidamente (BRAZ, SILVA, RIBEIRO, 2021, p. 3).

No caso da Uneb, em particular, tem-se buscado formas de permitir o acesso a todas as diversidades possíveis (indígenas, quilombolas, ciganos, pessoas com deficiência, transtorno do espectro autista e altas habilidades, transexuais, travestis e transgênero) (FOGAÇA, TRINDADE, 2021, p. 7).

Em outubro de 2017, o Centro de Seleção e de Promoção de Eventos (Cespe), instituição responsável pelos processos de admissão da UnB, comunicou a reabertura do vestibular indígena, suspenso desde 2014. Foram anunciadas, para 1º e 2º semestre de 2018, 72 vagas nas áreas de Administração, Ciência Política, Ciências Sociais, Comunicação Organizacional, Enfermagem, Engenharia Florestal, Fisioterapia, Gestão Ambiental, Jornalismo, Medicina, Nutrição, Psicologia, Saúde Coletiva, Serviço Social, Direito, Gestão do Agronegócio e Licenciatura em Ciências Naturais - os três últimos, tanto diurno quanto noturno. A reabertura desse vestibular com vagas em treze programas sinaliza uma gestão sensível diante das reivindicações indígenas (IBARRA, MIRANDA, RIBEIRO, 2019, p. 148).

Comrelação à restrição do desenvolvimento deste funcionamento, temos que:

Mesmo dentro das universidades que adotam ações afirmativas, a resistência está presente, isso significa dizer que, o processo de adoção e implementação dessas ações nas instituições de ensino no Brasil não tem acontecido de forma tranquila, sem conflitos (FOGAÇA, TRINDADE, 2021, p. 8).

Dita demanda encontra legitimidade na constatação de que os avanços ou descontinuidades institucionais estejam condicionados à sensibilidade da respectiva gestão, modificada a cada quatro anos. Portanto, a existência do vestibular indígena depende da vontade política da reitoria vigente na UnB (IBARRA, MIRANDA, RIBEIRO, 2019, p. 145).

Verifica-se a partir dos documentos analisados, a ausência de esforço para alargamento dos direitos às/aos estudantes além daqueles previstos na Lei de Cotas, bem como incipiência na discussão institucional acerca do estabelecimento de mecanismos que busquem coibir a prática de fraudes no acesso às vagas para ingresso por meio das cotas, principalmente as destinadas a pretas/os, pardas/os e indígenas, discussão esta que tem tomado uma maior envergadura por conta do número crescente de denúncias, inclusive veiculadas pela mídia e redes sociais (QUEIROZ, TAMBORIL, 2021, p.762).

A partir de 2012, a UFBA passou a adotar a avaliação realizada via Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) como parte também deste processo de seleção (...) no período de transição do formato de seleção, entre 2012 a 2013, houve uma queda no número de inscritos. Atribui-se essa redução na procura, ao possível período de adaptação ao novo sistema de seleção, bem como, às possíveis dificuldades desses candidatos em participar via ENEM ou até mesmo, a falta de informação sobre a necessidade de recorrer ao ENEM para participar do certame (BRAZ, SILVA, RIBEIRO, 2021, p. 9).

Compreende-se a partir destes fragmentos que os estudantes pretos e pardos (nomenclatura utilizada pelo IBGE) já são maioria nas instituições de ensino e que a lei tem garantido a entrada desses alunos na universidade, mas é importante destacar que algumas instituições vêm adotando vestibulares específicos para garantir o acesso de estudantes indígenas e quilombolas. Sobre essas conquistas, ressalta-se o protagonismo dos movimentos sociais e a importância de suas reivindicações para o acesso de direitos de grupos outrora marginalizados no ensino superior (GOMES, 2021, p. 105). Por outro lado, nota-se que mesmo aquilo que é garantido por lei não se estabelece sem conflitos e que muito do que é conquistado em razão das reivindicações dos estudantes depende da gestão vigente. No caso da Unb, por exemplo, o início de uma nova gestão (2012-2016) coincidiu com a promulgação da chamada Lei de Cotas, fazendo com que a universidade suspendesse o vestibular indígena, que foi reaberto em 2017, com a chegada de uma nova reitora.

O último fragmento fala sobre *Informação para inscrição: acesso às informações necessárias para a inscrição no vestibular*. Este funcionamento apareceu nos trabalhos apenas uma vez, em situação que sugere sua restrição. Mesmo tendo sido pouco citado, abre caminho para reflexão. Trata-se de um ponto pouco abordado nos trabalhos acadêmicos. A importância da informação durante a inscrição do aluno. Neste caso, falamos sobre uma exclusão anterior

ao processo seletivo. A falta de informação sobre os vestibulares específicos ou sobre o ENEM já elimina uma série de candidatos antes mesmo da prova. Antes de garantir que haja oferta de vagas é preciso ampliar também o conhecimento sobre o sistema, a documentação necessária, os requisitos para isenção de pagamento e tudo que faça com que esses alunos se sintam incluídos já nesse momento. Algo que pode ser realizado tanto pelas universidades quanto pelas escolas.

2- Inclusão, representatividade e respeito (Pertencer)

Aquilo que entendemos como o sentimento de pertencer, de estar exatamente no lugar onde se deveria estar, de se sentir naturalmente incluído, tanto no que se refere aos estudos e ao processo de formação profissional quanto nas questões relacionadas ao reconhecimento de pares e sensação de identificação, apareceu nos trabalhos de forma muito direta. Ainda que o acesso tenha sido ampliado e que haja, como demonstrado no item anterior, um certo equilíbrio entre o número de alunos que ingressam pelas cotas ou por ampla concorrência, percebemos claramente que estar presente é diferente de se sentir parte.

Sobre isso, diz Abed (2014, p. 69) que um dos aspectos constitutivos do ser humano é a identificação com “grupos de pertencimento”. Segundo a autora, nós nos apresentamos externamente a partir dos coletivos em que estamos inseridos, ou seja, ao dizer quem somos, falamos da nossa profissão, religião ou onde estudamos. Significa dizer que nos reconhecemos a partir dos grupos de que fazemos parte. Nesse sentido, percebemos o sentimento de pertencer como funcionamento básico que se manifesta no espaço de ensino de diferentes formas. Nos textos, o percebemos claramente divididos em funcionamentos mais específicos, aqui chamados de *Igualdade: capacidade de sentir-se inserido no ambiente como um todo, sentir-se igual, livre de preconceito; Representatividade e apoio: sentir-se apoiado e representado pelos professores; Representatividade e apoio: sentir-se apoiado e representado pelas atividades de ensino, pesquisa e extensão; Reconhecimento de pares: diversidade, sentir-se entre iguais, capacidade de se reconhecer no outro nos coletivos e espaços de convivência e Representatividade: transformar-se em exemplo, naquele que representa seu grupo social.*

O desconforto foi um sentimento recorrente nos trabalhos. Tanto o desconforto dos que não sabem lidar com a presença daquele que reconhecem como “o outro”, o diferente, quanto daqueles que, percebendo esta dificuldade, calam-se ou isolam-se nas salas de aula e espaços de convivência. A presença indígena nas IES – como citado no fragmento em questão – tem provocado uma tensão no espaço acadêmico, no sentido de considerar o conhecimento a partir da diferença, de outras lógicas epistemológicas que não a produzida pela cultura ocidental

e imposta como condição única de compreensão e concepção de mundo (Nascimento, 2014, p. 35). Este é um trecho que demonstra com bastante clareza a situação que restringe o funcionamento básico em questão.

Tratar da temática indígena no espaço da universidade é uma experiência marcada inicialmente por processos de estranhamento, curiosidade, desconforto e/ou desconstrução/reconstrução de ideias que formaram o imaginário de uma parte significativa da sociedade brasileira que tem os indígenas como inexistentes e/ou invisibilizados e quando vistos tratados como inferiores/marginalizados. Essa situação também se dá por parte de maioria dos estudantes não indígenas, especialmente quando têm que conviver nesse espaço, até então não pensado para a presença indígena (NASCIMENTO, VIEIRA, LANDA, 2019, p. 405).

A pouca presença de professores não brancos nas instituições de ensino também é uma marca clara do racismo estrutural dentro da universidade. As narrativas denunciam a falta de representatividade por parte dos educadores. Segundo a Jmnq2, “não tem professores negros, pessoas que representam, pessoas que dão o apoio, pessoas negras falando com outras pessoas negras” (FOGAÇA, TRINDADE, 2021, p. 11).

Segundo Bersani (2018, p.1), o racismo estrutural é um sistema de opressão cuja ação transcende a mera formatação das instituições, que perpassa desde a apreensão estética até todo e qualquer espaço nos âmbitos público e privado, haja vista ser estruturante das relações sociais e, portanto, estar na configuração da sociedade, sendo por ela naturalizado. Quer dizer que é tão forte a naturalização de que o ambiente acadêmico é feito “por” e “para” pessoas brancas que pouco se problematiza o fato de haver poucos negros e indígenas como professores e pensadores nos espaços de ensino, especialmente nas universidades públicas. Como dito por Grosfogel (2016, p. 28), as estruturas fundacionais do conhecimento das universidades ocidentalizadas são epistemicamente racistas e sexistas ao mesmo tempo. Esta pouca representatividade vinda do corpo docente gera a sensação direta de que os espaços de poder não estão abertos a todos, bem como torna quase impermeáveis as grades curriculares e o direcionamento das aulas para os novos pensamentos a respeito do tema. Neste caso, a condição principal para a ampliação deste funcionamento básico seria a maior presença de professores negros e indígenas a partir do estímulo para a formação em cursos de mestrado, de doutorado, participação em concursos e maiores discussões durante o processo de formação sobre a necessidade social de ter essas pessoas como produtoras de conhecimento.

Os programas dos cursos (Antropologia, História, Humanidades, Pedagogia e Sociologia) contêm interessantes diretrizes à promoção da igualdade étnico-racial. Também contemplam o ensino das relações étnico-raciais, a perspectiva decolonial da produção do saber embasada nas Epistemologias do Sul e o combate ao racismo e à discriminação racial (GOMES, 2021, p. 117).

Com o advento da Lei nº 11.645/08 e com a obrigatoriedade de pluralidade, diversidade e diferenças nos currículos do ensino superior e na educação básica, coordenadores, professores e pesquisadores dos cursos de graduação e do *stricto sensu*, com o objetivo de cumprir as determinações legais, começam a perceber uma presença outra dos indígenas nos espaços acadêmicos. Professores e alunos começam a dar uma outra visibilidade aos indígenas em sala de aula (NASCIMENTO, VIEIRA, LANDA, 2019, p. 402).

Sobre a prática docente relacionada às questões raciais, a Jmnnq2, estudante do curso de Enfermagem, ressalta que até aquele momento nenhum professor tinha trabalhado em sala de aula e enfatiza que “o nosso curso é muito mecânico, até sinto um pouco de falta de falar da sociedade, do convívio” (FOGAÇA, TRINDADE, 2021, p. 12).

Ao acessar os dados dos projetos cadastrados no Sistema Integrado de Planejamento do Campus XII/Uneb referente aos anos de 2019 e 2020, percebemos que não há registro de projetos sobre a temática racial no curso de Enfermagem, sendo um quantitativo mais expressivo de projetos cadastrados no curso de Pedagogia (FOGAÇA, TRINDADE, 2021, p. 13).

.

Sobre sentir-se incluído/representado em atividades de ensino pesquisa e extensão, as condições para este funcionamento básico seriam a adoção de leituras de autores não canônicos, ampliação de debates, projetos e grupos de estudos sobre o tema das relações étnico raciais, estudos históricos através de uma perspectiva decolonial, discussões que abram voz para alunos negros e indígenas, promovendo troca de saberes que possam atravessar as estruturas das disciplinas.

Importante destacar que, neste aspecto, os trabalhos encontrados citam os debates em sala de aula, mas não falam sobre os intelectuais estudados, que formam a base do pensamento crítico e tornam-se referência para os trabalhos, nem do aspecto eurocentrado da própria grade curricular. Ainda segundo Grosfogel (2016), as universidades têm operado a partir de um universalismo no qual “um define pelos outros” o que seria o conhecimento válido. Para ele, a descolonização do conhecimento vai requerer, entre outras coisas:

1. Reconhecimento do provincialismo e do racismo/sexismo epistêmico que constituem a estrutura fundamental resultante de um genocídio/epistemicídio implementado pelo projeto colonial e patriarcal do século XVI. 2. Rompimento com o universalismo onde um (“uni”) decide pelos outros, a saber, a epistemologia ocidental. 3. Encaminhamento da diversidade epistêmica para o cânone do pensamento, criando o pluralismo de sentidos e conceitos, onde a conversação intepistêmica, entre muitas tradições epistemológicas, produz novas redefinições para velhos conceitos e cria novos conceitos plurais com “muitos decidindo por muitos” (pluri-verso), em lugar de “um definir pelos outros” (uni-verso) (GROSFOGEL, 2016, p. 46).

Nota-se que alguns passos estão sendo dados a esse respeito. De todo modo, observa-se pela leitura crítica dos textos e pelos fragmentos citados que esses movimentos são mais percebidos nos cursos de humanas. Destaca-se que a estudante de Enfermagem sente falta de falar “de sociedade”, que considera o curso mecânico e, segundo os autores do artigo, não há projetos sobre a temática racial no curso de Enfermagem da Universidade do Estado da Bahia. Informações que trabalharemos mais profundamente adiante.

O sentido de fortalecimento compreende não apenas as pautas institucionais, mas também o bem viver, a busca de uma vida boa na cidade e dentro do espaço acadêmico. Nesse sentido, todas as dificuldades encontradas na Universidade são amenizadas quando os/as estudantes encontram nos espaços associativos um lugar em que se sentem valorizados/as. O fortalecimento que acontece a partir dos Coletivos faz com que os/as estudantes reconheçam a si mesmos/as enquanto quilombolas ou indígenas universitários/as e, assim, possam enfrentar as situações de preconceito e reivindicar horizontalidade nodialógica de saberes (PIMENTEL, MORAES, 2021, p. 2014).

Aqui destaca-se a importância do reconhecimento de pares. Chegar à universidade e enxergar-se refletido em outros estudantes traz a sensação de igualdade e de estar inserido em um ambiente que pertence a todos. Com relação às garantias, emerge o protagonismo dos coletivos como ferramentas fundamentais para a formação de uma rede de apoio, igualdade e potência que torna-se base para o ensino. É comum que os estudantes criem estratégias para “pertencer”. Por vezes, há a tentativa de esconder o fato de ser cotista ou tentar se moldar tanto quanto possível aos outros grupos. Outras vezes, estes estudantes reúnem-se em grupos e reivindicam para si a possibilidade de “fazer parte”, de ter direito à experiência universitária em todos os seus âmbitos (SANTOS, 2009, p. 77).

Podemos compreender que as jovens mulheres quilombolas da pesquisa têm consciência de suas raízes, buscam resgatar suas culturas, aceitam-se, enfrentam, resistem e representam suas comunidades, suas origens. Nesse processo de aceitação,

de resistência, de luta diária e rompimento das barreiras impostas pela sociedade, suas identidades vão sendo reconstruídas. As jovens ressaltam que mulheres negras quilombolas dentro da universidade é sinônimo de representatividade, uma vitória para seu povo (FOGAÇA, TRINDADE, 2021, p. 11).

Fala-se aqui de um funcionamento básico que aparece menos vezes na pesquisa, mas abre margem para reflexão importante. Não mais estamos trazendo o sentimento de “ter” representatividade, mas de “ser”. Muitos estudantes que ingressam por meio da política de cotas são os primeiros em suas famílias ou comunidades, no sentido de rede de pessoas próximas, a chegarem a uma universidade. Se por um lado este fato carrega consigo a necessidade de romper barreiras, também faz emergir o sentimento de estar se tornando exemplo e abrindo caminhos para os seus “iguais”.

3 – Vivência plena da experiência acadêmica (Permanecer)

Quando falamos sobre a “vivência plena da experiência acadêmica” estamos atentando para o fato de que os alunos que ingressam por meio das cotas podem não conseguir viver uma experiência universitária majoritariamente voltada aos estudos. Há, como já falamos, todo o processo de reconhecimento de pares, de se entender como parte central do espaço acadêmico, de viver em um ambiente de luta por direitos, além de todas as questões práticas que viabilizam sua permanência. Aqui fica exposto que, ainda que haja a possibilidade de aprofundamento em pesquisa e extensão, projetos voltados à participação do público-alvo, bem como a implementação de bolsas de auxílio, a questão financeira ainda é um dos grandes fatores de entrave para a permanência desses alunos nos cursos.

As atividades em andamento na instituição (Unilab) – que contam com a presença de novos atores sociais (docentes e discentes vinculados a grupos de pesquisas ou de projetos de extensão que incorporam as epistemologias decoloniais apresentadas) – incluem os sujeitos e permitem novas práticas (GOMES, 2021, p. 123).

As participantes ressaltam as privações e dificuldades que passam por causa das condições financeiras e por conta de todo o processo histórico de negação de direitos e de dificuldades (FOGAÇA, TRINDADE, 2021, p. 10).

O perfil socioeconômico dos indígenas e a escassa renda das suas famílias revelaram-se como um aspecto sensível à permanência na universidade. Nesse sentido, a Funai disponibilizou um programa de auxílio financeiro de R\$ 900,00 para cada discente indígena. Conforme os entrevistados da unb, a estimativa desse valor desconsiderou o custo de vida real no Distrito Federal (IBARRA, MIRANDA, RIBEIRO, 2019, p. 142).

Os custos de passagens para viagens de retorno não previstas, decorrentes principalmente de problemas familiares nas aldeias de origem, constituem dramas financeiros incontornáveis para esses estudantes (IBARRA, MIRANDA, RIBEIRO, 2019, p. 155).

Dada a conjuntura onde as/os estudantes não conseguem prosseguir com suas trajetórias acadêmicas, principalmente por não possuírem condições materiais, o acompanhamento institucional, visando prestar auxílio financeiro para a permanência e, consequentemente, êxito das jornadas acadêmicas desses discentes se mostra de fundamental importância (QUEIROZ, TAMBORIL, 2021, p. 769).

Ressalta-se neste ponto que, além do empenho acadêmico no que se refere à formação social e profissional, também há o esforço para garantir formas de permanência com relação aos gastos direcionados à rotina universitária. Observa-se que as bolsas não consideram o custeio de vida nas regiões próximas à faculdade, fazendo com que os recursos, ainda que fundamentais, não sejam suficientes. Na busca por condições de permanecer materialmente no curso, alguns estudantes podem também abrir mão de vivenciar a universidade em sua plenitude para poder trabalhar, e essa escolha tem impactos na permanência simbólica, já que repercute de forma distinta sobre o desempenho e sobre a vida acadêmica (Santos, 2009, p. 72).

Ainda que, como se pode apreender de todo o trabalho, as instituições de ensino superior no país não tenham sido inicialmente pensadas para receber toda a população e sim apenas uma parcela muito específica de sujeitos, é nítido que – não sem luta, sem mobilizações e muito esforço – esses espaços estão se tornando cada vez mais diversos, seja pela presença de alunos negros, indígenas e que concluíram o ensino básico em escolas públicas, seja pelas estratégias de “sobrevivência” desenvolvidas e reivindicadas pelos alunos para garantia de uma experiência completa no processo de formação, seja pelo movimento feito pelos estudantes com o objetivo de tornar a universidade um reflexo real da sociedade, como de fato deve ser. De todo modo, é imprescindível observar que a realidade das políticas afirmativas no Brasil, com vistas à inclusão no ensino superior e no mercado de trabalho, é uma conquista dos movimentos sociais sem uma articulação política, local, nacional e internacional (SANTOS, 2009, p. 64). É preciso que a universidade se torne um espaço de responsabilidade social e que isso não se confunda com a democratização de acesso ao ensino superior, pelo contrário, é necessário assumir um papel que assegure a permanência e a legitimidade dos grupos historicamente excluídos (CAMPOS, 2016, p. 108).

8 ESCLARECIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo tem a intenção de apresentar o caminho que foi traçado pelo trabalho a fim de que o trajeto torne-se claro e possa ser novamente percorrido em pesquisas similares.

8.1 ESTRUTURA DO TRABALHO

Para alcançar os objetivos estipulados, esta dissertação está dividida em 9 (nove) capítulos, com a intenção de garantir uma boa organização e ser facilmente compreendida. A introdução expõe a questão central do trabalho e oferece um breve embasamento teórico. Na sequência, apresentamos objetivo geral e objetivos específicos. Logo após, trazemos a Justificativa, mostrando motivações para a realização da pesquisa. Do primeiro ao sexto capítulo, apresenta-se o corpo teórico do trabalho, servindo de base para os questionamentos apontados e direcionando o texto para a necessidade da pesquisa de campo que será realizada posteriormente. No sétimo capítulo é apresentada a Revisão Integrativa, expondo o processo de busca de artigos já publicados sobre o tema, que mostraram que não há trabalhos que relacionem a decolonialidade e as cotas falando especificamente do curso de Enfermagem. Também sentimos falta de uma pesquisa que utilizasse a Perspectiva dos Funcionamentos como abordagem de justiça. No oitavo capítulo, capítulo em questão, surgem os esclarecimentos sobre o método escolhido, tecendo comentários sobre a abordagem qualitativa, o campo de estudo, etapas da entrevista e análise de resultados. No último capítulo, apresenta-se o estudo de campo.

8.2 A ABORDAGEM QUALITATIVA

A presente dissertação é um estudo monográfico realizado por meio de análise qualitativa. A pesquisa foi elaborada a partir de entrevistas que assumiram o caráter de uma conversa estruturada em perguntas e respostas, com abertura para exposição de qualquer sensação de estranhamento, incômodo, pertencimento e realização que não tivessem sido abordadas anteriormente. Esse método foi escolhido em razão do entendimento de que ouvir

é a parte principal do projeto e de que algumas respostas poderiam ser capazes de alterar toda a percepção do trabalho devido à importância da troca. Se nosso objeto é justamente a realização dos funcionamentos no interior dos envolvidos – que são subjetivos e plurais – é fundamental que seja levado em consideração o fato de que cada um deles traz histórias de vida e experiências que podem sequer ter sido imaginados pela pesquisadora ou por qualquer outra pessoa.

Sobre esta ideia, Minayo diz:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2002, p. 21).

Seguindo pensamento semelhante a este, Teresa Maria Frota Haguette esclarece que os métodos quantitativos supõem uma população de objetos de observação comparáveis entre si e os métodos qualitativos enfatizam as especificidades de um fenômeno em termos de suas origens e de sua razão de ser (HAGUETTE, 1992, p. 63). Compreende-se desta maneira, que a abordagem qualitativa é o melhor caminho para a compreensão da vivência dos estudantes, já que se trata de um estudo social que pretende ser construído com base na escuta e na troca.

8.3 O CAMPO DE ESTUDO

8.3.1 A UNIVERSIDADE

A Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) foi escolhida por ter sido a primeira instituição pública de ensino de grande porte a adotar as ações afirmativas, primeiro para ex-alunos de escolas públicas e, logo depois, também para estudantes autodeclarados pretos e pardos.

A UERJ conta com 32 (trinta e dois) cursos de graduação que são ministrados em diferentes unidades acadêmicas, a saber, em São Gonçalo, Resende, Teresópolis, Petrópolis, Nova Friburgo, Duque de Caxias e Rio de Janeiro, além de duas unidades de Saúde: Hospital

Universitário Pedro Ernesto (HUPE) e a Policlínica Piquet Carneiro (PPC). A presente pesquisa se concentrará na unidade do Rio de Janeiro. A respeito da assistência estudantil, atualmente a universidade oferece Bolsas de Iniciação à Docência, Monitoria, Estágio Interno Complementar e Iniciação Científica, além de um suporte específico aos alunos cotistas pelo PROINICIAR (Programa de Iniciação Acadêmica).

A legislação a respeito das cotas da UERJ atualmente está balizada pela lei nº 8.121/2018 (UERJ, 2020) que, além de prorrogar a reserva de vagas por 10 (dez) anos, inclui os quilombolas e passa a garantir a disponibilidade de vagas de estágio obrigatório e não obrigatório aos estudantes destinatários dela. Hoje, para se inscrever no vestibular através das cotas, o estudante precisa enviar cópia de documentos pessoais, de moradia e de renda, que não pode ultrapassar o valor de R\$ 1.497,00 *per capita* (UERJ, 2020). Já a lei nº 5.346/2008 reserva aos cotistas direitos como o Bolsa Permanência, aquisição de material didático e o passe livre universitário. Em razão da pandemia do novo corona vírus (COVID-19) e do advento das aulas emergenciais à distância, a universidade criou um Plano de Inclusão Digital que beneficia alunos cotistas com auxílio de R\$600,00, a distribuição de até 12 mil chips com dados de internet e até 8 mil tablets para que possam acompanhar as aulas remotas (UERJ, 2020).

Não há espaço melhor para tratar de um assunto do que o ambiente que há mais tempo lida com os benefícios e com as dificuldades enfrentadas durante o percurso. A instituição é uma das que teve maior tempo para estruturar-se diante dessa nova realidade, de modo a ser o campo ideal para proporcionar umpanorama nítido a respeito das vivências e da funcionalidade dos programas oferecidos e seus impactos no dia a dia universitário e, consequentemente, na vida dos alunos.

8.3.2 O CURSO DE ENFERMAGEM DA UERJ

O curso escolhido para ser o foco desta pesquisa foi o curso de Enfermagem. Muito por aparecer em menor número nas pesquisas relacionadas ao objeto de estudo, mas também pelo próprio histórico da profissão que, no Brasil, enfrentou e enfrenta diversas marcas nos recortes de gênero e raça. Desde suas origens, quando era exercida por homens e mulheres – sem experiência em saúde – que auxiliavam os médicos; passando por sua associação aos

trabalhos domésticos, à subserviência e ao silêncio; atravessando o seu processo de feminização, de progressão para um curso de conhecimentos científicos, de exclusão de mulheres negras (FERREIRA e SALLES, 2019) até chegar ao momento hodierno em que elas representam a maioria dos profissionais da área, a Enfermagem passou por diversas transformações que fazem dela um objeto interessante a ser analisado.

Na UERJ, essa história teve início em 1948, quando foi inaugurada a Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo, incorporada posteriormente – e não sem enfrentamentos e resistências – à então Universidade do Estado da Guanabara. Por não serem consideradas professoras, as enfermeiras não puderam assumir o cargo de diretoras da Escola, posto que foi ocupado por um professor catedrático médico de 1963 até 1971, quando a primeira enfermeira finalmente torna-se diretora (PIMENTEL e XAVIER, 2018, p. 2).

Hoje locado no município de Vila Isabel, o curso de Enfermagem da UERJ é ministrado em tempo integral e tem 57 (cinquenta e sete) disciplinas, totalizando uma carga horária de 5850 (cinco mil oitocentos e cinquenta horas). O currículo, que pode ser concluído em um mínimo de 9 (nove) e máximo de 14 (quatorze) períodos é dividido em três seções, sendo elas: Área 1 (Assistencial), Área 2 (Fundamental) e Área 3 (Bases Biológicas e Sociais) (UERJ, 2020).

8.3.3 OS PARTICIPANTES ENVOLVIDOS

Os participantes escolhidos foram alunos e ex-alunos que ingressaram no curso de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro por meio das cotas raciais, totalizando 13 (treze) colaboradores – entre estudantes de diferentes períodos e já formados. O contato com eles se deu, primeiramente, por intermédio da orientadora do trabalho, Prof.^a Dr.^a Cristiane Amorim, durante suas aulas virtuais na graduação do curso de Enfermagem-UERJ, nas quais expliquei os objetivos do estudo e a forma de participação e foi indicado que os alunos interessados entrassem em contato comigo através de e-mail ou WhatsApp. Também houve a divulgação da pesquisa em grupos de estudo e grupos em redes sociais. Posteriormente, foi aplicado o método Bola de Neve para contato com novos participantes.

A execução da amostragem em bola de neve se constrói da seguinte maneira: para o pontapé inicial, lança-se mão de documentos e/ou informantes-chaves, nomeados como sementes, a fim de localizar algumas pessoas com o perfil necessário para a pesquisa, dentro da população geral. Isso acontece porque uma amostra probabilística inicial é impossível ou impraticável, e assim as sementes ajudam o pesquisador a iniciar seus contatos e a tatear o grupo a ser pesquisado. Em seguida, solicita-se que as pessoas indicadas pelas sementes indiquem novos contatos com as características desejadas, a partir de sua própria rede pessoal, e assim sucessivamente e, dessa forma, o quadro de amostragem pode crescer a cada entrevista, caso seja do interesse do pesquisador. Eventualmente o quadro de amostragem torna-se saturado, ou seja, não há novos nomes oferecidos ou os nomes encontrados não trazem informações novas ao quadro de análise (VINUTO, 2014, 203).

Dessa forma, o trabalho foi apresentado de modo que os estudantes foram entrando em contato com a pesquisadora. O tempo entre o primeiro contato e a última entrevista realizada foi de sete meses, sendo esta etapa finalizada em fevereiro de 2022. Oito entrevistados entraram em contato direto e sete foram indicados por outros participantes. Desses sete, um não respondeu e outra, apesar de mostrar-se muito interessada a princípio, não manteve mais contatos nos dias posteriores. Completamos, assim, o estudo com treze participantes, sendo um homem e doze mulheres; cinco que estão estudando atualmente na UERJ e oito que já se formaram. Houve a preocupação em conseguir o maior número possível de participantes durante o primeiro contato para evitar uma das fragilidades do método Bola de Neve: que poucos alunos indiquem outras pessoas de seu próprio círculo social, o que poderia trazer respostas que viessem de realidades muito próximas. “O peso dessa limitação pode ser reduzido em ocasiões em que há a possibilidade de obter sementes oriundas de redes diversas, aumentando a possibilidade de acessar redes diferentes e, conseqüentemente, narrativas mais plurais” (VINUTO, 2014, p. 207). Dessa forma, quanto maior o número de alunos advindos do contato inicial, maior o alcance de espaços e vivências diversas que atuarão como de ponto de partida para a ramificação de outras histórias

8.4 ETAPAS DA ENTREVISTA

Em razão do contexto atual da pandemia do novo coronavírus e da ausência de certeza sobre o retorno às aulas presenciais, entendi que a alternativa mais segura seria adaptar esse trabalho para o modelo online, com o suporte de plataformas virtuais. Sendo assim, a partir da demonstração de interesse e aceitação dos alunos (ou ex-alunos) em participar do projeto, entrei

em contato por e-mail/WhatsApp para: 1) enviar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; 2) marcar o encontro, que seria realizado no Zoom ou Google Meet; 3) no dia combinado, enviar o link da sala virtual.

Importante ressaltar que o próprio cenário – infelizmente inevitável – já fez um recorte social de participação de estudantes que tivessem acesso à internet. Ainda que seja levado em consideração o programa de suporte ao aluno cotista, entendendo-se que, provavelmente, a maior parte dos alunos está conectada, não há como deixar de problematizar o fato de que algumas pessoas podem não ter sido beneficiadas pelo programa ou podem ter trancado o período em razão das dificuldades enfrentadas durante a pandemia, o que já exclui este estudante até mesmo da participação neste trabalho.

As entrevistas foram individuais e dividida em duas etapas. A primeira teve o objetivo de preencher um quadro com dados sociodemográficos e pontos relacionados à trajetória acadêmica, mantendo discrição e preservando as identidades. A intenção era que esses dados fossem expostos de forma clara a fim de enriquecer a interpretação das narrativas, apresentando um panorama inicial sobre a vida dos estudantes. O quadro foi preenchido com idade, local de moradia na época em que estudava, ano de ingresso, modalidade de cota pela qual ingressou, tipo de bolsa (caso receba), se consegue/conseguia conciliar estudos com trabalho e a distância em quilômetros de casa até a faculdade.

A segunda etapa foi composta por três seções. A primeira seção teve o simples objetivo de aproximação e percepção inicial do panorama que seria trazido posteriormente. Utilizando a técnica da Evocação Livre, a pesquisadora pediu que os alunos dissessem 4 (quatro) palavras que fossem capazes de expressar pensamentos ou sentimentos associados à experiência de ingressar em uma universidade pública através do sistema de cotas raciais. Essas palavras foram utilizadas para formar uma espécie de apresentação da pesquisa e iniciar as reflexões. A segunda seção foi composta por um questionário previamente estruturado com perguntas abertas. Na terceira seção, a palavra foi dada aos entrevistados para que pudessem retirar do questionário perguntas que tivessem considerado desnecessárias, contar alguma situação ou experiência que não tivesse sido contemplada até ali ou dar alguma outra contribuição que considerassem interessante para o enriquecimento da pesquisa.

8.5 ANÁLISE DE RESULTADOS

O material recolhido foi analisado segundo a técnica de análise de conteúdo de Bardin (2016). Foi realizada análise categorial, identificando elementos em comum na fala dos participantes para posteriormente agrupá-los. O processo foi dividido em três etapas. Na primeira delas, chamada de *pré-análise*, houve a organização através de transcrição cautelosa, leitura e elaboração de indicadores que iriam fundamentar a interpretação. Na segunda etapa, chamada de *exploração de material*, os dados foram codificados a partir das unidades de registro. Na terceira, chamada de *tratamento dos resultados e interpretação*, houve a categorização, que consiste na classificação dos elementos segundo suas semelhanças e por diferenciação, com posterior reagrupamento, em função de características comuns (CAREGNATO e MUTTI, 2006, p. 683).

As respostas semelhantes foram aproximadas e relacionadas a três grandes grupos de funcionamentos básicos aqui também denominados: *Equidade de acesso para a educação superior (Ingressar)*; *Inclusão, representatividade e respeito (Pertencer)*; *Vivência plena da experiência acadêmica (Permanecer)*. Após este primeiro agrupamento realizado a partir de uma leitura simples, percebemos que cada um deles se subdividia em funcionamentos básicos mais específicos, que foram saltando aos olhos após leitura criteriosa dos trabalhos, bem como na Revisão Integrativa. Depois de definidos os nomes e analisadas as entrevistas, conseguimos perceber com clareza situações que ampliam ou prejudicam estes funcionamentos básicos, além de podermos realizar uma comparação criteriosa com o trabalho realizado anteriormente (Revisão Integrativa). Com este confronto de resultados, conseguimos avaliar quais funcionamentos são identificados quando tratamos dos estudantes que ingressam por cotas de modo mais geral e quais se sobressaem, de modo mais direcionado, nas vivências dos alunos do curso de Enfermagem da UERJ, afim de alcançar os objetivos desta pesquisa.

9 INICIANDO A PESQUISA

As informações sobre a pesquisa de campo foram dadas na metodologia. De todo modo, recapitulo fazendo um breve resumo. A princípio, preenchemos um quadro com dados sociodemográficos, depois seguimos para a evocação livre de palavras e, posteriormente, abrimos para um

questionário com 13 (treze) perguntas cuidadosamente elaboradas na intenção de entender as demandas desses alunos. Ao final, o espaço foi aberto para sugestões.

Como exposto anteriormente, através da Revisão Integrativa conseguimos identificar os funcionamentos básicos nos estudantes que ingressaram por cotas raciais de modo mais abrangente (em diversas regiões e universidades) já que, ainda que a busca tenha sido realizada utilizando termos como “Educação em Enfermagem” e “Curso de Enfermagem”, não foram apresentados trabalhos que relacionassem a colonialidade e as cotas sendo específicos desta área.

Percebendo esta escassez nos resultados, foi estruturado um conjunto de perguntas a serem compartilhadas com os alunos de Enfermagem da UERJ, na intenção de ter uma escuta mais atenta às questões individuais de um grupo mais restrito de pessoas para, assim, perceber com mais clareza pontos de realização e não realização desses estudantes, aqui sendo considerados os funcionamentos básicos, já que:

De acordo com esta perspectiva, o respeito a todo e qualquer indivíduo passa a ser interpretado como a consideração aos funcionamentos básicos de cada sistema funcional, os quais, por sua vez, poderão variar entre os diversos indivíduos e, em um mesmo indivíduo, entre momentos distintos de sua existência. Como funcionamentos básicos compreendendo as funções, ações ou capacidades que caracterizam e conferem identidade a cada sistema funcional (DIAS, 2019, 13).

Desse modo, foram realizadas entrevistas para ouvir e tentar compreender individualmente buscando pontos em comum neste recorte de curso e universidade para analisarmos se estes funcionamentos estão sendo ampliados ou prejudicados, contemplando ou não a ideia de Justiça.

A maior parte dos entrevistados demonstrou muito interesse em participar e se dedicou a trazer muitas lembranças, elogios à universidade e críticas a pontos bastante específicos da estrutura do curso de Enfermagem. Notou-se a compreensão da importância do estudo para uma melhoria no programa de cotas para as próximas turmas deste curso, muito pelo empenho e tempo dedicados às respostas, mas também por terem verbalizado a satisfação em participar.

Após primeiro contato com os dados coletados, assim como na Revisão Integrativa, ficou clara a divisão entre três funcionamentos básicos que tratam do *Ingressar*, *Pertencer* e *Permanecer*. Após tratamento desses dados, separação das respostas e agrupamento criterioso realizado através de elementos em comum, chegamos a uma separação dessas três categorias,

que subdividiram-se em funcionamentos básicos mais específicos, sendo 13 (treze) relacionados à experiência acadêmica de alunos que ingressam por cotas raciais de modo geral, e outros 5 (cinco) que percebemos especialmente afetados pelas particularidades do curso de Enfermagem de UERJ.

Quem são os entrevistados?

	Idade	Onde mora/morava quando estudava	Ano de ingresso na UERJ	Tipo de cota	Bolsa	Conciliou estudos e trabalho?	Distância faculdade/casa em km
Ent 1	26 anos	Itaboraí/Olaria	2013	Racial/negro	Bolsa permanência e de projeto de Extensão	Não	51,0 km/10 km
Ent 2	29 anos	Magé	2013	Racial/negro	Bolsa permanência e de Iniciação Científica	Não	63,5 km
Ent 3	28 anos	Duque de Caxias	2014	Racial/negro	Bolsa permanência e de projetos de Extensão	Não	24,4 km
Ent 4	28 anos	Bangu	2014	Racial/negro	Bolsa permanência e de projeto de Extensão	Não	36,6 km
Ent 5	26 anos	Realengo	2021	Racial/negro	Bolsa permanência	Não	28,3 km
Ent 6	30 anos	Belford Roxo	2011	Racial/negro	Bolsa permanência e de Iniciação Científica	Sim	35,4 km
Ent 7	21 anos	Santa Cruz	2018	Racial/negro	Bolsa permanência e de projetos de Extensão	Não	61,1 km
Ent 8	30 anos	Duque de Caxias	2011	Racial/negro	Bolsa permanência, Iniciação científica e de Extensão (essas últimas em períodos diferentes)	Não	24,4 km
Ent 9	26 anos	Bangu	2017	Racial/negro	Bolsa permanência e de Iniciação Científica	Não	36,6 km
Ent 10	21 anos	Cachambi	2021	Racial/negro	Bolsa permanência	Não	6,0 km
Ent 11	33 anos	Vila Isabel	2012	Racial/negro	Bolsa permanência e de projetos de Extensão	Sim	

Ent 12	29 anos	Itaboraí/ Praça da bandeira	2011	Racial/negro	Bolsa permanência	Não	51,0 km/4,9 km
Ent 13	26 anos	Jacarepaguá	2016	Racial/negro	Bolsa permanência	Não	26,0 km

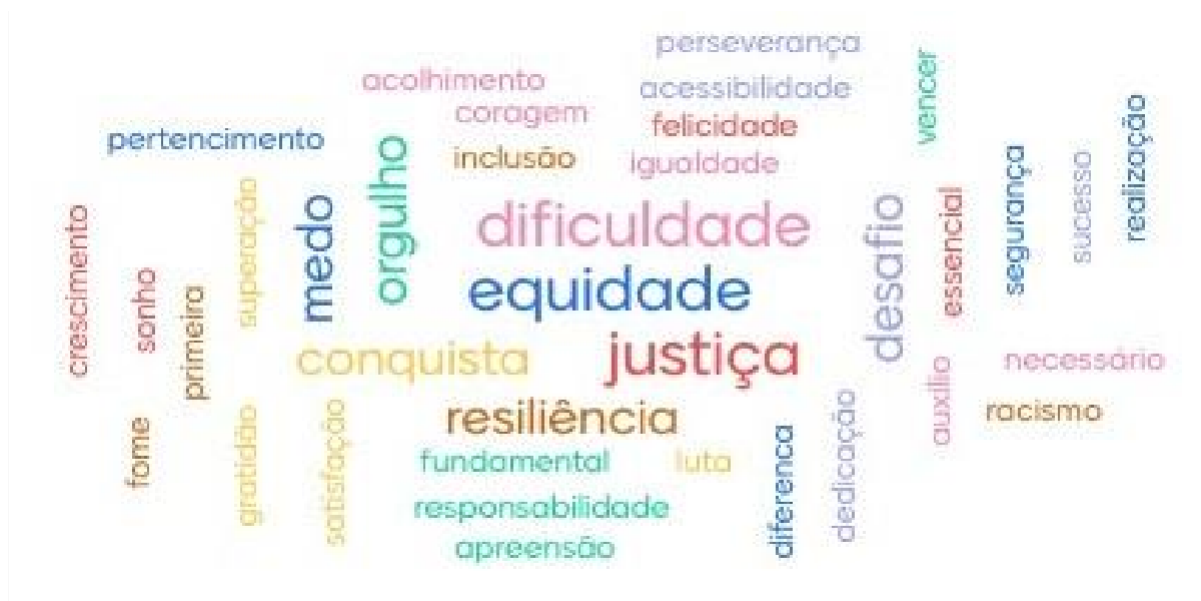
Observações:

Entrevistada 1 mudou-se de Itaboraí para Olaria durante o curso em razão da distância. Uma amiga a convidou para ficar em sua casa.

Entrevistada 3 fazia trabalhos pontuais para acrescentar renda, mas não conseguia ter um emprego contínuo.

Entrevistada 12 se mudou de Itaboraí para a praça da Bandeira com a ajuda da bolsa.

A partir do oitavo período, todos os alunos recebem a bolsa do internato.



A fim de trazer uma breve abertura para a pesquisa de campo, foi utilizada a técnica de Evocação Livre, em que foi pedido que os entrevistados falassem as quatro primeiras palavras que viessem à cabeça relacionadas a terem entrado em uma universidade pública por meio da política afirmativa de cotas. Seguindo o passo a passo de Ferreira, Santos Júnior, Azevedo e Valverde (2004, p. 6) foram realizados: a) categorização das palavras; b) cálculo de frequência das categorias; c) cálculo da ordem média de evocação.

Um entrevistado disse apenas duas palavras e outros dois, disseram três. Desse modo, foram apresentadas 36 (trinta e seis) palavras positivas e 12 (doze) palavras negativas. Com relação à frequência, *conquista* apareceu duas vezes; *desafio* duas vezes; *dificuldade* três vezes, *equidade* três vezes; *justiça* três vezes; *medo* duas vezes e *orgulho* duas vezes. As demais palavras apareceram uma vez cada. Também é importante destacar que cinco falas foram iniciadas com palavras negativas e oito, com palavras positivas. Como abertura dessa pesquisa de campo, ressalta-se que, ainda que as entrevistas tragam lembranças de dificuldades enfrentadas durante a graduação, há no imaginário desses alunos uma maioria de ideias de conotação positiva a respeito do sistema de cotas e a respeito de ser um estudante universitário.

9.1 FUNCIONAMENTOS BÁSICOS IDENTIFICADOS

Funcionamentos básicos	Funcionamentos básicos mais específicos
Funcionamentos básicos identificados nos estudantes que ingressam por cotas raciais de modo geral	
Equidade de acesso para a educação superior (Ingressar)	Acesso: ampliação das possibilidades de ingresso por meio da reserva de vagas, garantia de cumprimento da lei
	Acolhimento: sentimento de que a universidade se preparou para sua recepção
Inclusão, representatividade e respeito (Pertencer)	Realização: satisfação pessoal, acadêmica, profissional, expansão, mobilidade social da família
	Igualdade: capacidade de sentir-se inserido no ambiente como um todo, sentir-se igual, livre de preconceito
	Igualdade: sentir que existe equilíbrio entre a experiência acadêmica de todos os alunos
	Conhecimento prévio: capacidade de realizar que está na universidade em razão de seu conhecimento, de seu desempenho, e sentir-se amparado para minimizar possíveis defasagens do ensino médio
	Compreensão do próprio direito: ter a consciência de seu direito à cota, direito de estar na universidade pública
	Rede de apoio de pessoas próximas: sentir amparo de pessoas próximas para ingressar e sanar dificuldades relacionadas à vida acadêmica
	Amparo social: sentir que a sociedade compreende seu direito de estudar em uma faculdade pública
	Informação: ter acesso facilmente a informações sobre projetos, bolsas e tudo o que a universidade tem a oferecer à sua formação para além do que é ensinado nas aulas
	Representatividade e apoio: sentir-se representado e apoiado pelos professores e pelas atividades de ensino, pesquisa e extensão.
	Representatividade: tornar-se exemplo, profissional que representa, que devolve o que construiu para a sociedade

	Reconhecimento de pares: diversidade, sentir-se entre iguais, capacidade de se reconhecer no outro, nos corredores, salas de aula e coletivos de estudantes. Capacidade de ampliar sua visão de si mesmo ao se reconhecer enquanto grupo.
Funcionamentos básicos que sobressaem de modo específico nos estudantes do curso de enfermagem da UERJ	
Vivência plena da experiência acadêmica (Permanecer)	Condição financeira: trabalho, bolsas, auxílios, capacidade de sustentar materialmente sua vida acadêmica e pessoal
	Alimentação: alimentação de qualidade, acessível quanto ao preço, horários, localização e coerente com o tempo direcionado aos estudos
	Moradia: residência em local próximo à faculdade ou de fácil acesso, com ambiente propício aos estudos
	Tempo para se dedicar à universidade além da sala de aula: possibilidade de dedicar-se aos trabalhos, estudo para provas, participar de coletivos e projetos de extensão
	Bem-estar físico e psicológico: capacidade de sentir-se fisicamente e psicologicamente disposto à rotina universitária

9.2 FUNCIONAMENTOS BÁSICOS IDENTIFICADOS NOS ESTUDANTES QUE INGRESSAM POR COTAS RACIAIS DE MODO GERAL

9.2.1 Acesso: ampliação das possibilidades de ingresso por meio da reserva de vagas, garantia de cumprimento da lei

O dois primeiros funcionamentos básicos identificados são ligados ao “ingressar”. De acordo com as entrevistas, as condições de possibilidades para este primeiro funcionamento, que chamamos de “acesso”, iniciariam antes mesmo do vestibular, com a oferta de informações necessárias para a inscrição. Outras condições seriam o combate a possíveis fraudes no sistema, além da abertura de vestibulares para públicos específicos de acordo com a demanda da região.

Na fala abaixo percebemos situação que amplia este funcionamento básico. Muitos alunos afirmaram que se não fosse o sistema de cotas, poderiam não ter conseguido ingressar na faculdade. Para além da questão prática das vagas específicas para um determinado grupo que possibilita esse ingresso, também há o valor simbólico de estímulo à inscrição. O fato de haver uma reserva de vagas para determinado público faz com que essas pessoas entendam que se inscrever é uma possibilidade. Esse ponto e a questão da bagagem acadêmica citada pela aluna serão discutidos mais à frente, mas fato é que o cumprimento da lei da reserva de vagas amplia este primeiro funcionamento identificado.

Eu passei por essa experiência, eu pude ingressar em uma faculdade graças às ações afirmativas, ao sistema de cotas. Talvez, se não tivesse, eu não sei se eu conseguiria, pelo número de candidatos vaga do curso de Enfermagem, pela quantidade de concorrência, pela minha bagagem acadêmica, histórico, né, escolar. Então, talvez eu não conseguisse aquele ano ou, se conseguisse, não seria daquela forma. (Ent 1)

Logo após são apresentados depoimentos que mostram a restrição deste funcionamento, já que relatam fraudes. Desde que foi implementada, a política de cotas da UERJ exigia apenas a autodeclaração para ingresso do aluno, o que fez com que pessoas brancas entrassem na universidade através do sistema. Para além da violação dos direitos, a aluna destaca episódio de crítica e deboche por parte da estudante beneficiada. Cabe destacar que a universidade vem trabalhando para mudança deste cenário e em 2021 ficou estabelecido que os próximos processos seletivos contarão com uma Comissão Permanente de Validação da Autodeclaração por meio da deliberação 01/2021 do Conselho Superior de Ensino Pesquisa e Extensão. Como citado pela entrevistada 2, é importante que este processo também seja fiscalizado, pois ao mesmo tempo em que evitará que pessoas brancas entrem na faculdade por meio da reserva de vagas, também pode assumir efeito contrário e restringir a entrada de pessoas que precisam e têm direito, já que os critérios fenotípicos podem ser subjetivos.

Na minha turma tinha essas cinco negras, mas cotistas por cota racial tinha mais do que cinco. Incluindo o que veio de escola particular, porque além de você se declarar negro você também tinha que comprovar baixa renda. Mesmo assim ainda tinha essas controvérsias que apareciam lá. Eu acho que é positivo porque é necessário para a gente alcançar essa equidade, mas tem esses pontos fracos. Precisa ser mais fiscalizado, não sei. Só que eu também tenho esse receio porque a corda sempre arrebenta para o lado mais fraco. Mesmo tendo mais fiscalização, acaba ainda a gente podendo oportunidade para quem precisa realmente. (Ent 2)

Acho que talvez você não saiba de todas essas questões, mas teve um escândalo das cotas raciais na UERJ porque uma menina na minha sala se declarou negra sendo que ela era branca dos olhos azuis e naturalmente loira. Não sei se você ficou sabendo desse escândalo ou não e essa menina era da minha sala. Eu tinha até uma certa proximidade com ela. Isso foi logo, acho que foi em 2014, foi logo quando eu entrei na faculdade. E, quando eu soube disso... porque o problema todo foi como ela se portava nas redes sociais, de maneira debochada em relação a dizer que era preta ou não. Alguém da família dela comentou “Ah, agora você então é preta, agora você está dourada”. E ela comentou alguma coisa assim: “Ah, agora eu sou negona”. (Ent 3)

Os entrevistados trazem outro ponto fundamental quando se fala de acesso. A percepção de que o processo seletivo começa antes mesmo da aplicação da prova. Se considerarmos que já existe o imaginário social de que a universidade não é um ambiente para todos, percebemos o quanto a falta de informação sobre o processo de inscrição pode ser um reforço a esta ideia. Não acredito que haja possibilidade de mensurar quantas pessoas já desistiram de participar do processo seletivo por não terem acesso à internet ou a informações sobre documentos necessários e passo a passo para a inscrição. Como relatado pela entrevistada, aquele que está sozinho, sem auxílio de uma rede de apoio que possa conduzi-lo, acaba sendo eliminado antes mesmo da prova. É mais um caso de situação que prejudica este funcionamento básico.

Outra coisa eu acho que era fazer algum projeto, alguma coisa que divulgasse nas escolas públicas, principalmente as que não são na cidade do Rio, né, as que são no norte fluminense, na baixada fluminense, no sul fluminense, que existe o vestibular, tentar levar discentes como eu, com a minha história, como outros pra mostrar pra esses alunos que dá pra tentar sim, que é possível sim, sabe, ingressar numa universidade pública, pra tentar abraçar um pouco mais de pessoas dentro desses espaços, sabe? Porque eu acho que é esse o primeiro movimento. Eu acho que é o movimento de formiguinha, um movimento que precisa começar lá de trás. Eu não sei se é só quando o discente já ingressou, mas eu acho que é tentar mostrar pros que ainda não ingressaram que existe essa possibilidade (...). Então eu acho que o nosso papel como universidade era tentar trazer essa realidade pras pessoas que estão em espaços de minoria, espaços que já tem que acordar de madrugada sempre, pegar um trem cheio sempre, um metrô cheio sempre, sabe? Eu acho que isso facilitaria muito. Ajudaria demais. Desde antes de fazer a prova. Desde muito antes. A galera que está lá entrando no ensino médio, a galera que está ingressando no primeiro ano do ensino médio. Eu acho que o trabalho tinha que começar aí, entendeu? Porque eu acho que faria total diferença nas escolhas, em como essa galera ia conduzir os seus estudos no ensino médio, nas escolhas que essa galera ia fazer e a gente ia conseguir mudar um pouco esse olhar que a gente está tendo hoje no nosso país, com relação aos estudantes, entendeu? Então eu acho que o trabalho é lá atrás. (Ent 6)

Se eu não tivesse alguém que tivesse esse domínio, essa sabedoria e tudo mais, eu não teria esse tipo de acesso de nenhuma forma porque eu não tinha esse contato, eu não sabia como funcionava. Eu não sabia como ver os documentos, selecionar os documentos (pra inscrição no vestibular), então foi um processo bem difícil, bem longo aí. (Ent 6)

Mas muitos alunos que querem fazer, querem se inscrever nesse processo e têm muitas dificuldades, né, em relação as documentações... eu posso dizer que eu não tive tanta dificuldade porque eu participei de um pré-vestibular social onde eles ajudavam a gente a submeter os documentos, a fazer o processo de inscrição. Eu acho que o maior empecilho, nesse momento do sistema, é realmente não conseguir – não sei se eu estou sendo injusta, assim de dizer – não conseguir de maneira clara que as pessoas entendam como devem submeter para estarem tentando fazer a inscrição com reserva de vagas, né. Eles têm essa dificuldade porque a gente encontra pessoas diversas. Então, quem tem a escolaridade um pouco melhor ou tem pessoas para auxiliar, elas conseguem chegar, mas aquelas pessoas que estão sozinhas, elas têm muita dificuldade. E aí elas não conseguem nem ingressar no sistema, né. Eu acho que essa é... essa pra mim é a questão principal. (...) a minha crítica mesmo é só ao método em que se faz essa... quando você quer se inscrever... é nesse período. (Ent 8)

9.2.2 Acolhimento: sentimento de que a universidade se preparou para sua recepção

Depois de passar no vestibular, a chegada à universidade é o primeiro contato do estudante com essa nova realidade, este primeiro momento é fundamental para o sentimento de acolhimento e a forma mais efetiva de gerar essa sensação é a percepção de que aquele ambiente se preparou para te receber. Não só receber os alunos em geral, mas alunos com histórico de vida semelhante ao seu. Como condições para este funcionamento básico, temos a apresentação de palestras, entrega de panfletos, o esclarecimento sobre os auxílios a que os alunos terão direito ao longo do curso, além de apresentação das possibilidades de projetos de extensão. Fundamental nesse momento é expor que aquele espaço está pronto para a recepção de alunos com histórias diversas.

Os relatos abaixo mostram situações em que este funcionamento básico foi ampliado, que as informações sobre direitos e benefícios foram passadas logo no início e que houve o preparo de eventos para receber estes alunos, incluindo eventos específicos para aqueles que ingressaram por cotas. Importante destacar que, pelos depoimentos, não temos o esclarecimento necessário para saber se essa foi uma recepção organizada pela própria universidade ou por coletivos de estudantes, de todo modo, ainda que seja um trabalho realizado pelos próprios

alunos, quer dizer que o espaço está sendo cedido para este encontro, inclusive havendo liberação das aulas para a participação, o que já indica algum apoio institucional.

No início da faculdade foi bem informativo, né, eles se reuniram com todos, independente de curso, pra informar os direitos, aqueles benefícios. (Ent 8)

No mais, assim, eu não sei como está agora. Eu me senti muito obrigada, muito acolhida no momento da minha recepção. (...) Eu não vi em nenhum momento muitas dificuldades em relação ao período que eu já estava dentro da faculdade. (Ent 8)

Cara, eu sou fascinada pela UERJ, né. Muito pelo acolhimento. Quando eu fiz a prova e coloquei aí pra cota, eu não sabia da bolsa. E aí eu lembro que na minha inscrição eles falaram “Ah, você vai abrir uma conta e tal”. E eu fiquei “Da onde que é essa conta, gente”. E aí, eu não lembro bem o nome do evento que tem, eu acho que é *UERJ de braços abertos*, não sei. Tem a primeira chegada, que é com todos os alunos, e lá eu lembro de uma panfletagem tipo, “Se você é cotista, vai em um outro evento”. Aí lá nesse outro evento eu fui informada da bolsa e a galera reclamando que a bolsa era ruim e eu estava achando o máximo, porque eu não sabia nem que tinha, né. E aí o que eu lembro foi isso. Eu fui nesse evento menor que era para os cotistas, fui liberada aula, não precisei pagar a carga horária, fui pra essa reunião dos cotistas (...). E aí eu lembro que ele falou da bolsa, falou disso tudo e deu um folder dos possíveis projetos científicos que poderíamos entrar. (Ent 12)

Ainda que haja essa recepção, os fragmentos abaixo mostram que alguns pontos deste funcionamento não estão sendo ampliados. Neste caso, a estudante diz sentir falta de um diálogo mais amplo sobre as cotas. Não só sobre os auxílios e benefícios, mas um esclarecimento sobre o que são as cotas e sua importância. A ideia seria já iniciar o curso trazendo o fortalecimento dos alunos e da política para que se vejam em conjunto, entendam a importância de sua presença naquele espaço e criem argumentos fortes para qualquer embate que possa acontecer no futuro.

Eu acho que, primeiramente, na primeira semana de aula eu já começaria a explicar sobre o sistema de cotas, sobre o que são as ações afirmativas, o que significa... por quê? Para quê? Para que as pessoas que ingressaram por ações afirmativas entendam, tenham argumentos para conversar com as outras pessoas, e aqueles que não entraram, respeitem os colegas que entraram pelas ações afirmativas. (Ent 1)

Acho fundamental esclarecer melhor o público, esclarecer melhor as pessoas. Já iniciar o curso ensinando as pessoas o que é isso. Iniciar o curso

apresentando para os cotistas um lugar aonde eles possam ir, um lugar onde eles possam se encontrar e fazer as suas atividades. Eu acho isso muito importante. (Ent 1)

9.2.3 Realização: satisfação pessoal, acadêmica, profissional, expansão, mobilidade social da família

Entrando no entendimento do “pertencer”, a condição para a ampliação deste funcionamento é a promoção de uma experiência acadêmica que gere a sensação de que está se desenvolvendo pessoalmente, que está se preparando intelectualmente e construindo o caminho para uma vida profissional dentro de um ambiente em que se sinta incluído e respeitado. Vivências que provoquem a expansão dos pensamentos e possibilidade de mudar a realidade da família através da formação. Quer dizer que estamos falando tanto de uma realização individual quanto familiar, desde o sentimento de orgulho por estar em uma universidade pública até a possibilidade de mobilidade social através da educação.

Trata-se aquida maneira como a universidade apresenta outras possibilidades para além das já historicamente estabelecidas para esta população. A realização é um funcionamento básico identificado em todos os estudantes, já que a formação acadêmica proporciona novos caminhos para o indivíduo, mas ser um estudante negro ou indígena dentro de uma faculdade pública, além de expandir e preparar o aluno para o mercado de trabalho, rompe a ideia de colonialidade e apresenta novos percursos para além daqueles pré-definidos para as pessoas não brancas, trazendo o sentimento de realização que, nesse caso, tem um peso ainda maior.

Eu me vejo como... eu fui uma universitária por necessidade mesmo. Foi o caminho que eu encontrei para conseguir mudar a minha história de vida, a história que, talvez, já estivesse determinada para mim. (Ent 2)

Algumas expectativas foram superadas, em relação ao ensino superior... do que iria me proporcionar ter o ensino superior. De fato, as minhas expectativas do porque eu quis fazer um ensino superior foram respondidas, era realmente eu ter uma profissão, não precisar a minha primeira escolha ser um trabalho braçal barato. Então, a universidade, para mim, respondeu a essas expectativas sim. (Ent 2)

Nos trechos destacados são apresentadas formas de ampliação deste funcionamento. Ser a primeira pessoa da família a chegar na faculdade indica, além de uma realização pessoal, um ganho para um grupo de pessoas que passarão a ocupar outro lugar na sociedade.

Eu acho que, assim, pra mim, chegar na universidade, chegar a esse nível de escolaridade dentro da minha família – dentro da minha família tanto do lado do meu pai quanto da minha mãe eu fui a segunda pessoa a chegar na faculdade – e conseguir terminar... a minha irmã, que é minha irmã mais velha, foi a primeira que do lado de ambos os pais chegaram nesse nível de escolaridade. É um ganho, é uma conquista. (Ent 3)

Eu fui a primeira pessoa da família a ingressar em uma faculdade pública. (Ent 3)

Eu acho que para a minha família me ver como uma estudante universitária tem um misto de orgulho com também entender como um lugar novo a ser ocupado. Pensar que poderia chegar nesse ponto, sabe, chegar nesse lugar ou às vezes até nem pensar que poderia estar lá. Sendo como algo positivo, né. (Ent 3)

O fragmento abaixo apresenta duas formas muito fortes de realização. A entrevistada atribui ao sistema de cotas todo um processo de formação que a fez chegar no mestrado e pensar em um doutorado. Estabelece uma relação direta entre as cotas e o fato de nunca mais ter tido desamparo financeiro, já que na universidade contava com as bolsas e, depois de formada, conseguiu se inserir no mercado de trabalho.

Até hoje eu vejo o quanto a UERJ... o quanto o sistema de cotas proporcionou a minha chegada na graduação, na pós-graduação, a minha chegada, quem sabe, a um doutorado. Mas ela, a cota na universidade, foi meu ponto de partida, né. Foi isso que eu te falei, eu nunca mais, desde que eu entrei, em 2011, eu nunca mais tive desamparo financeiro. Você tem noção do que é isso pra uma pessoa preta? (Ent 12)

Neste ponto temos três formas de restrição deste funcionamento básico. A primeira refere-se às frustrações provocadas pelas dificuldades apresentadas pela própria universidade. Para além de todos os conflitos individuais também há os enfiamentos e as tentativas de sobrevivência da própria instituição, que gera greves, atraso de bolsas e atrasos na formação. Outra não-realização citada é a questão do trabalho, muito presente em todas as entrevistas. Como já foi exposto, o curso de Enfermagem da UERJ é integral, impossibilitando que os

alunos tenham tempo para trabalhar, gerando insatisfação pessoal e profissional em alguns e dificultando a permanência daqueles que precisam de valores maiores do que o oferecido pelas bolsas. Ainda que trate de uma questão de trabalho, foi muito associada à não-realização, já que a frustração do entrevistado, além de financeira, também tem relação com seu desenvolvimento profissional. Por último, é exposto certo desânimo em razão do curso, o que apareceu apenas duas vezes nas entrevistas. De todo modo traz uma reflexão a respeito das escolhas dos alunos ao prestar o vestibular, principalmente em tempos de SISU, quando podemos definir o curso em que iremos ingressar a partir das notas alcançadas. Não conseguimos chegar a uma conclusão a esse respeito apenas com os dados coletados nas entrevistas, mas é importante pensar se os alunos que ingressam por cotas têm menos chance de escolher o curso a partir de suas vontades pessoais. Seria interessante, em um próximo trabalho, tentar compreender se a Enfermagem foi a primeira opção durante a inscrição, se foi escolhido por vontade própria ou por questão de mercado de trabalho e se o estudante que ingressa por cotas se dá menos o direito de desistir do curso para tentar um outro com o qual se identifique mais.

Eu passei por muitas greves, né, eu passei por todo o corte de verbas da UERJ, em todas as greves, toda tentativa de acabar com a UERJ que o Pezão na época fez. Foi um pouco frustrante na época. Muitas pessoas me perguntaram porque eu não pedia transferência. Então, você idealiza entrar na faculdade, fazer sua faculdade da melhor forma e sair de lá com um título, como se fosse fácil. Mas, não foi fácil. (Ent 4)

Infelizmente, no âmbito profissional eu estou morto, porque eu não posso pegar um estágio sequer. Só fico restrito a pegar estágio na faculdade e, assim, como eu sou novo, como eu estou no segundo período, ainda não tenho experiência, porque normalmente o estágio é para pessoas que estão mais avançadas no curso e é meio morto, né, como se a gente estivesse ali incubado... em uma incubadora, digo, para conseguir... você só fica limitado à bolsa permanência. (Ent 5)

Na universidade eu me via muito perdida, assim, porque a Enfermagem não era uma primeira opção. Eu queria Farmácia na época. Eu via ser enfermeira como algo muito complexo, era muito insegura, assim. (Ent 12)

9.2.4 Igualdade: capacidade de sentir-se inserido no ambiente como um todo, sentir-se igual, livre de preconceito

Algumas condições para este funcionamento são o investimento em políticas que promovam igualdade e respeito, que promovam a visibilidade de pessoas e projetos realizados por pessoas negras e indígenas, abertura de espaços para debates e esclarecimentos sobre a política de cotas que possam desfazer alguns mitos a respeito do sistema. Este é um funcionamento que aparece em muitos pontos das entrevistas enredado a outros, mas destacamos alguns em que ele se evidencia.

Alguns alunos relataram nunca terem sofrido qualquer tipo de discriminação na faculdade de Enfermagem, mas a maior parte dos entrevistados trouxe experiências de preconceito direto ou indireto que viveram ao longo do curso, indicando que este funcionamento, na maioria das vezes, vem sendo prejudicado.

Principalmente a UERJ sendo uma faculdade... até o meu curso era um curso que tinha muitas pessoas pretas, né. E eu não via isso durante os congressos, não via isso durante os eventos da Enfermagem. Me deixou muito feliz de ter estado, né, de ter construído a minha graduação em uma faculdade que é mais inclusiva nesse sentido. (Ent 3)

Nunca senti preconceito, sempre todo mundo me trata com muito respeito. Sempre fui muito bem acolhida ali dentro. (Ent 9)

Comigo não (nunca sofri preconceito). Eu acho as pessoas lá da UERJ, os alunos que ingressaram tanto por cota quanto por ampla concorrência, eu acho que eles entendem, não são ignorantes quanto a essa questão de cota racial. (Ent 10)

Eu nunca passei por discriminações dentro da faculdade de Enfermagem por ter sido uma aluna cotista. (Ent 12)

Nunca experimentei nenhuma situação desconfortável em relação a isso, muito pelo contrário, na minha turma a maioria dos alunos... a minha turma é pequena, então a maioria é de alunos que são provenientes de cotas. Então, graças a Deus, nunca sofri nenhum desconforto e nunca vi nenhum colega me sofrendo, assim, de perto. (Ent 13)

Apesar desses relatos, ainda são muitas as formas de preconceito trazidas pelos alunos. O primeiro fala sobre a sensação de estar em um lugar que parece não ter sido feito para você. O sentimento de estar

“invadindo” o lugar do outro em razão do imaginário social de que a universidade pública é um lugar para pessoas brancas. Para além do imaginário, nota-se que há pessoas que realmente demonstram desconforto com a presença dos alunos que ingressaram por cotas raciais. Surge também o preconceito velado, o afastamento dentro de sala, a dificuldade para conseguir se inserir em grupos de trabalho, a necessidade de provar que você tem capacidade para estar ali, já que existe uma ideia inicial de que estes alunos têm menos conhecimento. Um rótulo que precisa ser retirado pouco a pouco até que os outros alunos consigam enxergá-los para além das ideias pré-concebidas. Já há aqui um esforço maior que precisa ser feito pelos alunos cotistas desde o início. É um caso forte de desmerecimento sem que qualquer palavra precise ser dita. Para a entrevistada 3, sair do lugar em que se vive e chegar a um espaço outro que reproduz a opressão da sociedade foi um choque de realidade.

É como se aquele lugar não fosse pra você. E muitas pessoas ali realmente não querem a gente ali, né. (Ent 1)

No início você precisa provar que você é boa. Então, no primeiro semestre, antes de virem as provas e tal, as pessoas não querem fazer com você o trabalho porque acham que você não vai se dar bem. (Ent 1)

Eu acho que pontos que eu não pensei que eu teria que enfrentar, por mais que eu já tivesse uma consciência racial, por mais que eu já tivesse noção que eu sempre fui preta, estive dentro de uma comunidade preta, de entender que eu enfrentaria problemas, enfrentar mesmo racismo, né, por estar fora da minha bolha. Eu estudei numa escola que era fora da minha cidade no ensino médio, mas a faculdade foi um choque de realidade muito maior, de perceber racismo nos colegas da sala. (Ent 3)

E aí eu acho que esse foi um dos choques de realidade que eu tive da faculdade, de perceber isso, que as pessoas vão dizer que você é pior, que você não é tão bom quanto eles, até mesmo pelas questões raciais, por questão de você vir de escola pública ou não, porque eu vim de uma escola pública. E aí todas as possibilidades que eles tiverem de ganhar em cima de você, eles vão fazer isso. E eu acho que nessa parte, né, a faculdade me trouxe muito pra essa realidade. Porque eu acho que, por mais que eu já tivesse, acho que 21 quando eu entrei pra faculdade, me deu essa maturidade de perceber que omundonão é o mundo lindo de arco-íris e unicórnios. (Ent 3)

Outros pontos destacados foram o preconceito que fica no ar, como piadas e comentários isolados; aqueles que são ditos para outras pessoas que não as que são alvo do racismo; o

imaginário de que quem entrou por cota não tem o conhecimento necessário; além das associações discriminatórias, como “porque a pessoa é negra, então ela mora em favela”. No último caso, há o relato da falta de compreensão da realidade e falta de empatia de alguns alunos com relação a dificuldades enfrentadas pelos cotistas que, muitas vezes, se desdobram também em preconceito e rejeição ao próprio sistema de cotas.

Acho que talvez um ou outro aluno... acho que no primeiro período... teve uma garota que, assim, que não suportava ela, até mesmo depois a gente vai encaixando as coisas. Ela logo no começo falou que, assim, logo no começo do primeiro período, ela falou isso pras amigas dela, não falou diretamente pra gente que era cotista, nem pra gente que era preto, que achava que quem entrava por cotas era burro, que não tinha condição de entrar por uma vaga comum, por uma vaga regular, não sei como que se fala. E aí ela não chegou a falar isso pra gente, mas, assim, ela era muito... sabe aquele tipo de pessoa que menospreza tudo que você faz, mesmo ela sabendo ou não da forma como eu entrei. Porque existiam outras pessoas que eram pretas e não entraram por cotas. Então, assim, depois eu descobri, né, que ela falou isso, depois ela foi falando outras questões e aí até mesmo uma das conversas que eu tive, ela começou a supor que por eu ser preta, por eu ser da baixada, eu morava em favela. E aí eu falei assim “mas eu não moro em favela”. Aí ela “ah, mas você já está acostumada a ver arma, a ver...” porque no primeiro período a gente foi pra uma comunidade que o posto de saúde era dentro da comunidade (do Salgueiro) e aí ela foi pra outra comunidade e ela voltou aterrorizada: “ah não porque eu vi arma, porque eu vi bandido, porque eu vi isso...” e eu falei “cara, mas isso é a realidade do Brasil, é a realidade do Rio de Janeiro, em nenhum momento você viu isso?”. Aí ela “ah não né, porque você está acostumada, porque você mora...”. Dizendo que eu tenho que estar acostumada a ver isso. Aí eu falei “mas eu não moro na favela e mesmo assim eu já vi isso na minha vida”. Então, assim, ela tinha uma postura bem racista, homofóbica, estereotipava as pessoas, sabe? (Ent 3)

A faculdade de Enfermagem, a gente imagina que ela não seja tão elitizada quanto a Medicina, mas ela tem um público um pouco mais elitizado. Teve situações, principalmente nessa época de corte de verbas... situações em que eu fiquei praticamente... praticamente não... eu fiquei meses sem receber... e alguns professores não queriam parar. Não queriam respeitar a greve estudantil e queriam aplicar provas normalmente e eu não tinha dinheiro para chegar na faculdade. Não tinha como chegar, como me locomover ou permanecer na faculdade, já que é uma faculdade de tempo integral. Aí eu escutei algumas coisas de alguns alunos como “ah, pega dinheiro com o vizinho”, esse tipo de coisa assim “para poder vir, dá o seu jeito”. Tive que fazer, que ir algumas vezes, acabava desrespeitando greve, essas coisas, por causa da maioria, por causa desse pensamento de que “ah, a gente quer se formar e o que importa é o diploma” e é isso aí. Fora os comentários. Parece que quem entra por cota está roubando a vaga de alguém então é nada disso. (Ent 4)

Outras situações relatadas são os alunos brancos que se sentem “desvalorizados” por não terem os mesmos direitos que os alunos que ingressaram por cotas e o quanto esta ideia

está associada a um preconceito que vem de pessoas que não conseguem lidar com as tentativas de equidade promovidas pela universidade, mas não conseguem perceber que estão sendo racistas.

As pessoas brancas de ampla concorrência, elas sofriam o que a branquitude sofre, né, essa sensação de que eles não estão sendo valorizados. Isso é muito ridículo. E a gente brigava com eles... o quanto eles estavam sendo ridículos de pensar daquele jeito. Por isso que a gente – eu falo a gente porque era um grupo muito forte – em alguns momentos parecia a preta raivosa, porque falava “você não tem cota porque você não foi alguém escravizado”, “ah, mas na minha família tem um preto”. Então assim, são injúrias raciais de uma forma delicada, uma injúria racial com película, dizendo que “ah, se não fosse a cotavocê não ia entrar, eu ia entrar de qualquer jeito”. (Ent 12)

Então, assim, eu preta com a pessoa de ampla concorrência branca, na época eu não conseguia ver como racismo. Eu achava que era pleno recalque. Muito porque a pessoa falava “não, eu não sou racista”. Então hoje eu consigo perceber que aquelas pessoas elas não conhecem o que foi ser escravizado, não reconhecem a história de toda a ancestralidade que o povo preto sofreu de não ser reconhecido como um corpo que tinha alma, de tirarem as nossas religiões, de tirarem os nossos nomes, né. Então, se hoje eu sou de Jesus, provavelmente foi um cara de Jesus que trouxe todo o povo preto nesse navio negreiro. Sabe lá que nome eu teria. Então, eu consigo ver hoje, depois que eu já saí da universidade, pelos estudos que eu já tenho feito, que aquelas pessoas eram racista e elas, se bobear, até hoje não sabem que são. Porque o racista vai pra além do pré-julgamento de que eu posso entrar nessa rua ou não, ele vai pra quem não identifica a dor do povo preto, a meu ver. E elas não reconheciam a dor do povo preto, né, de toda a ancestralidade. Em pensar que na minha família, na minha ancestralidade, as mulheres foram estupradas, em pensar que eu era a primeira pessoa a entrar em uma faculdade pública. E que se não fosse a cota eu provavelmente não entraria porque a gente foi tirado de todos os lugares de todas as formas. Hoje eu consigo refletir que aquelas pessoas não tinham tolerância do corpo preto dentro da universidade, eles não toleravam a ideia de eu estar ali, de eu ganhar uma bolsa para estar, porque aí fica mais difícil de eu desistir... e eles não tinham, mesmo que eles fossem pobres. E eu além de pobre, ainda era preta e ainda era mulher. Então, é isso. (Ent 12)

9.2.5 Igualdade: sentir que existe equilíbrio entre a experiência acadêmica de todos os alunos

Tentamos separar os funcionamentos básicos de forma criteriosa para que o estudo ficasse o mais claro possível, mas é importante dizer que, ao fazermos a separação e o agrupamento de pontos em comum para elaborar a lista e criar as nomenclaturas, ficou evidente que um funcionamento pode englobar outros. Nesta seção surge a visão de que enquanto os alunos de ampla concorrência têm mais chances de viver uma experiência acadêmica exclusivamente voltada para os estudos, grande parte dos alunos que ingressaram por cotas

precisam se preocupar com muitas outras questões para além das aulas. Fica nítido, neste momento do estudo, que quando um funcionamento está prejudicado ele acaba restringindo outros. Neste caso, quando funcionamentos como moradia, alimentação e condições financeiras estão prejudicados, afetam diretamente a sensação de igualdade entre os alunos. Quer dizer que, mesmo que não houvesse preconceito direto ou indireto por parte do corpo docente e discente, ainda haveria a sensação de diferença em razão da restrição destes outros funcionamentos. Como condições, então, neste caso, teríamos todas as medidas que a universidade toma para resolver questões práticas (como bolsas, auxílios, moradia, apoio com aulas extras), além das políticas de combate ao preconceito.

(A vivência dos alunos era muito diferente) por todos esses pontos que eu falei, assim, a questão do trabalho. A questão de morar perto ou não. A questão de ir de carro ou de alguém ir buscar ou não. A questão de já morar na cidade do Rio e eu morar na baixada, né, e ter muito mais dificuldade de acesso, acordar muito mais cedo pra chegar. Então, assim, tinha total diferença... da escola onde a galera tinha estudado e de onde eu tinha vindo, onde eu tinha estudado, né, da quantidade... do que eu sabia e de como a galera sabia. Tinhamuitas diferenças. Eu percebia isso. (Ent 6)

O costista – eu falo por mim – eu tenho mais dificuldade de trajeto, tinha maior dificuldade de sanar a minha necessidade de livros, de estetoscópio, eu tinha no começo da faculdade, porque eu só ganhava R\$500,00. E os outros alunos da minha turma tinham um, como que eu posso dizer, eles podiam comprar... tipo assim, o estetoscópio que a professora pedia, eles podiam comprar, o livroque a professora pedia, eles podiam comprar. Eu via que eu me atrasava um pouco nos estudos porqueeu não tinha como comprar algumascoisas e isso realmente éum poucodifícil.(Ent 7)

Eu acho que todos têm a mesma oportunidade, né, mas eu acho que eu sinto muito mais dificuldade do que talvez quem entrou por ampla concorrência. Pra se manter mesmona faculdade. (Ent 9)

Eu acho que a diferença (entre alunos de ampla concorrência e dos que ingressam por cotas) são as questões de vida. De como é a organização financeira, econômica. E as questões de cor também, né, de acesso, histórias de racismo que tinha na nossa parte enquanto os outros não tinham. Que aí vai logo pro entre branco e negro, né. Porque também tem a cota de escola pública,né, mas fazendo essa comparação entre cota racial e não racial essa é uma diferença, assim, que é gritante. (Ent 11)

Durante mais da metade da faculdade, precisei trabalhar de noite, sair da faculdade direto pro trabalho, com prova no dia seguinte, entendeu? Então isso me prejudicava bastante, mas eu não tinha opção. E, assim, tirando o meu caso à parte, eu acho que pras outras pessoas também que dependem de cota, olhando pra alguns casos da minha turma, essa diferença é notada até no próprio desempenho nosso, né, que acaba refletindo em laboratório, em provasmesmo. Acaba ficando um pouco... não digo discrepante, né, porque a gente corre atrás, mas acaba refletindo nos resultados. Também não poder me

envolver tanto como eu gostaria nos projetos de iniciação científica, projetos de extensão. Eu só pude participar de um, porque eu não tinha essa disponibilidade. Eu tinha que sair da faculdade, já ir direto pro trabalho, chegava tarde, tinha que estar de manhã cedo de novo. (Ent 13)

Outro ponto citado nas entrevistas foi a maneira como os alunos de ampla concorrência costumam chegar à universidade com mais consciência do que os espera. Muito por questões de terem uma rede de apoio e um preparo anterior ao ingresso, muito por possuírem pessoas na família que já se formaram. No caso dos alunos que entram por cota, muitos são os primeiros na família a frequentarem o ensino superior. Seria importante haver, então, uma explicação, um entendimento do que representa realmente ser um universitário, a compreensão ampla de tudo que a educação pode transformar na vida dos alunos. Desse modo, uma condição para promover essa igualdade seria fazer com que os alunos cheguem preparados para a experiência acadêmica como um todo, tendo ampla dimensão do que é estar presente em uma universidade pública e de todas as possibilidades que existem nesse espaço.

A principal diferença que eu via era de como as pessoas iam preparadas para a experiência da faculdade. E aí quando eu digo experiência da faculdade, é assim, ter pessoas que já foram à faculdade e te explicam como é, como funciona a faculdade, como funcionam os projetos, porque assim, eu só fui perceber a dimensão do que o projeto te traz, não só como aluno, como ele agrega na sua formação, quando eu já estava dentro do projeto. Em nenhum momento eu tive a experiência de alguém que já participou, que já fez faculdade conversar comigo e falar assim “olha, é importante você participar de projeto, participar de Iniciação Científica” (...). Eu não tive uma pessoa que chegasse e falasse assim “olha, é importante você escrever, é importante você estar em grupos de discussão, é importante você participar de estágios em diferentes pontos porque aí você vê qual é a sua área de interesse, sabe? Esse tipo de coisa que eu vi em muitas pessoas, que não tiveram... que não eram da questão cotista, né, que não eram cotistas e que tiveram meio que essa introdução, sabe, à faculdade. E aí eu acho que também é porque as pessoas que me rodeavam, que eu tinha contato nunca tinham ido pra faculdade e, assim, isso pesou também muito pra mim. (Ent 3)

9.2.6 Conhecimento prévio: capacidade de realizar que está na universidade em razão de seu conhecimento, de seu desempenho, e sentir-se amparado para minimizar possíveis defasagens do ensino médio

Este é um funcionamento básico que se relaciona com o período anterior ao vestibular. A importância de o aluno ter um ensino médio de qualidade para que chegue à universidade com bagagem para os estudos. Mas as defasagens e desigualdades no ensino existem e, cientes desta realidade, cabe à instituição minimizar essas diferenças para garantir este funcionamento. As condições para sua ampliação são investimentos em palestras e espaços para discussão sobre as políticas afirmativas, medidas que enfraqueçam o imaginário social de “facilidade” relacionada às cotas, a compreensão da realidade por parte dos professores, a valorização dos conhecimentos que os alunos trazem, além de aulas de reforço que possam igualar esses conhecimentos. Importante ressaltar que, neste último caso, é fundamental que o aluno tenha tempo para participar dessas aulas. Esse funcionamento se relaciona com o fato de que para se inscrever por cota racial, o aluno precisa declarar hipossuficiência financeira, tendo grande parte estudado em escolas públicas.

Eu vi até alguns e-mails, como cotista eu recebi, sobre auxílio de matemática para pessoas que têm dificuldade. Achei a iniciativa da UERJ muito legal, porque eu acho que é importante a gente procurar esse aluno que está recém chegado de uma ação afirmativa e falar assim “olha, você tem dificuldade nisso? Então vamos tentar trabalhar isso aqui melhor, vamos tentar fazer isso aqui de um outro jeito”. (Ent 5)

Este funcionamento básico apareceu muito mais em situação de restrição, ou seja, quando está prejudicado. Muitos alunos demonstraram sentir muito essa diferença no que se refere ao conhecimento prévio. Essa é uma questão que traz problemas de ordem prática, como dificuldade de acompanhar as aulas, mas também reforça diferenças, excluindo e afetando outros funcionamentos básicos, como a realização acadêmica e o sentimento de igualdade.

As pessoas começam a se apresentar: “ah eu estudei em tal colégio particular”, o outro estudou em tal colégio, “ah eu fiz tal cursinho, eu tirei em primeiro lugar no vestibular para estar aqui”, isso tudo assusta. (Ent 1)

E aí eu ficava feliz porque estava na faculdade, mas também sentia uma grande diferença. E aí até você se encontrar, até você entender que você é capaz, correr atrás do tempo perdido, você se sente ainda um pouco amuado. (Ent 1)

Mas são dificuldades que eu enfrentei a vida inteira, colégio público, de ter algumas coisas que eu não sabia. Por exemplo, para você discutir certos assuntos no início do curso, com matérias de filosofia, ética, bioética... você tem que ter um embasamento teórico para falar sobre isso. Quando eu me deparava com certas perguntas e conversas, eu não me encaixava porque aquilo não fazia parte da minha cultura, do que eu trouxe até onde eu cheguei. (Ent 1)

Geralmente – e eu posso estar errada – mas geralmente ele entra por ampla concorrência, mas por trás disso ele tem um preparo diferente de mim, que entrei pelo sistema de cotas... um curso preparatório, conteúdo de colégio particular, então tem toda uma bagagem que eu não tinha. (Ent 1)

Eu percebi, por exemplo, eu fui fazer uma disciplina de biologia celular e, quando eu cheguei na disciplina eu não tinha a menor ideia de como era. Eu tinha realmente dificuldade de entendimento com aquela disciplina, foi um processo, enquanto o meu colega navegava sobre aquela disciplina com muita facilidade. De certa forma, ele já gostava dessa área, tanto que depois ele saiu e foi fazer biologia, mas eu via na fala dele algo que era muito real. Ele fala assim “não, mas isso eu cheguei a ver na escola e depois foi reforçado no pré-vestibular”. Então assim, enquanto ele tinha visto aquilo na escola e depois reforçado no pré-vestibular, eu não lembrava em qual momento na minha vida, no meu estudo, na minha escola eu tinha visto aquilo. Então, eu senti esses desafios. A diferença, o quanto que a diferença do ensino vai se colocar ali na hora que você está estudando. Ela vai se apresentar. Eu percebo muito isso todo dia, que às vezes o nosso ensino, dependendo de como é o nosso ensino, a gente tem grandes dificuldades. E eu percebia isso nessa disciplina, percebia na disciplina de bioestatística, eu fui percebendo no decorrer da graduação quando eu tinha alguma dificuldade na escrita, né, pra dissertar melhor, pra escrever melhor as coisas. As dificuldades com a leitura, de ler artigo, de ler livro, de entendimento. Porque isso vinha da minha construção de ensino fundamental e ensino médio. E, ainda assim, eu me achava privilegiada com relação a outras pessoas da localidade onde eu moro, ainda me acho. E, ainda assim, eu tinha ido no ensino médio pra uma FAETEC, não era um ensino como de outros colegas meus. Mesmo assim eu percebia desafios, dificuldades com relação ao ensino por algumas coisas que deveriam ser a minha base. Então, eu percebia isso com muita intensidade. (Ent 6)

O indivíduo que estudou em colégio público, seja ele preto ou não, ele não tinha tanta credibilidade na escrita, assim. Não tinha, sabe, uma sensibilidade daquela avaliação, né. Por exemplo, alguém que fez o ensino médio sem biologia vai ter dificuldade na Enfermagem em falar sobre a mudança da fórmula... é isso, assim, as concepções de embriogênese... a gente sentia o quanto os alunos cotistas, os estudantes cotistas, eles precisavam se doar mais, assim, quando tinha esse recorte de classe e educacional, né. E a maioria era, porque a hipossuficiência financeira era necessária de ser comprovada para a cota,

então, automaticamente, essa pessoa teve um ensino mais precário, a não ser que ele fosse bolsista em um colégio particular. (Ent 12)

Também é importante trazer depoimentos que falam sobre a atuação dos professores nesse sentido. Segundo relatos, alguns são reativos ao sistema de cotas, alegando que a reserva de vagas afeta o desempenho das turmas. Dessa forma, além de não desenvolverem nenhuma alternativa para promover essa igualdade, ainda ressaltam diferenças reforçando a ideia de que aquele espaço não é para todos.

O professor, né, durante a aula falando sobre isso, que não precisa de cota, que se o ensino fosse nivelado todo mundo conseguiria ingressar. E a gente sabe que o ensino não é nivelado, que o que eu estudo em uma escola pública – se não for uma escola federal, que ainda tem que entrar esse parêntese porque as pessoas ainda não entendem isso – existe diferença. Uma pessoa que estuda três, quatro horas, não é a mesma coisa que uma pessoa que estuda oito horas por dia, que tem um turno extra pra poder tirar dúvida, pra poder fazer questão de vestibular. (Ent 3)

Então assim, as pessoas vêm com defasagem de ensino mesmo, porque são cotistas e aí você consegue passar porque sua nota é menor, mas você tem um déficit educacional e os professores, muitos não têm ciência nem estão dispostos a ver que isso existe, porque eles querem manter uma média do curso, porque, sei lá, a universidade tem aquele, digamos assim, tem que ser difícil. Eu acho que não tem que ser difícil, eu acho que você tem que aprender. E isso dificulta muito, faz as pessoas quererem sair do curso porque você não consegue se manter, tem a fome, tem os outros problemas familiares que aparecem, todo mundo tem problema. E você ser cotista no meio disso tudo, você às vezes, vamos dizer assim... o professor acredita em meritocracia e a meritocracia não existe ali. Porque tem gente que, sei lá, não sabe o que é um tecido. Nunca ouviu falar disso na escola. Enquanto tem gente que sabe tudo porque estava estudando para passar, sei lá, em Medicina e pagava cursinho. Muita gente não tem acesso a isso. (Ent 5)

Ainda há alguns professores que não pensam tanto assim nos alunos, nem se eles vão conseguir acompanhar aquele ritmo sabe? É meio desumano. (Ent 5)

9.2.7 Compreensão do próprio direito: ter a consciência de seu direito à cota, direito de estar na universidade pública

Este funcionamento trata da compreensão individual de que a universidade é um espaço que está disponível para todos, que é um caminho natural a ser percorrido. De acordo com a pesquisa, os vários embates na sociedade a respeito do tema e o imaginário de que quem faz uso do sistema tem menos capacidade que os demais inscritos pode fazer com que se entenda que as cotas não são um caminho justo ou diminua a sensação de orgulho quando se conquista este espaço. Como condições para este funcionamento temos, então, o investimento em políticas que desmistifiquem o imaginário de que a cota é roubar lugar de alguém, que ampliem a compreensão de que é um processo que deve ser utilizado, a que se tem direito por questões históricas, a promoção de encontros entre estudantes universitários e alunos do ensino médio que possam trocar experiências, mostrar que este é um caminho possível e, principalmente, legítimo. Como demonstração de que o funcionamento básico está sendo ampliado, temos depoimentos que mostram que os alunos têm consciência de seus direitos.

Isso não é desmerecer ninguém nem é se colocar abaixo de ninguém. É só que você precisa estar lá dentro e a disputa é injusta se você colocar na ponta do lápis. Se a gente fosse fazer uma conta, a exatidão ia mostrar que existe uma grande discrepância e não é só por conta da minha cor, é por conta da minha classe social e tudo que está em torno disso. (Ent 1)

Eu tenho tanto direito quanto você. Eu estudei para estar aqui. Eu acho que as pessoas têm que deixar claro o que é isso, para que serve, para que todos possam entender. Quebrar esse muro que divide, né. (Ent 1)

O que eu planejei pro meu cotidiano? Eu coloquei a cota na universidade, mas em uma pactuação comigo eu pensei “eu coloco a cota hoje porque eu reconheço todos os não privilégios, né, todos os espaços que eu fui privada”. E quando eu fiz a residência eu fiz a opção de não escolher a cota racial porque, na minha cabeça, eu tinha vivenciado um espaço de formação de privilégio e eu queria deixar essa concorrência de cotas um pouco sem a minha presença por exemplo, porque eu achava que tinha feito uma formação muito boa. E, de fato, eu não coloquei cota racial mais. (Ent 12)

(Algumas pessoas) Acham que a gente está sendo beneficiado, beneficiado do que? Povo escravizado que perdeu o nome, perdeu a alma, perdeu a religião. Isso tudo que a gente está discutindo desde mais cedo. (Ent 12)

Como forma de compreender que este funcionamento está prejudicado, temos fragmentos que demonstram que algumas pessoas ainda entendem que a universidade pública é um espaço para poucos, e quando pensam em curso superior, enxergam apenas a possibilidade

do PROUNI, que é outro programa bastante importante, mas não pode ser a única opção considerada pelos estudantes.

Eu inicialmente não pensava em universidade pública. Eu sempre pensei em PROUNI, universidade privada, porque eu realmente pensava que não era algo que estaria ao meu alcance, eu achava que eu não conseguiria acesso a isso, não me via fazendo isso. E aí quando essa amiga traz essa ideia eu falo “cara, mas não dá pra mim”. (Ent 6)

Por exemplo, hoje eu estou em uma universidade privada trabalhando e, quando eu falo de residência, de universidade pública, os meus discentes falam “ah professora, sem chances, não tem como, isso é mais pra quem tem condições, é pra quem isso, pra quem aquilo”. Eles só mudam essa perspectiva, esse olhar, quando eu conto pra eles a minha história. Fora isso, a mente deles está totalmente voltada pra uma coisa de que não tem condições, que pra pobres só dá pra trabalhar e pagar a faculdade, entendeu: conseguir bolsa no PROUNI, conseguir qualquer outro tipo de bolsa, mas não existe a possibilidade de entrar em uma universidade pública. (Ent 6)

De primeira, eu me via como uma pessoa que não seria capaz de adentrar em uma universidade pública. Depois eu me vi como uma grande mulher, assim, em estar podendo estar naquele ambiente de uma educação privilegiada. Não que eu estivesse em um privilégio, eu estava no lugar onde eu tinha que estar mesmo, entendeu? Mas eu acho que é ter a chance de conseguir adentrar naquele espaço de educação, né, de ensino superior (...). Primeiro a gente se vê como uma pessoa que não é capaz, porque acho também que isso é um pouco do reflexo de como as pessoas lá fora te enxergam. (Ent 11)

9.2.8 Rede de apoio de pessoas próximas: sentir amparo de pessoas próximas para ingressar e sanar dificuldades relacionadas à vida acadêmica

Para além do amparo social, também foi muito citada a importância de uma rede próxima de apoio, como familiares, amigos e professores que ajudaram de alguma forma no processo, seja de forma prática, seja dando informações ou colaborando para a compreensão do direito de estar na universidade. Uma condição para este funcionamento básico é o estímulo à formação dessas redes, promovendo encontros entre estudantes e entre estudantes e professores que possam se fortalecer dentro do espaço acadêmico.

Isso ficou muito pesado para mim e aí ela me convidou para ficar com ela onde ela mora, lá em Olaria, e eu fiquei uma boa parte. Fora que ao longo da faculdade, se tivesse uma prova no dia seguinte ou um trabalho para apresentar,

essas amizades que eu fiz – muito boas por sinal, pessoas muito importantes, que me deram um grande apoio – me convidavam “ah, fica lá em casa, não precisa voltar pra casa hoje”. (Ent 1)

Acho que uma das coisas também que eu tive, que eu ainda tinha muito do ensino médio, era de que o professor era aquele ser perfeito, que estava em um patamar diferente e você não teria essa interação, sabe? E aí isso foi muito quebrado durante a graduação, de ter proximidade com os professores, de ter até mesmo uma certa amizade e perceber que até mesmo depois... de conversar, sabe, de pedir indicação, de ter esse contato, de mostrar mesmo esse mundo acadêmico. (Ent 3)

E eu tinha professores (no ensino médio) que tinham uma mentalidade... que faziam a gente tentar pensar um poucodiferente e eu tinha amigos que também tinham condições financeiras e realidades um pouco diferentes da minha. E esses amigos faziam um movimento de pensar em universidade pública (...). E aí quando essa amiga traz essa ideia eu falo “cara, mas não dá pra mim”. E quando ela fala do ingresso pelas cotas e tudo mais, que tinha uma amiga que tinha tentado, e ela fala que a gente precisa fazer e ela me ajuda em todo esse processo é que eu começo a enxergar a possibilidade. E aí eu opto por tentar, por me inscrever já que eu estou ali. E aí eu faço esse movimento. Mas, assim, eu acho que, se eu não tivesse alguém que tivesse esse domínio, essa sabedoria e tudo mais, eu não teria esse tipo de acesso de nenhuma forma porque eu não tinha esse contato, eu não sabia como funcionava. Eu não sabia como ver os documentos, selecionar os documentos, então foi um processo bem difícil, bem longo aí. (Ent 6)

Eu acho que foram superadas, porque eu tinha uma pessoa que teve essa vivência na faculdade. Ela entrou pro mesmo curso que eu, ela fez o mesmo curso que eu e tal e hoje em dia ela é enfermeira. Ela me contou muito sobre o curso e tal. Então, pra mim, assim, foi minha base essa pessoa. (Ent 7)

Antes de eu entrar na UERJ foram meus amigos que estudaram na UERJ. Então eu fui muito bem informada antes de chegar na faculdade. (Ent 10)

Também há relatos deste funcionamento sendo prejudicado, quando a rede de pessoas próximas não apoia o seu processo.

Mas, as pessoas mais próximas a mim, muitas vezes eu fui questionada se lá era o meu lugar mesmo, se eu deveria ocupar esse lugar... uma faculdade pública. Porque as pessoas ao meu redor, elas entendiam como um status... que eu estava cursando uma universidade pública por status e não porque eu ocupava aquele lugar mesmo. Vindo de uma família pobre e sem condições de pagar

uma faculdade particular. Então, eu fui muito questionada ao longo desses cinco anos. As pessoas meio que não aceitavam muito assim. (Ent 4)

Neste último fragmento há dois pontos importantes. O primeiro é a restrição do funcionamento por parte da professora, que não considera o caso da aluna em específico por não acreditar no que a turma falou ou por não entender que poderia oferecer algum tipo de apoio. Por outro lado, há o importante suporte da turma inteira, que era uma turma com muitos alunos que ingressaram por cotas.

Eu já vivi momentos que a minha turma, a minha turma era muito unida, né. Então a professora falou “gente, se chegarem atrasados, ou alguém sair da sala, ou iniciar a prova, quem tiver chegando não vai fazer”. E aí a turma falou “não, mas a gente tem uma colega chegando do plantão, ela está vindo do hospital e tal”. E aí a professora falou “então, de duas uma, ou vocês não começam a prova, ou ela perde a prova”. Aí a minha turma toda virou assim a prova e esperou eu chegar, né. E ninguém começou a prova. (Ent 6)

9.2.9 Amparo social: sentir que a sociedade compreende seu direito de estudar em uma faculdade pública

Além do apoio de uma rede próxima, também é importante o sentimento de ser amparado pela sociedade em geral. Se os alunos de ampla concorrência atravessam os anos de formação sem necessidade de se envolverem em embates no sentido de provar que merecem estar ali, os alunos oriundos das cotas precisam rotineiramente estabelecer esse tipo de discussão. Desse modo, condições para este funcionamento básico são o investimento em políticas que esclareçam a população sobre a importância das cotas tanto para os indivíduos quanto para a sociedade em geral, a abertura constante para espaços de diálogos dentro da universidade, publicação e valorização de trabalhos que apresentem com clareza a importância do sistema. Este é um funcionamento que se mostrou ampliado em raras situações.

Eu acho que a sociedade me vê como uma pessoa esforçada, dedicada, que quer, né, uma vida melhor, alcançar coisas melhores. Acho que é isso. (Ent 9)

Eu me vejo, acho que como uma pessoa que luta pelo seu futuro. Eu acho que a sociedade me vê da mesma forma que eu, talvez. Uma pessoa que olha pro futuro, que quer uma coisa pro futuro. (Ent 10)

Já com relação a sua restrição ou sua não ampliação, temos falas que ressaltam as pessoas que são contra o sistema de cotas, a ideia de que aquele que conseguiu “não fez mais do que a obrigação”, pouco compreendendo e valorizando o esforço dos alunos, o pensamento de que cota é roubar a vaga do outro, além da não aceitação e não naturalização da presença do corpo negro no espaço acadêmico. Através das falas, torna-se nítido que a sociedade, em sua maioria, não entende as dificuldades enfrentadas pelos alunos e não se movimenta por mudanças.

Em relação à sociedade, as pessoas não entendem muito bem, né. As pessoas às vezes falam tantas coisas. A gente para pra conversar com pessoas que são contra a cota, as próprias pessoas afrodescendentes, negras, que são contra a cota. (Ent 1)

Então, eu acho que a sociedade ainda tem uma visão muito deturpada do que é uma pessoa negra que entrou por cota estar dentro de uma faculdade e acha que você não estuda, né. (Ent 1)

Agora, a sociedade, não sei, acha que eu não fiz mais do que a minha obrigação, talvez. (Ent 2)

Pra sociedade, eu acho assim, ainda mais sendo uma faculdade pública, né, eu acho que o que eu vejo, o que eu vivi, o que eu senti é muito um misto de espanto com como você pode estar nesse espaço? Como você conseguiu? (Ent 3)

Eu acho que a sociedade por um lado vê da mesma forma como a comunidade vê, como eu citei antes, e por um outro lado, às vezes eu acho que a sociedade acha ruim, né. Algumas pessoas da sociedade trazem aquele conceito de que “ah não, porque foi cota, né, conseguiu por isso. Porque era uma nota menor de corte”, “eu nem concordo que tenha cotas pra negro, eu não acho que é isso, acho que diminui a ideia do quanto o negro estuda, não é por aí, a cota não deveria ser dessa forma”. Mas, ao mesmo tempo, eu vejo uma vertente também de justiça, de equidade, então eu acho que a sociedade na minha mente é algo muito amplo, né? Então a gente tem diversas pessoas e diversos pensamentos aí. As pessoas que pensam muito parecido com a gente, que buscam, que leem, que trazem uma vertente diferente para o que é a ideia das cotas. E as pessoas que nem leem e trazem os seus próprios julgamentos e, de repente, se a gente conversar, passam a pensar um pouco diferente, a refletir mais sobre isso... e

aquelas pessoas que não estão nem aí, e que acham que, na verdade, não era pra gente ingressar mesmo. (Ent 6)

E a sociedade... acho que eles veem como alguém que roubou a vaga do filho deles, o que é bem engraçado, né? (Ent 7)

Os próprios professores, que deveriam ser os primeiros a acreditarem que todos os alunos devem frequentar a universidade – afinal trabalham para isso – também são impregnados pelo preconceito e pela ideia de que alunos negros receberão apenas a educação básica, seguindo para o mercado de trabalho logo após.

A sociedade também te vê como uma pessoa que não é capaz de estar ali dentro. Inclusive professores que já me deram aula no ensino fundamental, quando me viram dentro da universidade não acreditaram muito. Eu acho que é essa a visão, né. (Ent 11)

9.2.10 Informação: ter acesso facilmente a informações sobre projetos, bolsas e tudo o que a universidade tem a oferecer à sua formação para além do que é ensinado nas aulas

Como dito anteriormente, muitos alunos chegam à universidade sem saber o que os espera, principalmente no caso daqueles que são os primeiros da família e do grupo social mais próximo a frequentarem o ensino superior público. Uma aluna relatou que chegou a universidade sem saber que teria direito à bolsa, outra, que só descobriu que tinha direito ao auxílio de material didático no meio do curso. Cabe à instituição promover este canal de informações para que o aluno possa ter acesso aos seus direitos. Condições para este funcionamento básico são a promoção de uma rede de diálogo contínuo entre alunos e universidade para que as informações cheguem facilmente e com clareza, levando em consideração as especificidades de cada um; utilização de redes sociais, mas com a compreensão de que nem todos têm acesso a este meio; criação de grupo representante dos cotistas que possa levar constantemente informações para a turma.

Muitos alunos sentem-se bem informados pela própria instituição. Alguns alunos relataram ter tido acesso às informações antes mesmo do ingresso.

Sim, a estrutura é muito boa. Antes mesmo de ter entrado para a faculdade eu já consegui acesso fácil às informações, tanto pelo edital, que é bem explicativo, quanto pelas redes sociais. Os administrativos dessa parte são bempresentes... na rede social... e respondem. São bem ativos com as nossas dúvidas. (Ent 2)

Na época eu seguia a página do PROINICIAR, né, que é um dos departamentos da UERJ responsáveis pela divulgação de bolsas, pagamento de bolsas e cotas, e a gente tinha toda a atualização pelo Facebook, através das redes sociais mesmo... do Facebook ou do estado mesmo. (Ent 4)

Eu procurei saber quais eram as ações afirmativas que a UERJ tinha para poder saber, se eu ingressasse, se eu ia poder me manter no curso. No portal do aluno tem um ícone para você clicar em manual do aluno. Nesse manual do aluno vem escrito tudo sobre isso. Eu que pesquisei antes mesmo de entrar, né, quando fui prestar o vestibular. (Ent 5)

Das bolsas eu soube pela própria UERJ. Eu me sentia bem informada com relação a isso, assim. Eu recebia as informações, recebia por email e aí eu conseguia. A minha turma, acho que por ser bem cheia de cotistas, a galera se informava. Quando um não sabia, o outro sabia. Todo mundo ia fazendo esse movimento de se ajudar. Mas eu recebia, sim, as informações pela própria UERJ. E depois, por eu estar no Centro Acadêmico e dentro do Centro Acadêmico ter esse papel também de estimular, de orientar, de tentar trazer informações para os discentes como um todo, eu acabava sabendo mais ainda das coisas. Então eu me sentia bem informada. (Ent 6)

A UERJ acho que informa. Acho que tem uma cartilha, né, um informativo sobre as questões assim. Mas também, na dúvida, a gente procura informação e eles dão. Acho acessível. (Ent 11)

Eu me considero, assim, no geral, bem informada. Sigo bastante a rede social da instituição mesmo. A gente também tem contato, né, com professores que estão sempre falando, professores que têm mais disponibilidade em estar conversando em relação a isso. Então eu me considero sim. Me considero informada. (Ent 13)

Por outro lado, mostrando formas de restrição deste funcionamento básico, alguns estudantes afirmaram que ficavam sabendo as informações por outros alunos, que faltou informação sobre auxílios, que seria necessário haver uma repercussão melhor sobre esses direitos. Uma estudante cita a possibilidade de haver representantes dos alunos cotistas e reuniões para que estes assuntos

sejam tratados com frequência ao longo do curso e não apenas no início, quando muitos relataram ser bem informativo.

Precisa de melhoria. Eu ficava sabendo entre os colegas mesmo. As notícias iam de pessoa para pessoa. Você falou sobre instrumento que usavam para poder informar essa assistência... eu até hoje não sei. Se você me perguntar, eu sei que tem o setor que é responsável e que de vez em quando entrava em contato, mas divulgações, encontros, essas coisas assim a gente ficava sabendo um pelo outro. (Ent 1)

Assim, a gente sabe que existem alguns auxílios e aí, por exemplo, eu fiquei sabendo acho que no quinto período – mesmo eu sendo do CA – que tinha um... que a gente recebia como se fosse um kit por ser cotista. Um kit que achoque tinha... eu não sei se era livro... era alguma coisa assim relacionada ao estudo. Então, eu recebia assim, sei lá, um livro ou... eu lembro que eu até recebi o “estetó”, um livro sobre fundamentos de Enfermagem e tal. E eu só fui descobrir isso no quinto período. Pelo que eu entendi, você recebia isso quando entrava na faculdade e eles contavam quantos alunos cotistas tinha e tal. Mas, assim, eu acho que de auxílio mesmo que eu sabia era só isso. E aí questão de projeto, de bolsa que eu corria atrás pra poder complementar renda, essas coisas, mas, assim, de outros auxílios que tiveram ou benefícios eu não sei, não sabia. (Ent 3)

Então, eu acho que a UERJ chega a informar, mas, como ela informa em algumas redes sociais, é uma coisa que não chega pra todos os alunos. Eu tenho acesso, mas nem todos têm. Então, eu acho que é uma coisa que deveria ter uma repercussão um pouco maior. Tanto quanto a bolsas, quanto a auxílios, assim, eu acho que tinha que ter uma repercussão maior. (Ent 7)

Mas eu acho que às vezes até ter um representante, sabe, que seja um representante dos cotistas, alguma coisa desse sentido, pra ter essas informações, informações sobre auxílio, informação sobre o que pode ser feito, o que não pode ser feito, o que está disponível, o que não está. Ter alguma coisa no sentido, até mesmo, sabe, de organização, de ter reuniões frequentes, meio que uma organização mesmo desses alunos. Porque às vezes o que a gente não tem é informação sobre as possibilidades, até mesmo de quando sofre algum tipo de violência nesse sentido, né, nesse sentido de que não é tão inteligente ou que você é cotista, você não deveria estar aqui, sabe? Saber o que a gente pode fazer com essas informações ou até mesmo, acho que ter alguma orientação com relação a isso. Aí eu acho que ter uma organização desses alunos seria muito importante. Faria diferença pra mim durante a minha graduação. (Ent 3)

No início da faculdade foi bem informativo, né, eles se reuniram com todos, independente de curso, pra informar os direitos, aqueles benefícios. Durante a faculdade eu recebi, por exemplo, alguns livros. Eu gostava um pouco dessa comunicação, porque ela acontecia via diretoria e a gente tinha uma relação

com os diretores da faculdade de Enfermagem muito boa. Porém, eu faço essa crítica pra... eu gostaria que eu recebesse, por exemplo, por e-mail. Porque algumas faculdades que os alunos não tenham uma boa relação com a diretoria, né, com os diretores da faculdade, com os coordenadores de graduação, isso talvez ficasse truncado. Como eu também era líder de movimento estudantil, líder do Centro Acadêmico, as informações chegavam mais fácil, mas eu não sei se isso funciona na UERJ como um todo. Na faculdade de Enfermagem acontecia. (Ent 8)

Em alguns momentos a gente tinha que buscar informação mesmo, elas não chegavam até a gente, mas quando a gente buscava, a gente encontrava. (Ent 8)

9.2.11 Representatividade e apoio: sentir-se representado e apoiado pelos professores e pelas atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Este funcionamento se desdobra em duas situações. Primeiro na representatividade, ou seja, na presença de professores negros e indígenas que façam com que esses alunos tenham uma relação de identificação com seu educador. Por outro lado, também traz a ideia do apoio dos professores brancos que tenham ampla compreensão da realidade do aluno oriundo das cotas e realize seu trabalho considerando essas questões. Como condições para este funcionamento básico temos o estímulo à formação de enfermeiras em cursos de mestrado, doutorado e a inscrição em concursos para seguir carreira acadêmica; estímulo, durante a formação na graduação, para mostrar a carreira acadêmica como possibilidade; a valorização do lado crítico e filosófico da carreira, fazer com que esses profissionais se vejam como formadores de opinião ampliando a visão de trabalho instrumental da Enfermagem para estimular a formação de professores negros e indígenas na área. Além disso, é importante promover este diálogo também entre professores, ampliar a compreensão dos docentes a respeito das várias camadas sociais que preenchem a universidade hoje. Ampliar diálogos nas aulas, fazer com que pautas sociais atravessem o currículo, as matérias, trazer autores para além do cânone e estimular, valorizar e dar visibilidade a projetos que tratem raça e classe.

Este funcionamento apresentou poucas situações em que aparece sendo ampliado.

O corpo de professores... docente... o corpo docente abraça muito você. Na UERJ, tá? Eles entendem bem a demanda daquele aluno. Eu falo corpo, mas claro que há uma parcela de professores que não são assim. Mas na grande maioria eu vi... nesses poucos professores que eu já passei... eles entendem

bastante, são bem compreensivos e sempre te incentivam a ser melhor. Eu acho que essa é toda a questão. (Ent 5)

Na maior parte da vezes em que surgiu, foi em situação de restrição. Ainda que alguns alunos exponham que sentem-se representados pela potência dos professores negros que tiveram, todos relataram sentir falta de representatividade, não havendo professores indígenas e havendo poucos negros.

Conto, assim, nos dedos o número de professores negros que a faculdade de Enfermagem da UERJ tem. Na época da minha graduação, eu fui conhecer a minha primeira professora negra no quinto período. Foi a professora que mais chegou próximo da gente e conto, assim, nos dedos. Talvez, na minha graduação toda... quatro. Consigo me lembrar de quatro professores. Quatro professores negros. Indígenas não me lembro. (Ent 1)

Bastante falta (de representatividade). Eu tive duas professoras negras somente. (Ent 2)

Para o meu curso, com certeza ter mais professores negros. As duas que eu tive eram bem ativas em relação a esses assuntos mesmo, raciais, elas eram bem ativas, mas por terem passado pouco tempo com a gente, acaba que os maiores exemplos que a gente teve na turma, que falavam sobre diferenças nas populações ou injustiças sociais ou injustiças financeiras acabava sendo de outras pessoas brancas, de classe média. Então, você escutava, mas você não via a representatividade. Então, eu acho que tinha que ter realmente mais professores negros. (Ent 2)

Acho que de professor negro a gente tinha duas, no máximo. A maioria era professor branco mesmo. E não, assim, eu por ser mulher, né, a gente acaba olhando para as mulheres também. Mas, na questão racial era praticamente zero assim. Não tinha muitos professores negros. (Ent 4)

Sim, já tive (professores negros). Não tive indígenas, que se autodeclarassem indígenas. E foram dois negros. Eu sinto falta de pessoas negras, bastante. Quanto mais você vai indo para a parte do município que não tem pobreza você vê menos pessoas negras na universidade não é diferente. (Ent 5)

Eu tive professores negros sim, mas não foram muitos. Eu me sentia representada porque as professoras negras que eu tive, né... eu me lembro muito de uma, é... lembro de outras assim. De mulheres... primeiro de mulheres, assim. Como era uma faculdade de Enfermagem, tinha muita questão de professoras mulheres, mas negros eu lembro muito dessa e eu lembro de outra também... não sei se ela se considera negra, mas ela tem traços,

né... E eu não estou conseguindo lembrar de mais ninguém, assim. Indígena eu não lembro, acho que não. Mas, assim, as professoras negras que eu tive elas tinham um grande potencial e elas tinham um respeito muito grande. Eram pessoas que para mim, representavam muito bem. Mas eu acho que deveria ter muito mais, assim. Por exemplo, eu só estou falando aqui pra você de duas, eu só estou lembrando de duas. (Ent 6)

Sempre senti falta de representatividade. Alguns professores... a gente tem alguns poucos professores – uns dois, três – negros, nenhum negro retinto, que fiquei claro. A gente não tem, não tinha, no meu processo de formação, minto, eu passei por uma professora negra retinta. Os outros eram negros não retintos, mas assim dois, três. Então, assim, não tinha muita representatividade. (Ent 8)

Eu não tinha muitos professores negros não. Indígena nenhum. Negros eu lembro de uma... deixa eu lembrar de mais alguém. A que eu mais recordo bem é ela. Ah, tem a professora também dematerno infantil. Deixa eu lembrar mais. Por ora é o que eu lembro. (Ent 11)

No fragmento abaixo, percebemos que a aluna se surpreende ao perceber que teve poucos professores negros. Tal fato mostra o processo de naturalização de ter uma maioria de professores brancos.

Eu tive professores negros, mas eu tive mais brancos. Nossa... pensando aqui, no meu primeiro período eu tive... é, não foi muito não. Acho que eu tive uma só professora negra. Não, eu tive ela e outra que está no meu segundo também. Eu não sinto falta de representatividade não. Me sinto representada por eles sim. Os outros, eles também... os brancos, eles respeitam essa questão. Acho que eles entendem (...) eu me choquei agora, né. Eu fiquei refletindo. Eu tenho poucos professores negros. Mas mesmo assim eu acho que eu me sinto representada por eles. Mas acho que poderia ser mais representada por outros professores negros. (Ent 10)

Para além da percepção da importância deste funcionamento básico para esses alunos, aqui também surge outra reflexão. Mesmo dentro de uma profissão que tem maioria de profissionais negros (contando técnicos e enfermeiros) poucos entre estes seguem carreira acadêmica para chegar a ser professores.

Então, professoras negras eu tive duas só. Sinceramente eu não me sinto representada, porque as pessoas falam “Ah, a maioria dos profissionais de Enfermagem... a maioria é de pardos e pretos”. Como eu estou dentro de uma universidade e vejo duas professoras só? Eu estou no sétimo período. Se eu parar pra pensar, acho que no máximo umas três. Mas mesmo assim. Estou no sétimo período e até agora só três. Eu acho pouco pela quantidade de profissionais de Enfermagem, que a maioria é preto e pardo. (Ent 9)

Sobre o apoio de professores, negros ou brancos, a partir de uma compreensão ampla da realidade de todos os alunos, alguns relatos mostram que há prejuízo deste funcionamento por parte de docentes que não concordam com as cotas, que mantêm aulas e provas durante a greve mesmo havendo alunos que não têm como arcar com as passagens – já que os auxílios podem cessar durante este período mostrando falta de articulação entre os professores e a instituição para manter a frequência desses alunos –, além de situações de embate durante ocupação da universidade.

O professor, né, durante a aula falando sobre isso, que não precisa de cota, que se o ensino fosse nivelado todo mundo conseguiria ingressar. (...) Então assim, esse professor era até um professor um tanto complicado, porque ele era muito problemático, se é que “problemático” é a palavra como eu posso definir ele. E, assim, por ele ser um professor mais idoso, as pessoas associavam isso à opinião dele e eu acho que assim, realmente que foi uma coisa mais escancarada, dele ter mais liberdade pra poder falar nesse sentido, acho que sóele. (Ent 3)

Teve situações, principalmente nessa época de corte de verbas... situações em que eu fiquei praticamente... praticamente não... eu fiquei meses sem receber... alguns professores não queriam parar. Não queriam respeitar a greve estudantil e queriam aplicar provas normalmente e eu não tinha dinheiro para chegar na faculdade. (Ent 4)

Então, o meu relacionamento com os alunos e com os professores era tranquilo, mas teve uma professora que uma vez fez uma piada bem racista no meio da aula. Mas foi uma coisa que a gente conseguiu levar pro CA do curso e agente conseguiu resolver. (Ent 7)

Então (no movimento de ocupação da UERJ) a gente sentou com o Centro Acadêmico de Odontologia e falou “ou a gente vai ser ocupado por um cara lá da Engenharia, sei lá, da Arte, ou vamos ser nós mesmos”. E aí a gente sentou com os professores da casa e falamos “olha, essa decisão está posta, está decidida”. Nós não somos o inimigo, né, no sentido de... pelo contrário, nós estamos juntos. E aí a gente ficou com a missão de embarreirar as pessoas de entrarem na unidade, né. Eu lembro de um professor que empurrou um aluno, né. Um aluno da própria universidade. Isso ficou muito marcado e é

muito dolorido. Mas, de um modo geral, só trazendo movimentos estudantis, assim, não trazendo a visão da cota. (Ent 12)

Nos fragmentos abaixo, ainda que se trate de situações de restrição deste funcionamento, cabe ressaltar que os alunos fazem uma diferença entre a postura da faculdade de Enfermagem quando comparada ao Centro Biomédico. Segundo os entrevistados, a Enfermagem acolhe mais o universitário.

Em resumo, a coisa que mais me impregnou, assim, era um aluno que era um aluno mais velho, assim, e eu era do Centro Acadêmico, muito jovem ainda, no segundo período, e esse estudante, que era... não sei se ele era congolês... não vou lembrar a cidade natal dele, mas a língua mãe era francês. Esse aluno, em embriologia, ficou reprovando várias vezes, assim. Ele era negro e também tinha essa questão da língua mãe, né. Então assim. Esse aluno era reprovado não pelo contexto teórico que ele apresentava, mas por possíveis erros de português que ele apresentava, fragilidades com a língua. E ele lá no país dele tinha recebido essa bolsa pra estudar na UERJ e ele tinha um período de retorno pro país. Ele ficou muito desestabilizado de perder esse tempo todopora causa de uma disciplina. Uma pessoa que não tinha reprovado nunca. Nunca tinha ido nem pra prova final... chegar no final assim... E eu lembro que a faculdade de Enfermagem foi muito sensível de deixar esse aluno fazer o internato mesmo sem cumprir essa disciplina... assim, porque o certo é você terminar todas as disciplinas e ir pro internato, e eu lembro da sensibilidade que a Enfermagem teve. A gente foi pra esses diálogos com o Centro Acadêmico, de deixá-lo ir, de deixar o aluno cumprir esse internato e ir fazendo essa disciplina. Ele termina o internato e termina essa disciplina. E os diálogos dolorosíssimos que a gente precisou... que eu tenho certeza que a coordenação, na época, precisou ter com o Centro Biomédico, porque era isso... isso ficou muito em mim. Porque era um aluno que a gente reconhecia... nossa, além de ele ser uma pessoa preta – e eu não lembro se ele era cotista – ele era uma pessoa em situação de vulnerabilidade, né, porque ele estava em um país que não era o dele, não falava a língua dele. Eu lembro da universidade acolher muito bem, mas, em contrapartida, ter que brigar com outros amigos doutores, né, pra defender. (Ent12)

Pensando em cota, eu lembro que a Enfermagem acolhia a gente bem, assim. Alguns professores mais antigos falavam da discrepância ou da diferenciação teórica que isso poderia ter causado pela universidade, mas em contrapartida eles não operacionalizavam, assim, em números o quanto isso foi ruim ou não. Eu me lembro mais do Centro Biomédico, assim, das disciplinas ministradas pelo Centro Biomédico. Tinha professores que eram menos tolerantes com os cotistas. Eu nunca fui discriminada ou diferenciada, assim, com a verbalização total. Em alguns momentos tinha alguns professores que... teve um professor, acho que era Embriologia, quando a gente via no final do período, todos os alunos estavam... na turma 20 ou 30% estavam em recuperação e, quando a gente via, majoritariamente eles eram cotistas e cotistas desde colégio público ou raça/cor. E aí a gente conseguiu perceber o quanto não era uma discriminação racial, mas era uma discriminação de classe, né. Um recorte de classe importante que aquelas pessoas viveram, né. E o

recorte de classe interferia no processo educacional do indivíduo, não tem como. (Ent 12)

Diferente do Centro Biomédico, que eu reconhecia que os professores não gostavam muito e, às vezes, verbalizavam “ah, o nosso padrão universitário diminuiu desde que as cotas entraram”. Mas isso foi diminuindo ao longo do tempo. (Ent 12)

Por último, com relação ao ensino, pesquisa e extensão, há a percepção de restrição do funcionamento básico quando os alunos dizem sentir falta ter diálogos sobre cotas e questões raciais/sociais inseridas nas disciplinas, principalmente se tratando de um curso de saúde que lida diretamente como público.

Eu acho que falta a gente falar mais, sem tabu, sobre cotas na universidade. Ainda mais a UERJ sendo a faculdade que é. Eu acho que falta você abordar mais isso, talvez em matérias que a gente tem como Ética e Bioética. Abordar essa questão de mostrar que a questão das cotas não significa que você passou com uma nota menor, que você está tirando a vaga de alguém, mas sim toda essa questão estrutural da Educação no Brasil. Desmistificar. Isso ajuda a diminuir o preconceito também. (Ent 4)

Eu acho que (deveriam) conversar mais sobre essas questões mesmo, raciais. Sobre preconceito, até mesmo por ser uma faculdade de saúde, né, de atendimento ao público. Eu acho que é você discutir sobre essas questões de... tipo, da saúde da população negra, por exemplo, que até foi tema do meu TCC. (Ent 11)

9.2.12 Representatividade: tornar-se exemplo, profissional que representa, que devolve o que construiu para a sociedade

Aqui falamos sobre o fortalecimento do imaginário de que, ao passar no vestibular, se formar e se inserir no mercado de trabalho, você mostra aos outros – aos seus pares – que eles também podem fazê-lo. Condição para este funcionamento é a promoção de encontros entre alunos e ex-alunos para que haja essa troca, além da publicação e divulgação de trabalhos sobre o tema. Este é o único funcionamento que só se apresenta ampliado, mostrando que todos os alunos entrevistados sentem orgulho de suas conquistas e tornaram-se exemplo para outras pessoas, próximas ou não. É notório que o sucesso de um indivíduo dentro de um grupo

se expande e transforma-se uma conquista de todo o conjunto de sujeitos. Destaca-se a última fala, em que a aluna se tornou professora e mostra aos seus alunos que a universidade pública é um caminho possível.

É uma conquista, tanto pessoal – para mim – quanto também para a minha comunidade, e quando eu digo minha comunidade eu digo Caxias, digo as pessoas ao meu redor, meus familiares, né. (Ent 3)

Esse tipo de coisa que eu vi em muitas pessoas, que não tiveram... que não eram da questão cotista, né, que não eram cotistas e que tiveram meio que essa introdução, sabe, à faculdade. E aí eu acho que também é porque as pessoas que me rodeavam, que eu tinha contato nunca tinham ido pra faculdade e, assim, isso pesou também muito pra mim. E aí qualquer pessoa que eu tenho contato, quando fala “ah, porque eu queria fazer faculdade e tal” eu falo “viva a experiência da faculdade, o que você puder participar, os eventos que você puder, as experiências que você puder desfrutar dentro da universidade, vá, participe, vá nos eventos tanto de atlética, quanto eventos científicos. E faça amizades também nesse processo, que a faculdade não é só estudar loucamente, não é só livro, livro, livro, também é importante você fazer esse tipo de amizade”. E eu acho que às vezes é importante você ter uma pessoa que te diga isso, que te ajude, né, nesse caminho, que oriente. (Ent 3)

Então, eu acho que as pessoas me veem como uma pessoa privilegiada, uma pessoa também como exemplo, assim, eu sempre vejo a minha comunidade, né, o meu espaço de grupo social me trazendo muito exemplo de que dá pra conseguir, de que a gente consegue sim e que isso é uma vitória, uma conquista para muitos. (Ent 6)

Eu acho que eu me vejo realmente como alguém que conseguiu... uma conquista que é importante pro nosso país, que é importante pro negro e que realmente está conseguindo tentar ser exemplo e motivar outras pessoas. (Ent 6)

Hoje eu estou em uma universidade privada trabalhando e, quando eu falo de residência, de universidade pública, os meus discentes falam “ah professora, sem chances, não tem como, isso é mais pra quem tem condições, é pra quem isso, pra quem aquilo”. Eles só mudam essa perspectiva, esse olhar, quando eu conto pra eles a minha história. (Ent 6)

Outro desdobramento deste funcionamento é a representatividade também durante a atuação como Enfermeiros, fazendo com que pacientes se sintam representados pelo profissional que os atende tendo mais sensibilidade e conhecimento para lidar com as queixas

de pessoas que vivem uma realidade já conhecida ou, pelo menos, não tão distante da sua. Trata-se aqui de uma das situações de retorno das cotas para a sociedade como um todo.

Eu ter discutido raça/cor lá quando eu entrei na UERJ faz diferença até hoje na minha prática como enfermeira. Faz diferença de como eu me relaciono com o território, né, volto pra ser enfermeira na saúde da família, trabalhando dentro da comunidade, dentro do território de pessoas em situação de vulnerabilidade, cuidado do povo preto, né. Tem fotos minhas no território que... as velhinhas estão me olhando assim, tipo... porque é isso, eu tenho que chegar lá e cuidar delas. Conheci amigas médicas pretas que também têm uma vivência muito similar e conheci dentistas pretas que também têm vivências muito similares. (...) Então, eu acho que a cota só foi o start de tudo que eu pude mudar na minha vida e que eu posso contribuir pra vida do outro, que é o mais fantástico de tudo. É quando eu consigo fazer a retribuição pro SUS, a retribuição pro povo, a retribuição do conceito científico que a UERJ me deu a partir da entrada por cotas, não tenho dúvidas. Foi um divisor de águas. (Ent 12)

Eu acho que não é só estudar em uma universidade pública de qualidade, é o que você consegue transpor, né, pro mundo, pra sociedade, pros que estão perto, pra clientela que você vai trabalhar, que você vai atender. É muito do que você também desenvolve de habilidade, muito do que você passa de confiança, né, não é só estudar em uma universidade pública, são muitas coisas além disso. (Ent 13)

9.2.13 Reconhecimento de pares: diversidade, sentir-se entre iguais, capacidade de se reconhecer no outro, nos corredores, salas de aula, coletivos de estudantes. Capacidade de ampliar sua visão de si mesmo ao se reconhecer enquanto grupo.

Um dos funcionamentos que mais aparecerem dentro do “pertencer” foi o reconhecimento de pares. Condições para ele são a garantia da reserva de vagas, o estímulo à inscrição dos estudantes, como trazido também em funcionamentos anteriores, políticas que tenham a intenção de desmistificar o imaginário negativo das cotas fazendo com que cada vez mais pessoas se inscrevam no programa, promoção da visibilidade de projetos que tragam

negros e indígenas também para falarem de outras pautas que não raça/cor dentro da universidade e, como ponto principal, a visibilidade e valorização dos coletivos além do estímulo para a participação dos alunos. Na maior parte das vezes este funcionamento aparece ampliado, sendo apresentado como fundamental para o desenvolvimento, expansão e fortalecimento dos estudantes, trazendo empoderamento, levando a discussões que se refletem na formação pessoal e profissional. Como forma de restrição, a integralidade do curso associada ao tempo de trajeto casa x universidade faz com que não haja tempo para a participação nos coletivos.

(A participação em coletivos) me afetou, porque quando você fala sobre o que você vive e sobre quem você é, isso ajuda a fortalecer os seus pensamentos. A criar em você raízes e argumentos para você conversar. Ajuda você a se encontrar, a entender a sua origem, entender de onde você vem, qual é o seu objetivo na vida, o que você quer. Foi muito bom, foi uma experiência muito boa. (Ent 1)

Eu fiz parte do Centro Acadêmico de Enfermagem. Eu conheci também o coletivo de estudantes negros de Medicina, tinha outros coletivos também lá da... que a gente chamava de UERJ grande, né, de outros cursos. Isso afetou de forma positiva. (Ent 11)

Então, eu só fui participar realmente de coletivo mais pro final, eu cheguei a participar... não foi nem coletivo, né, eu participava do Centro Acadêmico, né, se é possível entender como coletivo, pela estrutura. Aí eu participei basicamente todos os períodos da faculdade. E aí, coletivo no sentido coletivo mesmo de graduação, de se reunir e tal, alunos, né... foi mais pro final da faculdade, que foi o coletivo acho que de mulheres negras mesmo, mas aconteceu até por uma conversa nossa durante uma das aulas. E aí esse coletivo foi criado mesmo pelas alunas, a intenção surgiu pelas alunas e aí até uma professora se juntou com a gente, mas foi bem pro finalzinho da graduação, foi acho que pro oitavo ou nono período... acho que no oitavo período, na verdade. Pra mim foi meio que um boom, assim, no sentido de perceber que realmente o que a gente fala, o que a gente discute, sabe, consegue sair daquela discussão e se tornar real e ver a importância também de participar, de falar sobre as nossas experiências, de como aquelas experiências impactavam a nossa vida e de como isso também impactava na nossa formação como profissional. Então assim, foram momentos que enriqueceram muito a forma como eu via a minha profissão, como eu me via como mulher preta, como a sociedade me afeta e como eu afeto a sociedade nesse sentido. Então assim, foi muito importante mesmo. (Ent 3)

Acho que o sistema de cotas me fez ter contato com o que é uma mulher preta, porque quando as pessoas descobriam que eu tinha entrado por cota, elas ficavam... eu tive que me fortalecer pra me empoderar perante essas pessoas. Se eu não tivesse ido pra universidade, eu nunca que ia fazer esse discurso, eu

não ia nem pensar nisso. O sistema de cotas estimulou e fortaleceu o meu empoderamento, porque se eu tivesse entrado pela ampla concorrência eu ia discutir só Enfermagem. Como eu entrei por cotas eu tive que discutir Enfermagem e raça e classe e me envolver com os outros cursos, né. Então eu lembro que, na Biologia, eu era amiga de quem era da cota da Biologia... e por aí foi. Então eu acho que, hoje, o sistema de cotas mudou a minha vida, eu não tenho dúvidas. (Ent 12)

Este funcionamento básico aparece prejudicado quando os relatos mostram que as turmas eram compostas por maioria de alunos brancos – ponto a ser mais considerado neste estudo –, maioria do sexo feminino e heterossexuais.

A turma era majoritariamente branca. De cotas, existiam pessoas negras, mas era minoria dentro da turma. Algumas pessoas eram cotistas por escola pública, né. Mas a gente era literalmente minoria. Em outras questões, outros aspectos, era majoritariamente de mulheres e brancos. (Ent 4)

Eu fui surpreendida. Fui surpreendida por mim mesma. Porque, quando você passa: “ah passei para a UERJ, que bacana, que legal”. Ai você vai para o primeiro dia de aula, você fica cheia de medo, porque em uma sala com trinta pessoas, eu e mais duas... mais três negras. (Ent 1)

Minha turma é muito grande, né. É 2017.2 e 2018.1. Então, pela quantidade de pessoas na minha turma... de quarenta e oito alunos, deve ter cinco negros. Dois homossexuais. Não acho que minha turma seja muito diversa. Com certeza mais gente do sexo feminino. (Ent 9)

Situação que apresenta este funcionamento sendo ampliado é a informação de que há turmas que possuem uma maioria de alunos cotistas e que, mesmo naquelas em que a maior parte dos estudantes é branca, muitos desses alunos ingressaram por outro tipo de cota que não a racial. No último fragmento, destaca-se que em um dos encontros de estudantes, a aluna percebeu que muitas meninas brancas de sua sala tinham ingressado por cota de escola pública/hipossuficiência financeira, o que promoveu imediata identificação e sentimento de paridade.

Então, a minha turma era muito composta realmente por alunos cotistas, então a gente tinha um número grande de alunos negros. Eu acho que era uma das turmas que era mais composta por alunos negros, negros incluindo pretos e

pardos, né? E independente da questão deles terem entrado com cotas raciais. Tinha alguns que tinham entrado como estudantes de escola pública. Não me recordo se tinha... acho que não tinha nenhum discente que tinha entrado como indígena e também tinha pessoas brancas. Tínhamos mais discentes do sexo feminino, se não me engano só tínhamos três meninos na turma, né, no final... a gente entrou com quatro, quatro não, a gente começou a turma com cinco e no final a gente passou a ter só três, e eles... tinha pessoas que eram hétero, que eram homo, era bem diversificado com relação a isso. (Ent 6)

A minha realidade era de... a gente tinha um grupo muito conciso da turma, porque eram muitos alunos que ingressaram por esse sistema. (Ent 8)

Eram muitas mulheres, por ser Enfermagem. Em relação às outras universidades, a gente tinha mais mulheres pretas, mas não era 50, 50%, por exemplo. Na minha turma teve mais mulheres brancas do que mulheres pretas. Mas, depois que eu fui entendendo, eu percebi que aquelas mulheres brancas também eram cotistas. Então, o que me traz um afago no coração era que eu conseguia perceber a minha turma, 50% cotista, 50% não. Independente se a cota era raça/cor ou hipossuficiência financeira e colégio público. E isso já é uma diferença, né, se a gente for considerar o aspecto classe, assim, como um impacto muito positivo. Eu lembro da minha turma ter majoritariamente um grupo feminino, majoritariamente esse grupo feminino era de mulheres brancas, mas essas mulheres brancas também tinham cotas de hipossuficiência, entendeu? E já é um avanço (...) Fui pra essa reunião dos cotistas e foi lá que eu vi que essas meninas brancas também eram cotistas por conta da hipossuficiência, e aí você acaba se aproximando dessa rede. (Ent 12)

No fragmento abaixo, a entrevistada informa que, ao perder uma matéria no curso, o aluno fica impossibilitado de fazer a mesma disciplina no próximo semestre, o que faz com que ele perca sua turma. Como estamos falando de reconhecimento de pares, conexão entre pessoas e criação de uma rede de apoio, afastar-se da própria turma, onde estão as pessoas com as quais possivelmente já houve um processo de identificação, torna-se um fator de restrição deste funcionamento.

A gente na graduação de Enfermagem, eu acredito que não seja assim nos outros cursos, a gente não tem a opção de, por exemplo, se reprovou uma matéria, de puxar no próximo período. Eles não permitem. Então, teoricamente, se você reprova em uma disciplina, você perde a sua turma. Eu acho que isso é muito cruel, sabe, porque é muito difícil você passar nove períodos e não reprovar em nenhuma disciplina. Eu, por exemplo, reprovei ao longo da graduação em uma disciplina e consegui não perder minha turma, né, através de correr muito atrás de um, de outro, de professor, do próprio pessoal da secretaria da graduação mesmo. E eu acho que, assim, é muito injusto com os alunos. (Ent 13)

9.3 FUNCIONAMENTOS BÁSICOS QUE SOBRESSAEM DE MODO ESPECÍFICO NOS ESTUDANTES DO CURSO DE ENFERMAGEM DA UERJ

9.3.1 Condição financeira: trabalho, bolsas, auxílios, capacidade de sustentar materialmente sua vida acadêmica e pessoal

Ingressando no “permanecer”, é importante ressaltar aqui que a UERJ relaciona renda e renda na inscrição por meio das cotas raciais. Sendo assim, há uma renda limite para que o vestibulando tenha direito a entrar na faculdade por meio dessa modalidade. Esse é um dos motivos que torna essencial falar de questões financeiras, de bolsas e de auxílios que viabilizem a permanência até a formatura. As bolsas da instituição foram muito elogiadas, mas há aqui também a questão de que depender exclusivamente das bolsas – para pontos fundamentais como passagem e alimentação – gera uma instabilidade financeira, principalmente em períodos de corte de verbas. Sendo assim, a forma mais eficiente de garantia desse funcionamento seria a associaçãodas bolsas e dos auxílios com um horário mais flexível que permitisse estágios ou trabalhos demeio período, valor da bolsa de acordo com o custo de vida local, um auxílio que considere a realidade de cada aluno, além de uma reavaliação sobre o fato de os valores das bolsas serem iguais para cursos integrais e cursos não integrais. Por mais que as políticas sejam direcionadas a um grupo específico, não há como ignorar o fato de haver várias camadas de realidades distintas e individuais dentro de cada um desses grupos. Há, entre os alunos cotistas, por exemplo, aqueles que vivem com os pais e aqueles que vivem sozinhos, aqueles que moram perto da faculdade e os que moram a até 4 horas de distância. Essas diferenças não podem ser igualadas havendo umúnico tipo de apoio que nivele todas essas questões.

Importante destacar que foi percebido nas entrevistas que a UERJ vem se esforçando para ampliar as formas de auxílio. Alunos mais antigos relataram receber R\$ 400,00 de bolsa permanência, que não podia ser associada à bolsa de projeto de extensão. Já os alunos que estão estudando esse ano recebem R\$ 550,00 e podem associar bolsas de extensão, Iniciação Científica e internato (ao final do curso). Para exemplificar formas de realização, destacam-se os comentários que apresentam as bolsas como viabilizadoras do processo de formação.

Uma das coisas excelentes da UERJ é que ela mantém a bolsa do início ao fim da sua graduação. Essa bolsa de auxílio permanência. (Ent 5)

Eu acho que sem o sistema de cotas eu não conseguiria me manter na faculdade, porque eu gasto, em média, uns R\$200,00 por mês só de passagem. Então, assim, é bem complicado. Eu acho maravilhoso, maravilhoso mesmo, que eles liberaram esses auxílios, auxílio creche, auxílio alimentação, eu achei incrível. E, assim, todos os alunos cotistas, pelo que eu percebi, não precisavam fazer inscrição para receber. Eu achei sensacional. Eu acho que a faculdade tem trabalhado bastante pra conseguir sanar essa necessidade dos alunos. (Ent7)

Uma das coisas positivas que afeta a minha vida é essa facilidade em me manter, porque é uma bolsa permanência pra me manter, porque não é fácil a gente ter 21 anos e não estar trabalhando. Então essa bolsa me ajuda em muitas coisas, essas políticas me ajudaram muito com relação à acessibilidade pra faculdade. (Ent 10)

Eu lembro que logo no final da faculdade, a gente conseguiu somar a bolsa do internato. Aí a gente ficou rica, milionária (risos). Eu lembro que a gente ficou muito feliz. Aí era R\$400,00 da cota, R\$400,00 de Iniciação Científica mais R\$500,00 do internato. É isso, assim, também eu lembro que eu aprendi a ter conta de banco, aprendi a ter dinheiro, a segurar mais, é isso, né... a gente vai achando que vai pra universidade pra aprender a punção, mas nunca vai ser só isso. A transformação é do todo, né. (Ent 12)

E não iria chegar no final da faculdade se não tivesse essa bolsa, né, se tivesse entrado por ampla concorrência talvez eu não tivesse conseguido chegar nem na metade. Porque eu não ia conseguir mesmo arcar financeiramente. Já foi difícil com a bolsa, imagina sem ela. Então, eu acho que essa bolsa foi, assim, essencial pra que eu conseguisse estar me formando agora. Sem ela eu não conseguiria, muito dificilmente... ou eu teria que ter trancado, trabalhado um tempo, juntado um dinheirinho de segurança, porque eu também não tenho, a minha família não pode me ajudar financeiramente. Então, a bolsa, pra mim, no meu caso, foi essencial. (Ent 13)

Como restrição deste funcionamento há a questão central de falta de tempo para trabalhar em razão da integralidade do curso. Por mais que as bolsas auxiliem, a maioria dos alunos relatou que os valores não eram suficientes para se manterem no que se refere aos gastos de passagem, xerox, alimentação, material, etc. Como a bolsa não avalia as condições de vida de cada um, alguns alunos disseram conseguir se organizar com os valores – normalmente os que têm apoio dos familiares em casa – recebidos e outros disseram que só as bolsas não davam conta. Ainda que o curso ocupasse o

dia inteiro, alguns estudantes relataram a necessidade de trabalhar nos fins de semana ou até mesmo à noite, indo direto do plantão para a faculdade.

Não (consequia trabalhar). O curso era integral e além de ser integral, para conseguir outro serviço tinha que ser à noite, plantão. Não tinha como. Eu era realmente dedicação exclusiva na faculdade. (Ent 1)

Na verdade a bolsa e o valor que eu ganhava com o projeto eram direcionados à minha sobrevivência, porque os meus pais não tinham condições de me manter, eles trabalhavam pra realmente manter a casa, me manter no sentido de ir à faculdade, né, a minha ida fora de casa. Então assim, a bolsa era totalmente revertida pra isso. Pra passagem, pra alimentação, pra comprar livro, pra pagar xerox, pra se precisasse fazer... sei lá, quando eu tinha estágio fora ali de Vila Isabel, não era no Hupe, era em outro lugar, quem pagava essa passagem também era eu, essa alimentação. Questões até mesmo... uma coisa que a gente até brincava, que eu comecei a comprar as blusas da atlética, do CA e tal pra ter um uniforme pra não gastar tanta roupa, porque eu não ia ter condição de ficar trocando de roupa, indo com uma blusa diferente toda semana, cada dia da semana, né. Então, assim, eu brincava com algumas amigas próximas que eu comprava aquelas blusas pra fazer uniforme. Calça jeans, tênis e aquela blusa. E aí até mesmo pra esses gastos, entendeu? E aí entrava gasto como questão de coisas de higiene e tudo. A bolsa tinha que abarcar tudo isso, né. (...) Não era... era um valor, assim, que eu realmente planejava, me virava nos trinta, pra poder conseguir que esse valor... que eu conseguisse pagar tudo. E aí começou a aparecer evento também, congresso, essas coisas. E aí a gente tentava se planejar pra participar e estar lá. Contanto que, assim, eu nunca fui em um congresso fora do Rio de Janeiro, porque eu não tinha condições e eu também não ia me endividar pra poder pagar uma coisa que eu não saberia se eu teria condições mais na frente de ter que escolher entre pagar xerox ou ir pra um congresso em outro estado (...) eu nunca participei de nenhum congresso fora, de nenhum evento fora do Rio por causa disso, porque eu não teria condições de ir. (Ent 3)

Não foi fácil, tem toda uma questão social, toda uma questão financeira. Acho que financeira principalmente porque, por ser uma universidade pública eu acho que as pessoas acreditam que a gente não tem gasto e a gente tem muito gasto, ainda mais na área da saúde. Foi uma coisa que eu já esperava, mas foi um pouco de encontro com o que eu imaginava que seria fazer uma faculdade pública e tudo mais. (Ent 4)

Teve situações, principalmente nessa época de corte de verbas... situações em que eu fiquei praticamente... praticamente não... eu fiquei meses sem receber... alguns professores não queriam parar. Não queriam respeitar a greve estudantil e queriam aplicar provas normalmente e eu não tinha dinheiro para chegar na faculdade. Não tinha como chegar, como me locomover ou permanecer na faculdade, já que é uma faculdade de tempo integral. (Ent 4)

Não, não era suficiente, apesar da gente ter o vale transporte estudantil, universitário, né. O trajeto de Bangu até o Maracanã, de ônibus você faz em mais ou menos 2:30h. Eu estudava todos os dias, chegava mais ou menos 19h, 20h da noite em casa para estar no dia seguinte às vezes 7h da manhã. Ainda mais no último ano, que é o regime de internato. Então, eu tinha que tirar do meu próprio bolso e a minha mãe também me dava esse suporte, de conseguir recarregar o cartão. E eu tinha que reverter a minha renda também para ajudar em casa. (Ent 4)

Ela (a UERJ) ajuda muito mais, mas mesmo assim, ainda estamos muito insuficientes nessa questão da ajuda (...) o que ficou abaixo foi toda essa questão sobre... eu esperava mais de verba de fato. De oportunidade. Eu pensei que eu teria mais oportunidade de bolsas. Não simplesmente o governo me dando... que eu conseguisse trabalhar, de fato. (Ent 5)

Por n vezes eu já pensei “será que eu vou ter internet? Será que a luz vai ser cortada aqui em casa para eu fazer..?”. Quando eu estudava presencial, várias vezes eu já pulei o muro do trem para pegar o trem porque eu não tinha dinheiro de passagem. Eu pegava um pra ir e não tinha dinheiro pra voltar, eu não ia ter como voltar. (Ent 5)

É importante ressaltar que quando um funcionamento se encontra prejudicado ele sobrecarrega outros pontos fundamentais no sujeito. Um exemplo é o fato de que os projetos, para os alunos cotistas, parecem estar mais relacionados à sobrevivência na faculdade, como uma forma de ter um trabalho, do que como uma possibilidade de expansão de conhecimento. Quer dizer que algumas vezes as possibilidades de ensino, pesquisa e extensão são entendidas como oportunidades (no caso da ampla concorrência), outras vezes como necessidade (caso dos alunos que entram por cotas).

O fragmento apresenta relato de aluna que começou a vender alimentos dentro do campus para aumentar sua renda e traz o fato de que precisar trabalhar durante o curso – além de prejudicar outros funcionamentos, como o bem-estar físico e psicológico, por traduzir-se até mesmo em noites sem dormir – fazia diminuir o desempenho dos alunos e atrasar a formatura.

Era total dividido pra todas as minhas necessidades (valor da bolsa). Eu pagava internet de casa, se tivesse que comprar roupa, se tivesse que... tudo a gente fazia com ele. Infelizmente a gente sabia que ele era direcionado aos estudos, mas a gente tinha que captar pra toda nossa vida e o que facilitasse a gente de permanecer na faculdade. Às vezes comprar uma calça jeans ajudava a gente nos estudos. Não era suficiente, teve um período que eu entendi a necessidade do campus da faculdade de Enfermagem, que não tinha cantina, e eu comecei a vender bala, chiclete, pirulito e começou por mim uma onda imensa de todos

os alunos comecem a vender e o Centro Acadêmico até montou um mural de vendas dos alunos. Então, praticamente todos os alunos acabaram inventando alguma coisa pra aumentar suas rendas, porque realmente não era suficiente. Era impossível você conseguir fazer outra coisa. Da minha turma, só uma pessoa que é muito guerreira, assim, que conseguiu trabalhar mesmo, ter vínculo de trabalho. As outras que permaneceram com vínculo de trabalho reprovaram e atrasaram seu processo de formação. Então, de fato, a gente tinha que escolher ou estudar ou trabalhar e aí não saber exatamente quando se formar. (Ent 8)

Não (consequia trabalhar) devido ao período... o curso integral, né, de 7 horas às 18 horas. Mas dentro da universidade eu consegui um outro projeto de extensão que dobrou a bolsa. Então eu fiquei com R\$400,00 da bolsa de permanência mais R\$400,00 da bolsa de Iniciação Científica ou projeto de extensão. Então, com R\$800,00 eu conseguia ter uma renda similar ao trabalho, se eu trabalhasse. (Ent 12)

Então, a minha faculdade não dá pra conciliar porque ela é em tempo integral, né. Desde o primeiro período até o final a gente é exclusivo em tempo integral pra estudar. Mas, ainda assim, até antes da pandemia, quando eu estava no sexto período, eu trabalhava em casa de festa infantil, né, aos sábados e domingos e trabalhava de noite também. Saía da faculdade, ia direto pra casa de festa, chegava bem tarde em casa e estava de manhã na faculdade. (Ent 13)

De enfrentar muitos desafios financeiros, né, principalmente, desde o primeiro período. Escassez mesmo financeira, por morar sozinha, morar no mesmo terreno que o meu pai, mas em uma casa independente, então isso é muito complicado, porque quando você pega greve, você não tem sua bolsa, você não recebe, você fica desesperado, porqueterem conta pra pagar, tem as coisas e você não consegue dar conta. (Ent 13)

Momentos de dificuldade, de vontade de desistir por, assim, questões financeiras mesmo, que era o que mais pegava no início da faculdade, né. Esse baque de eu sempre ter trabalhado, nunca fiquei desempregada, e aí eu decido fazer uma universidade em tempointegral, que me impedia de ter um emprego, um vínculo empregatício. Isso foi o que mais me abalou, né, eu achei que com a bolsa eu ia conseguir dar conta, achei que seria tranquilo, né, só estudar, só ter vida de estudante, só quando não foi não. (Ent 13)

Este funcionamento é um dos vitais para a permanência dos alunos no curso. Aqui trouxemos fragmentos que falam principalmente de questões financeiras, mas é fato que ele se associa também aos próximos funcionamentos identificados, já que a fragilidade econômica se reflete em outras questões (alunos que não dependem do bandeirão podem se alimentar com folga de tempo nos restaurantes próximos à UERJ; alunos que podem pagar o aluguel de um

apartamento ou república podem morar perto da faculdade; alunos que não precisam trabalhar podem dedicar mais tempo às outras atividades do curso e não se sentem tão sobrecarregados física e psicologicamente). Como dito anteriormente, a restrição de alguns funcionamentos afeta muitos outros.

9.3.2 Alimentação: alimentação de qualidade, acessível quanto ao preço, horários, localização e coerente com o tempo direcionado aos estudos

A condição para este funcionamento no caso da UERJ é a acessibilidade com relação ao bandeirão. Quando falamos de acessibilidade precisamos pensar em distância, tempo de deslocamento, horários, valores e filas. Por se tratar de um curso integral, também surgiu em uma das entrevistas a importância de garantia de alguma refeição entre horários de almoço de janta. Os pontos mais trazidos no que se refere às garantias nesse caso foram a qualidade da comida e os valores do bandeirão, muito elogiados pelos alunos.

Em relação ao valor, eu pagava R\$ 2,00 por ser cotista. Acho que, até então, estava dentro do meu orçamento. (Ent 1)

Em relação ao valor, é um valor muito bom porque se eu fosse comer qualquer prato de comida ali pelas redondezas eu ia gastar, no mínimo, R\$20,00, R\$15,00, na minha época, pra poder comer um prato daquele, né, isso se fosse um prato feito. (Ent 3)

Pra mim isso me possibilitou até mesmo comer melhor, porque era uma refeição completa, tinha legume, tinha fruta, tinha uma porção muito boa até mesmo de saladas. Tiveram até alimentos que eu experimentei pela primeira vez no bandeirão, de legume, essas coisas. Então assim, pra mim a experiência do bandeirão foi ótima. (Ent 3)

Era uma alimentação, assim, muito rica. Eu consegui trazer até isso pra minha vida hoje que tenho uma renda melhor. De conseguir decidir o que eu vou comer de uma maneira mais saudável. Às vezes eu até lembro de como eram as saladas, sabe? Então, assim, realmente impacta na vida do aluno e transforma. (Ent 3)

Na época... eu não sei como estão os valores agora, mas na época eu achava que eram os valores acessíveis para estudante. Pelo menos pra mim, eu achava que era bom o valor, eu gostava da comida (...) eu comia sempre, praticamente

todos os dias, no bandejão, né, no restaurante. Eu gostava muito e achava que era um preço acessível sim, me ajudava demais. (Ent 6)

Eu sempre elogiei muito pra amigos, né, o restaurante. Acho que o valor é acessível. R\$2,00 pra cotistas e R\$3,00 pra não cotistas, né. Então eu sempre achei muito justo, sim. A comida de qualidade, entendeu? A gente ficava o dia todo, precisava almoçar, às vezes não dava tempo de preparar marmita pro dia seguinte. Então, sempre me ajudou muito, muito mesmo. Inclusive depois da pandemia, enquanto ele não reabre, né, agora que eu já estou saindo não vai ter pra mim mais, não vai me ajudar mais, mas eu senti muita falta, inclusive, do restaurante. (Ent 13)

As dificuldades encontradas referem-se majoritariamente à grade de horários do curso que faz o intervalo para almoço sem considerar algumas questões específicas: a distância entre o campus de Enfermagem e o prédio onde se localiza o restaurante e o fato de todos os cursos fazerem uso deste mesmo espaço para as refeições, o que faz com que haja muita fila. Para além da distância e das filas, também foi trazida a questão financeira. Existe aqui uma grande diferença entre aqueles que podem almoçar em restaurantes próximos – self-services em que se consegue almoçar em 20 minutos –, podem levar comida de casa e fazer lanches à tarde e aqueles que dependem exclusivamente da alimentação oferecida pela faculdade. É um caso de necessidade básica que promove umabismo entre a experiência universitária dos estudantes.

O que pesava, o que era ruim, era o tempo que a gente ficava na fila. A gente ficava horas na fila e a gente só tinha, às vezes, quarenta minutos de almoço. Isso por baixo. Então ficava muito na fila, no sol. Eu já passei mal na fila, já desmaiei na fila por conta do calor. Estava muito quente, era época de final de ano, dezembro, janeiro. Estava em greve, mas eu estava tendo aula. Eu passei mal porque eram filas enormes, então, não tinha um bom planejamento de “como a gente vai receber esses alunos que vêm para almoçar?”. As pessoas ficavam horas lá para poder almoçar de forma mais barata. Não tinha condições de todo dia ir para um self-service ou levar comida. Não tinha tempo e dinheiro. Não tinha como, então eu usei muito tempo o bandejão, o restaurante universitário. (Ent 1)

A minha faculdade de Enfermagem da UERJ é em um prédio a parte do prédio central da UERJ. Ela é próxima, mas não é no prédio que tem no bandejão. E a fila do bandejão é gigantesca, você tem que ir esperando ficar 1h, 1:30h na fila porque é para abranger a universidade toda. Não era tão longe, porque se eu tivesse que ir para algum restaurante, a distância era a mesma.. se tivesse que ir para outro local. Mas em um restaurante eu ia chegar, fazer meu prato, comer e sair. No bandejão eu ia ter que ficar na fila. Por meu curso ser integral, era uma hora de almoço certinha todos os dias. Só nos dias que tivesse alguma aula vaga, ou que o professor

faltou, alguma coisa assim, é que a gente conseguia ir para o bandeirão porque a gente teria aquele tempo disponível. (Ent 2)

A localização é complicada, né, porque, por mais que ele fosse no campus central, pra mim, que estudava no boulevard, ali na boulevard da 28 (de setembro), eu não tinha como sair durante o almoço pra poder ir lá. O que eu conseguia fazer? Eu conseguia jantar lá. Então antes de ir pra casa eu jantava, ou nos dias que eu tinha aula naquele central lá do Maracanã, que a gente chamava de UERJão, né, que é o prédio principal (...) Pra mim, né, por ser um pouco mais longe e a questão da fila e tal eu não conseguia almoçar com frequência lá. (Ent 3)

Só que a minha questão enquanto aluna de Enfermagem é que a nossa grade é muito espremida. A gente tinha pouco tempo para frequentar aquele espaço. A gente tinha pouco tempo entre uma aula e outra para comer lá. (Ent 4)

Eu já passei muita fome também. Não na UERJ em si, mas se você for botar na ponta do lápis a questão de alimentação é precária. Então, a pessoa que tem dinheiro, o mínimo para conseguir se manter, ela pelo menos não passa fome, que é uma coisa que é muito forte e viva, também tenho outros amigos cotistas. Você acaba não tendo dinheiro para comer e aí você faz uma alimentação por dia. Digamos que você chega... o curso é integral, né... você chega cedo, não tem alimentação ali, você almoça por R\$2,00.. R\$4,00 e é isso, não tem mais nada até, sei lá, 17:00, 18:00 horas. E se você não tem dinheiro você fica com fome. Eu acho que isso é uma coisa que eles não sabem o que é. Não sabem o que é sentir fome. (Ent 5)

Outro ponto (que eu mudaria no meu curso) seria dar alimentação para essas pessoas que são fragilizadas economicamente. Você ter direito a pelo menos um lanche, sabe? Pode ser três bananas. Mas pelo menos um lanche, você ter alguma coisa para comer. (Ent 5)

Eu acho que a fila é que era intensa, que às vezes acabava atrasando um pouco o nosso horário da aula da tarde, mas também não sei como que eles poderiam fazer pra resolver esse problema, porque realmente era um quantitativo de aluno muito grande da universidade inteira. Então, tinha de vários polos, né. Eu não ficava ali no polo principal, ficava lá na 28 (rua 28 de setembro). Assim, a minha turma e outras turmas da minha faculdade toda estavam ali, de todo o prédio principal mais a galera da Medicina. (Ent 6)

A localização... pro curso de Enfermagem... tanto de Enfermagem quanto de Odonto – que a gente é do mesmo prédio – era uma coisa, assim, quase que inacessível, porque a gente demorava uns vinte minutinhos, mais ou menos, pra chegar no restaurante, sendo que a gente tinha 1 hora de almoço. Então era vinte minutos ida e volta, dava uns quarenta minutos, então a gente tinha vinte minutos pra almoçar. Era, assim, bem complicado. (Ent 7)

Eu frequentava. Eu frequentava, mas não tanto quanto eu gostaria, porque realmente ele é muito distante, porque ele é único, né, só no campus principal e a Enfermagem não é nesse campus. As filas são enormes, então a gente perdia, muitas vezes, o horário da próxima aula que é o horário da tarde, né, porque a gente era integral, então tinha manhã e tarde. Então, para a Enfermagem era difícil. Na verdade, pra todos os cursos integrais era difícil a gente frequentar o bandeirão. Às vezes a gente conseguia no horário do jantar, porque aí a gente já tinha terminado as aulas, então a gente ia, jantava e depois ia pra casa ou pra biblioteca e o valor, assim, ele era um valor relativamente baixo, mas para o estudante não era tão acessível assim. Em relação a outros restaurantes universitários, ele era o valor, sem dúvidas, mais caro. (Ent 8)

Acho que ele é pequeno pra quantidade de alunos, então a gente fica muito tempo na fila esperando. Às vezes fica mais de uma hora ali parado. Sobre a localização, pra mim é ruim porque fica longe do prédio da faculdade de Enfermagem. Seria bom se tivesse, no caso, um restaurante universitário no HUPE, por exemplo, pros alunos que estudam mais próximo de lá seria melhor. (Ent 9)

Formas de garantir este funcionamento seriam a construção de um novo restaurante que contemple este outro campus ou um maior intervalo para almoço, considerando o tempo gasto no percurso até o outro prédio e o tempo médio de espera nas filas. Além disso, também poderiam ser distribuídos lanches ou haver alguma bolsa que fosse específica para este fim.

9.3.3 Moradia: residência em local próximo à faculdade ou de fácil acesso, com ambiente propício aos estudos

A questão principal trazida pelos alunos com relação à moradia foi a distância entre casa e faculdade. Nenhum aluno relatou falta de ambiente propício para estudar em casa, ainda que nas falas tenha ficado presente a consciência de que alguns colegas de sala dependiam dos computadores da universidade para estudar. De fato, a maior questão para os entrevistados é o tempo gasto no transporte, que acaba prejudicando vários outros funcionamentos como os relacionados ao tempo de estudo para trabalhos e provas e o bem-estar físico e emocional. A principal condição trazida neste caso é a construção de alojamentos estudantis que ofereçam estrutura de estudo, como internet, para que os alunos possam pernoitar na faculdade. Este é um funcionamento que só foi apresentado em situação de restrição, sendo trazido como um dos maiores “sofrimentos” nesse processo de formação.

Eu morava em Itaboraí e saía todos os dias 5:00h da manhã. De segunda à sexta. (...) Às vezes eu fazia a prova à tarde, 13:00h, e no ônibus já tinha o resultado da prova que eu tinha feito. Eu não chegava nem em casa. Enquanto outras pessoas já estavam em casa, descansando, eu ainda estava no trajeto. Se eu saísse 17:00h eu pegava tudo engarrafado. Chegava em casa 21h, 21:30h, 22:00h, para acordar no dia seguinte novamente 4:00h para sair 5:00h. (Ent 1)

E não é só o dinheiro, mas, por exemplo, (seria importante oferecer) moradia para quem mora longe. Oferecer moradia de qualidade e segura. De qualidade e segura! Não é só arrumar um condomínio e colocar as pessoas lá, mas é segurança, acessibilidade para elas ao redor do campus da faculdade, sabe? Eu acho que isso tudo ajudaria as pessoas que desistiram. (Ent 1)

Então, eu acabei optando por não aceitar o chamado do concurso e continuar na faculdade, mas foi um sofrimento a faculdade inteira mesmo. Quatro horas de viagem... foi um dos maiores obstáculos. (Ent 2)

A faculdade era integral. E aí muitas vezes eu precisaria estar 7:00h da manhã. Segunda-feira, por exemplo, no primeiro período eu pegava 7h da manhã e saía 7:00h da noite. A aula terminava 18:40h. Isso me fez pensar muito porque, por mais que eu não trabalhasse, eu tinha que sair 5:00h da manhã de casa pra poder conseguir chegar antes de 7:00h da manhã, né, na sala, e chegava quase 22:00h em casa, por ter que pegar mais de uma condução e os horários espaçados. Então, assim, eu chegava muito cansada e eu não rendia. Mas assim, realmente me fez repensar, eu até cheguei a pensar em trabalhar durante esse período pra poder me manter, pra poder pagar... na verdade (uma moradia mais perto), eu pensei até em fazer plantão, né, de noite. Mas eu vi muitas colegas da sala que trabalhavam, por mais que não tivessem filhos e tal, tinham basicamente a mesma estrutura que a minha, sabe, de morar com os pais e tal e trabalhavam e elas tinham muita dificuldade pra poder prestar atenção, tinham dificuldade pra desenvolver até mesmo alguma coisa dentro da sala, algum grupo que tivesse naquele momento, sabe? Aí acabava que isso me deixava muito preocupada em relação a minha formação. Então eu escolhi, né, não me mudar, continuar morando com os meus pais pra poder não gastar tanto. Porque o aluguel ali perto, Maracanã, Tijuca, ali Vila Isabel é muito caro. Mesmo os quartos ficariam muito caros, mesmo dividindo eu não teria condições. (Ent 3)

O trajeto de Bangu até o Maracanã, de ônibus você faz em mais ou menos 2:30h. Eu estudava todos os dias, chegava mais ou menos 19:00h, 20:00h da noite em casa para estar no dia seguinte às vezes 7:00h da manhã. Ainda mais no último ano, que é o regime de internato. (Ent 4)

Então, eu moro a 70 quilômetros da faculdade. Levo bastante tempo. Se eu tivesse eu acho que um pouco mais de condição, eu moraria perto sim, mas como eu não tinha antes da pandemia, né, eu não podia. Era muito caro para o

meu orçamento, mas eu moraria sim, porque a viagem daqui de onde eu moro para a faculdade... são mais ou menos três horas. (Ent 7)

Eu não precisei me mudar, mas eu precisava, às vezes, acordar 4:00h da manhã pra estar no primeiro horário da faculdade. A primeira aula era 7:00h da manhã. Então eu tive dificuldades nesse sentido, mas eu não precisei me mudar. (Ent 7)

Eu acho a UERJ bastante boa em relação a essas questões, mas eu acho que uma coisa que melhoraria a vida dos estudantes, pra mim não tanto porque eu moro perto da UERJ, mas pra outros estudantes que eu conheço... cotistas que moram longe, o que facilitaria seria a criação de dormitórios, alguma coisa desse tipo. (Ent 10)

Eu acho que ainda falta realmente a questão de moradia. Eu fui residente do Pedro Ernesto depois, depois eu fui residente, pela UERJ, em saúde da família e é uma universidade que até hoje a gente não tem dormitório. Isso é doloroso demais, porque os nossos alunos de uma forma geral eles estão muito, muito longe. Eles pegam trem, eles demoram muito a chegar, sabe? (...) A questão do deslocamento, a moradia, ônibus universitário, sabe? Algo que o campus de São Gonçalo sempre trazia como uma pauta. (Ent 12)

Nos trechos abaixo há relatos de alunas que precisaram se mudar para ficar mais perto da faculdade e melhorar a qualidade de vida. Cabe ressaltar que nem todos têm condições de fazer essa mudança. Muitos expuseram o desejo de residir mais perto do campus, mas a impossibilidade de trabalhar devido aos horários fez com que se mantivessem na casa dos pais, ainda que distante.

No início do ano eu precisei me mudar. Uma amiga da faculdade me convidou para ficar com ela, morar com ela lá em Olaria, porque era mais próximo. (Ent 1)

Eu sou da baixada fluminense. Então eu fazia uso do trem, metrô e ônibus. No final da graduação eu cheguei a me mudar sim, porque eu trabalhava também pra somar na minha renda e aí eu trabalhava, então quando foi chegando no fim da faculdade que era época de estágios e mais o trabalho e mais as provas finais, TCC... estava chegando esse tempo de TCC e tudo mais, eu comecei a ficar muito sobrecarregada de ter que acordar cedo, de ir pegar trem, todo esse processo. Aí, pra tentar um pouco mais de qualidade de vida, até pra estudar pras provas da residência, que era um foco meu e tudo mais, eu optei por me mudar e dividir um quarto com uma amiga. Aí eu fiquei um pouco mais perto da graduação. (Ent 6)

Eu precisei me mudar, precisei ficar longe de casa, muitas vezes dormia fora de casa, não tinha o conforto de estar próximo da faculdade, não tinha o conforto de pegar um ônibus só. Eu lembro que eu queria pegar um ônibus só. Eu lembro “nossa, eu queria tanto morar perto. Nem que eu pegasse um ôniussó”. Seria muito diferente, seria ótimo para mim se fosse assim. Porque eu demorava tanto para chegar em casa, eu ficava tão cansada. (Ent 1)

Eu me mudei só no final, assim. Eu fiz até o quinto período indo e voltando diariamente. No quinto período a gente tem um internato um pouco mais denso e aí esse que é de 7h da manhã, assim, não tem... você vai pro hospital, então não tem essa flexibilidade de chegar às 8:00h, 8:15h. E aí a minha responsabilidade com o compromisso me fez reconhecer a necessidade de me mudar. E aí eu me mudei pra Praça da Bandeira, muito próximo de onde eu estou morando aqui agora. Mas essa questão da moradia ajudaria totalmente porque quando eu me mudei eu já estava no quinto período. Então, assim, quanto desgaste físico eu evitaria se eu estivesse desde o início, né. Então, eu tive que abrir mão de estar na casa da minha mãe por conta da distância, mas com certeza eu teria um rendimento melhor na formação se eu tivesse ficado próximo desde o início, sem dúvidas. (Ent 12)

9.3.4 Tempo para se dedicar à universidade além da sala de aula: possibilidade de dedicar-se aos trabalhos, estudo para provas, participar de coletivos e projetos de extensão

Um dos pontos mais tocados pelos alunos foi a questão do curso ser realizado em horário integral e de muitos estudantes morarem longe, realizando um trajeto muito grande entre casa e faculdade, como trazido anteriormente. O tempo direcionado ao percurso reflete-se em exaustão, na dificuldade para estudar para as provas e realizar trabalhos, afeta a participação em outras atividades universitárias e o horário de chegada nas aulas. A implantação de moradias estudantis foi trazida como condição para garantir este funcionamento, bem como a possibilidade de haver uma redução na carga horária ou maior flexibilidade no curso.

Sobre este funcionamento, também não foi apresentada nenhuma forma de garantia, tornando-se claro que é um dos pontos mais complexos para o processo de formação dos alunos.

Eu morava em Itaboraí e saía todos os dias 5:00h da manhã. De segunda à sexta. No finalzinho do curso começou a ficar muito pesado porque vinha estágio, estudo, TCC, então tudo começou a ficar muito corrido e eu não conseguia chegar em casa para fazer as outras atividades. (Ent 1)

Mas nunca cheguei a me envolver 100% (com os coletivos de estudantes) porque o curso de Enfermagem toma muito o tempo. (Ent 1)

Só que eu não consegui me dedicar mais (aos coletivos) e me envolver mais por conta do curso, que realmente era integral, então, eu me dedicava mais à faculdade e acabava deixando de lado algumas atividades extracurriculares. (Ent 1)

Tinha gente que falava “ah, eu estudo todo dia”. Eu nunca pude fazer isso, nunca tive essa oportunidade. Como que eu vou chegar em casa 22h e vou estudar? Cansada da viagem. (Ent 1)

Uma boa mudança seria flexibilidade nos horários. Eu acho que o mais importante, além de qualquer coisa – porque os outros pontos que eu vou citar requerem investimento do poder público, mas esse seria mais uma questão da universidade mesmo: organizar o seu quadro de horários. (Ent 5)

Eu, durante mais da metade da faculdade, precisei trabalhar de noite, sair da faculdade direto pro trabalho, com prova no dia seguinte, entendeu? Então isso me prejudicava bastante, mas eu não tinha opção. E, assim, tirando o meu caso à parte, eu acho que pras outras pessoas também que dependem de cota, olhando pra alguns casos da minha turma, essa diferença é notada até no próprio desempenho nosso, né, que acaba refletindo em laboratório, em provas mesmo. Acaba ficando um pouco... não digo discrepante, né, porque a gente corre atrás, mas acaba refletindo nos resultados. Também não poder me envolver tanto como eu gostaria nos projetos de iniciação científica, projetos de extensão. Eu só pude participar de um, porque eu não tinha essa disponibilidade. Eu tinha que sair da faculdade, já ir direto pro trabalho, chegava tarde, tinha que estar de manhã cedo de novo. (Ent 13)

9.3.5 Bem-estar físico e psicológico: capacidade de sentir-se fisicamente e psicologicamente disposto à rotina universitária

Ao analisar as entrevistas, percebemos que o funcionamento relacionado ao bem estar físico está diretamente ligado à alimentação e ao tempo dedicado ao curso (tanto por ser integral quanto por ser distante). Sendo assim, da mesma forma como foi apresentado anteriormente, as formas de promover este bem estar poderiam ser desenvolvidas a partir da construção de moradias estudantis, bem como de um olhar mais atento às questões de nutrição dos estudantes do curso de Enfermagem. A amortização do tempo gasto com o trabalho para pagar contas de casa ou no percurso de ida e volta promovida pela estruturação de um alojamento certamente transformaria a vida desses acadêmicos, bem como reduziria a exaustão daqueles que precisam trabalhar (à noite ou durante os fins de semana).

Quando foi chegando no fim da faculdade que era época de estágios e mais o trabalho e mais as provas finais, TCC... estava chegando esse tempo de TCC e tudo mais, eu comecei a ficar muito sobrecarregada de ter que acordar cedo, de ir pegar trem, todo esse processo. (Ent 6)

No segundo ano eu me senti bem prejudicada nas segundas de manhã, porque eu fazia plantão no domingo, 24 horas, e aí eu saía direto na segunda pra faculdade. Então as minhas segundas eram bem cansativas. (Ent 6)

E aí eu trabalhava em um hospital na escala 12 x 60 à noite. Então eu também conseguia estudar. Eu sempre saía virada e ia pra faculdade ou pro estágio, enfim, e saía da faculdade e ia pro plantão também. Mas eu consegui durante toda a faculdade trabalhar e estudar. Não foi fácil, muitos amigos também fizeram esse movimento no início, depois pararam, mas tem mais de uma pessoa que eu sei que conseguiu fazer esse processo até o final. (Ent 6)

Aí a minha turma toda virou assim a prova e esperou eu chegar, né. E ninguém começou a prova. E aí quando eu cheguei... eu vim de branco, né, não mudei roupa, não mudei nada. Porque geralmente eu fazia o movimento de mudar a roupa, mas eu não mudei nada, porque eu estava atrasada, eu vim correndo e quando eu cheguei, ela (a professora) viu que eu estava vindo de plantão. Naquele dia eu estava bem gripada, eu estava muito gripada e a minha turma me esperou, né. Então eu não perdi a prova, mas também não fui bem, porque eu não tinha estudado muito e estava muito cansada. Estava muito, muito cansada. (Ent 6)

Até antes da pandemia, quando eu estava no sexto período, eu trabalhava em casa de festa infantil, né, aos sábados e domingos e trabalhava de noite também. Saía da faculdade, ia direto pra casa de festa, chegava bem tarde em casa e estava de manhã na faculdade. (Ent 13)

Os primeiros anos da faculdade são muito, muito exaustivos. Eles estão até pensando em aumentar mais um período, ser dez períodos, pra dar uma folga, né, nessa programação dos primeiros períodos, que são muito cansativos. (Ent 13)

Outro ponto de extrema importância levantado nas entrevistas foi a questão da saúde mental dos alunos cotistas durante a formação. A partir dos relatos, torna-se nítido o esforço e as pressões internas para conseguir se inserir, lidar com preconceito, com questões financeiras, plantões e trabalhos noturnos, administrar o tempo para os projetos de extensão, dormir tarde, acordar muito cedo e correr atrás de conhecimentos que ficaram faltando durante o ensino médio para o acompanhamento das aulas. Através das falas, torna-se evidente o fato de que um

apoio psicológico, que é fundamental para todos os estudantes, torna-se ainda mais importante para o cuidado de saúde daqueles que ingressaram por meio das cotas. Neste caso, também não foram apresentados pontos de plena realização.

Eu acho que tem até uma coisa que depois eu tive a necessidade até de procurar e tal, é suporte psicológico, porque a faculdade, ela é... sendo uma boa experiência ou não, eu me senti muito oprimida, tendo que ter um ritmo de produção, um ritmo de estudo. Isso às vezes cria em nós uma ansiedade, cria uma... adoce, né, na verdade. Eu acho que até mesmo um suporte psicológico seria interessante pra esses alunos. No geral, os alunos precisam disso, né, mas eu acho que um foco nos alunos cotistas seria interessante. (Ent 3)

(Seria importante) uma terapia, coisas que ajudem esse discente a não desistir, a cuidar da saúde mental dele quando ele já está na graduação. (Ent 6)

Eu acho que (deveria ter) a manutenção desses espaços de saúde mental, de cuidado de saúde mental. Eu lembro que assim que eu entrei pra universidade tinha reiki, eu botei várias pessoas pra irem, minha avó, minha mãe, eu convidava todo mundo, assim. Eu fazia da UERJ a UERJ sem muros mesmo. Então eu acho que é isso, por isso que eu falo que eu defendo muito o espaço, mas sempre tem muito a melhorar. (Ent 12)

9.4 Discussão

Segundo Dias (2019, p. 39) cada indivíduo será compreendido como um sistema funcional singular, cuja integridade é garantida pelo exercício de funcionamentos básicos, constitutivos de sua própria identidade, em momentos específicos de sua existência (...) somos assim, uma combinação flexível de funcionamentos que, ao longo do tempo, se transformam gerando núcleos identitários distintos que aspiram, igualmente, por uma realização plena. Seguindo este pensamento, analisamos as entrevistas concedidas pelos alunos, de modo a identificar nas narrativas quais seriam estes funcionamentos básicos para nos “perguntar, nos diferentes contextos, que medidas se fazem necessárias para que possamos alcançar este ideal de Justiça.” (DIAS, 2019, p. 39)

Notou-se, através da pesquisa, que os funcionamentos identificados nos alunos que ingressam por meio das cotas são aqueles que associam-se a plena realização dos

Estudantes em geral (como sentir-se inserido, valorizado, ter tempo para estudo, sentir-se realizado no meio acadêmico e profissional) associados às marcas profundas da colonialidade. Neste sentido, o sentir-se inserido, valorizado e realizado ganham outra dimensão e surgem diversas outras necessidades, inclusive materiais, que se associam a esses funcionamentos básicos gerais.

A existência das cotas, por si só, já é uma tentativa de reversão desta colonialidade, na intenção de enfraquecer traumas históricos. Mas o fato é que a própria lei já gera um contexto de disputa em que pessoas brancas acreditam que estão perdendo seus direitos e tendo sua vaga roubada, isso porque a instalação de uma nova situação concreta, de uma nova realidade inaugurada pelo grupo de pessoas oprimidas, faz com que os opressores se vejam, eles mesmos, como oprimidos, já que “formados” na experiência de opressores, tudo o que não seja o seu direito antigo de oprimir, significa opressão a eles (FREIRE, 1994, p. 11).

A partir deste pensamento, muitas situações de desenvolvem, como por exemplo, o próprio imaginário de que uma universidade pública não é espaço para pessoas negras, indígenas ou que venham de escola pública. Isso acontece porque “sem uma mentalidade descolonizadora, estudantes inteligentes, vindos de contextos desprovidos de direitos, frequentemente pensam ser difícil ter sucesso nas instituições educacionais da cultura do dominador” (HOOKS, 2020, p. 34). Ou ainda, segundo a mesma autora, “talvez estes estudantes sejam os menos preparados para as barreiras que encaram, porque se convenceram muito profundamente de que são diferentes de outros integrantes de seu grupo” (HOOKS, 2020, p. 34).

Alguns alunos relataram ser os primeiros da família a ingressarem em uma universidade pública. Este fato traz uma carga de orgulho junto com uma carga de responsabilidade e de receio por estarem adentrando em um universo novo sobre o qual muitas vezes sequer tiveram informações básicas necessárias para se sentirem confiantes do que poderiam encontrar pelo caminho. De todo modo, este pioneirismo já deve ser percebido como a força que se propõe a romper um sistema estabelecido. Sobre isso, explica Hooks:

Para muitas pessoas negras/não brancas que compõem a primeira geração a frequentar a universidade, as sementes que nos levaram a rejeitar a mentalidade colonizadora foram plantadas dentro de nós antes de ingressarmos nas instituições, porque não poderíamos estar prontos para receber os “presentes” representados pela ação afirmativa se ainda não tivéssemos aprendido a resistir à aceitação passiva da pressão dos valores e perspectivas do dominador sobre nossa identidade (HOOKS, 2020, p. 33).

Após esse ingresso vestido de transgressão, há a necessidade de “pertencer” e neste caso estamos falando de pertencer dentro de um espaço dominado por outro grupo. Surge então a necessidade de reconhecimento de pares para o fortalecimento individual. Seres humanos necessitam estabelecer vínculos comunitários, pertencer a grupos e ser reconhecidos pelos mesmos. (...) Seu não reconhecimento por parte de outros membros do grupo ou o não reconhecimento público do grupo como possuidor de uma identidade própria (cultural, racial, política, de gênero etc) mina sua autoestima e, com isso, sua possibilidade de realização plena (DIAS, 2019, 44).

O “pertencer” também se dá através do sentimento de realização, igualdade, valorização de seu conhecimento, compreensão do direito de estar na universidade e amparo de pessoas próximas e da sociedade como um todo, mas se tratando das questões relacionadas ao estudo, é importante destacar a importância de haver pessoas não brancas ocupando espaços de poder (no caso da universidade, reitoria, coordenação e docência) e do próprio direcionamento das aulas, que devem incluir debates sobre classe e raça não só em discussões direcionadas a este tema, mas também inseridos no próprio conteúdo das matérias, trazendo a visão e o conhecimento dos alunos para as disciplinas, que já não devem reproduzir uma única visão de mundo. Sobre isso diz Freire:

Não seriam poucos os exemplos que poderiam ser citados, de planos, de natureza política ou simplesmente docente, que falharam porque os seus realizadores partiram de sua visão pessoal da realidade. Porque não levaram em conta, num mínimo instante, os homens em situação a quem se dirigia seu programa, a não ser como puras incidências de sua ação. Para o educador humanista ou o revolucionário autêntico a incidência da ação é a realidade a ser transformada por eles com os outros homens e não estes. Quem atua sobre os homens para, doutrinando-os, adaptá-los cada vez mais à realidade que deve permanecer intocada, são os dominadores (FREIRE, 1994, p. 36).

Esses são traços que marcam os funcionamentos básicos dos alunos que ingressam pelo sistemas de cotas em geral, pontos que apareceram tanto na Revisão Integrativa quanto nas entrevistas. Mas quando analisadas as narrativas específicas dos estudantes de Enfermagem da UERJ, cinco funcionamentos mostraram-se particularmente afetados. Isso porque todos estão associados de alguma forma a questão de renda – que é um dos critérios para o ingresso pelo sistema na UERJ em específico – associada à integralidade do curso de Enfermagem. Quer dizer que os alunos que ingressam por cotas em outros cursos da UERJ, por mais que tenham

fragilidade econômica, muitas vezes têm a oportunidade de trabalhar por terem tempo disponível. Já os alunos que ingressam em cursos de Enfermagem que também sejam integrais em outras instituições, podem não ter fragilidade econômica porque nem todas as universidades possuem este critério de admissão. Ocorre que especificamente no curso de Enfermagem da UERJ os dois fatores se associam, sendo reforçados ainda por dois desdobramentos: a escassez financeira se reflete em um trajeto maior entre casa e universidade enquanto a falta de tempo em razão da integralidade do curso se reflete também em instabilidade alimentar dificultando a plena realização dos estudantes. Para além disso, ainda há o cansaço extremo provocado pelas longas viagens e pela necessidade de trabalhar de madrugada. Quero dizer com isso que a análise criteriosa da realidade desses estudantes a partir da identificação de ampliação ou restrição dos funcionamentos básicos mostra com clareza que existe a necessidade de que as políticas afirmativas da UERJ sejam reavaliadas, em específico, nos casos dos estudantes que ingressam por cotas e estudam em tempo integral, neste estudo falando dos alunos do curso de Enfermagem.

Chega-se a esta conclusão a partir de uma escuta que se abriu não só para os fatos expostos, mas também para a emoção de cada estudante, apresentada nas entrevistas. Entre palavras sensíveis, lembranças doloridas, agradecimentos pela pesquisa, momentos de revolta, orgulho pelo caminho percorrido e muitas lágrimas, entendemos que o percurso realizado pelos estudantes negros dentro da universidade pública ainda vem carregado de um sentimento de realização que só se dá por meio de muito esforço, – por vezes – sofrimento e muita superação.

Na análise das entrevistas “necessitamos aprimorar nossa capacidade de sentir e nos colocar no lugar do outro, capacidade esta que exige de nós, sobretudo, uma sensibilidade aguçada” (CLARA, 2019, p. 45). Assim foi feito e espera-se que este trabalho possa abrir caminhos para novas possibilidades dentro do curso de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitas são as visões a respeito das cotas no Brasil e este trabalho não se propõe a discutir o porquê desta e de outras políticas afirmativas serem necessárias. Isso porque o estudo não se propõe a considerar a possibilidade de não serem essenciais. Só entende que todos os sujeitos devem ser tratados exatamente da mesma forma pelo governo (desconsiderando a necessidade de que alguns grupos precisam de políticas específicas) quem não tem a sensibilidade de perceber que estes mesmos grupos são tratados com desigualdade diariamente. Dito isto, a proposta da pesquisa é avaliar, – dentro do universo absolutamente essencial das políticas afirmativas em Educação – o que está gerando resultados e o que precisa ser melhorado, a partir do ponto considerado base da pesquisa: a ampliação/garantia ou não realização/restrição dos *Funcionamentos básicos* desses estudantes de acordo com a Perspectiva dos Funcionamentos. Quer dizer que a proposta foi ouvir os alunos e ex-alunos do curso de Enfermagem da UERJ que ingressaram por meio das cotas raciais para, a partir da escuta cuidadosa dos relatos, compreender quais são os pontos fundamentais para seu desenvolvimento universitário, considerando as especificidades do curso e todo o percurso já traçado pela UERJ, como uma das pioneiras na implementação dessa modalidade de cotas até os dias atuais.

Um ponto a trazer logo de início é que não houve contato de nenhum aluno indígena para a realização da pesquisa, que foi realizada com universitários e ex-universitários que se reconhecem como negros. Para além disso, nenhum dos entrevistados disse dividir turma com alunos indígenas. Não há como identificar se há poucos estudantes desta etnia na faculdade, se existe uma maior dificuldade na identificação desses alunos ou se a busca pelo curso de Enfermagem ainda é pequena. Outra questão é que pontos relacionados ao gênero apareceram pouco nas entrevistas, limitando-se a falas sobre a maioria feminina nas salas de aula. Nenhum funcionamento básico foi identificado relacionado a isso, sendo necessário realizar um trabalho mais específico para avaliar questões como sobrecarga de tarefas ou maternidade, por exemplo.

Outra questão é sobre a subjetividade da pesquisa, que, como qualquer estudo social, traz inúmeras camadas. Desse modo, a divisão por funcionamentos foi feita considerando o ponto que se destacou nos trechos. Houve o cuidado de separar e categorizar de maneira clara os elementos, mas cabe dizer mais uma vez que muitos relatos trazem em seu corpo um conjunto de *funcionamentos básicos* que, algumas vezes, são interdependentes.

Alcançando os objetivos do trabalho, a pesquisa identificou esses funcionamentos básicos nas narrativas apresentadas, analisou pontos de realização e não realização dos mesmos e chega à conclusão de que, ainda que reconhecendo os inúmeros esforços e acertos da UERJ ao longo de todo esse tempo, fazendo com que a instituição se torne modelo a ser seguido por outras universidades – fala trazida pelos alunos e reforçada por mim após escuta e análise dos diálogos – a fissura social e o racismo estrutural são pontos tão fortes que ainda precisam ser combatidos de muitas maneiras dentro do espaço acadêmico. Como esclarecido por Dias (2019, p. 43), “a principal dificuldade é identificar o que para cada sistema funcional ou para cada indivíduo em particular signifique plena realização, pois cada indivíduo possui características próprias e está imerso em contextos particulares dos quais extrai não apenas sua identidade pessoal, mas também seus padrões do que seria uma vida bem realizada e feliz.” Nesse sentido, compreendendo que para as instituições de ensino torna-se complicado avaliar as condições de vida de cada sujeito criando políticas individuais para o alcance dessa realização, o presente trabalho sugere que essa especificação seja feita, ao menos, considerando as características de cada curso, neste caso, dando atenção especial às bolsas, à questão do horário integral (incluído tempo de almoço) e à possibilidade de construção de uma moradia estudantil.

Acredito que os obstáculos enfrentados pelos estudantes podem ser divididos em dois grandes eixos: preconceitos de ordem direta ou simbólica e insegurança financeira/falta de tempo/cansaço. Junto esses três últimos elementos porque em muito apareceram associados nas narrativas. Não ter tempo para trabalhar, não ter tempo para almoçar no bandeirão e não ter como arcar com a refeição em outros restaurantes, o tempo gasto no trajeto que leva à exaustão física, principalmente associado aos horários da faculdade e à necessidade de participar de projetos de extensão para complementar a renda.

A partir da fala dos alunos, entende-se que algumas medidas podem ser tomadas para tornar as experiências mais igualitárias e garantir que estes *funcionamentos básicos* que saltam dos textos sejam cada vez mais garantidos. O primeiro ponto seria o foco na informação. Segundo alguns alunos, a UERJ se empenha em receber bemos calouros e divulgar por alguns

meios – como folders e redes sociais – as formas de auxílio e os projetos de extensão. Mesmo assim, alguns universitários relataram dificuldade pra ter acesso a todas as informações, ficando sabendo principalmente através de colegas de classe. Importante retomar a fala de uma das entrevistadas que ressaltou o fato de que muitos ingressantes são a primeira pessoa de seu círculo social a estarem presentes no ambiente acadêmico, sendo necessário que a faculdade atue não só como o elemento que oferece oportunidades, mas também como aquele que amplia a compreensão do que é estar na universidade, apresentando toda sua potência e todas as suas possibilidades.

Uma ideia trazida foi de já na primeira semana – e ao longo do curso – falar abertamente sobre as cotas, sobre o porquê de existirem para que o estudante de ampla concorrência compreenda e, principalmente, para que as pessoas que ingressam por elas se empoderem, se sintam merecedoras desse direito e desenvolvam criticidade e argumentos para possíveis enfrentamentos futuros, seja na vida ou na faculdade. Além disso, também foi exposta a vontade de que houvesse representantes do grupos de alunos que ingressaram por cotas raciais em cada turma ou em cada curso que pudessem falar abertamente sobre as bolsas, os projetos, dar informações ao longo do semestre, além de se tornarem pessoas a quem se poderá recorrer com facilidade em situações de preconceito.

Sobre o horário integral do curso, uma aluna ressaltou que há discussões sobre encaixar mais um período no fluxograma do curso para que se possa diminuir a carga horária das disciplinas no primeiro semestre. É uma questão que pode ser debatida e também traz reflexões – para além deste estudo – sobre a necessidade de aumento salarial dos enfermeiros depois de tanto tempo de dedicação na formação. Logo em seguida, também sobressai o quanto a estruturação de uma moradia estudantil – segura e de qualidade – seria um diferencial na vida desses universitários, diluindo questões relacionadas ao gasto com contas de casa, transporte, aumentando o tempo livre para os estudos e trabalho, além de – sem dúvidas – reduzir os atrasos, a angústia gerada por eles e a exaustão.

Outra questão que pode ser repensada é o fato de que, segundo relato, o aluno que reprova uma matéria não poder puxá-la novamente no próximo período. Isso faz com que este universitário perca sua turma, o que torna-se muito mais complexo no caso dos alunos que ingressaram por cotas, já que – como dito antes – os laços criados, a rede de apoio e a relação com seus pares impacta totalmente nessa formação. Duas alunas trouxeram o fato de que a

seleção começa antes mesmo do vestibular, quando os estudantes das escolas não têm as informações necessárias sobre documentação e etapas do vestibular, fazendo com que o processo de inscrição pareça muito complexo, reforçando o imaginário – já trazido a todo tempo pela sociedade – de que aquele ambiente foi feito só para uma parcela específica da população. A ideia aqui não seria para o curso de Enfermagem, mas não há como deixar de trazer essa importante reflexão sobre a necessidade de mostrar para os adolescentes que não existe outro lugar onde eles deveriam estar que não na universidade.

Uma aluna trouxe um relato de quando trabalhava no posto de saúde de uma comunidade:

Então eu acho que, hoje, o sistema de cotas mudou a minha vida, eu não tenho dúvidas. E ele muda tanto que hoje eu, enfermeira, cheguei a trabalhar na Rocinha por um mês, dois meses, e eu sempre trago isso. Uma adolescente abriu a porta, olhou pra mim, olhou pra fora e falou: “Mãe, a enfermeira é preta!”. Aí a mãe: “Ué, menina”. E ela: “Ela é maravilhosa, eu quero fazer a consulta com ela”. Ela sentou, ela esqueceu toda a queixa que ela tinha, ela já falou que eu era maravilhosa só por eu ser uma mulher preta. Aí ela falou: “Você fez faculdade?”. Aí eu falei: “Fiz”. “Mas foi qual faculdade?”. Só de eu falar UERJ, o olho da criança brilhava. (Entrevistada 12)

É exatamente sobre mostrar a esses jovens que a formação universitária é o caminho principal a ser percorrido. Que as instituições de ensino precisam ter noção da realidade e do contexto no qual estão inseridas e que as cotas são um caminho legítimo para a transformação pessoal e social que tanto se espera. Para muito além do benefício individual, mobilidade social de um sujeito específico ou de sua família, as políticas afirmativas são uma necessidade da população em geral, já que, como relatado por esta mesma ex-graduanda, os negros, indígenas, as pessoas de escolas pública com hipossuficiência financeira precisam estar na faculdade porque são fundamentais para cuidar das pessoas, entender realidades, ter um olhar diferenciado para situações que talvez nunca tenham passado pela cabeça de um profissional que nunca experienciou aquilo: “Só a gente vai entender as questões de vulnerabilidade, acordar muito cedo, ter a mãe faxineira, merendeira, que é o caso da minha mãe, e ter uma dor de ombro que não passa. Uma dor que não vai passar com uma ventosa, uma dor que existe por causa do trabalho, por causa do peso da panela. A oportunidade tem que existir pra gente conseguir entrar e voltar pra cuidar da gente!”

A falta de oportunidades para grupos oprimidos, além de injusta, é uma das formas mais eficazes de promover um total desequilíbrio na estrutura de uma sociedade, que mais cedo ou

mais tarde, irá afetar a todos. É importante sempre lembrar e relembrar, descobrir no sentido de aprender e no sentido de revelar, revirar a história, compreender a origem das desigualdades para conseguir, de fato, planejar um futuro que seja justo para todos. A mudança virá por meio da Educação ou ela não virá.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alva Helena. Mulheres negras e a realidade da enfermagem no Brasil. **NasceCme**. 2020. Disponível em: <http://nascecme.com.br/2014/wp-content/uploads/2020/07/Artigo-Alva-Helena-de-Almeida.pdf>

ANDRADE, Fábio Bezerra de; MOLL, Jaqueline; LIMA E SOUZA, Renata Andrade de. Habitus decolonialidade: políticas de cotas no acesso ao ensino superior para desconstrução do imaginário colonial. **Educação em Revista**. 2020. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3993/399362880026/html/>

BHABHA, H.K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

BERSANI, Humberto. Racismo estrutural e o direito à educação. *Revista educação em perspectiva*. Viçosa. v. 8, n. 3. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/educacaoemperspectiva/article/view/6975/2829>

BONNICI, Thomas. **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 4. ed. Marigá: Eduem, 2005.

BRAZ, Eglantina Alonso; SILVA, Daiane da Luz; RIBEIRO, Elizabeth Matos. As ações afirmativas e o acesso de quilombolas à educação superior. **Revista EccoS**, n. 58, julho/setembro 2021. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/17335>

BROOME, ME. **Integrative literature reviews in the development of concepts**. In: Rodgers BL, Knafl KA. *Concept development in nursing: foundations, techniques and applications*. Philadelphia: W.B. Saunders; 1993. p.193-215. 12. Ganong LH. Integrative reviews of nursing research. *Res Nurs & Health* 1987; 10:1-11.

CAMPOS, Laís Rodrigues. **Do quilombo à universidade**: trajetórias, relatos, representações e desafios de estudantes quilombolas da Universidade Federal do Pará - Campus Belém quanto à permanência. 2016. Dissertação de Mestrado. Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Pará, Belém.

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. Pesquisa qualitativa: análise do discurso versus análise de conteúdo. **Contexto Enfermagem**. Florianópolis, vol.15, n.4, pp.679-684, out./dez.2006. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0104-07072006000400017&script=sci_abstract&tlng=pt

CARVALHO, Alexandre Perazo Nunes de; LIMA, Renata Albuquerque; SOUSA, Célia Maria Rufino. As Políticas Públicas como instrumento de concretização dos direitos fundamentais e de acesso ao patrimônio. **Revista Direito UFMS**. Campo Grande, v. 4, n. 1, 249-261, jan./jun. 2018. Disponível em: [file:///C:/Users/Usuario/Downloads/4937-Texto%20do%20artigo-19745-1-10-20180727%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Usuario/Downloads/4937-Texto%20do%20artigo-19745-1-10-20180727%20(1).pdf)

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. **La hybris del punto cero: ciencia, raza e ilustración en la Nueva Granada (1750-1816)**. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2005.

CERNICCHIARO, Ana Carolina. Daniel Munduruku, literatura para desentortar o Brasil. **Crítica Cultural**. Palhoça, v. 12, n. 1, 15-24, jan./jun. 2017. Disponível em: http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Critica_Cultural/article/view/5028/pdf

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre colonialismo**. 1. ed. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1978.

COELHO, Fred; CASTRO, Maurício Barros. Esqueleto do esqueleto do esqueleto. **Concinnitas**. Rio de Janeiro, v. 21. n. 37, jan. 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/article/view/51053/33822>

COFEN/FIOCRUZ. **Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil**. Disponível em <http://www.cofen.gov.br/perfilenfermagem/index.html>

CORCETTI, Elisabete; SOUZA, Susane Petinelli. Ações afirmativas no ensino superior brasileiro. **Revista Ex æquo**, n. 44. 2021. Disponível em: <https://exaequo.apem-estudos.org/files/2022-01/06-elisabete-corcetti-e-susane-petinelli-souza.pdf>

DIAS, Maria Clara. **Perspectiva dos funcionamentos**: fundamentos teóricos e aplicações. Maria Clara Dias (org.). 2 ed. Rio de Janeiro: Ape'ku, 2019.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERREIRA, Luiz Otavio; SALLES, Renata Batista Brotto. A origem social da *enfermeira padrão*: o recrutamento e a imagem pública da enfermeira no Brasil, 1920-1960. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**. 2019. Disponível em: <http://journals.openedition.org/nuevomundo/77966>

FERREIRA, Vitor Cláudio Paradela; SANTOS JÚNIOR, Ary Ferreira dos; AZEVEDO, Raquel Campanate de; VALVERDE, Graziella. A representação social do trabalho: uma contribuição para o estudo da motivação. **Revista Estação Científica**. Disponível em: <https://portal.estacio.br/media/4394/6-a-representacao-social-trabalho-contribuicao-estudo-motivacao.pdf>

FINCH, Charles; NASCIMENTO, Elisa Larkin. Abordagem afrocentrada: história e evolução. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro. 2008.

FOGAÇA, Taís Gabriela de Souza; TRINDADE, Domingos Rodrigues da. Jovens mulheres negras, cotistas e quilombolas na UERJ – Campus XII: políticas públicas, representatividade e práticas pedagógicas. **Revista Cocar**. 2021. v. 15, n. 33. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/4644>

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 23ª reimpressão. Ed. São Paulo: Editora Paz e Terra. 1994.

GANONG, L.H. **Integrative reviews of nursing research**. Res Nurs & Health 1987; 10:1-11.

GOMES, Arilson dos Santos. A Unilab e as ações de promoção da igualdade étnico-racial (2010-2020). **Revista Contemporânea de Educação**, v. 16, n. 37, setembro/dezembro 2021. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/45058/pdf>

GROSFOGEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Revista Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, janeiro/abril 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/xpNFtGdzw4F3dpF6yZVVGgt/?lang=pt>

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. 4. Ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. Ed. 1. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

HOOKS, Bell. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática**. 1ª edição. Editora Elefante. 2020.

IBARRA, Elizabeth Ruano; MIRANDA, Victoria; RIBEIRO, Gabriel. Organização indígena e ensino superior brasileiro. **Espaço Ameríndio**. Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EspacoAmerindio/article/view/80282>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Brasil). Desigualdades sociais por cor e raça no Brasil. 2019. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf. Acesso em: 20 de ago 2021.

LÓPEZ, Esteban Cipriano Costa. **O Coletivo Nuvem Negra desafiando o racismo institucional no ensino superior**. 2020. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Serviço Social. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

LUZ, Itacir Marques. Sobre arranjos coletivos e práticas educativas negras no século XIX: o caso da Sociedade dos Artistas Mecânicos e Liberais de Pernambuco. In: BARROS, Surya Aaronovich de; FONSECA, Marcos Vonícus (org.). **A história da educação dos negros no Brasil**. Niterói: EDUFF, 2016.

MIGNOLO, Walter. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In: LANDER, E. (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Clacso, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, Técnica e Arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de S. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

Ministério da Educação. 2021. Disponível no endereço <http://portal.mec.gov.br/programa-bolsa-permanencia> [Consultado em 20 de abril de 2021].

MOTA NETO, João Colares da. **Educação popular e pensamento decolonial latino-americano em Paulo Freire e Orlando Fals Borda**. 2015. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Pará, Belém.

NASCIMENTO, A. C. Fronteiras étnico-culturais e fronteiras da exclusão e o diálogo com as culturas ancestrais: uma construção difícil, mas possível. **Revista Série-Estudos**. Campo Grande, n. 37, p. 33-46, 2014. Disponível em: <https://www.serie-estudos.ucdb.br/serie-estudos/article/view/754>

NASCIMENTO, Adir Casaro; VIEIRA, Carlos Magno Naglis; LANDA, Beatriz dos Santos. Experiências interculturais na universidade: a presença dos indígenas e as contribuições à lei nº 11.645/08. **Cadernos CEDES**, v. 39, n. 109, setembro/dezembro 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/5KTZZqkpwkdPkgLCFySyktt/?lang=pt>

NASCIMENTO, Wanderson Flor do; GARRAFA, Volnei. Por uma vida não colonizada: diálogo entre bioética de intervenção e colonialidade. **Saúde soc.** São Paulo, v. 20, n. 2, 287-299, jun. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902011000200003&lng=en&nrm=iso.
accession 31 Aug. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902011000200003>

NUNES, Pablo. Favela, mídia e remoções: discurso jornalístico, imagens sociais e Políticas Públicas de habitação em favelas cariocas. **Revista Transversos**. Rio de Janeiro, n. 09, abr. 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/article/view/27715>

OLIVEIRA, Guilherme dos Santos. **Coletivos de estudantes negros no ensino superior brasileiro: políticas da diversidade e organização política estudantil**. 2019. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em periferias. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias.

PIMENTEL, Maria Regina Araujo Reicherte; XAVIER, Maria Lelita. Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro: 70 anos de sua trajetória. **História da Enfermagem Revista Eletrônica**. 2018. Disponível em: http://here.abennacional.org.br/here/v9/n2/_EDITORIAL-1_portugues.pdf

PIMENTEL, Adriana Miranda; MORAES, Paulo Alberto Sobral. Narrativas de estudantes de comunidades tradicionais no ensino superior: histórias de formação. **Revista Filos e Educ**. Campinas, v. 13, n.1. 2021.

PORTO, Dora. Bioética na América Latina: desafio ao poder hegemônico. **Rev. Bioét.**, Brasília, v. 22, n. 2, 213-224, aug. 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-80422014000200003.
accession 31 Aug. 2020. <https://doi.org/10.1590/1983-80422014222002>

QUEIROZ, Arthur Antunes Gomes, TAMBORIL, Maria Ivonete Barbosa. Rosas negras e o horizonte: acesso e êxito das estudantes negras cotistas da UNIR. **Revista de Políticas Públicas**. 2021. Disponível em: <http://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/article/view/18476>

QUIJANO, Anibal. Colonialidade, poder, globalização e democracia. **Novos Rumos**. ano 17. n. 37. 2002. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/veiculos_de_comunicacao/NOR/NOR0237/NOR0237_02.PDF

Quilombo acadêmico: conquistas e desafios de negros e negras na universidade. Produção UFRJ. YOUTUBE, 2020.

SANCHES, Daniel Guillermo Gordillo. Imagens, livros didáticos e colonialidade. **Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, v. 03, ed especial, dec. 2017. Disponível em: <http://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/535>

SANTOS, Dyane Brito Reis. **Para além das cotas: a permanência de estudantes negros no ensino superior como política de ação afirmativa**. 2009. Tese de Doutorado. Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SANTOS, Carlos Alberto Ivanir dos. **Marchar não é Caminhar: Interfaces políticas e sociais das religiões de matrizes africanas no Rio de Janeiro contra os processos de Intolerância Religiosa (1950 – 2008)**. 2018. Tese de Doutorado. Programa de Pós- Graduação em História Comparada. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

SANTOS, Marcelo Barbosa. **Conflitos na Universidade Federal Fluminense. Uma reflexão sobre as interações entre estudantes cotistas negros e comunidade universitária no contexto das ações afirmativas**. 2019. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Política Social. Universidade Federal Fluminense, Niterói, Brasil. 2020.

SILVA JUNIOR, Hédio. Discriminação racial nas escolas: entre a lei e as práticas sociais. **UNESCO**. Edição publicada pelo Escritório da UNESCO no Brasil. Brasília, 2002.

SOUZA, Bianca Gomes de; PERRUDE, Marleide Rodrigues da Silva. Diversidade Étnico-racial: representações do personagem João Grande, do livro Capitães da Areia, de Jorge Amado. **XVIII – Semana da Educação I Congresso Internacional de Educação, Contextos Educacionais: Formação, Liguagens e Desafios**. 2019 Disponível em <file:///C:/Users/Usuario/Desktop/capitães%20da%20areia.pdf>

TEIXEIRA, Michelle Cecille Bandeira. **A justiça social na formação universitária em saúde: o caso de um curso de odontologia**. 2015. Tese de Doutorado. Programa de pós-graduação em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva. Universidade Federal Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Fundação Oswaldo Cruz.

THOMAZ, Omar Ribeiro; NASCIMENTO, Sebastião do. Entre a intenção e o gesto: a Conferência de Durban e a elaboração de uma pauta de demandas de políticas compensatórias no Brasil. **NUPE**. São Paulo. 2003.

UERJ antirracista: A decolonialidade e perspectiva antirracista. Produção UERJ. YOUTUBE. 2020.

UERJ. **Departamento de Orientação e Supervisão Pedagógica**. Rio de Janeiro. Disponível em <http://www.dep.uerj.br/>

UERJ. **Portal da Universidade do Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.uerj.br/>

UERJ. **Pró-Reitoria de Políticas e Assistência Estudantis**. Rio de Janeiro. Disponível em <http://www.pr4.uerj.br/>

UERJ. **Vestibular UERJ**. Rio de Janeiro. Disponível em <https://www.vestibular.uerj.br/wp-content/uploads/2019/09/orientacoes2020.pdf>

VINUTO, Juliana. A amostragem Bola de Neve na pesquisa qualitativa: um debate aberto. Temáticas, Campinas, 203 – 220, aug./sep. 2014. Disponível em:
<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/1097>

APÊNDICE A: TCLE – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será disponibilizado para o participante após a demonstração de interesse em colaborar com a pesquisa. Em razão da necessidade de realizar todo o processo em ambiente virtual, o documento será enviado por email e deverá ser acessado através do link:

https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLScx51Dnx8-QrR_2vBHTKAe_hVcOq73N2qDnQ2V3MKh9SPq6NA/viewform

Segue abaixo o conteúdo do termo:

CONSENTIMENTO PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**Pós-Graduação em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva
(UERJ, UFF, UFRJ, Fiocruz)**

Pesquisa: Política afirmativa de cotas em um curso Enfermagem: análise à luz da Perspectiva dos Funcionamentos

Você está sendo convidado para participar, como voluntário, da pesquisa intitulada "Política afirmativa de cotas em um curso Enfermagem: análise à luz da Perspectiva dos Funcionamentos", conduzida por Manoela Braga Alves Pinto. Este estudo tem por objetivo entender como é a realidade do aluno que ingressa na UERJ por meio das cotas raciais – no que se refere a facilidades e dificuldades encontradas para satisfação profissional e pessoal no percurso acadêmico – utilizando como abordagem de justiça a Perspectiva dos Funcionamentos, de Maria Clara Dias.

Você foi selecionado por ter ingressado na UERJ por meio da política afirmativa de cotas (raciais) e por ter demonstrado interesse em participar da pesquisa após exposição da pesquisadora durante aula da graduação em ambiente virtual, ou por indicação de outros

participantes. A qualquer momento você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo.

Existem riscos mínimos de você se sentir desconfortável durante a realização da entrevista em razão de seu envolvimento pessoal com o tema, por isso reforço que a desistência pode ocorrer em qualquer etapa do estudo. O benefício de sua participação é indireto, sendo ele sua contribuição para um trabalho que visa à plena satisfação pessoal dos estudantes dentro da universidade. Sua participação é voluntária e não será remunerada, bem como não implicará gastos e eventuais despesas poderão ser custeadas ou ressarcidas pela pesquisa.

Sua colaboração consistirá em participar de uma entrevista a respeito de seu ingresso e permanência na universidade. A partir de sua demonstração de interesse, entraremos em contato por email (tendo apenas você como destinatário) para: 1) enviar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; 2) marcar o encontro, que será realizado em plataformas online – Zoom ou Google Meet – em razão da pandemia do novo Corona Vírus; 3) enviar o teor da entrevista por escrito para que você possa ter ciência das perguntas de forma prévia; 4) no dia combinado, enviar o link do encontro com duas horas de antecedência. Apenas você e a pesquisadora estarão presentes na reunião virtual, que terá duração aproximada de meia hora e será realizada com câmeras fechadas para que possamos gravar somente o áudio da conversa, que será dividida em duas etapas. A primeira etapa terá o objetivo de preencher um quadro com dados sócio demográficos e pontos relacionados a sua trajetória acadêmica – lembrando que seu nome não será divulgado e que você é livre para não responder algumas perguntas, caso prefira assim. A segunda etapa será dividida em três seções. A primeira seção trará uma simples introdução ao trabalho. A segunda seção será formada por perguntas pré-formuladas que nos façam compreender como é ou como foi sua experiência universitária enquanto aluno cotista. A terceira e última seção será um espaço para que você possa expressar qualquer outra situação, desabafo, elogio ou sugestão que não tenham sido abordados pela pesquisadora.

Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação. Os dados da pesquisa (entrevistas gravadas) ficarão armazenados em arquivo digital sob guarda e responsabilidade da pesquisadora por um período de cinco anos após o término da pesquisa. O armazenamento será feito em ambiente local, não havendo sua manutenção em qualquer plataforma virtual, ambiente compartilhado ou "nuvem", garantindo seu sigilo. A pesquisadora responsável se compromete a tornar público nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos participantes.

Ao concordar com este documento, você não abrirá mão de nenhum direito legal, assim como poderá sair do estudo a qualquer momento sem prejuízo nenhum. É importante que você guarde em seus arquivos uma cópia deste documento eletrônico. Os comitês de ética são responsáveis pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos.

Se você tem alguma dúvida sobre seus direitos como participante de uma pesquisa ou se quiser fazer alguma reclamação, pode procurar o pesquisador responsável ou o(s) comitê(s) de ética em pesquisa nos contatos abaixo:

Pesquisadora Responsável: Manoela Braga Alves Pinto

Email: manoela.braga@live.com

Telefone: (21) 966817480

Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Medicina Social da UERJ: Rua São Francisco Xavier, 524 – sala 7.003-D, Maracanã, Rio de Janeiro, CEP 20550-013, telefone (21)2334-0235, ramal 211. E-mail: cep.ims.uerj@gmail.com.

Você autoriza que a entrevista realizada em plataforma virtual (Zoom ou Google Meet) tenha sua voz gravada?

() Sim

() Não

Ao concordar com este termo você estará declarando que entendeu os objetivos, riscos e benefícios desta pesquisa, e que tem interesse em participar.

() Estou informado e concordo em participar da pesquisa

() Não concordo em participar

APÊNDICE B: ROTEIRO DE ENTREVISTA

Entrevista:

Etapa 1

Idade:

Onde mora/onde morava quando estudava na UERJ:

Ano de ingresso:

Modalidade de cota pela qual ingressou:

Tipo e valor de bolsa (s) (caso se aplique):

Trabalho formal ou informal (caso se aplique):

Etapa 2

Seção 1

Diga 4 (quatro) palavras que sejam capazes de expressar pensamentos ou sentimentos associados à experiência de ingressar em uma universidade pública através do sistema de cotas raciais.

Seção 2

- 1) Como você se vê - como acha que a comunidade a sua volta te vê (rede de pessoas próximas) - como acha que a sociedade te vê sendo um estudante universitário?
- 2) As expectativas criadas ao passar no vestibular foram alcançadas, superadas ou houve algum tipo de desapontamento em sua vivência universitária?
- 3) Você precisou se mudar para fazer a faculdade? A ausência de uma moradia estudantil te fez repensar o ingresso em seu curso? Caso frequente o restaurante universitário, o considera acessível no que se refere aos valores, localização e funcionamento?
- 4) Você conhece ou faz parte de algum coletivo de estudantes? Se sim, o quanto essa participação afeta sua experiência no espaço acadêmico?
- 5) Como é o seu relacionamento com os outros alunos (as), professores e técnicos? Já houve alguma situação incômoda relacionada ao fato de ser um (a) aluno (a) cotista? Já soube de alguma situação com outros alunos?
- 6) Entende sua turma como um grupo diverso? O que você poderia nos trazer sobre isso? (Considere aqui a convivência com brancos, negros, indígenas, pessoas que se consideram do sexo feminino, pessoas que se consideram do sexo masculino, LGBTQIA+, muçulmanos, ciganos, PCD, etc)
- 7) Você possui ascendência indígena? De qual povo? Sabe sobre a história desses antepassados?
- 8) Você se considera bem informado (a) a respeito das formas de assistência oferecidas pela UERJ, como as bolsas, o auxílio do material didático, o suporte oferecido durante a pandemia, entre outros? Soube desde o seu ingresso ou ao longo do curso? Pela própria instituição ou por outros (as) colegas?
- 9) Você solicitou alguma dessas formas de auxílio? Conseguiu receber/recebe alguma delas? Consegue direcionar o total do valor recebido às necessidades relativas aos seus estudos ou precisa direcioná-lo a outras necessidades? É suficiente? Se não, como você aumenta este valor?
- 10) Quantos (as) professores (as) negros (as) ou indígenas você tem ou teve no curso até agora? Sente-se representado (a)? Sente falta de representatividade?
- 11) Sente alguma diferença entre a sua vivência universitária quando comparada com a maior parte dos alunos não cotistas? Em que consiste essa diferença?

- 12) Caso a resposta acima tenha sido afirmativa, que medida você considera que a universidade poderia tomar para promover uma experiência cada vez mais positiva e igualitária entre os alunos? Que mudanças você traria para seu curso?
- 13) Você considera que a política de cotas cumpre o seu papel efetivamente? Quais são os aspectos positivos do programa em sua vida?

Seção 3

Acha que essas questões foram importantes? Considera que alguma delas foi desnecessária? Gostaria de retirar alguma pergunta do questionário?

Existe alguma situação ou experiência que você acha que não foi contemplada até aqui e que você gostaria de dividir para enriquecimento dessa pesquisa?

APÊNDICE C: QUADRO DE FUNCIONAMENTOS DESTACADOS NAS NARRATIVAS

FUNCIONAMENTOS BÁSICOS IDENTIFICADOS NOS ESTUDANTES QUE INGRESSAM POR COTAS RACIAIS DE MODO GERAL

Funcionamento	Narrativas
Equidade de acesso para educação superior (Ingressar)	Acesso: ampliação das possibilidades de ingresso por meio da reserva de vagas, garantia de cumprimento da lei Garantia: Eu passei por essa experiência, eu pude ingressar em uma faculdade graças às ações afirmativas, ao sistema de cotas. Talvez, se não tivesse, eu não sei se eu conseguiria, pelo número de candidatos/vaga do curso de Enfermagem, pela quantidade de concorrência, pela minha bagagem acadêmica, histórico, né, escolar. Então, talvez eu não conseguisse aquele ano ou, se conseguisse, não seria daquela forma. (Ent 1) Restrição: Na minha turma tinha essas cinco negras, mas cotistas por cota racial tinha mais do que cinco. Incluindo o que veio de escola particular, porque além de você se declarar negro você também tinha que comprovar baixa renda. Mesmo assim ainda tinha essas controvérsias que apareciam lá. Eu acho que é positivo porque é necessário para a gente alcançar essa equidade, mas tem esses pontos fracos. Precisa ser mais fiscalizado, não sei. Só que eu também tenho esse receio porque a corda sempre arrebenta para o lado mais fraco. Mesmo tendo mais fiscalização, acaba ainda a gente podendo oportunidade para quem precisa realmente. (Ent 2) Restrição: Acho que talvez você não saiba de todas essas questões, mas teve um escândalo das cotas raciais na UERJ porque uma menina na minha sala se declarou negra sendo que ela era branca dos olhos azuis e naturalmente loira. Não sei se você ficou sabendo desse escândalo ou não e essa menina era da minha sala. Eu tinha até uma certa proximidade com ela. Isso foi logo, acho que foi em 2014, foi logo quando eu entrei na faculdade. E, quando eu soube disso... porque o problema todo foi como ela se portava nas redes sociais, de maneira debochada em relação a dizer que era preta ou não. Alguém da família dela comentou “Ah, agora você então é preta, agora você está dourada”. E ela comentou alguma coisa assim: “Ah, agora eu sou negona”. (Ent 3)

Restrição: A outra coisa eu acho que era fazer algum projeto, alguma coisa, que divulgasse nas escolas públicas, principalmente as que não são na cidade do Rio, né, as que são no norte fluminense, na baixada fluminense, no sul fluminense que existe o vestibular, tentar levar discentes como eu, como a minha história, como outros pra mostrar pra esses alunos que dá pra tentar sim, que é possível sim, sabe, ingressar numa universidade pública, pra tentar abraçar um pouco mais de pessoas dentro desses espaços, sabe? Porque eu acho que é esse o primeiro movimento. Eu acho que é o movimento de formiguinha, um movimento que precisa começar lá de trás. Eu não sei se é só quando o discente já ingressou, mas eu acho que é tentar mostrar pros que ainda não ingressaram que existe essa possibilidade (...). Então eu acho que o nosso papel como universidade era tentar trazer essa realidade pras pessoas que estão em espaços de minoria, espaços que já têm que acordar de madrugada sempre, pegar um trem cheio sempre, um metrô cheio sempre, sabe? Eu acho que isso facilitaria muito. Ajudaria demais. Desde antes de fazer a prova. Desde muito antes. A galera que está lá entrando no ensino médio, a galera que está ingressando no primeiro ano do ensino médio. Eu acho que o trabalho tinha que começar aí, entendeu? Porque eu acho que faria total diferença nas escolhas, em como essa galera ia conduzir os seus estudos no ensino médio, nas escolhas que essa galera ia fazer e a gente ia conseguir mudar um pouco esse olhar que agente está tendo hoje no nosso país com relação aos estudantes, entendeu? Então eu acho que o trabalho é lá atrás. (Ent 6)

Restrição: Se eu não tivesse alguém que tivesse esse domínio, essa sabedoria e tudo mais, eu não teria esse tipo de acesso de nenhuma forma porque eu não tinha esse contato, eu não sabia como funcionava. Eu não sabia como ver os documentos, selecionar os documentos (pra inscrição no vestibular), então foi um processo bem difícil, bem longo aí. (Ent 6)

Restrição: Mas tem muitos alunos que querem fazer, querem se inscrever nesse processo e têm muitas dificuldades, né, em relação as documentações... eu posso dizer que eu não tive tanta dificuldade porque eu participei de um pré-vestibular social onde eles ajudavam a gente a submeter os documentos, a fazer o processo de inscrição. Eu acho que o maior empecilho, nesse momento do sistema, é realmente não conseguir – não sei se eu estou sendo injusta, assim de dizer – não conseguir de maneira clara que as pessoas entendam como devem submeter para estarem tentando fazer a inscrição com reserva de vagas, né. Eles têm essa dificuldade porque a gente encontra pessoas diversas. Então, quem tem a escolaridade um pouco melhor ou tem pessoas

para auxiliar, elas conseguem chegar, mas aquelas pessoas que estão sozinhas, elas têm muita dificuldade. E aí elas não conseguem nem ingressar no sistema, né. Eu acho que essa é... essa pra mim é a questão principal. (...) A minha crítica mesmo é só ao método em que se faz essa... quando você quer se inscrever... é nesse período. (Ent 8)

Acolhimento: sentimento de que a universidade se preparou para sua recepção

Garantia: No início da faculdade foi bem informativo, né, eles se reuniram com todos, independente de curso, pra informar os direitos, aqueles benefícios. (Ent 8)

Garantia: No mais, assim, eu não sei como está agora. Eu me senti muito abrigada, muito acolhida no momento da minha recepção. (...) Eu não vi em nenhum momento muitas dificuldades em relação ao período que eu já estava dentro da faculdade. (Ent 8)

Garantia: A informação sobre isso (bolsas e auxílios) a gente tem no primeiro dia de aula, né. Quando a gente entra na faculdade eles comentam sobre tudo que tem na faculdade. (Ent 9)

Garantia: Cara, eu sou fascinada pela UERJ, né. Muito pelo acolhimento. Quando eu fiz a prova e coloquei aí pra cota, eu não sabia da bolsa. E aí eu lembro que na minha inscrição eles falaram “Ah, você vai abrir uma conta e tal”. E eu fiquei “Da onde que é essa conta, gente”. E aí, eu não lembro bemo nome do evento que tem, eu acho que é *UERJ de braços abertos*, não sei. Tem a primeira chegada, que é com todos os alunos, e lá eu lembro de uma panfletagem tipo, “Se você é cotista, vai em um outro evento”. Aí lá nesse outro evento eu fui informada da bolsa e a galera reclamando que a bolsa era ruim e eu estava achando o máximo, porque eu não sabia nem que tinha, né. E aí o que eu lembro foi isso. Eu fui nesse evento menor que era para os cotistas, fui liberada da aula, não precisei pagar a carga horária, fui pra essa reunião dos cotistas (...). E aí eu lembro que ele falou da bolsa, falou disso tudo e deu um folder dos possíveis projetos científicos que poderíamos entrar. (Ent 12)

Garantia: Eu acho que pro curso Enfermagem da UERJ, eu acho que a UERJ está muito à frente, né. Eu acho que a UERJ tinha primeiro que modelar pras outras universidades. (Ent 12)

	Restrição: Eu acho que, primeiramente, na primeira semana de aula eu já começaria a explicar sobre o sistema de cotas, sobre o que são as ações afirmativas, o que significa.. por quê? Para quê? Para que as pessoas que ingressaram por ações afirmativas entendam, tenham argumentos para conversar com as outras pessoas, e aqueles que não entraram, respeitemos colegas que entraram pelas ações afirmativas. (Ent 1) Restrição: Acho fundamental esclarecer melhor o público, esclarecer melhor as pessoas. Já iniciar o curso ensinando as pessoas o que é isso. Iniciar o curso apresentando para os cotistas um lugar aonde eles possam ir, um lugar onde eles possam se encontrar e fazer as suas atividades. Eu acho isso muito importante. (Ent 1)
Inclusão, representatividade e respeito (Pertencer)	Realização: satisfação pessoal, acadêmica, profissional, expansão, mobilidade social da família Garantia: As pessoas próximas a mim me veem como uma pessoa que chegou na faculdade, ficam felizes, acham que é uma grande vitória. (Ent 1) Garantia: E aí aquilo foi me surpreendendo. Eu acho que superou as expectativas, até de forma positiva, porque tudo que eu passei me ajudou, me ensinou, me fez crescer como pessoa, me fez amar ainda mais a minha cor, entender quem eu sou. Isso tudo fez parte da minha maturidade, do meu amadurecimento enquanto pessoa. (Ent 1) Garantia: Eu me vejo como... eu fui uma universitária por necessidade mesmo. Foi o caminho que eu encontrei para conseguir mudar a minha história de vida, a história que, talvez, já estivesse determinada para mim. (Ent 2) Garantia: Algumas expectativas foram superadas, em relação ao ensino superior, do que iria me proporcionar ter o ensino superior. De fato, as minhas expectativas do porquê eu quis fazer um ensino superior foram respondidas, era realmente eu ter uma profissão, não precisar a minha primeira escolha ser um trabalho braçal barato. Então, a universidade, para mim, respondeu a essas expectativas sim. (Ent 2) Garantia: Eu acho que, assim, pra mim, chegar na universidade, chegar a esse nível de escolaridade dentro da minha família – dentro da minha família tanto do lado do meu pai quanto da minha mãe eu fui a segunda pessoa a chegar na faculdade – e conseguir terminar... a minha irmã, que é minha

irmã mais velha, foi a primeira que do lado de ambos os pais chegaram nesse nível de escolaridade. É um ganho, é uma conquista. (Ent 3)

Garantia: Eu acho que para a minha família me ver como uma estudante universitária tem um misto de orgulho com também entender como um lugar novo a ser ocupado. Pensar que poderia chegar nesse ponto, sabe, chegar nesse lugar ou às vezes até nempensar que poderia estar lá. Sendo como algo positivo, né. (Ent 3)

Garantia: Eu acho que eu tive muitas expectativas, né, em relação ao ensino mesmo, a lugares que eu poderia ir, aonde a educação me levaria nesse sentido e nesse ponto as minhas expectativas foram superadas, porque eu me formei no ensino médio como técnica de Enfermagem, então eu tinha uma visão da Enfermagem, eu tinha uma visão do que era ser enfermeiro pela visão do técnico. A faculdade me abriu a mente nesse sentido, tanto em como poder atuar, como a minha postura dentro do meu trabalho. Então, assim, eu acho que no sentido de aprendizado, no sentido de crescimento as minhas expectativas foram superadas. (Ent 3)

Garantia: Isso me trouxe, pessoalmente falando, muito orgulho de ter conseguido conquistar, né. Entrar na universidade pública e cursar uma universidade. (Ent 4)

Garantia: No âmbito familiar, as pessoas sentem orgulho, enchem o peito para falar (que estuda em uma universidade pública). (Ent 5)

Garantia: A política de cotas me fez cursar, porque se não fosse isso eu nunca teria entrado. Eu nunca teria mudado minha cabeça, vamos botar assim, para um mundo novo onde era só um privilégio de pessoas mais abastadas da sociedade. Eu acho que traz bastante isso, que dá a oportunidade de você olhar para si e ver... tipo... eu consigo, eu estou no mesmo lugar de outras pessoas que tiveram oportunidade. Mesmo que eu tenha todas essas defasagens, eu estou recebendo o mesmo ensino do cara que gabaritou. Do cara que botou lá “eu quero fazer” e gabaritou. Eu estou recebendo o mesmo ensino. Isso me traz muito orgulho. Isso é graças a experiência de cotas. Isso para mim é bem reconfortante. (Ent 5)

Garantia: Então, eu acho que a comunidade, que é algo menor, né, o meu grupo social, o espaço em que eu estou inserida, me vê como uma pessoa de sucesso, que conseguiu adquirir... entrar em um espaço que poucos conseguem entrar. (Ent 6)

Garantia: Eu acho que a turma como um todo, não só eu, a gente foi se superando a cada minuto, sabe? E a gente se ergueu como uma das melhores turmas, com notas maravilhosas, com movimentos maravilhosos estudantis, movimentos de força, de união e agora de colocação no mercado, né. Toda a minha turma está muito bem colocada no mercado. (Ent 6)

Garantia: Acho que ela precisa ser expandida, pras outras universidades acho que é um grande exemplo sim (a UERJ). (...) eu vejo muitos pontos positivos. Aquelas palavras que eu falei lá no início são palavras que esse modelo me trouxe, né, que esse modelo me fez conquistar. (Ent 6)

Garantia: Eu me vejo como uma vencedora, porque eu tive que enfrentar muitos obstáculos pra chegar onde eu cheguei. A minha família, em parte, me vê como uma vencedora também. (Ent 7)

Garantia: Olha, hoje eu consigo me enxergar como uma profissional com muita responsabilidade social e consigo entender que as pessoas me veem como uma pessoa que conseguiu transpor as dificuldades e conseguiu conquistar um pouco os objetivos, os sonhos. (...) Hoje eu me enxergo com muita responsabilidade, porque além de estudante universitária, hoje eu sou professora universitária. (Ent 8)

Garantia: Eu fui a primeira pessoa da família a ingressar em uma faculdade pública. (Ent 8)

Garantia: Eu tive muitos desafios no caminho, eu me formei com atraso. Mas foi tudo superado, porque hoje em dia eu estou formada, trabalhando, estou fazendo pós-graduação agora e tentando novos caminhos. Acho que é tudo superação mesmo. (Ent 11)

Garantia: Na minha vida, eu acho que foi o crescimento e conhecer novos espaços, ter novos saberes. A expansão mesmo de tudo. (Ent 11)

Garantia: A minha família se sentia muito orgulhosa de mim por eu estar dentro da universidade e é isso assim, eu acho que o meu macro de sociedade era a minha família, assim, minha família sentia muito orgulho por eu estar naquele espaço e eles se espantavam porque, quando eu fiz faculdade, eu

morava em Itaboraí. Então, eu morava em Itaboraí e ia pra UERJ todos os dias. Então, imagina uma adolescente, né, uma jovem adolescente que fazia Itaboraí x Maracanã e alguém que só vivia em Itaboraí. Então eles ficavam surpresos comigo, assim, em relação à sociedade. As pessoas de Itaboraí que eu convivia ficavam chocadas de eu ir pro Maracanã sozinha e voltar à noite, e é isso, acho que as pessoas me viam como uma mulher muito independente, assim, construindo uma mulher independente. (Ent 12)

Garantia: Na época, eu entrei pra faculdade com expectativas baixas, porque eu não sabia muito bem o que era ser enfermeira e hoje eu lembro que, quando eu saí, que eu passei pra residência, eu fiquei muito surpresa da minha inserção no mercado logo de imediato. Então, desde 2011 eu não tive desamparo financeiro, por exemplo, né. Então a minha expectativa sempre foi muito contemplada, inclusive superou as minhas expectativas onde eu estou hoje, como tutora do programa da residência de Enfermagem e tal. (Ent 12)

Garantia: Superou muito bem as minhas expectativas ao entrar pra universidade. Eu me sentia muito segura dentro da UERJ. Eu estava com potência de diálogos, de discussão, de temática. (Ent 12)

Garantia: Porque a ideia da UERJ não era tipo “Vou te dar uma bolsa”. Não, era de fazer você ser um bolsista científico. Quando você entra na UERJ por cota, você já tem um grupo de pesquisa a fazer parte, só que você vai fazer parte daquele que fizer mais sentido pra você. (...) Então, assim, não dava a sensação de que eu estava recebendo a bolsa só porque eu era cotista. Na verdade, eu tive, não posso falar um privilégio, mas eu tive como entrar na universidade já sendo bolsista de extensão de algum projeto científico, entendeu? E eu acho que essa é a sensibilidade total do programa de cotas da UERJ, né. Você não é obrigado a entrar, mas você não precisa ficar com a sensação de que você está ganhando esse dinheiro à toa e não ter construção além disso, né. Eu acho que foi um incentivo. Então, quando as pessoas falavam, “Ué, você tem bolsa?”, “Tenho, sou bolsista da Perinatal”. Como eu entrei ninguém precisa saber. Era um processo seletivo diferente, eu já entrava automaticamente naquele que eu escolhia. Eu achei isso de uma sensibilidade, de um cuidado que... por isso que eu falo assim, que eu... eu levanto a bandeira da UERJ, tanto é que hoje eu estou no mestrado da UERJ porque eu reconhecesse espaço como um espaço muito acolhedor, potente, só tenho a agradecer (...). Até hoje meu lattes tem muito conteúdo da temática desse primeiro projeto. (Ent 12)

Garantia: Até hoje eu vejo o quanto a UERJ... o quanto o sistema de cotas proporcionou a minha chegada na graduação, na pós-graduação, a minha chegada, quem sabe, a um doutorado. Mas ela, a cota na universidade, foi meu ponto de partida, né. Foi isso que eu te falei, eu nunca mais, desde que eu entrei em 2011, eu nunca mais tive desamparo financeiro. Você tem noção do que é isso pra uma pessoa preta? E é isso, a gente vive em um país que o capital é importante. Eu entrei pra universidade porque eu precisava trabalhar. (Ent 12)

Garantia: Eu acho que as pessoas a minha volta, mais próximas, né, que estão sempre perto de mim me veem como uma... eu acho que como uma pessoa que superou, né, que superou os seus limites, os seus desafios. Passar na prova de vestibular não foi fácil, porque eu tentei dois anos e não consegui, então eu já estava um pouco desacreditada. Depois que eu consegui e agora me formando, eu acho que eles têm orgulho, né, assim como eu tenho orgulho e é isso. (Ent 13)

Restrição: Mas também tiveram alguns momentos com relação ao curso escolhido. Em alguns momentos eu tive minhas expectativas frustradas, mas acredito que isso seja mais relacionado a imaturidade mesmo. A gente quando é adolescente está esperando algo de um curso, a gente faz o vestibular escolhendo o curso de acordo com qual disciplina você gosta, né, na escola. Aí chega lá você vê um outro universo em relação à profissão. Então, algumas expectativas foram frustradas, mas nada que me fizesse desistir da profissão ou do curso não. Eu consegui superar isso. (Ent 2)

Restrição Eu passei por muitas greves, né, eu passei por todo o corte de verbas da UERJ, em todas as greves, toda tentativa de acabar com a UERJ que o Pezão na época fez. Foi um pouco frustrante na época. Muitas pessoas me perguntaram porque eu não pedia transferência. Então, você idealiza entrar na faculdade, fazer sua faculdade da melhor forma e sair de lá comunitário, como se fosse fácil, mas não foi fácil. (Ent 4)

Restrição Infelizmente, no âmbito profissional eu estou morto, porque eu não posso pegar um estágio sequer. Só fico restrito a pegar estágio na faculdade e, assim, como eu sou novo, como eu estou no segundo período, ainda não tenho experiência porque normalmente o estágio é para pessoas que estão mais avançadas no curso e é meio morto, né, como se a gente estivesse ali incubado... em uma incubadora, digo, para conseguir. Você só fica limitado à bolsa permanência. (Ent 5)

Restrição Na universidade eu me via muito perdida, assim, porque a Enfermagem não era uma primeira opção. Eu

queria Farmácia na época. Eu via ser enfermeira como algo muito complexo, era muito insegura, assim. (Ent 12)

Igualdade: capacidade de sentir-se inserido no ambiente como um todo, sentir-se igual, livre de preconceito

Garantia: Principalmente a UERJ sendo uma faculdade... até o meu curso era um curso que tinha muitas pessoas pretas, né. E eu não via isso durante os congressos, não via isso durante os eventos da Enfermagem. Me deixou muito feliz de ter estado, né, de ter construído a minha graduação em uma faculdade que é mais inclusiva nesse sentido. (Ent 3)

Garantia: N u n c a sofri nada nem ouvi falar de pessoas que sofreram por serem cotistas. (Ent 5)

Garantia: Uma coisa que eu reparei na UERJ é que eles lutam muito para isso. É uma universidade muito humanitária, que pensa bastante nos estudantes. (Ent 5)

Garantia: Não sei nem se é pertinente para o seu estudo... você está falando só de uma universidade, mas como eu já passei por outra universidade, eu consigo até comparar. Eu acho que a UERJ abraça muito mais o cotista, ela ajuda muito mais (...) em relação ao corpo docente, como eles tratam os cotistas, está de parabéns. Isso ficou acima das minhas expectativas. (Ent 5)

Garantia: Nunca senti preconceito, sempre todo mundo me trata com muito respeito. Sempre fui muito bem acolhida ali dentro. (Ent 9)

Garantia: Comigo não (nunca sofri preconceito). Eu acho as pessoas lá da UERJ, os alunos que ingressaram tanto por cota quanto por ampla concorrência, eu acho que eles entendem, não são ignorantes quanto a essa questão de cota racial. (Ent 10)

Garantia: Eu nunca passei por discriminações dentro da faculdade de Enfermagem por ter sido uma aluna cotista. (Ent 12)

Garantia: Nunca experimentei nenhuma situação desconfortável em relação a isso, muito pelo contrário, na minha turma a maioria dos alunos... a minha turma é pequena, então a maioria é de alunos que são provenientes de cotas. Então,

	graças a Deus, nunca sofri nenhum desconforto e nunca vi nenhum colega meu sofrendo, assim, de perto. (Ent 13) Restrição: Mas como eu me vejo... no início do curso você se sente perdido. Até você entender o que está acontecendo, que essas diferenças realmente existem. (Ent 1) Restrição: Como se aquele lugar não fosse pra você. Emuitas pessoas ali realmente não querem a gente ali, né. (Ent1) Restrição: No início você precisa provar que você é boa. Então, no primeiro semestre, antes de virem as provas e tal, as pessoas não querem fazer com você o trabalho porque achamque você não vai se dar bem. (Ent 1) Restrição: No início eu tive dificuldade, escutei algumas coisas. Às vezes as pessoas falam “ah minha empregada, a moça que trabalha lá em casa”. Essas falas acabavam me deixando um pouco pensativa porque a minha mãe é empregada de alguém. A minha mãe é a pessoa que trabalha na casa de alguém. Às vezes eu ouvia alguns comentários assim, nessa tonalidade um pouco arrogante e eu me sentia muito incomodada, muito incomodada mesmo. (Ent 1) Restrição: Mas em relação à minha presença ali, a estar ali, as pessoas às vezes achavam ruim “ah porque você entrou por cota. Você teve facilidade”. (Ent 1) Restrição: Que realmente essa diferença seja diminuída e não olhar para o colega como alguém que não merecia estar ali. “Ah, você roubou a minha vaga”, as pessoas adoram falarisso. “Você entrou aqui porque você pegou a vaga”. (Ent 1) Restrição: Eu nunca precisei brigar com ninguém, falar com ninguém. Nunca me senti menosprezada diretamente, igual emalguns outros lugares que a gente vê ai. Só que eu acredito que algumas pessoas já tenham passado por problemas por conta disso, porque as pessoas falam o que não sabem. (Ent 1) Restrição: Em alguns momentos na turma tinha algumas piadas com relação a você só ter entrado porque entrou na classificação por cota. Mas nunca nada direcionado a mim e também nunca vi direcionado a alguma pessoa. Eram palavras jogadas, assim, que quemera cotista recebia, né. (Ent 2)
--	--

Restrição: Eu acho que pontos que eu não pensei que eu teria que enfrentar, por mais que eu já tivesse uma consciência racial, por mais que eu já tivesse noção que eu sempre fui preta, estive dentro de uma comunidade preta, de entender que eu enfrentaria problemas, enfrentar mesmo racismo, né, por estar fora da minha bolha. Eu estudei numa escola que era fora da minha cidade no ensino médio, mas a faculdade foi um choque de realidade muito maior, de perceber racismo nos colegas da sala. (Ent 3)

Restrição: E aí eu acho que esse foi um dos choques de realidade que eu tive da faculdade, de perceber isso, que as pessoas vão dizer que você é pior, que você não é tão bom quanto eles, até mesmo pelas questões raciais, por questão de você vir de escola pública ou não, porque eu vim de uma escola pública. E aí todas as possibilidades que eles tiverem de ganhar em cima de você, eles vão fazer isso. E eu acho que nessa parte, né, a faculdade me trouxe muito pra essa realidade. Porque eu acho que, por mais que eu já tivesse, acho que 21 quando eu entrei pra faculdade, me deu essa maturidade de perceber que o mundo não é o mundo lindo de arco-íris e unicórnios. (Ent 3)

Restrição: Acho que talvez um ou outro aluno... acho que no primeiro período... teve uma garota que, assim, eu não suportava ela, até mesmo depois a gente vai encaixando as coisas. Ela logo no começo falou que... logo no começo do primeiro período, ela falou isso pras amigas dela, não falou diretamente pra gente que era cotista, nem pra gente que era preto, que achava que quem entrava por cotas era burro, que não tinha condição de entrar por uma vaga comum, por uma vaga regular, não sei como que se fala. E aí ela não chegou a falar isso pra gente, mas, assim, ela era muito... sabe aquele tipo de pessoa que menospreza tudo que você faz, mesmo ela sabendo ou não da forma como eu entrei. Porque existiam outras pessoas que eram pretas e não entraram por cotas. Então, assim, depois eu descobri, né, que ela falou isso, depois ela foi falando outras questões e aí até mesmo uma das conversas que eu tive, ela começou a supor que por eu ser preta, por eu ser da baixada, eu morava em favela. E aí eu falei assim “Mas eu não moro em favela”. Aí ela “Ah, mas você já está acostumada a ver arma, a ver...” porque no primeiro período a gente foi pra uma comunidade que o posto de saúde era dentro da comunidade (do Salgueiro) e aí ela foi pra outra comunidade e ela voltou aterrorizada: “Ah não porque eu vi arma, porque eu vi bandido, porque eu vi isso...” e eu falei “Cara, mas isso é a realidade do Brasil, é a realidade do Rio de Janeiro, em nenhum momento você viu isso?”. Aí ela “Ah não né, porque você está acostumada, porque você mora...”. Dizendo que eu tenho que estar acostumada a ver isso. Aí eu

falei “Mas eu não moro na favela e mesmo assim eu já vi isso na minha vida”. Então, assim, ela tinha uma postura bem racista, homofóbica, estereotipava as pessoas, sabe? (Ent 3)

Restrição: A faculdade de Enfermagem, a gente imagina que ela não seja tão elitizada quanto a Medicina, mas ela tem um público um pouco mais elitizado. Teve situações, principalmente nessa época de corte de verbas... situações em que eu fiquei praticamente... praticamente não... eu fiquei meses sem receber... alguns professores não queriam parar. Não queriam respeitar a greve estudantil e queriam aplicar provas normalmente e eu não tinha dinheiro para chegar na faculdade. Não tinha como chegar, como me locomover ou permanecer na faculdade, já que é uma faculdade de tempo integral. Ai eu escutei algumas coisas de alguns alunos como “Ah, pega dinheiro com o vizinho”, esse tipo de coisa assim “Para poder vir, dá o seu jeito”. Tive que fazer, que ir algumas vezes, acabava desrespeitando greve, essas coisas, por causa da maioria, por causa desse pensamento de que “Ah, a gente quer se formar e o que importa é o diploma” e é isso aí. Fora os comentários. Parece que quem entra por cota está roubando a vaga de alguém e não é nada disso. (Ent 4)

Restrição: A minha turma era muito cheia de discentes cotistas, né, era uma das turmas mais cheias de alunos cotistas. Na época teve algum período que a turma toda estava muito mal e teve uma conversa, um papo de corredor (entre professores). “Ah, mas é uma turma formada por discentes cotistas”. Então, não sei, né? Naquela época eu vi como uma ideia de tipo assim, é esperado... essa turma não vai ter um bom rendimento porque tem alunos cotistas. Hoje eu não sei se era isso ou se era, bem a gente precisa entender que, na verdade, é uma turma de alunos cotistas então é esperado que eles tenham dificuldades por conta da base deles. Como eu vejo hoje algumas dificuldades minhas. Mas eu não acho realmente que foi nesse sentido não. Eu acho que foi em um sentido preconceituoso mesmo de tipo “Ah, é uma turma formada por alunos cotistas, então as notas não vão ser boas”. (Ent 6)

Restrição: Uma miga mesmo do grupo, muitas vezes ela não aceitava essa coisa de existirem as cotas. A gente conversava muito com ela, tentava explicar para ela, depois de um bom tempo eu acho que a mente dela começou a abrir, eu acho que ela entendia um pouco mais. Eu não percebia preconceito dela com relação à gente, com relação à cor, nada, ela tinha uma ótima relação com a gente mesmo, porém ela tinha uma repulsa com a questão das cotas especificamente. Não lembro se era com a cota de negro, eu acho que era com as cotas no geral. Como tempo eu acho que isso foi melhorando e ela foi

conseguindo compreender algumas coisas. Então eu não sei se tem a ver com a questão histórico familiar dela, né, o contexto de vida dela. E com o tempo eu percebi que ela foi entendendo e esse movimento, essa fala dela mudou. Mas a gente tinha realmente essa fala dela de “Eu não concordo, eu não aceito, eu acho um absurdo, eu quase não entrei por causa disso”, sabe essa coisa? Então a gente tinha isso. (Ent 6)

Restrição: É claro que a gente fica um pouco assustado, né? A pessoa vindo da baixada fluminense, a primeira pessoa da família a ingressar em uma faculdade pública, então era algo assustador. (Ent 8)

Restrição: Não, em momento nenhum (senti preconceito) em relação aos professores e à própria faculdade, porque não era de conhecimento de todos, não vi durante a graduação a busca dos professores por saber quem era ou não cotista, não percebia esse movimento, porém teve, no início da faculdade, um movimento de colocar os alunos que tinham bolsa permanência pra fazer atividades extra curriculares. Não chegou a ser obrigatório, mas foi um movimento que depois caiu um pouco em desuso, que era colocar eles pra fazer alguma coisa que justificasse a bolsa, não só o programa de permanência, né. Eu acabei fazendo, mas não era algo obrigatório, a gente não precisava estar lá sempre, né. Mas eu percebia, isso me gerou um pouco de desconforto. Esse, talvez, estímulo quase obrigatório, né, de fazer pertencer a um outro lugar. (Ent 8)

Restrição: Diretamente não, né, mas indiretamente a gente sempre escutava algumas histórias em relação a alunos cotistas, né. Mas pra mim diretamente não aconteceu não. Pelo fato de eu ser cotista não. (Ent 11)

Restrição: Os conflitos que eu vivi a respeito do ticket do bandeirão foram entre alunos. O que eu me lembro era do pré-julgamento, né. Tipo “Ah, eu sou tão pobre quanto, eu merecia ter um cartão”, “Mas você não ingressou por cota”. Aí a gente sempre fazia o movimento de questionar “Preto você não é, mas você estudou em colégio público?”, “Não, não estudei em colégio público, mas eu sou tão pobre quanto”. “Então vamos sentar aqui...”. E é isso... ao ponto da gente ficar amigo e falar “Toma o meu cartão, vai comer lá”. Porque é isso, umensina o outro, né, mas eram conflitos leves. Só piadinhas às vezes. (Ent 12)

Restrição: As pessoas brancas de ampla concorrência, elas sofriam o que a branquitude sofre, né, essa sensação de que eles não estão sendo valorizados. Isso é muito ridículo. E a gente brigava com eles... o quanto eles estavam sendo

ridículos de pensar daquele jeito. Por isso que a gente – eu falo a gente porque era um grupo muito forte – em alguns momentos parecia a preta raivosa, porque falava “Você não tem cota porque você não foi alguém escravizado”, “Ah, mas na minha família tem um preto”. Então assim, são injúrias raciais de uma forma delicada, uma injúria racial com película, dizendo que “Ah, se não fosse a cota você não ia entrar, eu ia entrar de qualquer jeito”. (Ent 12)

Restrição: Mas eu lembro, eu acho que esses diálogos podem ser mais dolorosos em outras formações, mas na Enfermagem... não sei na Medicina, na Engenharia, não sei, porque geralmente quem escolhe a Enfermagem tem uma relação familiar com a Enfermagem. Essa galera que quis fazer Enfermagem porque queria ser médico vaza... não aguenta. E é isso, assim, eu lembro que a gente conseguiu fazer muito diálogo, mesmo sendo muito doloroso. (Ent 12)

Restrição: Então, assim, eu preta com a pessoa de ampla concorrência branca, na época eu não conseguia ver como racismo. Eu achava que era pleno recálque. Muito porque a pessoa falava “Não, eu não sou racista”. Então hoje eu consigo perceber que aquelas pessoas elas não conhecem o que foi ser escravizado, não reconhecem a história de toda a ancestralidade que o povo preto sofreu de não ser reconhecido como um corpo que tinha alma, de tirarem as nossas religiões, de tiraremos nossos nomes, né. Então, se hoje eu sou de Jesus, provavelmente foi um cara de Jesus que trouxe todo o povo preto nesse navio negreiro. Sabe lá que nome eu teria. Então, eu consigo ver hoje, depois que eu já saí da universidade, pelos estudos que eu já tenho feito, que aquelas pessoas eram racistas e elas, se bobear, até hoje não sabem que são. Porque o racista vai pra além do pré-julgamento de que eu posso entrar nessa rua ou não, ele vai pra quem não identifica a dor do povo preto, a meu ver. E elas não reconheciam a dor do povo preto, né, de toda a ancestralidade. Em pensar que na minha família, na minha ancestralidade, as mulheres foram estupradas, em pensar que eu era a primeira pessoa a entrar em uma faculdade pública. E que se não fosse a cota eu provavelmente não entraria porque a gente foi tirado de todos os lugares de todas as formas. Hoje eu consigo refletir que aquelas pessoas não tinham tolerância do corpo preto dentro da universidade, eles não toleravam a ideia de eu estar ali, de eu ganhar uma bolsa para estar, porque aí fica mais difícil de eu desistir... e eles não tinham, mesmo que eles fossem pobres. E eu além de pobre, ainda era preta e ainda era mulher. Então, é isso. (Ent 12)

Igualdade: sentir que existe equilíbrio entre a experiência acadêmica de todos os alunos

Restrição: Eu precisei fazer muito esforço. Não é fácil, sabe? Você tem que se desdobrar para conseguir chegar no mesmo nível que as pessoas que têm certos tipos de facilidade, né. Então, acho que a minha experiência foi diferente delas porque a faculdade tem um peso muito maior para mim do que para elas. Cada um sabe de si, né, cada um leva como dá para levar, mas, para mim, foi muito mais pesado por eu ter outras dificuldades ao longo do caminho, entendeu? (Ent 1)

Restrição: A principal diferença que eu via era de como as pessoas iam preparadas para a experiência da faculdade. E aí quando eu digo experiência da faculdade, é assim, ter pessoas que já foram à faculdade e te explicam como é, como funciona a faculdade, como funcionam os projetos, porque assim, eu só fui perceber a dimensão do que o projeto te traz, não só como aluno, como ele agrega na sua formação, quando eu já estava dentro do projeto. Em nenhum momento eu tive a experiência de alguém que já participou, que já fez faculdade conversar comigo e falar assim: “Olha, é importante você participar de projeto, participar de Iniciação Científica” (...). Eu não tive uma pessoa que chegasse e falasse assim “Olha, é importante você escrever, é importante você estar em grupos de discussão, é importante você participar de estágios em diferentes pontos porque aí você vê qual é a sua área de interesse, sabe? Esse tipo de coisa que eu vi em muitas pessoas, que não tiveram... que não eram da questão cotista, né, que não eram cotistas e que tiveram meio que essa introdução, sabe, à faculdade. E aí eu acho que também é porque as pessoas que me rodeavam, que eu tinha contato nunca tinham ido pra faculdade e, assim, isso pesou também muito pra mim. (Ent 3)

Restrição: E eu me vejo muito vitoriosa, muito guerreira, porque não foi fácil, não foi simples e eu fazia o movimento de estudar sozinha, de fazer o meu próprio cronograma de estudo, de fazer um pré-vestibular comunitário e de mandar as minhas dúvidas pra uma amiga que tinha um pré-vestibular que pagava, né, que a família pagava um pré-vestibular pra

ela. Aí ela levava as minhas dúvidas como se fossem as dela e depois me trazia as respostas. (Ent 6)

Restrição: (A vivência dos alunos era muito diferente) por todos esses pontos que eu falei, assim, a questão do trabalho. A questão de morar perto ou não. A questão de ir de carro ou de alguém ir buscar ou não. A questão de já morar na cidade do Rio e eu morar na baixada, né, e ter muito mais dificuldade de acesso, acordar muito mais cedo pra chegar. Então, assim, tinha total diferença... da escola onde a galera tinha estudado e de onde eu tinha vindo, onde eu tinha estudado, né, da quantidade... do que eu sabia e de como a galera sabia. Tinha muitas diferenças. Eu percebia isso. (Ent 6)

Restrição: Eu acho que tem diferença sim, porque o costista – eu falo por mim – eu tenho mais dificuldade de trajeto, tinha maior dificuldade de sanar a minha necessidade de livros, de estetoscópio, eu tinha, no começo da faculdade, porque eu só ganhava R\$500,00. E os outros alunos da minha turma tinham um, como que eu posso dizer, eles podiam comprar... tipo assim, o estetoscópio que a professora pedia, eles podiam comprar, o livro que a professora pedia, eles podiam comprar. Eu via que eu me atrasava um pouco nos estudos porque eu não tinha como comprar algumas coisas e isso realmente é um pouco difícil. (Ent 7)

Restrição: Eu acho que todos têm a mesma oportunidade, né, mas eu acho que eu sinto muito mais dificuldade do que talvez quem entrou por ampla concorrência. Pra se manter mesmo na faculdade. (Ent 9)

Restrição: Eu acho que a diferença (entre alunos de ampla concorrência e dos que ingressam por cotas) são as questões de vida. De como é a organização financeira, econômica. E as questões de cor também, né, de acesso, histórias de racismo que tinha na nossa parte enquanto os outros não tinham. Que aí vai logo pro entre branco e negro, né. Porque também tem a cota de escola pública, né, mas fazendo essa comparação entre cota racial e não racial essa é uma diferença, assim, que é gritante. (Ent 11)

Restrição: As pessoas traçam que muitas vezes é pra quem tem dinheiro, pra quem consegue fazer um ótimo pré-vestibular, pra quem é filho de pessoas com condições financeiras melhores e maiores ou quem tem condições de não trabalhar e estudar e tem alguém que banque, né, esse processo. Eu não discordo, de certa forma, delas. Em alguns momentos eu acho que isso é muito real. (Ent 6)

Restrição: Ah, eu acho que muita coisa (era diferente na experiência dos alunos). Na questão do próprio tempo de estudo, né. Por exemplo, eu, durante mais da metade da faculdade, precisei trabalhar de noite, sair da faculdade direto pro trabalho, com prova no dia seguinte, entendeu? Então isso me prejudicava bastante, mas eu não tinha opção. E, assim, tirando o meu caso à parte, eu acho que pras outras pessoas também que dependem de cota, olhando pra alguns casos da minha turma, essa diferença é notada até no próprio desempenho nosso, né, que acaba refletindo em laboratório, em provas mesmo. Acaba ficando um pouco... não digo discrepante, né, porque a gente corre atrás, mas acaba refletindo nos resultados. Também não poder me envolver tanto como eu gostaria nos projetos de iniciação científica, projetos de extensão. Eu só pude participar de um, porque eu não tinha essa disponibilidade. Eu tinha que sair da faculdade, já ir direto pro trabalho, chegava tarde, tinha que estar de manhã cedo de novo. (Ent 13)

Conhecimento prévio: capacidade de realizar que está na universidade em razão de seu conhecimento, de seu desempenho, e sentir-se amparado para minimizar possíveis defasagens do ensino médio

Garantia: Eu vi até alguns e-mails, como cotista eu recebi, sobre auxílio de matemática para pessoas que têm dificuldade. Achei a iniciativa da UERJ muito legal, porque eu acho importante a gente procurar esse aluno que está recém chegado de uma ação afirmativa e falar assim “Olha, você tem dificuldade nisso? Então vamos tentar trabalhar isso aqui melhor, vamos tentar fazer isso aqui de um outro jeito”. (Ent 5)

Garantia: Ao longo do curso, você consegue perceber que quem realmente permanece, leva até o final e consegue ter um grande aproveitamento são as pessoas que ingressaram pelo sistema de cotas. (Ent 1)

Garantia: E eu fui surpreendida por mim mesma, porque eu comecei a corrida, a corrida contra mim mesma. Eu tive que me superar. Ai eu descobri o quanto eu sou forte, o quanto eu posso chegar onde eu quiser chegar, o quanto eu sou inteligente. (Ent 1)

Garantia: Uma das coisas que eu achei superimportante, que eu fiquei sabendo sobre o relatório, né, que teve sobre os alunos cotistas, é que eles normalmente estão acima da média. Então esse ponto de que você é menos inteligente, que você não tem mérito de estar na faculdade por causa das cotas, eu

acho que isso morre quando você percebe que até o desempenho dele – mesmo com todas essas adversidades que ele vive, que o aluno cotista tem – ele ainda consegue ter um desenvolvimento, né, acima da média. Por mais que a nota não seja o que diz se ele vai ser um bom profissional ou não, ainda é o que vale muito pra comunidade acadêmica, né? (Ent3)

Restrição: Mas são dificuldades que eu enfrentei a vida inteira, colégio público, de ter algumas coisas que eu não sabia. Por exemplo, para você discutir certos assuntos no início do curso, com matérias de filosofia, ética, bioética... você tem que ter um embasamento teórico para falar sobre isso. Quando eu me deparava com certas perguntas e conversas, eu não me encaixava porque aquilo não fazia parte da minha cultura, do que eu trouxe até onde eu cheguei. (Ent 1)

Restrição: E aí eu ficava feliz porque estava na faculdade, mas também sentia uma grande diferença. E aí até você se encontrar, até você entender que você é capaz, correr atrás do tempo perdido, você se sente ainda um pouco amado. (Ent 1)

Restrição: Porque até você provar que você é capaz, que você é boa, que você é inteligente, ninguém quer fazer trabalho com você, até você mostrar que você é bom. (Ent 1)

Restrição: Muitas vezes a pessoa acha “Ah, entrou por facilidade”. (Ent 1)

Restrição: As pessoas começam a se apresentar: “Ah eu estudei em tal colégio particular, o outro estudou em tal colégio, ah eu fiz tal cursinho, eu tirei em primeiro lugar no vestibular para estar aqui”, isso tudo assusta. (Ent 1)

Restrição: Porque até então você “Ah eu sou boa”, mas assim, o quão inteligente você é? As pessoas a sua volta acham que você não é inteligente. (Ent 1)

Restrição: No início você precisa provar que você é boa. Então, no primeiro semestre, antes de virem as provas e tal, as pessoas não querem fazer com você o trabalho porque acham que você não vai se dar bem, que você não deve saber muito “tadinha”. Só que depois que você prova que você é boa, as pessoas querem ficar próximas de você. (Ent 1)

Restrição: Não é facilidade. Você tem que correr e estudar do mesmo jeito que as outras pessoas que não entram por cota. Eu faço a mesma prova. A mesma questão que o colega que

não entrou por cota, que não teve, não tem essa ferramenta, a mesma questão que caiu para ela caiu para mim também. Eu também fiz. E as pessoas não entendem isso. As pessoas acham que eu fui colocada, que a gente é colocado, que puxaram lá da fila, mas não tem nada a ver. A gente também disputa... de forma justa. Entre os seus parecidos, os seus iguais. (Ent 1)

Restrição: Geralmente – e eu posso estar errada – mas geralmente ele entra por ampla concorrência, mas por trás disso ele tem um preparo diferente de mim, que entrei pelo sistema de cotas... um curso preparatório, conteúdo de colégio particular, então tem toda uma bagagem que eu não tinha. (Ent 1)

Restrição: E aí às vezes associam a cota como uma facilidade, como algo que eu estou roubando o lugar de outra pessoa, que eu não tive méritos por estar em uma faculdade ou porque eu precisei das cotas pra poder chegar em uma faculdade, pra poder conseguir a vaga. (Ent 3)

Restrição: O professor, né, durante a aula falando sobre isso, que não precisa de cota, que se o ensino fosse nivelado todo mundo conseguiria ingressar. E a gente sabe que o ensino não é nivelado, que o que eu estudo em uma escola pública – se não for uma escola federal, que ainda tem que entrar esse parêntese porque as pessoas ainda não entendem isso – existe diferença. Uma pessoa que estuda três, quatro horas, não é a mesma coisa que uma pessoa que estuda oito horas por dia, que tem um turno extra pra poder tirar dúvida, pra poder fazer questão de vestibular. (Ent 3)

Restrição: Então assim, as pessoas vêm com defasagem de ensino mesmo, porque são cotistas e aí você consegue passar porque sua nota é menor, mas você tem um déficit educacional e os professores, muitos não têm ciência nem estão dispostos a ver que isso existe, porque eles querem manter uma média do curso, porque, sei lá, a universidade tem aquele, digamos assim, tem que ser difícil. Eu acho que não tem que ser difícil, eu acho que você tem que aprender. E isso dificulta muito, faz as pessoas quererem sair do curso porque você não consegue se manter, tem fome, tem os outros problemas familiares que aparecem, todo mundo tem problema. E você ser cotista no meio disso tudo, você às vezes, vamos dizer assim... o professor acredita em meritocracia e a meritocracia não existe ali. Porque tem gente que, sei lá, não sabe o que é um tecido. Nunca ouviu falar disso na escola. Enquanto tem gente que sabe tudo porque estava estudando para passar, sei lá, em Medicina e pagava cursinho. Muita gente não tem acesso a isso. (Ent 5)

Restrição: Ainda há alguns professores que não pensam tanto assim nos alunos, nem se eles vão conseguir acompanhar aquele ritmo sabe? É meio desumano. (Ent 5)

Restrição: Eu acho que quem vem de uma cota afirmativa, no íntimo dele ele sente “Po, será que eu sou burro porque não consegui passar igual aos outros?”. E, de fato, sua nota foi menor, então você não consegue passar e você se valora por uma nota. O ser humano não é só uma nota, mas a cota está ali para dizer que há desigualdade, então vamos tentar igualar as pessoas. (Ent 5)

Restrição: Eu percebi, por exemplo, eu fui fazer uma disciplina de biologia celular e, quando eu cheguei na disciplina eu não tinha a menor ideia de como era. Eu tinha realmente dificuldade de entendimento com aquela disciplina, foi um processo. Enquanto o meu colega, ele navegava sobre aquela disciplina com muita facilidade. De certa forma, ele já gostava dessa área, tanto que depois ele saiu e foi fazer biologia, mas eu via na fala dele algo que era muito real. Ele fala assim “Não, mas isso eu cheguei a ver na escola e depois foi reforçado no pré-vestibular”. Então assim, enquanto ele tinha visto aquilo na escola e depois reforçado no pré-vestibular, eu não lembrava em qual momento na minha vida, no meu estudo, na minha escola eu tinha visto aquilo. Então, eu senti esses desafios. A diferença, o quanto que a diferença do ensino ela vai se colocar ali na hora que você está estudando. Ela vai se apresentar. Eu percebo muito isso todo dia, que às vezes o nosso ensino, dependendo de como é o nosso ensino, a gente tem grandes dificuldades. E eu percebia isso nessa disciplina, percebia na disciplina de bioestatística, eu fui percebendo no decorrer da graduação quando eu tinha alguma dificuldade na escrita, né, pra dissertar melhor, pra escrever melhor as coisas. As dificuldades com a leitura, de ler artigo, de ler livro, de entendimento. Porque isso vinha da minha construção de ensino fundamental e ensino médio. E, ainda assim, eu me achava privilegiada com relação a outras pessoas da localidade onde eu moro, ainda me acho. E, ainda assim, eu tinha ido no ensino médio pra uma FAETEC, não era um ensino como de outros colegas meus. Mesmo assim eu percebia desafios, dificuldades com relação ao ensino por algumas coisas que deveriam ser a minha base. Então, eu percebia isso com muita intensidade. (Ent 6)

Restrição: O indivíduo que estudou em colégio público, seja ele preto ou não, ele não tinha tanta credibilidade na escrita, assim. Não tinha, sabe, uma sensibilidade daquela avaliação, né. Por exemplo, alguém que fez o ensino médio sem biologia vai ter dificuldade na Enfermagem em falar sobre a mudança

da mórula... é isso, assim, as concepções de embiogênese... a gente sentia o quanto os alunos cotistas, os estudantes cotistas, eles precisavam se doar mais, assim, quando tinha esse recorte de classe e educacional, né. E a maioria era porque a hipossuficiência financeira era necessária de ser comprovada para a cota, então, automaticamente, essa pessoa teve um ensino mais precário, a não ser que ele fosse bolsista em um colégio particular. (Ent 6)

Compreensão do próprio direito: ter a consciência de seu direito à cota, direito de estar na universidade pública

Garantia: Isso não é desmerecendo ninguém e nem é se colocar abaixo de ninguém. É só que você precisa estar lá dentro e a disputa é injusta se você colocar na ponta do lápis. Se a gente fosse fazer uma conta, a exatidão ia mostrar que existe uma grande discrepância e não é só por conta da minha cor, é por conta da minha classe social e tudo que está em torno disso. (Ent 1)

Garantia: Eu tenho tanto direito quanto você. Eu estudei para estar aqui. Eu acho que as pessoas têm que deixar claro o que é isso, para que serve, para que todos possam entender. Quebrar esse muro que divide, né. (Ent 1)

Garantia: (A cota) é você trazer pra dentro das universidades uma grande população negra que ficou pra trás por conta de questões histórico-sociais. É deixar acessível pra uma população que não tinha muito acesso à educação universitária, né. (Ent 11)

Garantia: O que eu planejei pro meu cotidiano? Eu coloquei a cota na universidade, mas em uma pactuação comigo eu pensei “Eu coloco a cota hoje porque eu reconheço todos os não privilégios, né, todos os espaço que eu fui privada”. E quando eu fiz a residência eu fiz a opção de não escolher a cota racial porque, na minha cabeça, eu tinha vivenciado um espaço de formação de privilégio e eu queria deixar essa concorrência de cotas um pouco sem a minha presença por exemplo, porque eu achava que tinha feito uma formação muito boa. E, de fato, eu não coloquei cota racial mais, assim. (Ent 12)

Garantia: Nos espaços de diálogo e discussão, os cotistas conseguiam gerar mais enfrentamento e criticidade,entendeu? Eu sentia falta no grupo de ampla concorrência da discussão. Inclusive quando eram pessoas pretas, a discussãosobre ser, estar e pertencer, sabe? (...) Agora, pra eu compararcom uma mulher preta, como eu, de ampla concorrência, né...eu sentia que essa mulher preta dialogava menos sobre esse pertencimento, sobre a potência que é ter essa mulher preta ali. É uma sensação que eu tenho. Não que ela não expressasse, não que fosse menor a luta, pelo contrário. É porque geralmente a gente usa isso pra quem é cotista, né. A gente acha que o cotista vai ficar ali à margem. Mas não, eu sentia que o de ampla concorrência tinha pouco diálogo e aí ele não ia. E aí alguns até chegavam no final e falavam “Nossa, eu devia ter botado cota só de raiva”. Não é que não ia passar ou ia passar, a ideia não é essa, é o fortalecimento do povo preto aqui dentro. E aí eles chegavam em um consenso final. Mas o que eu sentia de diferente era essa capacidade argumentativa de criticidade sobre o todo, sabe? (Ent 12)

Garantia: (Algumas pessoas) Acham que a gente está sendo beneficiado, beneficiado do que? Povo escravizado que perdeu o nome, perdeu a alma, perdeu a religião. Isso tudo que a gente está discutindo desde mais cedo. (Ent 12)

Restrição: Eu inicialmente não pensava em universidade pública. Eu sempre pensei em PROUNI, universidade privada, porque eu realmente pensava que não era algo que estaria ao meu alcance, eu achava que eu não conseguiria acesso a isso, não me via fazendo isso. E aíquando essa amiga traz essa ideia eu falo “Cara, mas não dá pra mim”. (Ent 6)

Restrição: Por exemplo, hoje eu estou em uma universidade privada trabalhando e, quando eu falo de residência, de universidade pública, os meus discentes falam “Ah professora, sem chances, não tem como, isso é mais pra quem tem condições, é pra quem isso, pra quem aquilo”. Eles só mudam essa perspectiva, esse olhar, quando eu conto pra elesa minha história. Fora isso, a mente deles está totalmente voltada pra uma coisa de que não tem condições, que pra

pobre só dá pra trabalhar e pagar a faculdade, entendeu: Conseguir bolsa no PROUNI, conseguir qualquer outro tipo de bolsa, mas não existe a possibilidade de entrar em uma universidade pública. (Ent 6)

Restrição: De primeira, eu me via como uma pessoa que não seria capaz de adentrar em uma universidade pública. Depois eu me vi como uma grande mulher, assim, em estar podendo estar naquele ambiente de uma educação privilegiada. Não que eu estivesse em um privilégio, eu estava no lugar onde eu tinha que estar mesmo, entendeu? Mas eu acho que é ter a chance de conseguir adentrar naquele espaço de educação, né, de ensino superior (...). Primeiro a gente se vê como uma pessoa que não é capaz, porque acho também que isso é um pouco do reflexo de como as pessoas lá fora te enxergam. (Ent 11)

Rede de apoio de pessoas próximas: sentir amparo de pessoas próximas para ingressar e sanar dificuldades relacionadas à vida acadêmica

Garantia: Isso ficou muito pesado para mim e aí ela me convidou para ficar com ela onde ela mora, lá em Olaria, e eu fiquei uma boa parte. Fora que ao longo da faculdade, se tivesse uma prova no dia seguinte ou um trabalho para apresentar, essas amizades que eu fiz – muito boas por sinal, pessoas muito importantes, que me deram um grande apoio – me convidavam “Ah, fica lá em casa, não precisa voltar pra casa hoje”. (Ent 1)

Garantia: Mas minha família me apoiou. Apesar dos meus pais não terem ensino superior, eles defendiam isso, que o ensino superior seria uma certeza de um futuro melhor. (Ent 2)

Garantia: Acho que uma das coisas também que eu tive, que eu ainda tinha muito do ensino médio, era de que o professor era aquele ser perfeito, que estava em um patamar diferente e você não teria essa interação, sabe? E aí isso foi muito quebrado durante a graduação, de ter proximidade com os professores, de ter até mesmo uma certa amizade e perceber que até mesmo depois... de conversar, sabe, de pedir indicação, de ter esse contato, de mostrar mesmo esse mundo acadêmico. (Ent 3)

Garantia: E eu tinha professores (no ensino médio) que tinham uma mentalidade... que faziam a gente tentar pensar um pouco diferente e eu tinha amigos que também tinham condições financeiras e realidades um pouco diferentes da

minha. E esses amigos faziam um movimento de pensar em universidade pública (...). E aí quando essa amiga traz essa ideia eu falo “Cara, mas não dá pra mim”. E quando ela fala do ingresso pelas cotas e tudo mais, que tinha uma amiga que tinha tentado, e ela fala que a gente precisa fazer e ela me ajuda em todo esse processo é que eu começo a enxergar a possibilidade. E aí eu opto por tentar, por me inscrever já que eu estou ali. E aí eu faço esse movimento. Mas, assim, eu acho que se eu não tivesse alguém que tivesse esse domínio, essa sabedoria e tudo mais, eu não teria esse tipo de acesso de nenhuma forma porque eu não tinha esse contato, eu não sabia como funcionava. Eu não sabia como ver os documentos, selecionar os documentos, então foi um processo bem difícil, bem longo aí. (Ent 6)

Garantia: Eu acho que foram superadas, porque eu tinha uma pessoa que teve essa vivência na faculdade. Ela entrou pro mesmo curso que eu, ela fez o mesmo curso que eu e tal e hoje em dia ela é enfermeira. Ela me contou muito sobre o curso e tal. Então, pra mim, assim, foi minha base essa pessoa. (Ent 7)

Garantia: Antes de eu entrar na UERJ foram meus amigos que estudaram na UERJ. Então eu fui muito bem informada antes de chegar na faculdade. (Ent 10)

Garantia: Então, eu não imaginava o mundo acadêmico não, eu imaginava que, assim, sempre foi um foco da minha mãe: “Você tem que entrar na faculdade”. (Ent 12)

Garantia: Eu já vivi momentos que a minha turma, a minha turma era muito unida, né. Então a professora falou “Gente, se chegarem atrasados, ou alguém sair da sala, ou iniciar a prova quem tiver chegando não vai fazer”. E aí a turma falou “Não mas a gente tem uma colega chegando do plantão, ela está vindo do hospital e tal”. E aí a professora falou “Então, de duas uma ou vocês não começam a prova, ou ela perde a prova”. Aí a minha turma toda virou assim a prova e esperou chegar, né. E ninguém começou a prova. (Ent 6)

Restrição: Mas as pessoas mais próximas a mim, muitas vezes eu fui questionada se lá era o meu lugar mesmo, se eu deveria ocupar esse lugar... uma faculdade pública. Porque as pessoas ao meu redor, elas entendiam como um status... que eu estava cursando uma universidade pública por status e não porque eu ocupo aquele lugar mesmo. Vindo de uma família pobre e sem condições de pagar uma faculdade particular. Então, eu fui muito questionada ao longo desses cinco anos. As pessoas meio que não aceitavam muito assim. (Ent 4)

Restrição: Outra parte (da minha família me vê) como alguém que conquistou as coisas praticamente de mão beijada, por eu ser cotista. (Ent 7)

Amparo social: sentir que a sociedade compreende seu direito de estudar em uma faculdade pública

Garantia: Eu acho que a sociedade me vê como uma pessoa esforçada, dedicada, que quer, né, uma vida melhor, alcançar coisas melhores. Acho que é isso. (Ent 9)

Garantia: Eu me vejo, acho que como uma pessoa que luta pelo seu futuro. Eu acho que a sociedade me vê da mesma forma que eu, talvez. Uma pessoa que olha pro futuro, que quer uma coisa pro futuro. (Ent 10)

Restrição: Em relação à sociedade, as pessoas não entendem muito bem, né. As pessoas às vezes falam tantas coisas. A gente para pra conversar com pessoas que são contra a cota, as próprias pessoas afrodescendentes, negras, que são contra a cota. (Ent 1)

Restrição: Então, eu acho que a sociedade ainda tem uma visão muito deturpada do que é uma pessoa negra que entrou por cota estar dentro de uma faculdade e acha que você não estuda, né. (Ent 1)

Restrição: Então, isso está mudando, muitas pessoas estão, agora, entendendo um pouco mais, mas na minha época, as pessoas tinham um entendimento totalmente deturpado sobre o que é estar dentro de uma faculdade sendo negra, pobre, enfim. (Ent 1)

Restrição: Agora a sociedade, não sei, acha que eu não fiz mais do que a minha obrigação, talvez. (Ent 2)

Restrição: Pra sociedade, eu acho assim, ainda mais sendo uma faculdade pública, né, eu acho que o que eu vejo, o que eu vivi, o que eu senti é muito um misto de espanto com “Como você pode estar nesse espaço? Como você conseguiu?” (Ent 3)

Restrição: Eu acho que a sociedade por um lado vê da mesma forma como a comunidade vê, como eu citei antes, e por um outro lado, às vezes eu acho que a sociedade acha ruim, né. Algumas pessoas da sociedade trazem aquele conceito de que “Ah não, porque foi cota, né, conseguiu por isso. Porque era uma nota menor de corte”, “Eu nem concordo que tenha cotas pra negro, eu não acho que é isso, acho que diminui a ideia do quanto o negro estuda, não é por aí, a cota

não deveria ser dessa forma”. Mas, ao mesmo tempo, eu vejo uma vertente também de justiça, de equidade, então eu acho que a sociedade na minha mente é algo muito amplo, né? Então a gente tem diversas pessoas e diversos pensamentos aí. As pessoas que pensam muito parecido com a gente, que buscam, que leem, que trazem uma vertente diferente para o que é a ideia das cotas. E as pessoas que nem leem e trazem os seus próprios julgamentos e, de repente, se a gente conversar, passam a pensar um pouco diferente, a refletir mais sobre isso... e aquelas pessoas que não estão nem aí, e que acham que, na verdade, não era pra gente ingressar mesmo. (Ent 6)

Restrição: E a sociedade... acho que eles veem como alguém que roubou a vaga do filho deles, o que é bem engraçado, né? (Ent 7)

Restrição: A sociedade também te vê como uma pessoa que não é capaz de estar ali dentro. Inclusive professores que já me deram aula no ensino fundamental, quando me viram dentro da universidade não acreditaram muito. Eu acho que é essa a visão, né. (Ent 11)

Informação: ter acesso facilmente a informações sobre projetos, bolsas e tudo o que a universidade tem a oferecer à sua formação para além do que é ensinado nas aulas

Garantia: Antes mesmo de ter entrado para a faculdade eu já consegui acesso fácil às informações, tanto pelo edital, que é bem explicativo, quanto pelas redes sociais. Os administrativos dessa parte são bem presentes... na rede social... e respondem. São bem ativos com as nossas dúvidas. (Ent 2)

Garantia: Na época eu seguia a página do PROINICIAR, né, que é um dos departamentos da UERJ responsáveis pela divulgação de bolsas, pagamento de bolsas e cotas, e a gente tinha toda a atualização pelo Facebook, através das redes sociais mesmo... do Facebook ou do estado mesmo. (Ent 4)

Garantia: Eu procurei saber quais eram as ações afirmativas que a UERJ tinha para poder saber se eu ingressasse, se eu ia poder me manter no curso. No portal do aluno tem um ícone para você clicar em manual do aluno. Nesse manual do aluno vem escrito tudo sobre isso. Eu que pesquisei antes mesmo de entrar, né, quando fui prestar o vestibular. (Ent 5)

Garantia: Das bolsas eu soube pela própria UERJ. Eu me sentia bem informada com relação a isso, assim. Eu recebia as informações, recebia por email e depois... e aí eu conseguia. A minha turma, acho que por ser bem cheia de cotistas, a galera se informava. Quando um não sabia, o outro sabia. Todo mundo ia fazendo esse movimento de se ajudar. Mas eu recebia, sim, as informações pela própria UERJ. E depois, por eu estar no Centro Acadêmico e dentro do Centro Acadêmico ter esse papel também de estimular, de orientar, de tentar trazer informações para os discentes como um todo, eu acabava sabendo mais ainda das coisas. Então eu me sentia bem informada. (Ent 6)

Garantia: Eu acho que a faculdade em si informa muito bem também. Eles usam as redes sociais, Instagram, Facebook. (Ent 10)

Garantia: No início da faculdade foi bem informativo, né, eles se reuniram com todos, independente de curso, pra informar os direitos, aqueles benefícios. Durante a faculdade eu recebi, por exemplo, alguns livros. Eu gostava um pouco dessa comunicação, porque ela acontecia via diretoria e a gente tinha uma relação com os diretores da faculdade de Enfermagem muito boa. (Ent 8)

Garantia: A UERJ acho que informa. Acho que tem uma cartilha, né, um informativo sobre as questões assim. Mas também, na dúvida, a gente procura informação e eles dão. Acho acessível. (Ent 11)

Garantia: Eu me considero, assim, no geral, bem informada. Sigo bastante a rede social da instituição mesmo. A gente também tem contato, né, com professores que estão sempre falando, professores que têm mais disponibilidade em estar conversando em relação a isso. Então eu me considero sim. Me considero informada. (Ent 13)

Restrição: Precisa de melhoria (nas informações). Eu ficava sabendo entre os colegas mesmo. As notícias iam de pessoa para pessoa. Você falou sobre instrumento que usavam para poder informar essa assistência... eu até hoje não sei. Se você me perguntar... eu sei que tem o setor que é responsável e que de vez em quando entrava em contato, mas divulgações, encontros, essas coisas assim a gente ficava sabendo um pelo outro. (Ent 1)

Restrição: Assim, a gente sabe que existem alguns auxílios e aí, por exemplo, eu fiquei sabendo acho que no quinto

período – mesmo eu sendo do CA – que tinha um... que a gente recebia como se fosse umkit por ser cotista. Umkit queacho que tinha... eu não sei se era livro... era alguma coisa assim relacionada ao estudo. Então, eu recebia assim, sei lá, um livro ou... eu lembro que eu até recebi o estetômetro, um livro sobre Fundamentos de Enfermagem tal. E eu só fui descobrir isso no quinto período. Pelo que eu entendi, você recebia isso quando entrava na faculdade e eles contavam quantos alunos cotistas tinha e tal. Mas, assim, eu acho que de auxílio mesmo que eu sabia era só isso. E aí questão de projeto, de bolsa eu que corria atrás pra poder complementar renda, essas coisas, mas, assim, de outros auxílios que tiveram ou benefícios eu não sei, não sabia. (Ent 3)

Restrição: Mas eu acho que às vezes até ter um representante, sabe, que seja um representante dos cotistas, alguma coisa desse sentido, pra ter essas informações, informações sobre auxílio, informação sobre o que pode ser feito, o que não pode ser feito, o que está disponível, o que não está. Ter alguma coisa no sentido, até mesmo, sabe, de organização, de ter reuniões frequentes, meio que uma organização mesmo desses alunos. Porque às vezes o que a gente não tem é informação sobre as possibilidades, até mesmo de quando sofre algum tipo de violência nesse sentido, né, nesse sentido de que não é tão inteligente ou que você é cotista, você não deveria estar aqui, sabe? Saber o que a gente pode fazer com essas informações ou até mesmo, acho que ter alguma orientação com relação a isso. Aí eu acho que ter uma organização desses alunos seria muito importante. Faria diferença pra mim durante a minha graduação. (Ent 3)

Restrição: Então, eu acho que a UERJ chega a informar, mas, como ela informa em algumas redes sociais, é uma coisa que não chega pra todos os alunos. E tenho acesso, mas nem todos têm. Então, eu acho que é uma coisa que deveria ter uma repercussão um pouco maior. Tanto quanto a bolsas, quanto a auxílios, assim, eu acho que tinha que ter uma repercussão maior. (Ent 7)

Restrição: Porém, eu faço essa crítica pra... eu gostaria que eu recebesse, por exemplo, por e-mail. Porque algumas faculdades que os alunos não tenham uma boa relação com a diretoria, né, com os diretores da faculdade, com os coordenadores de graduação, isso talvez ficasse truncado. Como eu também era líder de movimento estudantil, líder do Centro Acadêmico, as informações chegavam mais fácil, mas eu não sei se isso funciona na UERJ como um todo. Na faculdade de Enfermagem acontecia. (Ent 8)

Restrição: Em alguns momentos a gente tinha que buscar informação mesmo, elas não chegavam até a gente, mas quando a gente buscava, a gente encontrava. (Ent 8)

Restrição: Eu fiquei sabendo mesmo por outros alunos. A bolsa de Iniciação Científica foi um professor que indicou. Eu acho que em questão de informação a faculdade deixa um pouco a desejar. (Ent 9)

Representatividade e apoio: sentir-se representado e apoiado pelos professores e pelas atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Garantia: As duas (professoras negras) que eu tive eram bem ativas em relação a esses assuntos mesmo, raciais, elas eram bem ativas. (Ent 2)

Garantia: E aí esse coletivo foi criado mesmo pelas alunas, a intenção surgiu pelas alunas e aí até uma professora se juntou com a gente, mas foi bem pro finalzinho da graduação. (Ent 3)

Garantia: Acho que uma das coisas também que eu tive, que eu ainda tinha muito do ensino médio, era de que o professor era aquele ser perfeito, que estava em um patamar diferente e você não teria essa interação, sabe? E aí isso foi muito quebrado durante a graduação, de ter proximidade com os professores, de ter até mesmo uma certa amizade e perceber que até mesmo depois, de conversar, sabe, de pedir indicação, de ter esse contato, de mostrar mesmo esse mundo acadêmico, porque eu não tive isso. (Ent 3)

Garantia: O corpo de professores... docente... o corpo docente abraça muito você. Na UERJ, tá? Eles entendem bem a demanda daquele aluno. Eu falo corpo, mas claro que há uma parcela de professores que não são assim. Mas na grande maioria eu vi... nesses poucos professores que eu já passei... eles entendem bastante, são bem compreensivos e sempre te incentivam a ser melhor. Eu acho que essa é toda a questão. (Ent 5)

Garantia: Eu lembro que a faculdade de Enfermagem foi muito sensível de deixar esse aluno fazer o internato mesmo sem cumprir essa disciplina... assim, porque o certo é você terminar todas disciplinas e ir pro internado, e eu lembro da sensibilidade que a Enfermagem teve. (Ent 12)

Restrição: Conto, assim, nos dedos o número de professores negros que a faculdade de Enfermagem da UERJ tem. Na época da minha graduação, eu fui conhecer a minha primeira professora negra no quinto período. Foi a professora que mais chegou próximo da gente e conto, assim, nos dedos. Talvez, na minha graduação toda... quatro. Consigo me lembrar de quatro professores. Quatro professores negros. Indígenas não

me lembro. (Ent 1)

Restrição: Bastante falta (de representatividade). Eu tive duas professoras negras somente. (Ent 2)

Restrição: Para o meu curso, com certeza ter mais professores negros. As duas que eu tive eram bem ativas em relação a esses assuntos mesmo, raciais, elas eram bem ativas, mas por terem passado pouco tempo com a gente, acaba que os maiores exemplos que a gente teve na turma, que falavam sobre diferenças nas populações ou injustiças sociais ou injustiças financeiras acabavam sendo de outras pessoas brancas, de classe média. Então você escutava, mas você não via a representatividade. Eu acho que tinha que ter realmente mais professores negros. (Ent 2)

Restrição: A maioria dos meu professores eram brancos. Na verdade, eu acho que professores negros, três, e dois que se identificavam como negros. Isso durante toda a graduação. (Ent 3)

Restrição: E aí isso foi uma coisa também que no momento que eu estava passando, né, durante o primeiro período eu não percebi, mas a gente vai percebendo, vai refletindo... a única professora preta que dava aula no primeiro período, ela foi a professora que foi usada no trote pra poder ser basicamente demonizada, pra ser a professora “Não, porque ela é muito ruim, ela exige muito e tal”. E aí eles meio que passaram uma atividade pra gente durante o trote, só que a gente não sabia que era trote, já como se fosse uma primeira atividade dela. E aí isso me fez refletir muito sobre como as pessoas já estavam preparando a gente pra ela sofrer mais esse tipo de racismo, de ser a professora exigente que não quer saber das pessoas, que só quer saber da nota, de que ela era carrasca, que era basicamente essa a palavra. E aí quando você realmente vai ter contato com a professora, você percebe que ela não é assim. E aí eu fico pensando de como as pessoas às vezes foram mais rípidas, foram mais grossas, até num certo nível, desrespeitosas com a professora por causa já desse primeiro momento de afastamento, entendeu, de desumanizar ela... porque basicamente ela era um monstro. Isso eu fui perceber, fui conversar, sabe, perceber isso muito pro final da faculdade também. (Ent 3)

Restrição: O professor, né, durante a aula falando sobre isso, que não precisa de cota, que se o ensino fosse nivelado todo mundo conseguiria ingressar. (...) Então assim, esse professor era até um professor um tanto complicado, porque ele era muito problemático, se é que “problemático” é a palavra como eu posso definir ele. E, assim, por ele ser um professormais idoso, as pessoas associavam isso à opinião dele e eu acho que assim, realmente que foi uma coisa mais escancarada, dele ter mais liberdade pra poder falar nesse sentido, acho que só ele. (Ent 3)

Restrição: Acho que de professor negro a gente tinha duas, no máximo. A maioria era professor branco mesmo. E não, assim, eu por ser mulher, né, a gente acaba olhando para as mulheres também. Mas na questão racial era praticamente zero, assim. Não tinha muitos professores negros. (Ent 4)

Restrição: Eu acho que falta a gente falar mais, sem tabu, sobre cotas na universidade. Ainda mais a UERJ sendo a faculdade que é. Eu acho que falta você abordar mais isso, talvez em matérias que a gente tem como Ética e Bioética. Abordar essa questão de mostrar que a questão das cotas não significa que você passou com uma nota menor, que você está tirando a vaga de alguém, mas sim toda essa questão estrutural da Educação no Brasil. Desmistificar. Isso ajuda a diminuir o preconceito também. (Ent 4)

Restrição: Teve situações, principalmente nessa época de corte de verbas... situações em que eu fiquei praticamente... praticamente não... eu fiquei meses sem receber... alguns professores não queriam parar. Não queriam respeitar a greve estudantil e queriam aplicar provas normalmente e eu não tinha dinheiro para chegar na faculdade. (Ent 4)

Restrição: Sim, já tive (professores negros). Não tive indígenas, que se autodeclarassem indígenas. E foram dois negros. Eu sinto falta de pessoas negras, bastante. Quanto mais você vai indo para a parte do município que não tem pobreza você vê menos pessoas negras e na universidade não é diferente. (Ent 5)

Restrição: A minha turma era muito cheia de discentes cotistas, né, era uma das turmas mais cheias de alunos cotistas. Na época teve algum período que a turma toda estava indo muito mal e teve uma conversa, um papo de corredor (entre professores). “Ah, mas é uma turma formada por discentes cotistas”. Então não sei, né? Naquela época eu vi como uma ideia de tipo assim, é esperado... essa turma não vai ter um bom rendimento porque tem alunos cotistas. Hoje eu não sei se era isso ou se era, bem a gente precisa entender que, na verdade, é uma turma de alunos cotistas então é esperado que eles tenham dificuldades por conta da base deles. Como eu vejo hoje algumas dificuldades minhas. Mas eu não acho realmente que foi nesse sentido não. Eu acho que foi em um sentido preconceituoso mesmo de tipo “Ah, é uma turma formada por alunos cotistas, então as notas não vão ser tão boas”. (Ent 6)

Restrição: Eu já vivi momentos que a minha turma, a minha turma era muito unida, né. Então a professora falou “Gente, se chegarem atrasados, ou alguém sair da sala, ou iniciar a prova quem tiver chegando não vai fazer”. E aí a turma falou “Não, mas a gente tem uma colega chegando do plantão, ela está vindo do hospital e tal”. E aí a professora falou “Então, de duas uma, ou vocês não começam a prova, ou ela perde a prova”. (Ent 6)

Restrição: Eu tive professores negros sim, mas não foram muitos. Eu me sentia representada porque as professoras negras que eu tive, né... eu me lembro muito da Iraci, é... lembro de outras assim. De mulheres... primeiro de mulheres, assim. Como era uma faculdade de Enfermagem, tinha muita questão de professoras mulheres, mas negros eu lembro muito da Iraci e eu lembro de outra também... não sei se ela se considera negra, mas ela tem traços, né... E eu não estou conseguindo lembrar de mais ninguém, assim. Indígena eu não lembro, acho que não. Mas, assim, as professoras negras que eu tive elas tinham um grande potencial e elas tinham um respeito muito grande. Eram pessoas que para mim, representavam muito bem. Mas eu acho que deveria ter muito mais, assim. Por exemplo, eu só estou falando aqui pra você de duas, eu só estou lembrando de duas. (Ent 6)

Restrição: Então, o meu relacionamento com os alunos e com os professores era tranquilo, mas teve uma professora que uma vez fez uma piada bem racista no meio da aula. Mas foi uma coisa que a gente conseguiu levar pro CA do curso e a gente conseguiu resolver. (Ent 7)

Restrição: Sinto falta (de representatividade), porque eu só tive, se eu não me engano, dois professores (negros). Um deles foi só no primeiro período. Então eu sinto bastante falta sim. (Ent 7)

Restrição: Sempre senti falta de representatividade. Alguns professores... a gente tem alguns poucos professores – uns dois, três – negros, nenhum negro retinto, que fiquei claro. A gente não tem, não tinha, no meu processo de formação, minto, eu passei por uma professora negra retinta. Os outros eram negros não retintos, mas assim dois, três. Então, assim, não tinha muita representatividade. (Ent 8)

Restrição: Então, professoras negras eu tive duas só. Sinceramente eu não me sinto representada, porque as pessoas falam “Ah, a maioria dos profissionais de Enfermagem... a maioria é de pardos e negros”. Como eu estou dentro de uma universidade e vejo duas professoras só? Eu estou no sétimo período. Se eu parar pra pensar, acho que no máximo umas três. Mas mesmo assim. Estou no sétimo período e até agora só três. Eu acho pouco pela quantidade de profissionais de Enfermagem, que a maioria é preto e pardo. (Ent 9)

Restrição: Eu tive professores negros, mas eu tive mais brancos. Nossa... pensando aqui, no meu primeiro período eu tive... é, não foi muito não. Acho que eu tive uma só professora negra. Não, eu tive ela e outra que está no meu segundo também. Eu não sinto falta de representatividade

não. Me sinto representada por eles sim. Os outros, eles também... os brancos, eles respeitam essa questão. Acho que eles entendem (...) eu me choquei agora, né. Eu fiquei refletindo. Eu tenho poucos professores negros. Mas mesmo assim eu acho que eu me sinto representada por eles. Mas acho que poderia ser mais representada por outros professores negros. (Ent 10)

Restrição: Eu não tinha muitos professores negros não. Indígena nenhum. Negros eu lembro de uma... deixa eu lembrar de mais alguém. A que eu mais recordo bem é ela. Ah, tem a professora também de materno infantil. Deixa eu lembrar mais. Por hora éo que eu lembro. (Ent 11)

Restrição: Eu acho que (deveriam) conversar mais sobre essas questões mesmo raciais. Sobre preconceito, até mesmo por ser uma faculdade de saúde, né, de atendimento ao público. Eu acho que é você discutir sobre essas questões de... tipo da saúde da população negra, por exemplo, que até foitema do meu TCC. (Ent 11)

Restrição: Pensando em cota, eu lembro que a Enfermagem acolhia a gente bem, assim. Alguns professores mais antigos falavam da discrepância ou da diferenciação teórica que isso poderia ter causado pela universidade, mas em contrapartida eles não operacionalizavam, assim, em números o quanto isso foi ruim ou não. Eu me lembro mais do Centro Biomédico, assim, das disciplinas ministradas pelo Centro Biomédico. Tinha professores que eram, assim, menos tolerantes com os cotistas. Eu nunca fui discriminada ou diferenciada, assim, com a verbalização total. Em alguns momentos tinha alguns professores que... teve um professor, acho que era Embriologia, quando a gente via no final do período, todos os alunos estavam... assim, na turma 20 ou 30% estavam em recuperação e, quando a gente via, majoritariamente eles eram cotistas e cotistas desde colégio público ou raça/cor. E aí a gente conseguiu perceber o quanto não era uma discriminação racial, mas era uma discriminação de classe, né. Um recorte de classe importante que aquelas pessoas viveram, né. E o recorte de classe interferia no processo educacional do indivíduo, não tem como. (Ent 12)

Restrição: Em resumo, a coisa que mais me impregnou, assim era um aluno mais velho, assim, e eu era do Centro Acadêmico, muito jovem ainda, no segundo período, e esse estudante, que era... não sei se ele era congolês... não vou lembrar a cidade natal dele, mas a língua mãe era francês. Esse aluno, em embriologia, ficou reprovando várias vezes, assim. Ele era negro e também tinha essa questão da língua mãe, né. Então assim. Esse aluno era

reprovado não pelo contexto teórico que ele apresentava, mas por possíveis erros de português que ele apresentava, fragilidades com a língua. E ele lá no país dele tinha recebido essa bolsa pra estudar na UERJ e ele tinha um período de retorno pro país. Ele ficou muito desestabilizado de perder esse tempo todo por causa de uma disciplina. Uma pessoa que não tinha reprovado nunca. Nunca tinha ido nem pra prova final... chegar no final assim... E eu lembro que a faculdade de Enfermagem foi muito sensível de deixar esse aluno fazero internato mesmo sem cumprir essa disciplina... assim, porque o certo é você terminar todas disciplinas e ir pro internato, e eu lembro da sensibilidade que a Enfermagem teve. A gente foi pra esses diálogos com o Centro Acadêmico, de deixá-lo ir, de deixar o aluno cumprir esse internato e ir fazendo essa disciplina. Ele termina o internato e termina essa disciplina. E os diálogos dolorosíssimos que a gente precisou... que eu tenho certeza que a coordenação, na época, precisou ter com o Centro Biomédico, porque era isso... isso ficou muito em mim. Porque era um aluno que a gente reconhecia... nossa, além dele ser uma pessoa preta – e eu não lembro se ele era cotista – ele era uma pessoa em situação de vulnerabilidade, né, porque ele estava em um país que não era o dele, não falava a língua dele. Eu lembro da universidade acolher muito bem, mas, em contrapartida, ter que brigar com outros amigos doutores, né, pra defender. (Ent 12)

Restrição: Então (no movimento de ocupação da UERJ) a gente sentou como Centro Acadêmico de Odontologia e falou “Ou a gente vai ser ocupado por um cara lá da Engenharia, sei lá, da Arte, ou vamos ser nós mesmos”. E aí a gente sentou com os professores da casa e falamos “Olha, essa decisão está posta, está decidida, nós não somos o inimigo”, no sentido de... pelo contrário, nós estamos juntos. E aí a gente ficou com a missão de embarreirar as pessoas de entrarem na unidade, né. Eu lembro de um professor que empurrou um aluno, né. Um aluno da própria universidade. Isso ficou muito marcado e é muito dolorido. Mas, de um modo geral, só trazendo movimentos estudantis, assim, não trazendo a visão da cota. (Ent 12)

Restrição: Diferente do Centro Biomédico, que eu reconhecia que os professores não gostavam muito e, às vezes, verbalizavam “Ah, o nosso padrão universitário diminuiu desde que as cotas entraram”. Mas isso foi diminuindo ao longo do tempo. (Ent 12)

Restrição: Eu não tive nenhum professor indígena. Os indígenas apareciam quando a gente fazia o “UERJ sem muros”, aí a Aldeia Maracanã ia lá ou algum diálogo assim “Hoje vai ter uma palestra sobre a população indígena”. E

professores negros na faculdade de Enfermagem tinha um professor que já era há muito tempo da casa, mas eu não cheguei a ter aula com ele. Eu lembro logo no primeiro período que tinha uma professora negra que ela era fantástica... mas ela não dialogava raça/cor, o que é importante também ressaltar, né, se não a gente fica só com a bandeira doraça/cor. E eu lembro de uma professora que era contratada, que era uma professora negra que trabalhava como auditoria e isso deu um olhar diferenciado. Pra área que eu pensava, que era atenção primária, não tive nenhum professor negro. Até hoje, na atenção primária tem poucas enfermeiras pretas também. De um modo geral, fica muito abaixo do que...né, se hoje a gente for estudar Enfermagem como um coletivo majoritariamente de mulheres pretas, onde é que elas estão? Não estão na academia. Não na academia da universidade pública, pelo menos. Isso é assustador, assim, porque você, ao longo desse tempo todo, ter duas referências de professoras pretas. Até hoje no mestrado também não tem, né. Eu não tive nenhuma aula com nenhuma mulher preta, inclusive eu estou fazendo uma disciplina no IMS agora que é Lélia Gonzales: a africanidade, que é um professor branco, que trabalhou muito bem branquitude, ele é incrível, e ele sensivelmente convidou duas mulheres pretas pra estarem do lado dele pra dar essa aula. Mas é isso, pelo que eu entendi elas não estão vinculadas à universidade. Então ainda teve que um homem branco abrir espaço pra falar de uma disciplina de africanidade na visão de Lélia Gonzales. Enfim, está muito abaixo do que a gente precisa. (Ent 12)

Restrição: Eu sinto falta de representatividade nesse sentido, porque no momento eu não estou me lembrando não, de nenhum professor de origem, assim, ascendência indígena não. Negros eu tive alguns, que foram bem marcantes ao longo da graduação. Tive sim. Não foram muitos, né, mas os que eu tive foram bem marcantes. Eu acho que foram poucos pro tamanho do nosso curso, pra relevância que ele tem, não só na faculdade, mas a gente está em campo o tempo todo. Acho que no próprio campo também, né. A gente vê um número menor de pessoas negras. (Ent 13)

Restrição: Ainda há alguns professores que não pensam tanto assim nos alunos, nem se eles vão conseguir acompanhar aquele ritmo sabe? É meio desumano. (Ent 5)

Representatividade: tornar-se exemplo, profissional que representa, que devolve o que construiu para a sociedade

Garantia: É uma conquista, tanto pessoal – para mim – quanto também para a minha comunidade, e quando eu digo minha comunidade, eu digo Caxias, digo as pessoas ao meu redor, meus familiares, né. (Ent 3)

Garantia: Esse tipo de coisa que eu vi em muitas pessoas, que não tiveram... que não eram da questão cotista, né, que não eram cotistas e que tiveram meio que essa introdução, sabe, à faculdade. E aí eu acho que também é porque as pessoas que me rodeavam, que eu tinha contato, nunca tinham ido pra faculdade e, assim, isso pesou também muito pra mim. E aí qualquer pessoa que eu tenho contato, quando fala “Ah, porque eu queria fazer faculdade e tal” eu falo “Viva a experiência da faculdade, o que você puder participar, os eventos que você puder, as experiências que você puderdesfrutar dentro da universidade, vá, participe, vá nos eventos tanto de atlética, quanto eventos científicos. E faça amizade também nesse processo, que a faculdade não é só estudar loucamente, não é só livro, livro, livro, também é importante você fazer esse tipo de amizade”. E eu acho que às vezes é importante você ter uma pessoa que te diga isso, que te ajude, né, nesse caminho, que oriente. (Ent 3)

Garantia: Então, eu acho que as pessoas me veem como uma pessoa privilegiada, uma pessoa também como exemplo, assim, eu sempre vejo a minha comunidade, né, o meu espaço de grupo social me trazendo muito exemplo de que dá pra conseguir, de que a gente consegue sim e que isso é uma vitória, uma conquista para muitos. (Ent 6)

Garantia: Eu acho que eu me vejo realmente como alguém que conseguiu... uma conquista que é importante pro nosso país, que é importante pro negro e que realmente está conseguindo tentar ser exemplo e motivar outras pessoas. (Ent 6)

Garantia: Hoje eu estou em uma universidade privada trabalhando e, quando eu falo de residência, de universidade pública, os meus discentes falam “Ah professora, sem chances, não tem como, isso é mais pra quem tem condições, é pra quem isso, pra quem aquilo”. Eles só mudam essa perspectiva, esse olhar, quando eu conto pra eles a minha história. (Ent 6)

Garantia: Hoje eu sou professora universitária, então eu me vejo agora de uma maneira, como os meus professores talvez me enxergavam, né? Hoje eu consigo enxergar um aluno, entender como ele talvez seja profissional e tentar intervir da melhor maneira possível pra que ele tenha uma qualidade melhor no seu processo de formação. (Ent 8)

Garantia: Hoje eu, enfermeira, cheguei a trabalhar na Rocinha por um mês, dois meses, e eu sempre trago isso. Uma adolescente abriu a porta, olhou pra mim, olhou pra fora e falou: “Mãe, a enfermeira é preta!”. Aí a mãe: “Ué, menina”. E ela: “Ela é maravilhosa, eu quero fazer a consulta com ela”. Ela sentou, ela esqueceu toda a queixa que ela tinha, ela já falou que eu era maravilhosa só por eu ser uma mulher preta. Aí ela falou: “Você fez faculdade?”. Aí eu falei: “Fiz”. “Mas foi qual faculdade?”. Só de eu falar UERJ, o olho da criança brilhava. Aí ela perguntou: “Mas como é que você fez?”. Eu falei da cota. “Aí, mas falam que cota é de gente burra”. “Que burra o que? Eu não era maravilhosa há dois minutos atrás, agora já sou burra?” (risos). E aí eu trabalhava e elaborava com ela o quanto ela poderia usar desse espaço também, porque a galera faz de uma azucrinção na nossa mente e a gente passa a achar que não pode usar desse caminho. (Ent 12)

Garantia: Eu ter discutido raça/cor lá quando eu entrei na UERJ faz diferença até hoje na minha prática como enfermeira. Faz diferença de como eu me relaciono com o território, né, volto pra ser enfermeira na saúde da família, trabalhando dentro da comunidade, dentro do território de pessoas em situação de vulnerabilidade, cuido do povo preto, né. Tem fotos minhas no território que... as velhinhas estão me olhando assim, tipo... porque é isso, eu tenho que chegar lá e cuidar delas. Conheci amigas médicas pretas que também têm uma vivência muito similar e conheci dentistas pretas que também têm vivências muito similares. Então a gente tem que entrar. A oportunidade tem que existir pra gente conseguir entrar e voltar pra cuidar da gente. Porque só a gente entende a miomatose, que é mais comum em mulheres pretas, né. Só a gente vai entender as questões de vulnerabilidade, acordar muito cedo, ter a mãe faxineira, merendeira, que é o caso da minha mãe que é merendeira de colégio público, e ter uma dor de ombro que não passa. Só a gente vai entender que vai pra além de *white people problem*, como falam as meninas do trabalho, né. Além de problemas clichês. “Aí, faz uma ventosa que vai passar sua dor no braço”. Caramba, ela carrega uma panela, então vamos voltar pra realidade. Então, eu acho que a cota só foi o start de tudo que eu pude mudar na minha vida e que eu posso contribuir pra vida do outro, que é o mais fantástico de tudo. É quando eu consigo fazer a retribuição pro SUS, a retribuição pro povo, a retribuição do conceito científico que a UERJ me deu a partir da entrada por cotas, não tenho dúvidas. Foi um divisor de águas. (Ent 12)

Garantia: Eu acho que não é só estudar em uma universidade pública de qualidade, é o que você consegue

transpor, né, pro mundo, pra sociedade, pros que estão perto, pra clientela que você vai trabalhar, que você vai atender. É muito do que você também desenvolve de habilidade, muito do que você passa de confiança, né, não é só estudar em uma universidade pública, são muitas coisas além disso. (Ent 13)

Reconhecimento de pares: diversidade, sentir-se entre iguais, capacidade de se reconhecer no outro, nos corredores, salas de aula, coletivos de estudantes. Capacidade de ampliar sua visão de si mesmo ao se reconhecer enquanto grupo.

Garantia: Conheci o coletivo negro, tinha proximidade por conta do CA. Participei de algumas palestras, inclusive até falei sobre a saúde da mulher negra em uma palestra lá na UERJ. (Ent 1)

Garantia: (A participação em coletivos) me afetou, porque quando você fala sobre o que você vive e sobre quem você é, isso ajuda a fortalecer os seus pensamentos. A criar em você raízes e argumentos para você conversar. Ajuda você a se encontrar, a entender a sua origem, entender de onde você vem, qualé o seu objetivo na vida, o que você quer. Foi muito bom, foi uma experiência muito boa. (Ent 1)

Garantia: (A participação em coletivos) me afetou, porque quando você fala sobre o que você vive e sobre quem você é, isso ajuda a fortalecer os seus pensamentos. A criar em você raízes e argumentos para você conversar. Ajuda você a se encontrar, a entender a sua origem, entender de onde você vem, qualé o seu objetivo na vida, o que você quer. Foi muito bom, foi uma experiência muito boa. (Ent 1)

Garantia: Então, eu só fui participar realmente de coletivo mais pro final, eu cheguei a participar... não foi nem coletivo, né, eu participava do Centro Acadêmico, né, se é possível entender como coletivo, pela estrutura. Aí eu participei basicamente todos os períodos da faculdade. E aí, coletivo no sentido coletivo mesmo de graduação, de se reunir e tal, alunos, né... foi mais pro final da faculdade, que foi o coletivo acho que até de mulheres negras mesmo, mas aconteceu até por uma conversa nossa durante uma das aulas. E aí esse coletivo foi criado mesmo pelas alunas, a intenção surgiu pelas alunas e aí até uma professora se junto com a gente, mas foi bem pro finalzinho da graduação, foi acho que pro oitavo ou nono período... acho que no oitavo período, na verdade. Pra mim foi meio que até um boom assim no sentido de perceber que realmente o que a gente fala, o que a gente discute,

sabe, consegue sair daquela discussão e se tornar real e ver a importância também de participar, de falar sobre as nossas experiências, de como aquelas experiências impactavam a nossa vida e de como isso também impactava na nossa formação como profissional. Então assim, foram momentos assim que enriqueceram muito a forma como eu via a minha profissão, como eu me via como mulher preta e como isso afeta, como a sociedade me afeta e como eu afeto a sociedade nesse sentido. Então assim, foi muito importante, mesmo. (Ent 3)

Garantia: Na minha turma eram todos jovens, poucos rapazes, acho que só tinha dois rapazes no início, o restante era todo de meninas, aparentemente heterossexuais. Só que ao longo dos anos isso foi mudando mais ainda porque vieram pessoas de outras turmas, tem pessoas que acabam perdendo o ano ou que tiveram, por algum motivo, que parar a graduação e retornaram na minha turma. Chegou um momento em que na minha turma tinha pessoas mais velhas, com filho, teve uma grávida... que ao longo do curso engravidou, voltou (...). Tinha essas pessoas, depois foi mudando, mas no início eram todos jovens, todo mundo novo, tinha pessoas de classe média alta, pessoas que tinham condições financeiras diferente da minha, pessoas que moravam em comunidade, pessoas que moravam na roça – que nem eu – pessoas que vinham de longe, de Magé, de Itaboraí. Em compensação tinha pessoas que moravam do lado da faculdade, moravam em república. Então eu acho que sim, acho que eu posso dizer que tinha uma diversidade. (Ent 1)

Garantia: A minha turma era muito cheia de discentes cotistas, né, era uma das turmas mais cheias de alunos cotistas. (Ent 6)

Garantia: Então, a minha turma era muito composta realmente por alunos cotistas, então a gente tinha um número grande de alunos negros. Eu acho que era uma das turmas que era mais composta por alunos negros, negros incluindo pretos e pardos, né? E independente da questão deles terem entrado com cotas raciais. Tinha alguns que tinham entrado como estudantes de escola pública. Não me recordo se tinha... acho que não tinha nenhum discente que tinha entrado como indígena e também tinha pessoas brancas. Tínhamos mais discentes do sexo feminino, se não me engano só tínhamos três meninos na turma, né, no final... a gente entrou com quatro, quatro não, a gente começou a turma com cinco e no final a gente passou a ter só três (...)

Tinha pessoas que eram hétero, que eram homo, era bem diversificado com relação a isso. (Ent 6)

Garantia: Sem dúvidas, eu não consigo me ver estudante universitária sem o movimento estudantil. Eu aprendi tanto nas Iniciações Científicas quanto fazendo alguma atividade do Centro Acadêmico ou da Executiva. Isso impactou muito a minha vida profissional também, né. Hoje eu sou diretora da Associação Brasileira de Enfermagem, porque durante o período da faculdade eu frequentei esses espaços de militância da Enfermagem. (Ent 8)

Garantia: (Minha turma) Era diversa em partes, né. A gente tinha um grupo bem grande de cotistas, né. Então, essa turma tinha uma diversidade um pouco maior. Mesmo assim, entre os não cotistas... eram, assim, em sua maioria brancos, tinham pouquíssimos homens, o que já é característica do curso de Enfermagem, alguns deles também ingressaram pelo sistema de cotas. A gente tinha alguma diversidade, né. Na verdade, a turma era muito diferente e, ao mesmo tempo, muito próxima e concisa. A gente conseguiu isso, acho que por conta mesmo dessa diversidade. Comparada a outras turmas na Enfermagem, sim, ela tinha muita diversidade. As turmas anteriores e posteriores não tinham tanto. (Ent 8)

Garantia: A minha realidade era de... a gente tinha um grupo muito conciso da turma, porque eram muitos alunos que ingressaram por esse sistema. (Ent 8)

Garantia: Eu fiz parte do Centro Acadêmico de Enfermagem. Eu conheci também o coletivo de estudantes negros de Medicina, tinha outros coletivos também lá da... que a gente chamava de UERJ grande, né, de outros cursos. Isso afetou de forma positiva. (Ent 11)

Garantia: A minha turma sai, termina 2015, com uma formatura após uma ocupação dentro da universidade, a gente dormiu na universidade. Eu fazia internato na época da ocupação, então eu dormia na universidade, acordava, me vestia de branco e ia pro HUPE. Então a gente levou a sério mesmo vestir a camisa da UERJ e, enfim, na época a gente estava com o não pagamento das bolsas de cota, de permanência, bolsista científico, salário de professor de

dedicação exclusiva também zerado, assim, os professores de dedicação exclusiva não tinham salário. Aquele movimento de “UERJ resiste”, né. Os alunos precisaram... na verdade, foi um movimento nacional, né, de ocupação. As escolas também foram ocupadas em 2015, 2014. E aí, é isso assim, eu tenho certeza que estar no Centro Acadêmico me tornou uma cidadã diferenciada, assim. De um modo geral, acho que toda a minha concepção política, meus diálogos, minha luta... vêm muito da minha inserção no movimento estudantil. Inclusive a postura eu acho, a forma com que eu me relaciono, com que eu me comunico, tem relação... oratória, expressão, né, como eu me expressei, e às vezes (a visão de mulher preta raivosa) vinha muito daí, porque pegar um microfone em uma assembleia e discursar não é pra qualquer um, né. Então eu tenho certeza que o movimento estudantil, ele me transformou muito. Ele estimula muito a criticidade, a reflexão, né, acho que a maturidade. (Ent 12)

Garantia: Eu era do Centro Acadêmico de Enfermagem e o Centro Acadêmico de Enfermagem era da Executiva Nacional de Enfermagem, né, então a gente tinha esses dois diálogos, né. Alguns membros do CA eram representantes de Centro Biomédico, então assim, eu diretamente não fui, mas fazia os diálogos, né, fazia a conexão das discussões. Mas, de um modo geral, foi Centro Acadêmico, a gente tinha muita interlocução com o DCE (Diretório Central dos Estudantes), enfim, movimento estudantil mesmo de frente. Não tenho dúvidas de que isso afetou a minha experiência acadêmica. (Ent 12)

Garantia: Eram muitas mulheres, por ser Enfermagem. Em relação às outras universidades, a gente tinha mais mulheres pretas, mas não era 50, 50%, por exemplo. Na minha turma teve mais mulheres brancas do que mulheres pretas. Mas, depois que eu fui entendendo, eu percebi que aquelas mulheres brancas também eram cotistas. Então, o que me traz um afago no coração era que eu conseguia perceber a minha turma, 50% cotista, 50% não. Independente se a cota era raça/cor ou hipossuficiência financeira e colégio público. E isso já é uma diferença, né, se a gente for considerar o aspecto classe, assim, como um impacto muito positivo. Eu lembro da minha turma ter majoritariamente um grupo feminino, majoritariamente esse grupo feminino era de mulheres brancas, mas essas mulheres brancas também tinham cotas de hipossuficiência, entendeu? E já é um avanço. (Ent 12)

Garantia: Fui pra essa reunião dos cotistas e foi lá que eu vi que essas meninas brancas também eram cotistas por conta

da hipossuficiência, e aí você acaba se aproximando dessa rede. (Ent 12)

Garantia: Acho que o sistema de cotas me fez ter contato com o que é uma mulher preta, porque quando as pessoas descobriam que eu tinha entrado por cota, elas ficavam... eu tive que me fortalecer pra me empoderar perante essas pessoas. Se eu não tivesse ido pra universidade, eu nunca que ia fazer esse discurso, eu não ia nem pensar nisso. O sistema de cotas estimulou e fortaleceu o meu empoderamento, porque se eu tivesse entrado pela ampla concorrência eu ia discutir só Enfermagem. Como eu entrei por cotas eu tive que discutir Enfermagem e raça e classe e me envolver com os outros cursos, né. Então eu lembro que, na Biologia, eu era amiga de quem era da cota da Biologia... e por aí foi. Então eu acho que, hoje, o sistema de cotas mudou a minha vida, eu não tenho dúvidas. (Ent 12)

Restrição: Eu fui surpreendida. Fui surpreendida por mim mesma. Porque, quando você passa: “Ah passei para a UERJ, que bacana, que legal”. Ai você vai para o primeiro dia de aula, você fica cheia de medo, porque em uma sala com trintapessoas, eu e mais duas, mais três negras. (Ent 1)

Restrição: Não, não era diverso não. A maioria era branca mesmo, a maioria morador próximo da faculdade, a maioria egressa de colégio particular ou colégio federal, não tinha deficientes. A minoria era de negras e eram mulheres, as negras eram mulheres. LGBT passaram pela turma acho que dois alunos, mas não ficaram. De fato a turma em si não tinha não. Eu sei que no final a gente até tirou uma foto só com as negras da turma, por termos conseguido chegar ao final. Nós éramos 5, em uma turma em que se formaram 22... e 5 eram negras. Mas no início nós éramos 42 alunos com essas 5 negras. (Ent 2)

Restrição: A turma era majoritariamente branca. De cotas, existiam pessoas negras, mas era minoria dentro da turma. Algumas pessoas eram cotistas por escola pública, né. Mas a gente era literalmente minoria. Em outras questões, outros aspectos, era majoritariamente de mulheres e brancos. (Ent 4)

Restrição: Tem pessoas brancas, mas uma coisa que eu não vejo na minha turma são pessoas que moram no alto Leblon, não conheço ninguém rico da minha turma. Acho que sim, são pessoas diferentes. Tem homens, tem mulheres, somos uma comunidade bem mista sim. Maioria feminina,

esmagadoramente. Eu acho que não chega a cinco homens. De 35 pessoas, 36... não chega a cinco homens. Acho que somos 2... não... 3 pessoas. São 3 homens, contando comigo. (Ent 5)

Restrição: Minha turma é muito grande, né. É 2017.2 e 2018.1. Então, pela quantidade de pessoas na minha turma... de quarenta e oito alunos, deve ter cinco negros. Dois homossexuais. Não acho que minha turma seja muito diversa. Com certeza mais gente do sexo feminino. (Ent 9)

Restrição: A turma era diversificada sim, mas pelo fato de ser um curso de Enfermagem tinha poucos homens. Na época que eu ingressei na universidade, a minha turma tinha... acho que mais de cinco meninos. Tinha mais branco do que negro. Indígena não, muito raro. Nunca vi indígena no curso de Enfermagem. (Ent 11)

Restrição: A minha turma é predominantemente feminina, né, ela só tem dois homens. É uma turma que eu considero bem diversa, sim, em relação a questões econômicas, né, tem pessoas que moram muito longe da faculdade, então enfrentam, assim, três horas de condução, entendeu? A questão da cor, né, da raça, temos poucas pessoas negras na nossa turma, de vinte e três pessoas são apenas três colegas pretos. Pessoas com deficiência eu não tenho na minha turma. Também LGBT não, não tem ninguém. Ah, tem também uma singularidade que a gente tem na nossa turma, uma pessoa já bem de idade. Ao longo da faculdade toda ela ajudou muito a turma, fez bastante diferença. (Ent 13)

Restrição: A gente na graduação de Enfermagem, eu acredito que não seja assim nos outros cursos, a gente não tem opção de, por exemplo, se reprovou uma matéria, de puxar no próximo período. Eles não permitem. Então, teoricamente, se você reprova em uma disciplina, você perde a sua turma. Eu acho que isso é muito cruel, sabe, porque é muito difícil você passar nove períodos e não reprovar em nenhuma disciplina. Eu, por exemplo, reprovei ao longo da graduação em uma disciplina e consegui não perder minha turma, né, através de correr muito atrás de um, de outro, de professor, do próprio pessoal da secretaria da graduação mesmo. E eu acho que, assim, é muito injusto com os alunos. (Ent 13)

--	--

**FUNCIONAMENTOS BÁSICOS QUE SOBRESSAEM DE MODO
ESPECÍFICO NOS ESTUDANTES DO CURSO DE
ENFERMAGEM DA UERJ**

Funcionamento	Narrativas
----------------------	-------------------

Vivência plena da experiência acadêmica (Permanecer)	Condição financeira: trabalho, bolsas, auxílios, capacidade de sustentar materialmente sua vida acadêmica e pessoal Garantia: Depois eu descobri que a UERJ pagava, se você enviasse pra uma das secretarias lá da UERJ grande, eles pagavam a inscrição (no congresso) e tal. Isso depois eu fui descobrindo. (Ent 3) Garantia: Uma das coisas excelentes da UERJ é que ela mantém a bolsa do início ao fim da sua graduação. Essa bolsa de auxílio permanência. (Ent 5) Garantia: Tive a bolsa como cotista, né, a bolsa a que a gente tem direito. Depois eu fui bolsista de extensão e de iniciação científica. Na verdade, de extensão, eu acho que eu não recebia porque ou era a de cota ou a de extensão, substituía naminha época. Só depois é que passou a somar. Aí quando eu recebia a de iniciação científica, aí somava. Então eu recebi por um tempo, depois do terceiro ou quarto período eu comecei a receber duas bolsas. A de cotista e a da iniciação científica. (Ent 6) Garantia: Eu acho que sem o sistema de cotas eu não conseguiria me manter na faculdade, porque eu gasto, em média, uns R\$200,00 por mês só de passagem. Então, assim, é bem complicado. Eu acho maravilhoso, maravilhoso mesmo, que eles liberaram esses auxílios, auxílio creche, auxílio alimentação, eu achei incrível. E, assim, todos os alunos cotistas, pelo que eu percebi, não precisavam fazer inscrição para receber. Eu achei sensacional. Eu acho que a faculdade tem trabalhado bastante pra conseguir sanar essa necessidade dos alunos. (Ent 7) Garantia: Recebi a bolsa permanência e, no final da faculdade, todos os alunos, independente de cota ou não recebem a bolsa no internato e recebi bolsa de Iniciação Científica e de extensão também, em períodos diferentes. (Ent 8) Garantia: Uma das coisas positivas que afeta a minha vida é essa facilidade em me manter, porque é uma bolsa permanência pra me manter, porque não é fácil a gente ter 21 anos e não estar trabalhando. Então essa bolsa me ajuda em
--	---

muitas coisas, essas políticas me ajudaram muito com relação à acessibilidade pra faculdade. (Ent 10)

Garantia: Eu lembro que logo no final da faculdade, a gente conseguiu somar a bolsa do internato. Aí a gente ficou rica, milionária (risos). Eu lembro que a gente ficou muito feliz. Aí era R\$400,00 da cota, R\$400,00 de Iniciação Científica mais R\$500,00 do internato. É isso, assim, também eu lembro que eu aprendi a ter conta de banco, aprendi a ter dinheiro, a segurar mais, é isso, né... a gente vai achando que vai pra universidade pra aprender a punccionar, mas nunca vai ser só isso. A transformação é do todo, né. (Ent 12)

Garantia: Quando eu entrei na UERJ eu já estava inscrita em uma universidade particular que o primeiro período era R\$700,00 que minha mãe não sabia nem o que que ela ia fazer e aí eu entro pra UERJ no segundo período ganhando R\$800,00... ganhando, além da minha formação. Não tenho dúvidas de que é um divisor de águas. (Ent 12)

Garantia: Eu tenho duas bolsas. Uma bolsa é a bolsa da cota, né, eu sou cotista desde que eu entrei na faculdade. Estou me formando e até eu me formar eu continuo com ela. E agora, nesses dois últimos períodos, né, oitavo e nono, nós da Enfermagem... a gente recebe uma bolsa também que é de estágio. Era no mesmo valor da bolsa normal que é a da cota. Só que a bolsa aumentou pra R\$550,00 e do estágio permaneceu R\$500,00. (Ent 13)

Garantia: Eu não iria chegar no final da faculdade se não tivesse essa bolsa, né, se tivesse entrado por ampla concorrência talvez eu não tivesse conseguido chegar nem na metade. Porque eu não ia conseguir mesmo arcar financeiramente. Já foi difícil com a bolsa, imagina sem ela. Então, eu acho que essa bolsa foi, assim, essencial pra que eu conseguisse estar me formando agora. Sem ela eu não conseguiria, muito dificilmente... ou eu teria que ter trancado, trabalhado um tempo, juntado um dinheirinho de segurança, porque eu também não tenho, a minha família não pode me ajudar financeiramente. Então, a bolsa, pra mim, no meu caso, foi essencial. (Ent 13)

Restrição: Não (consequia trabalhar). O curso era integral e além de ser integral, para conseguir outro serviço tinha que ser à noite, plantão. Não tinha como. Eu era realmente dedicação exclusiva na faculdade. (Ent 1)

Restrição: Só de passagem eu pagava R\$ 500,00. A minha bolsa de cotas, de ações afirmativas não pagava nem a minha passagem, porque, como eu morava em Itaboraí, pegava

ônibus todo dia, no mês eu colocava ali o valor da passagem. Só de passagem eu pagava R\$ 500,00 e a bolsa era R\$ 400,00. Então eu tinha a necessidade de ter essa outra bolsa que era cedida através de um projeto de extensão. Então eu tinha que trabalhar. Era um trabalho, eu tinha que exercer alguma função para receber esse valor da segunda bolsa. Muitas vezes eu ajudava em casa, mas não tinha, assim, responsabilidade. Até porque eu não tinha condições de assumir responsabilidades com nada. Mas com a minha passagem eu arcava, e o restante do dinheiro que sobrava, ficava para eu comprar algum material que eu precisasse comprar, xerox, a gente gasta muito dinheiro com xerox, o bandeirão. (Ent 1)

Restrição: Era suficiente para minha passagem, material, como xerox, essas coisas. A alimentação eu realmente dependia dos meus pais e eu morava também na casa dos meus pais, então não tinha despesa com moradia. (Ent 2)

Restrição: Na verdade a bolsa e o valor que eu ganhava com o projeto era direcionado à minha sobrevivência, porque os meus pais não tinham condições de me manter, eles trabalhavam pra realmente manter a casa, me manter no sentido de ir à faculdade, né, a minha ida fora de casa. Então assim, a bolsa era totalmente revertida pra isso. Pra passagem, pra alimentação, pra comprar livro, pra pagar xerox, pra se precisasse fazer... sei lá, quando eu tinha estágio fora ali de Vila Isabel, não era no Hupe, era em outro lugar, quem pagava essa passagem também era eu, essa alimentação. Questões até mesmo... uma coisa que a gente até brincava, que eu comecei a comprar as blusas da atlética, do CA e tal pra ter um uniforme pra não gastar tanta roupa, porque eu não ia ter condição de ficar trocando de roupa, indo com uma blusa diferente toda semana, cada dia da semana, né. Então, assim, eu brincava com algumas amigas próximas que eu comprava aquelas blusas pra fazer uniforme. Calça jeans, tênis e aquela blusa. E aí até mesmo pra esses gastos, entendeu? E aí entrava gasto como questão de coisas de higiene e tudo. A bolsa tinha que abarcar tudo isso, né. (...) Não era... era um valor, assim, que eu realmente planejava, me virava nos trinta, pra poder conseguir que esse valor... que eu conseguisse pagar tudo. E aí começou a aparecer evento também, congresso, essas coisas. E aí a gente tentava se planejar pra participar e estar lá. Contanto que, assim, eu nunca fui em um congresso fora do Rio de Janeiro, porque eu não tinha condições e eu também não ia me endividar pra poder pagar uma coisa que eu não saberia se eu teria condições mais na frente de ter que escolher entre pagar xerox e ir pra um congresso em outro estado (...) eu nunca participei de nenhum congresso fora, de nenhum evento fora do Rio por causa disso, porque eu não teria condições de ir. (Ent 3)

Restrição: Não foi fácil, tem toda uma questão social, toda uma questão financeira. Acho que financeira principalmente porque, por ser uma universidade pública eu acho que as pessoas acreditam que a gente não tem gasto e a gente tem muito gasto, ainda mais na área da saúde. Foi uma coisa que eu já esperava, mas foi um pouco de encontro com o que eu imaginava que seria fazer uma faculdade pública e tudo mais. (Ent 4)

Restrição: Teve situações, principalmente nessa época de corte de verbas... situações em que eu fiquei praticamente... praticamente não... eu fiquei meses sem receber... alguns professores não queriam parar. Não queriam respeitar a greve estudantil e queriam aplicar provas normalmente e eu não tinha dinheiro para chegar na faculdade. Não tinha como chegar, como me locomover ou permanecer na faculdade, já que é uma faculdade de tempo integral. (Ent 4)

Restrição: Não, não era suficiente, apesar da gente ter o vale transporte estudantil, universitário, né. (...) o trajeto de Bangu até o Maracanã, de ônibus você faz em mais ou menos 2:30h. Eu estudava todos os dias, chegava mais ou menos 19:00h, 20:00h da noite em casa para estar no dia seguinte às vezes 7:00h da manhã. Ainda mais no último ano, que é o regime de internato. Então, eu tinha que tirar do meu próprio bolso ea minha mãe também me dava esse suporte, de conseguir recarregar o cartão. E eu tinha que reverter a minha renda também para ajudar em casa. (Ent 4)

Restrição: Infelizmente não (consigo conciliar faculdade e trabalho). É até uma crítica que eu tenho ao curso. Não só o da UERJ, mas alguns outros cursos de universidades, porque eu já sou formado, né. Eu sou formado em Biologia pela UNIRIO. Também ganhava bolsa lá e entrei por cota lá também. Porque um curso integral não permite as pessoas que precisam trabalhar, trabalharem. Eu não consigo ter um emprego, nem se eu trabalhasse à noite. Eu ia estar muito cansado para, de manhã, 7h ou 8h da manhã estar começando uma aula. (Ent 5)

Restrição: Uma coisa que vem me incomodando muito, né, não só a mim, mas outros colegas meus, é a questão econômica. Eu acredito que as bolsas deveriam ser, no mínimo, de um salário, que é com o que as pessoas conseguem viver. Já que eu estou vindo de uma família com dificuldades econômicas. (Ent 5)

Restrição: Ela (a UERJ) ajuda muito mais, mas mesmo assim, ainda estamos muito insuficientes nessa questão da ajuda (...) o que ficou abaixo foi toda essa questão sobre... eu esperava mais de verba de fato. De oportunidade. Eu pensei que eu teria mais oportunidade de bolsas. Não simplesmente o governo me dando... que eu conseguisse trabalhar, de fato. (Ent 5)

Restrição: Preciso direcionar para outras necessidades (a bolsa). Não é suficiente (o valor). (Ent 5)

Restrição: Por n vezes eu já pensei “Será que eu vou ter internet? Será que a luz vai ser cortada aqui em casa para eu fazer..?”. Quando eu estudava presencial, várias vezes eu já pulei o muro do trem para pegar o trem porque eu não tinha dinheiro de passagem. Eu pegava um pra ir e não tinha dinheiro pra voltar, eu não ia ter como voltar. (Ent 5)

Restrição: Precisei trabalhar, só a bolsa não dava. (Ent 6)

Restrição: Eu precisava trabalhar pra tentar manter todos os meus gastos. Eu usava realmente a bolsa pra pagar, por exemplo, as coisas do bandeirão, as xerox, as coisas das atividades da graduação como um todo. E, assim, para as minhas necessidades... quando eu tinha só uma bolsa não... quando eu tinha só uma bolsa eu precisava realmente somar com o meu salário porque tinha a questão da passagem. Quando eu comecei a ter as duas bolsas, eu conseguia destinar a questão da passagem da graduação, né, o meu trajeto, o meu traslado, mais as coisas todas da graduação com as duas bolsas e usava o meu dinheiro do trabalho pras minhas outras coisas. Mas até eu conseguir isso eu precisava usar o meu dinheiro. Às vezes eu precisava usar o meu dinheiro... não eram muito certo, não era todo mês, mas em algum momento eu fazia sim uso do dinheiro do trabalho, que eu tentava direcionar pra outras atividades, pra dentro do espaço da graduação. (Ent 6)

Restrição: Era total dividido pra todas as minhas necessidades (valor da bolsa). Eu pagava internet de casa, se tivesse que comprar roupa, se tivesse que... tudo a gente fazia com ele. Infelizmente a gente sabia que ele era direcionado aos estudos, mas a gente tinha que captar pra toda nossa vida e o que facilitasse a gente de permanecer na faculdade. Às vezes comprar uma calça jeans ajudava a gente nos estudos. Não era suficiente, teve um período que eu entendi a necessidade do campus da faculdade de Enfermagem, que não tinha cantina e eu comecei a vender bala, chiclete, pirulito e começou por mim uma onda imensa de todos os alunos começarem a vender e o Centro Acadêmico até montou um

mural de vendas dos alunos. Então, praticamente todos os alunos acabaram inventando alguma coisa pra aumentar suas rendas, porque realmente não era suficiente. Era impossível você conseguir fazer outra coisa. Da minha turma, só uma pessoa que é muito guerreira, assim, que conseguiu trabalhar mesmo, ter vínculo de trabalho. As outras que permaneceram com vínculo de trabalho reprovaram e atrasaram seu processo de formação. Então, de fato, a gente tinha que escolher ou estudar ou trabalhar e aí não saber exatamente quando se formar. (Ent 8)

Restrição: É, eu costumo direcionar pra outras coisas. Não consigo manter só pros meus estudos não. Antes da pandemia pra mim estava suficiente, mas agora não. Por exemplo, eu tive que instalar uma internet em casa, porque eu não tinha. Então já é mais um gasto. Durante as férias eu até consigo arrumar um trabalho de meio período, só que durante as aulas não. (Ent 9)

Restrição: Eu acho que eu aumentaria o auxílio em relação ao material. Desde que eu entrei na faculdade, a gente só recebeu uma vez. Foram livros, né. Então eu acho que poderia ser ampliado. Poderia ser por semestre. Eu acho que foi pouco. Em cada semestre precisa ter, por exemplo, o livro da matéria. (Ent 9)

Restrição: Eu utilizo ele (valor da bolsa) bastante pra... por exemplo, agora eu estou tendo aula presencial. Então pra ir pra UERJ, almoçar por lá, comprar algum livro. Mas eu ajudo em outras coisas sim. No online está sendo suficiente, mas quando voltar tudo presencial eu já não sei. (Ent 10)

Restrição: Não (conseguia trabalhar) devido ao período... o curso integral, né, de 7:00h às 18:00h. Mas dentro da universidade eu consegui um outro projeto de extensão que dobrou a bolsa. Então eu fiquei com R\$400,00 da bolsa de permanência mais R\$400,00 da bolsa de Iniciação Científica ou projeto de extensão. Então, com R\$800,00 eu conseguia ter uma renda similar ao trabalho, se eu trabalhasse. (Ent 12)

Restrição: Precisei aumentar o valor. Era R\$400,00. Entrei em mais um projeto e fiquei com dois projetos científicos mais a graduação pra dar conta e aí esse valor ficou R\$800,00. Mas financeiramente isso me apoiava em quê? No meu deslocamento diário, minha ida e retorno pra casa, porque Itaboraí é um ônibus pro centro de R\$4,00 mais um ônibus pra Itaboraí, mais R\$10,00. R\$14,00 reais pra ir, R\$14,00 pra voltar. Então, se eu tirasse isso do valor da minha família isso ia gerar algum impacto, né, mas não era algo que eu precisava,

assim, colocar comida, fazer mercado com aquele valor, não. Mas se eu não tivesse esse dinheiro eu teria tirado o dinheiro da comida pra... entendeu? Então, pra eu me manter na universidade comendo, vestindo, comprando jaleco, comprando livro, tirando xerox, me alimentando, indo pra estágios, né. Hoje eu estou aqui no Maracanã, amanhã o estágio vai ser lá no Aterro do Flamengo. Depois, na terça-feira, vai ser lá no, sei lá, no Engenho da Rainha. Você vai rodando o Rio de Janeiro. Um dia você pega trem, um dia você pega metrô. Então o apoio financeiro da bolsa foi direcionado a minha própria formação, assim, mas ele ficava muito abaixo. Com um projeto científico só não dava. Só a bolsa da cota não dava. (Ent 12)

Restrição: Então, a minha faculdade não dá pra conciliar porque ela é em tempo integral, né. Desde o primeiro período até o final a gente é exclusivo em tempo integral pra estudar. Mas, ainda assim, até antes da pandemia, quando eu estava no sexto período, eu trabalhava em casa de festa infantil, né, aos sábados e domingos e trabalhava de noite também. Saía da faculdade, ia direto pra casa de festa, chegava bem tarde em casa e estava de manhã na faculdade. (Ent 13)

Restrição: De enfrentar muitos desafios financeiros, né, principalmente, desde o primeiro período. Escassez mesmo financeira, por morar sozinha, morar no mesmo terreno que o meu pai, mas em uma casa independente, então isso é muito complicado, porque quando você pega greve, você não tem sua bolsa, você não recebe, você fica desesperado, porqueterem conta pra pagar, tem as coisas e você não consegue dar conta. (Ent 13)

Restrição: Momentos de dificuldade, de vontade de desistir por, assim, questões financeiras mesmo, que era o que mais pegava no início da faculdade, né. Esse baque de eu sempre ter trabalhado, nunca fiquei desempregada, e aí eu decido fazer uma universidade em tempo integral, que me impedia de ter um emprego, um vínculo empregatício. Isso foi o que mais me abalou, eu achei que com a bolsa eu ia conseguirdar conta, achei que seria tranquilo, né, só estudar, só ter vidade estudante, só que não foi não. (Ent 13)

Restrição: Eu moro sozinha, né, então (direcionar o valor da bolsa para questões extra faculdade) é inevitável. É um valor muito pequeno que fica pra questão mesmo de xerox, né, fazer apostila, enfim, é um valor pequeno que sobra. E agora, depois da pandemia, foicortado o bilhete único, então a genteteve que tirar do nosso bolso, né, então ficou mais apertado ainda. Porque a gente precisava continuar, né, o estágio, o

estágio não parou, independente da pandemia. Então foi bem complicado, está sendo, porque ainda não retomou. A UERJ liberou um auxílio transporte, mas ele só vai estar disponível a partir de dezembro, que é quando a gente já vai estar saindo, já vai ter saído, na verdade. (Ent 13)

Alimentação: alimentação de qualidade, acessível quanto ao preço, horários, localização e coerente com o tempo direcionado aos estudos

Garantia: Em relação ao valor, eu pagava R\$2,00 por ser cotista. Acho que, até então, estava dentro do meu orçamento. (Ent 1)

Garantia: Eu sempre elogiei muito pra amigos, né, o restaurante. Acho que o valor é acessível. R\$2,00 pra cotistas e R\$3,00 pra não cotistas. Então eu sempre achei muito justo, sim. A comida de qualidade, entendeu? A gente ficava o dia todo, precisava almoçar, às vezes não dava tempo de preparar marmita pro dia seguinte. Então, sempre me ajudou muito, muito mesmo. Inclusive depois da pandemia, enquanto ele não reabre, né, agora que eu já estou saindo não vai ter pra mim mais, não vai me ajudar mais, mas eu senti muita falta, inclusive, do restaurante. (Ent 13)

Garantia: Mas o valor (do bandejão) era superacessível. (Ent2)

Garantia: Em relação ao valor, é um valor muito bom, porque se eu fosse comer qualquer prato de comida ali pelas redondezas eu ia gastar, no mínimo, R\$20,00, R\$15,00 na minha época, pra poder comer um prato daquele, né, isso se fosse um prato feito. (Ent 3)

Garantia: Pra mim isso me possibilitou até mesmo comer melhor, porque era uma refeição completa, tinha legume, tinha fruta, tinha uma porção muito boa até mesmo de saladas. Tiveram até alimentos que eu experimentei pela primeira vez no bandejão, de legume, essas coisas. Então assim, pra mim a experiência do bandejão foi ótima. (Ent 3)

Garantia: Era uma alimentação, assim, muito rica. Eu consegui trazer até isso pra minha vida hoje que tenho uma renda melhor. De conseguir decidir o que eu vou comer de uma maneira mais saudável. Às vezes eu até lembro de como eram as saladas, sabe? Então, assim, realmente impacta na vida do aluno e transforma. (Ent 3)

Garantia: O restaurante universitário... a gente pagava uma quantia razoável para a comida que era, a gente tinha uma comida de qualidade. (Ent 4)

Garantia: Na época... eu não sei como estão os valores agora, mas na época eu achava que eram os valores acessíveis para estudante. Pelo menos pra mim, eu achava que era bom o valor, eu gostava da comida (...) eu comia sempre, praticamente todos os dias no bandeirão, né, no restaurante. Eu gostava muito e achava que era um preço acessível sim, me ajudava demais. (Ent 6)

Garantia: Quanto aos valores ele é sensacional. A comida é maravilhosa pro valor que eles oferecem. (Ent 7)

Garantia: Nossa, eu adorava, só a fila que dificultava um pouco o acesso. Mas de resto, eu acho que ele era superacessível. A comida era boa, o valor também. O atendimento que eles tinham com a gente também era ótimo, eu gostava de tudo. Não tenho nada a reclamar. (Ent 11)

Restrição: O que pesava, o que era ruim, era o tempo que a gente ficava na fila. A gente ficava horas na fila e a gente só tinha, às vezes, quarenta minutos de almoço. Isso por baixo. Então ficava muito na fila, no sol. Eu já passei mal na fila, já desmaiei na fila por conta do calor. Estava muito quente, era época de final de ano, dezembro, janeiro. Estava em greve, mas eu estava tendo aula. Eu passei mal porque eram filas enormes, então, não tinha um bom planejamento de “Como a gente vai receber esses alunos que vêm para almoçar?”. As pessoas ficavam horas lá para poder almoçar de forma mais barata. Não tinha condições de todo dia ir para umself-service ou levar comida. Não tinha tempo e dinheiro. Não tinha como, então eu usei muito tempo o bandeirão, o restaurante universitário. (Ent 1)

Restrição: Eu consegui terminar, mas tiveram outras pessoas que não conseguiram porque as dificuldades são muitas. Então, dentro do curso tem que ter alguma coisa que ajude nas dificuldades, ajude nesses momentos que as pessoas tiverem (...) o próprio almoço. Isso tudo tem que ser realmente pensado para receber e fazer a manutenção das pessoas durante o curso. (Ent 1)

Restrição: A minha faculdade de Enfermagem da UERJ é em um prédio a parte do prédio central da UERJ. Ela é próxima, mas não é no prédio que temno bandeirão. E a fila do bandeirão é gigantesca, você tem que ir esperando ficar 1:00h, 1:30h na fila porque é para abranger a

universidade toda. Não era tão longe, porque se eu tivesse que ir para algum restaurante, a distância era a mesma... se tivesse que ir para outro local. Mas em um restaurante eu ia chegar, fazer meu prato, comer e sair. No bandejão eu ia ter que ficarna fila. Por meu curso ser integral, era uma hora de almoço certinha todos os dias. Só nos dias que tivesse alguma aula vaga, ou que o professor faltou, alguma coisa assim, é que a gente conseguia ir para o bandejão porque a gente teria aquele tempo disponível. (Ent 2)

Restrição: A localização é complicada, né, porque, por mais que ele fosse no campus central, pra mim, que estudava no boulevard, ali na boulevard da 28 (de setembro), eu não tinha como sair durante o almoço pra poder ir lá. O que eu conseguia fazer? Eu conseguia jantar lá. Então antes de ir pra casa eu jantava, ou nos dias que eu tinha aula naquele central lá do Maracanã, que a gente chamava de UERJão, né, que é o prédio principal (...). Pra mim, né, por ser um pouco mais longe e a questão da fila e tal eu não conseguia almoçar com frequência lá. (Ent 3)

Restrição: Só que a minha questão enquanto aluna de Enfermagem é que a nossa grade é muito espremida. A gente tinha pouco tempo para frequentar aquele espaço. A gente tinha pouco tempo entre uma aula e outra para comer lá. (Ent 4)

Restrição: Eu já passei muita fome também. Não na UERJ em si, mas se você for botar na ponta do lápis a questão de alimentação é precária. Então, a pessoa que tem dinheiro, o mínimo para conseguir se manter, ela pelo menos não passa fome, que é uma coisa que é muito forte e viva, também tenho outros amigos cotistas. Você acaba não tendo dinheiro para comer e aí você faz uma alimentação por dia. Digamos que você chega... o curso é integral, né... você chega cedo, não tem alimentação ali, você almoça por R\$2,00... R\$4,00 e é isso, não tem mais nada até, sei lá, 17:00h, 18:00h. E se você não tem dinheiro, você fica com fome. Eu acho que isso é uma coisa que eles não sabem o que é. Não sabem o que é sentir fome. (Ent 5)

Restrição: Outro ponto (que eu mudaria no meu curso) seria dar alimentação para essas pessoas que são fragilizadas economicamente. Você ter direito a pelo menos um lanche, sabe? Pode ser três bananas. Mas pelo menos um lanche, você ter alguma coisa para comer. (Ent 5)

Restrição: Eu acho que a fila é que era intensa, que às vezes acabava atrasando um pouco o nosso horário da aula da tarde,

mas também não sei como que eles poderiam fazer pra resolver esse problema, porque realmente era um quantitativo de aluno muito grande da universidade inteira. Então, tinha de vários polos, né. Eu não ficava ali no polo principal, ficava lá na 28 (rua 28 de setembro). Assim, a minha turma e outras turmas da minha faculdade todas estavam ali, de todo o prédio principal mais a galera da Medicina. (Ent 6)

Restrição: A localização... pro curso de Enfermagem... tanto de Enfermagem quanto de Odonto – que a gente é do mesmo prédio – era uma coisa, assim, quase que inacessível, porque a gente demorava uns vinte minutinhos, mais ou menos, pra chegar no restaurante, sendo que a gente tinha 1 hora de almoço. Então era vinte minutos ida e volta, dava uns quarenta minutos, então a gente tinha vinte minutos pra almoçar. Era, assim, bem complicado. (Ent 7)

Restrição: Eu frequentava. Eu frequentava, mas não tanto quanto eu gostaria, porque realmente ele é muito distante, porque ele é único, né, no campus principal e a Enfermagem não é nesse campus. As filas são enormes, então a gente perdia, muitas vezes, o horário da próxima aula que é o horário da tarde, né, porque a gente era integral, então tinha manhã e tarde. Então, para a Enfermagem era difícil. Na verdade, pra todos os cursos integrais era difícil a gente frequentar o bandeirão. Às vezes a gente conseguia no horário do jantar, porque aí a gente já tinha terminado as aulas, então a gente ia, jantava e depois ia pra casa ou pra biblioteca e o valor, assim, ele era um valor relativamente baixo, mas para o estudante não era tão acessível assim. Em relação a outros restaurantes universitários, ele era o valor, sem dúvidas, mais caro. (Ent 8)

Restrição: Acho que ele é pequeno pra quantidade de alunos, então a gente fica muito tempo na fila esperando. Às vezes fica mais de uma hora ali parado. Sobre a localização, pra mim é ruim porque fica longe do prédio da faculdade de Enfermagem. Seria bom se tivesse, no caso, um restaurante universitário no HUPE, por exemplo, pros alunos que estudam mais próximo de lá seria melhor. (Ent 9)

Restrição: A localização eu acho que é um pouco ruim pra mim, porque eu estudo ali na 28 de setembro e o bandeirão é lá no campus principal da UERJ. Eu ainda sou nova, mas acho que é só aquele mesmo. Vou precisar usar futuramente. (Ent 10)

Restrição: Frequentei pouco porque ele era longe, né. O bandeirão foi um marco muito importante, né, pra mim, principalmente, que vivi o período da UERJ sem bandeirão.

Quando a gente começou a ter a oportunidade, ele facilitou num sentido... quando eu ficava estudando na UERJ por mais tempo. Porque a faculdade de Enfermagem fica na 28 de setembro, o prédio não fecha, mas a biblioteca fecha. Acho que a biblioteca fecha 17:00h. Até chegar em Itaboraí eu perdia muito tempo. Então o que que eu fazia? Eu ia pra biblioteca da UERJ grande, que a gente fala, né, que é a do Maracanã. Eu ficava até às 22:00h, 21:00h por lá. Então o bandeirão pra mim foi melhor pra jantar do que pro almoço, porque na 28 de setembro... até eu chegar lá no campus, ficar na fila, pra voltar, eu perdia a aula da volta. Então, o bandeirão pra mim foi um facilitador quando eu ficava até mais tarde na UERJ. Mas alguns amigos que moravam em república, eles faziam todas as refeições na UERJ, como uma forma de gastar menos. (Ent 12)

Moradia: residência em local próximo à faculdade ou de fácil acesso, com ambiente propício aos estudos

Restrição: No início do ano eu precisei me mudar. Uma amiga da faculdade me convidou para ficar com ela, morar com ela lá em Olaria, porque era mais próximo. (Ent 1)

Restrição: Eu morava em Itaboraí e saía todos os dias 5:00h da manhã. De segunda à sexta. No finalzinho do curso começou a ficar muito pesado porque vinha estágio, estudo, TCC, então tudo começou a ficar muito corrido e eu não conseguia chegar em casa para fazer as outras atividades. Às vezes eu fazia a prova à tarde, 13:00h... eu no ônibus já tinha o resultado da prova que eu tinha feito. Eu não chegava nem em casa. Enquanto outras pessoas já estavam em casa, descansando, eu ainda estava no trajeto. Se eu saísse 17:00h eu pegava tudo engarrafado. Chegava em casa 21:00h, 21:30h, 22:00h, para acordar no dia seguinte novamente 4:00h para sair 5:00h. (Ent 1)

Restrição: Porque, infelizmente, a distância era também algo que me atrapalhava muito. Eu ficava muito cansada, muito, porque a viagem era muito cansativa. (Ent 1)

Restrição: Eu precisei me mudar, precisei ficar longe de casa, muitas vezes dormia fora de casa, não tinha o conforto de estar próximo da faculdade, não tinha o conforto de pegar um ônibus só. Eu lembro que eu queria pegar um ônibus só. Eu lembro “Nossa, eu queria tanto morar perto. Nem que eu pegasse um ônibus só”. Seria muito diferente, seria ótimo para mim se fosse assim. Porque eu demorava tanto para chegar em casa, eu ficava tão cansada. (Ent 1)

Restrição: No início do ano eu precisei me mudar. Uma amiga da faculdade me convidou para ficar com ela, morar com ela lá em Olaria, porque era mais próximo. (Ent 1)

Restrição: E não é só o dinheiro, mas, por exemplo, (seria importante oferecer) moradia para quem mora longe. Oferecer moradia de qualidade e segura. De qualidade e segura! Não é só arrumar um condomínio e colocar as pessoas lá, mas é segurança, acessibilidade para elas ao redor do campus da faculdade, sabe? Eu acho que isso tudo ajudaria as pessoas que desistiram. (Ent 1)

Restrição: Eu consegui terminar, mas tiveram outras pessoas que não conseguiram porque as dificuldades são muitas. Então, dentro do curso tem que ter alguma coisa que ajude nas dificuldades, ajude nesses momentos que as pessoas tiverem. Por exemplo, quando moram longe, distante, entendeu? (Ent 1)

Restrição: Não conseguia não (ter outra fonte de renda). Principalmente porque eu morava em Magé na época em que eu estudava. (Ent 1)

Restrição: Então, eu acabei optando por não aceitar o chamado do concurso e continuar na faculdade, mas foi um sofrimento a faculdade inteira mesmo. Quatro horas de viagem... foi um dos maiores obstáculos. (Ent 1)

Restrição: A faculdade era integral. E aí muitas vezes eu precisaria estar 7:00h da manhã. Segunda-feira, por exemplo, no primeiro período eu pegava 7:00h da manhã e saía 7:00h da noite. A aula terminava 18:40h. Isso me fez pensar muito porque, por mais que eu não trabalhasse, eu tinha que sair 5:00h da manhã de casa pra poder conseguir chegar antes de 7:00h da manhã, né, na sala, e chegava quase 2:00h em casa, por ter que pegar mais de uma condução e os horários espaçados. Então, assim, eu chegava muito cansada e eu não rendia. Mas assim, realmente me fez repensar, eu até cheguei a pensar em trabalhar durante esse período pra poder me manter, pra poder pagar... na verdade (uma moradia mais perto), eu pensei até em fazer plantão, né, de noite. Mas eu vi muitas colegas da sala que trabalhavam, por mais que não tivessem filhos e tal, tinham basicamente a mesma estrutura que a minha, sabe, de morar com os pais e tal e trabalhavam e elas tinham muita dificuldade pra poder prestar atenção, tinham dificuldade pra desenvolver até mesmo alguma coisa dentro da sala, algum grupo que tivesse naquele momento, sabe? Aí acabava que isso me deixava muito preocupada em relação a minha formação. Então eu

escolhi, né, não me mudar, continuar morando com os meus pais pra poder não gastar tanto. Porque o aluguel ali perto, Maracanã, Tijuca, ali Vila Isabel é muito caro. Mesmo os quartos ficariam muito caros, mesmo dividindo eu não teria condições. (Ent 3)

Restrição: O alojamento eu acho que seria uma coisa, assim, sensacional, porque, por mais que eu morasse em Caxias, existiam pessoas que moravam mais longe do que eu em certo momento da faculdade ou a pessoa tinha que mudar pra mais próximo ou não ia conseguir terminar a faculdade. Porque a gente começou a fazer o estágio e a pessoa não conseguia chegar na hora porque chegava meia-noite em casa pra poder sair 3:00h da manhã pra poder sair, pra poder voltar. E aí, pra outros alunos também, pra poder trazer essa possibilidade de estudo, sabe, de concretizar que “Realmente, eu posso estar em uma faculdade”. E aí, né, outros auxílios que teriam, até mesmo internet em casa dentro do alojamento, ter um espaço pra poder estudar, porque eu não tinha um espaço pra poder estudar dentro de casa, por isso que eu vivia nas bibliotecas, e ter até uma internet de qualidade e tudo. (Ent 3)

Restrição: O trajeto de Bangu até o Maracanã, de ônibus você faz em mais ou menos 2:30h. Eu estudava todos os dias, chegava mais ou menos 19:00h, 20:00h da noite em casa para estar no dia seguinte às vezes 7:00h da manhã. Ainda mais no último ano, que é o regime de internato. (Ent 4)

Restrição: Graças a Deus, para mim não (há problema com distância casa – universidade). Estudar longe é muito complicado e muito cansativo. Eu acho que deveria sim ter uma moradia, porque tem pessoas do meu curso mesmo que moram sei lá onde... depois de Niterói, eles têm muita dificuldade de chegar. (Ent 5)

Restrição: Eu sou da baixada fluminense. Então eu fazia uso do trem, metrô e ônibus. No final da graduação eu cheguei a me mudar sim, porque eu trabalhava também pra somar na minha renda e aí eu trabalhava, então quando foi chegando no fim da faculdade que era época de estágios e mais o trabalho e mais as provas finais, TCC... estava chegando esse tempo de TCC e tudo mais, eu comecei a ficar muito sobrecarregado de ter que acordar cedo, de ir pegar trem, todo esse processo. Aí, pra tentar um pouco mais de qualidade de vida, até pra estudar pras provas da residência, que era um foco meu e tudo mais, eu optei por me mudar e dividir um quarto com uma amiga. Aí eu fiquei um pouco mais perto da graduação. (Ent 6)

Restrição: Então, eu moro a 70 quilômetros da faculdade. Levo bastante tempo. Se eu tivesse eu acho que um pouco mais de condição, eu moraria perto sim, mas como eu não tinha antes da pandemia, né, eu não podia. Era muito caro para o meu orçamento, mas eu moraria sim, porque a viagem daqui de onde eu moro para a faculdade... são mais ou menos três

	horas. (Ent 7) Restrição: Não, eu não precisei me mudar, mas eu precisava, às vezes, acordar 4:00h da manhã pra estar no primeiro horário da faculdade. A primeira aula era 7:00h da manhã. Então eu tive dificuldades nesse sentido, mas eu não precisei me mudar. (Ent 7) Restrição: Eu acho a UERJ bastante boa em relação a essas questões, mas eu acho que uma coisa que melhoraria a vida dos estudantes, pra mim não tanto porque eu moro perto da
--	--

UERJ, mas pra outros estudantes que eu conheço... cotistas que moram longe, o que facilitaria seria a criação de dormitórios, alguma coisa desse tipo. (Ent 10)

Restrição: Eu me mudei só no final, assim. Eu fiz até o quinto período indo e voltando diariamente. No quinto período a gente tem um internado um pouco mais denso e aí esse que é de 7:00h da manhã, assim, não tem... você vai pro hospital, então não tem essa flexibilidade de chegar às 8:00h, 8:15h. E aí a minha responsabilidade com o compromisso me fez reconhecer a necessidade de me mudar. E aí eu me mudei pra Praça da Bandeira, muito próximo de onde eu estou morando aqui agora. Mas essa questão da moradia ajudaria totalmente, porque quando eu me mudei eu já estava no quinto período. Então, assim, quanto desgaste físico eu evitaria se eu estivesse desde o início, né. Então, eu tive que abrir mão de estar na casa da minha mãe por conta da distância, mas com certeza eu teria um rendimento melhora formação se eu tivesse ficado próximo desde o início, sem dúvidas. (Ent 12)

Restrição: Eu acho que ainda falta realmente a questão de moradia. Eu fui residente do Pedro Ernesto depois, depois eu fui residente, pela UERJ, em saúde da família e é uma universidade que até hoje a gente não tem dormitório. Isso é doloroso demais, porque os nossos alunos de uma forma geral eles estão muito, muito longe. Eles pegam trem, eles demoram muito a chegar, sabe? (...) A questão do deslocamento, a moradia, ônibus universitário, sabe? Algo que o campus de São Gonçalo sempre trazia como uma pauta. (Ent 12)

Tempo para se dedicar à universidade além da sala de aula: possibilidade de dedicar-se aos trabalhos, estudo para provas, participar de coletivos e projetos de extensão

Restrição: Eu morava em Itaboraí e saía todos os dias 5:00h da manhã. De segunda à sexta. No finalzinho do curso começou a ficar muito pesado porque vinha estágio, estudo, TCC, então tudo começou a ficar muito corrido e eu não conseguia chegar em casa para fazer as outras atividades. (Ent 1)

Restrição: Mas nunca cheguei a me envolver 100% (com os coletivos de estudantes) porque o curso de Enfermagem toma muito o tempo. (Ent 1)

Restrição: Só que eu não consegui me dedicar mais (aos coletivos) e me envolver mais por conta do curso, que realmente era integral, então eu me dedicava mais à

faculdade e acabava deixando de lado algumas atividades extracurriculares. (Ent 1)

Restrição: Tinha gente que falava “Ah, eu estudo todo dia”. Eu nunca pude fazer isso, nunca tive essa oportunidade. Como que eu vou chegar em casa 22:00h e vou estudar? Cansada da viagem. (Ent 1)

Restrição: Eu acho importante a gente procurar esse aluno que está recém chegado de uma ação afirmativa e falar assim “Olha, você tem dificuldade nisso? Então vamos tentar trabalhar isso aqui melhor, vamos tentar fazer isso aqui de um outro jeito”. Só que, para isso, o cara tem que ter horário. Porque não adianta tu enfiar matéria nele de 8:00h da manhã até, sei lá, 18:00h da tarde queo cara vaichegar de noite e não vai para um projeto desses porque ele está cansado. Então eu acho que a gente deveria trabalhar com um quadro de horas, uma reformulação no curso, de algo pra ser mais flexível isso. (Ent 5)

Restrição: Aí eu trabalhava uma vez na semana. Eu usava os meus finais de semana, na verdade, eu não tinha muito tempo, né. Eu trabalhava nos finais de semana. Ou sábado ou domingo eu fazia plantão e eu conseguia ter o restante da semana livre pra fazer a graduação. Então, eu não tinha final de semana e nem dia de semana, mas eu conseguia. (Ent 6)

Restrição: Eu acho que era mais difícil pra quem tinha uma escala mais pesada, por exemplo 12 x 36 ou que trabalhava todas as noites. Aí realmente era bem pesado. Na escala 12 x 60 era mais fácil. Era pesado, assim, por exemplo, às vezes a galera saía pra casa pra estudar pra prova no dia seguinte e eu ia pro plantão. Eu tinha que ter estudado antes, entendeu? E isso era realmente prejudicial. Ou eu saía do plantão e tinha que me virar pra chegar na hora na prova, porque a prova começava. (Ent 6)

Restrição: Eu, durante mais da metade da faculdade, precisei trabalhar de noite, sair da faculdade direto pro trabalho, com prova no dia seguinte, entendeu? Então isso me prejudicava bastante, mas eu não tinha opção. E, assim, tirando o meu caso à parte, eu acho que pras outras pessoas também que dependem de cota, olhando pra alguns casos da minha turma, essa diferença é notada até no próprio desempenho nosso, né, que acaba refletindo em laboratório, em provas mesmo. Acaba ficando um pouco... não digo discrepante, né, porque agente corre atrás, mas acaba refletindo nos resultados. Também não poder me envolver tanto como eu gostaria nos projetos de iniciação científica, projetos de extensão. Eu só pude participar de um, porque eu não tinha essa disponibilidade. Eu tinha que sair da faculdade, já ir direto pro trabalho, chegava tarde, tinha que estar de manhã cedo de novo. (Ent 13)

Bem-estar físico e psicológico: capacidade de sentir-se fisicamente e psicologicamente disposto à rotina universitária

Garantia: Eu acho que (deveria ter) a manutenção desses espaços de saúde mental, de cuidado de saúde mental. Eu lembro que assim que eu entrei pra universidade tinha reiki, eu botei várias pessoas pra irem, minha avó, minha mãe, eu convidava todo mundo, assim. Eu fazia da UERJ a UERJ sem muros mesmo. Então eu acho que é isso, por isso que eu falo que eu defendo muito o espaço, mas sempre tem muito a melhorar. (Ent 12)

Restrição: Quando foi chegando no fim da faculdade que era época de estágios e mais o trabalho e mais as provas finais, TCC... estava chegando esse tempo de TCC e tudo mais, eu comecei a ficar muito sobrecarregada de ter que acordar cedo, de ir pegar trem, todo esse processo. (Ent 6)

Restrição: (Seria importante) uma terapia, coisas que ajudem esse discente a não desistir, a cuidar da saúde mental dele quando ele já está na graduação. (Ent 6)

Restrição: No segundo ano eu me senti bem prejudicada nas segundas de manhã, porque eu fazia plantão no domingo, 24 horas, e aí eu saía direto na segunda pra faculdade. Então as minhas segundas eram bem cansativas. (Ent 6)

Restrição: Eu acho que tem até uma coisa que depois eu tive a necessidade até de procurar e tal, é suporte psicológico, porque a faculdade, ela é... sendo uma boa experiência ou não, eu me senti muito oprimida, tendo que ter um ritmo de produção, um ritmo de estudo. Isso às vezes cria em nós uma ansiedade, cria uma... adoece, né, na verdade. Eu acho que até mesmo um suporte psicológico seria interessante pra esses alunos. No geral, os alunos precisam disso, né, mas eu acho que um foco nos alunos cotistas seria interessante. (Ent 3)

Restrição: E aí eu trabalhava em um hospital na escala 12 x 60 à noite. Então eu também conseguia estudar. Eu sempre saía virada e ia pra faculdade ou pro estágio, enfim, e saía da faculdade e ia pro plantão também. Mas eu consegui durante toda a faculdade trabalhar e estudar. Não foi fácil, muitos amigos também fizeram esse movimento no início, depois pararam, mas tem mais de uma pessoa que eu sei que conseguiu fazer esse processo até o final. (Ent 6)

Restrição: Aí a minha turma toda virou assim a prova e esperou eu chegar, né. E ninguém começou a prova. E aí quando eu cheguei... eu vim de branco, né, não mudei roupa, não mudei nada. Porque geralmente eu fazia o movimento de mudar a roupa, mas eu não mudei nada, porque eu estava atrasada, eu vim correndo e quando eu cheguei, ela viu que eu estava vindo de plantão. Naquele dia eu estava bem gripada, eu estava muito gripada e a minha turma me esperou, né. Então eu não perdi a prova, mas também não fui bem, porque eu não tinha estudado muito e estava muito cansada. Estava muito, muito cansada. (Ent 6)

Restrição: Até antes da pandemia, quando eu estava no sexto período, eu trabalhava em casa de festa infantil, né, aos sábados e domingos e trabalhava de noite também. Saía da faculdade, ia direto pra casa de festa, chegava bem tarde em casa e estava de manhã na faculdade. (Ent 6)

Restrição: Os primeiros anos da faculdade são muito, muito exaustivos. Eles estão até pensando em aumentar mais um período, ser dez períodos, pra dar uma folga, né, nessa

	programação dos primeiros períodos, que são muito cansativos. (Ent 13)
--	--

UERJ - INSTITUTO DE
MEDICINA SOCIAL /
UNIVERSIDADE DO ESTADO
DO RIO DE JANEIRO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Uma análise sobre a política afirmativa de cotas em um curso Enfermagem: à luz da Perspectiva dos Funcionamentos

Pesquisador: MANOELA BRAGA ALVES PINTO

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 45692621.8.0000.5260

Instituição Proponente: Instituto de Medicina Social-Universidade do Estado do Rio de Janeiro-UERJ

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.721.041

Apresentação do Projeto:

Essa submissão se trata de resposta a(s) pendência(s) apontada(s) em parecer anterior.

O presente estudo se propõe a discorrer sobre aspectos históricos e avaliar a realidade dos estudantes que ingressam no curso de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) por meio das cotas raciais, utilizando a Perspectiva dos Funcionamentos (PdF), de Maria Clara Dias, como critério de Justiça. Espera-se que este trabalho alcance os objetivos de identificar quais Funcionamentos se relacionam com a experiência universitária do aluno cotista, levando em conta seu ingresso e permanência na instituição; analisar os pontos de realização – ou não - desse conjunto de Funcionamentos identificados; além de verificar as reais possibilidades de atingir essa meta de realização. A pesquisa qualitativa será dividida em duas etapas que abordarão tópicos que nos farão compreender como o aluno se vê nesse contexto, como se desenvolve pessoal e profissionalmente e que tipo de transformação o ensino superior provoca em sua vida. As entrevistas serão realizadas individualmente com aproximadamente 20 (vinte) alunos cotistas do curso de Enfermagem da UERJ, selecionados

Endereço: Rua São Francisco Xavier, 524 - Sala 7003-D

Bairro: Maracanã

CEP: 20.550-013

UF: RJ

Município: RIO DE JANEIRO

Telefone: (21)2334-0235

Fax: (21)2334-2152

E-mail: cep.ims.uerj@gmail.com

**UERJ - INSTITUTO DE
MEDICINA SOCIAL /
UNIVERSIDADE DO ESTADO
DO RIO DE JANEIRO**



Continuação do Parecer: 4.721.041

através de contato inicial durante aulas virtuais da graduação e, posteriormente pelo método Bola de Neve. As entrevistas acontecerão em ambiente virtual – em razão da pandemia da COVID- 19 – e seguirão um roteiro estabelecido previamente, abrindo espaço para narrativas e exposições que não tenham sido abordadas anteriormente. As respostas serão avaliadas segundo a teoria de justiça e através do método de análise de conteúdo de Bardin (2016).

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

O presente estudo tem por objetivo analisar a realidade dos alunos que ingressam na Universidade do Estado do Rio de Janeiro por meio da política de cotas raciais, utilizando como base de avaliação e teoria de justiça a Perspectiva dos Funcionamentos, de Maria Clara Dias.

Objetivo Secundário:

Na intenção de alcançar o objetivo geral, três objetivos específicos foram elencados: a) Identificar quais Funcionamentos se relacionam com a educação e a situação do aluno cotista (cotas raciais) na Universidade, levando em consideração o ingresso e também a permanência. b) Analisar, a partir da narrativa dos alunos, pontos de realização e de não realização do conjunto básico de Funcionamentos identificados no item anterior. c) Verificar a possibilidade real de alcançar a plena realização desse Funcionamento Educação Superior Enfermeiro.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Os riscos são mínimos. Possibilidade de desconforto durante a realização da entrevista, em razão do envolvimento pessoal com o tema, Para minimizá-lo, a pedido do participante ou por observação da pesquisadora, a entrevista poderá ser interrompida a qualquer momento. Sobre o ambiente virtual, o risco de exposição de informações será eliminado havendo download do áudio da entrevista, salvo em ambiente local, não

Endereço: Rua São Francisco Xavier, 524 - Sala 7003-D

Bairro: Maracanã

CEP: 20.550-013

UF: RJ

Município: RIO DE JANEIRO

Telefone: (21)2334-0235

Fax: (21)2334-2152

E-mail: cep.ims.uerj@gmail.com

**UERJ - INSTITUTO DE
MEDICINA SOCIAL /
UNIVERSIDADE DO ESTADO
DO RIO DE JANEIRO**



Continuação do Parecer: 4.721.041

havendo manutenção em qualquer plataforma virtual, ambiente compartilhado ou "nuvem".

Benefícios:

O benefício - para o participante - em colaborar com a pesquisa é indireto e consiste na contribuição para um trabalho que visa à plena satisfação pessoal dos estudantes dentro da universidade.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa possui coerência teoria e metodológica, apresentando boa consistência científica, conforme se encontra no documento Projeto de Pesquisa e nas Informações Básicas do Projeto. Foi apresentada ainda uma "Resposta de Pendência", com satisfatória descrição das exigências cumpridas.

No TCLE, a linguagem encontra clareza e em conformidade com as exigências;

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Essa submissão se trata de resposta a(s) pendência(s) apontada(s) em parecer anterior, no qual se encontra corretamente acrescentado ao TCLE e no Projeto Detalhado, que os "dados da pesquisa (entrevistas realizadas em meio virtual) ficarão armazenados em arquivo digital sob guarda e responsabilidade da pesquisadora por um período de cinco anos após o término da pesquisa".

Recomendações:

Sem recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem pendências.

Esta apreciação foi feita ad referendum, conforme acordado na reunião passada.

Considerações Finais a critério do CEP:

Ressaltamos a necessidade da pesquisa ser desenvolvida conforme delineada no protocolo. Havendo qualquer alteração no conteúdo do projeto (número de sujeitos de pesquisa, instituições coparticipantes, sigilo, cronograma, etc) ou ainda, havendo necessidade de encaminhar algum documento (Comunicação de Início do Projeto, Carta de Autorização da Instituição, Envio de Relatório Parcial, etc), o pesquisador fica obrigado a informar através da Plataforma Brasil utilizando-se de Emenda ou Notificação conforme o caso assinalado. Deve-se ainda observar, segundo prevê a Resolução CNS nº 466/2012, a elaboração e apresentação de relatórios parciais

Endereço: Rua São Francisco Xavier, 524 - Sala 7003-D
Bairro: Maracanã **CEP:** 20.550-013
UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)2334-0235 **Fax:** (21)2334-2152 **E-mail:** cep.ims.uerj@gmail.com

**UERJ - INSTITUTO DE
MEDICINA SOCIAL /
UNIVERSIDADE DO ESTADO
DO RIO DE JANEIRO**



Continuação do Parecer: 4.721.041

durante a pesquisa, bem como o relatório final no encerramento da mesma. Enfatizamos que é OBRIGATÓRIA a apresentação da notificação de final de pesquisa através da opção "Enviar Notificação", cujos procedimentos estão descritos na Central de Suporte da Plataforma Brasil.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1703701.pdf	14/05/2021 13:01:44		Aceito
Outros	resposta_de_pendencia.docx	14/05/2021 12:58:48	MANOELA BRAGA ALVES PINTO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	trabalho.docx	14/05/2021 12:55:32	MANOELA BRAGA ALVES PINTO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	14/05/2021 12:55:16	MANOELA BRAGA ALVES PINTO	Aceito
Outros	entrevista.docx	16/04/2021 11:06:03	MANOELA BRAGA ALVES PINTO	Aceito
Cronograma	cronograma.docx	16/04/2021 11:05:51	MANOELA BRAGA ALVES PINTO	Aceito
Outros	carta_de_anuencia.pdf	22/02/2021 21:08:05	MANOELA BRAGA ALVES PINTO	Aceito
Orçamento	orcamento.doc	22/02/2021 21:07:00	MANOELA BRAGA ALVES PINTO	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	22/02/2021 21:00:07	MANOELA BRAGA ALVES PINTO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

RIO DE JANEIRO, 19 de Maio de 2021

**Assinado por:
Rogerio Lopes Azize
(Coordenador(a))**

Endereço: Rua São Francisco Xavier, 524 - Sala 7003-D

Bairro: Maracanã

CEP: 20.550-013

UF: RJ

Município: RIO DE JANEIRO

Telefone: (21)2334-0235

Fax: (21)2334-2152

E-mail: cep.ims.uerj@gmail.com